

HIPERIMPERIALISMO

UM NOVO ESTÁGIO DECADENTE PERIGOSO

Janeiro de 2024

Desenvolvido por
Sul Global Insights

A pesquisa realizada para a produção deste documento foi conduzida de forma coletiva durante mais de um ano e recebeu contribuições de diversos acadêmicos e ativistas socialistas. Foram compilados dados e gráficos fornecidos pela Sul Global Insights (GSI), com edição e coordenação de Gisela Cernadas, Mikaela Nhondo Erskog, Tica Moreno e Deborah Veneziale. Grande parte dos dados e gráficos da Parte IV se baseiam em pesquisas publicadas pelo economista John Ross.



Atribuição-NãoComercial 4.0
Internacional (CC BY-NC 4.0)

Esta publicação está sob uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0).

O resumo legível da licença está disponível em <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt-br>

Índice

Introdução	09
 PARTE I: A ascensão de um bloco militar do Norte Global totalmente liderado pelos EUA	 14
Mudanças e consolidação	15
Gastos militares	16
Bases militares dos EUA e do Reino Unido	19
Invasões, intervenções e “destacamentos” militares dos EUA e do Reino Unido	27
 PARTE II: Evolução do imperialismo	 32
O novo estágio do imperialismo	33
Conquista, racismo e genocídio: A história comum do campo imperialista	38
História e definição de “hiperimperialismo”	43
Antecedentes	43
Histórico	44
Pós-Segunda Guerra Mundial	45
Neoliberalismo	46
Tecnologia e soft power	47
Capital fictício	49
2008-2022: Uma transição	50
Periodização do imperialismo	51
 PARTE III: Definindo o mundo	 52
Definindo o Norte Global	53
Anel 1 do Norte Global: Seis países imperialistas no núcleo anglo-americano liderado pelos EUA	55
Anel 2 do Norte Global: Nove principais potências imperialistas europeias	58
Anel 3 do Norte Global: Japão e quatorze potências imperialistas europeias menores	62

Anel 4 do Norte Global: Dezenove países europeus do antigo Bloco do Leste integrados à Otan	66
Definindo o Sul Global	69
Grupo 1 do Sul Global: Seis países socialistas Independentes	74
Grupo 2 do Sul Global: Dez países em forte busca por soberania	78
Grupo 3 do Sul Global: Onze países atual ou historicamente progressistas	82
Grupo 4 do Sul Global: Cinco países recentemente não alinhados	86
Grupo 5 do Sul Global: Cento e onze países diversos do Sul Global	90
Grupo 6 do Sul Global: Duas efetivas colônias militares dos EUA	94
PARTE IV: Ocidente em declínio	97
A erosão da hegemonia econômica e política dos Estados Unidos	98
O ocaso da democracia liberal burguesa	105
Europa e Japão derrotados e submissos	110
PARTE V: Mudanças na ordem mundial	117
Um deslocamento da base econômica para o Sul	118
Estratégia dos EUA para coibir o crescimento econômico e a influência da China	129
O Norte Global empurrando o mundo para a guerra	134
EPÍLOGO: Uma alternativa política e econômica plausível para a ordem mundial	136
APÊNDICE	144
Metodologia	145
Sul Global Insights	157
Lista completa de “Cento e onze países diversos do Sul Global”	158
Notas de fim	174

Lista de figuras

Figura 1: Mapa dos “anéis” do Norte Global e dos “grupos” do Sul Global, 2023	13
Figura 2: Gráfico do gasto militar mundial real (2022), valores em bilhões de dólares	16
Figura 3: Gráfico dos 16 países com maiores gastos militares do mundo (2022), valores em bilhões de dólares	17
Figura 4: Gráfico do gasto militar real per capita dos 16 principais países do Norte Global, da Rússia, da China e da Índia (2022), valores em vezes a média mundial	18
Figura 5: Tabela de países com gasto militar superior a US\$ 20 bilhões, Norte Global e Sul Global, 2022	19
Figura 6: Mapa de 902 bases militares dos EUA no exterior, 2023	21
Figura 7: Tabela de bases militares dos EUA em países e territórios do Norte Global, 2023	22
Figura 8: Tabela de bases militares dos EUA em países e territórios do Sul Global, 2023	23
Figura 9: Tabela de estruturas militares dos EUA no exterior, número de construções, área construída, área total e número de bases, 2023	24
Figura 10: Mapa de 145 bases militares do Reino Unido em 46 países e territórios, 2020	26
Figura 11: Mapa de destacamentos militares de cada potência do Norte Global no exterior (2022), 409 destacamentos	27
Figura 12: Mapa de “destacamentos” militares do Norte Global no Sul Global (2022), 225 destacamentos	28
Figura 13: Mapa do uso reconhecido de forças armadas dos EUA no exterior, 101 países e territórios, 1798-2023	29
Figura 14: Mapa de invasões militares do Reino Unido no exterior, 170 países e territórios, 1169-2012	30
Figura 15: Diagrama da visão geoestratégica dos EUA sobre o mundo	35
Figura 16: Tabela da história comum dos países imperialistas, 1492–1945	38
Figura 17: Diagrama do campo imperialista liderado pelos EUA 49 países 4 anéis, Norte Global, 2023	53
Figura 18: Mapa dos “anéis” do Norte Global, 2023	54
Figura 19: Tabela do Anel 1: Núcleo anglo-americano liderado pelos EUA, informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022 – partes 1-2	55
Figura 20: Tabela do Anel 2: Núcleo europeu, informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022 – partes 1-2	58
Figura 21: Tabela do Anel 3: Japão + potências europeias secundárias, informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022 – partes 1-2	62

Figura 22: Tabela do Anel 4: Antigo Bloco do Leste Europeu, informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022 – partes 1-2	66
Figura 23: Diagrama do “resto do mundo” 145 países e territórios diversos 6 grupos, Sul Global, 2023	69
Figura 24: Mapa dos “grupos” do Sul Global, 2023	71
Figura 25: Tabela do Grupo 1: socialistas independentes, informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022 – partes 1-3	74
Figura 26: Tabela do Grupo 2: forte busca por soberania, informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022 – partes 1-3	78
Figura 27: Tabela do Grupo 3: progressistas na atualidade ou historicamente, informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022 – partes 1-3	82
Figura 28: Tabela do Grupo 4: Novos não alinhados, informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022 – partes 1-3	86
Figura 29: Tabela do Grupo 5: Sul global diverso, informações selecionadas, 20 países principais, classificados pelo PIB (PPC), 2022 – partes 1-3	90
Figura 30: Tabela do Grupo 6: Fortemente militarizados pelos EUA, informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022 – partes 1-3	94
Figura 31: Tabela de países do Sul Global com gasto militar per capita superior à média mundial (excluindo a Rússia), 2022	96
Figura 32: Gráfico das transações correntes do balanço de pagamentos do Reino Unido, valores em porcentagem do PIB, 1885–1945	99
Figura 33: Gráfico das transações correntes do balanço de pagamentos dos EUA, valores em porcentagem do PNB, 1900–2022	101
Figura 34: Gráfico da taxa média anual de crescimento do PIB dos EUA, 1949–2028	102
Figura 35: Gráfico da poupança líquida/criação líquida de capital dos EUA, valores em porcentagem da RNB, 1929–2023	103
Figura 36: Gráfico da formação líquida de capital fixo, valores em porcentagem do PIB, 1972–2020	104
Figura 37: Gráfico de investimento não doméstico no mercado de cada país, 10 mil maiores empresas da OCDE, 2017	112
Figura 38: Gráfico da Alemanha: Um Estado imperialista “vassalo”, propriedade do DAX por acionistas nacionais e estrangeiros, mostrando duas estimativas diferentes	113
Figura 39: Gráfico do Sul Global vs Norte Global: Participação no PIB mundial (PPC), 1993–2022	118
Figura 40: Gráfico Brics vs G7: Participação no PIB mundial (PPC), 1993–2022	119

Figura 41: Gráfico do Brics 10 vs G7: Participação no PIB mundial (PPC), 1993–2022	120
Figura 42: Gráfico da China vs Estados Unidos: Participação no PIB mundial (PPC), 1993–2022	121
Figura 43: Gráfico do Sul Global (excl. China) vs Norte Global: Participação no PIB mundial (PPC), 1993–2022	122
Figura 44: Gráfico do Sul Global 43 vs Estados Unidos: Participação no PIB mundial (PPC), 1993–2022	123
Figura 45: Gráfico do Sul Global 21 vs G7: Taxa média de crescimento anual (2012–2022), PIB (paridade do poder de compra) per capita	124
Figura 46: Gráfico do Sul Global vs Norte Global: Participação do valor adicionado da indústria mundial, PIB (taxa de câmbio corrente), 2004–2022	125
Figura 47: Gráfico do Sul Global vs Norte Global: Participação do valor adicionado da indústria mundial, PIB (paridade de poder de compra), 2004–2022	126
Figura 48: Gráfico do Brics 10 vs G7: Participação do valor adicionado da indústria mundial, PIB (paridade do poder de compra), 2004–2022	127
Figura 49: Gráfico de países selecionados: Participação do valor adicionado da indústria mundial, França, Alemanha, Índia, Japão, Rússia e Reino Unido, PIB (paridade de poder de compra), 2004–2022	128
Figura 50: Gráfico de China, Estados Unidos e zona do euro: Crescimento acumulado do PIB, porcentagem de variação no terceiro trimestre de 2019	133
Figura 51: Diagrama do SG 43: 43 Estados-membros das organizações multilaterais emergentes do Sul Global, Brics 10, ACNU e OCX, 2023	137
Figura 52: Diagrama dos interesses comuns do Sul Global, 2023	139
Figura 53: Gráfico da participação da China e dos EUA no PIB mundial: Comparação entre TCC e PPC, PIB (taxa de câmbio corrente) x PIB (paridade do poder de compra), 2000–2022	146
Figura 54: Gráfico da participação do Sul Global e do Norte Global no PIB mundial: Comparação entre TCC e PPC, PIB (taxa de câmbio corrente) x PIB (paridade do poder de compra), 2000–2022	147
Figura 55: Tabela de fontes e descrições dos dados utilizados na pesquisa	149
Figura 56: Tabela do Grupo 5: Sul Global diverso, informações selecionadas, todos os países, classificados pelo PIB (PPC), 2022 – partes 1–3	158

Introdução

Faz apenas 30 anos que ideólogos burgueses declararam o "fim da história" em pantomimas de satisfação de desejos, por sentirem a inviolabilidade do imperialismo dos Estados Unidos.¹ Mas para as lutas e os movimentos populares que sentiam a bota do imperialismo no pescoço, esse fim não estava à vista.

Diante da violência da repressão, como a ocorrida no Massacre de Eldorado do Carajás em 1996 no Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra liderou a reivindicação de terras para a reforma agrária popular por meio da ocupação e da produção, desafiando gigantes do agronegócio, como a multinacional estadunidense Monsanto.² Hugo Chávez, um "soldado que abalou o continente", venceu no voto popular em 1999, em uma forte guinada à esquerda que foi depois seguida por outros lugares da América Latina. Essa guinada incluiu uma onda de mobilizações em massa de milhões de pessoas trabalhadoras, camponesas, indígenas, mulheres e estudantes, que, em 2005, derrotaram a Área de Livre Comércio das Américas proposta pelos EUA, em um enfrentamento direto a quase 200 anos de Doutrina Monroe dos EUA.³

Em 2002, as mulheres nigerianas se reuniram em frente aos portões da Shell e da Chevron para protestar contra a destruição e a exploração ambiental no Delta do Níger. Os haitianos rejeitaram séculos de abuso em manifestações em massa após a destituição de Jean-Bertrand Aristide pelos EUA e a ocupação estadunidense em 2004. Milhões de nepaleses e nepalesas comemoraram a derrubada da monarquia por meio da resistência armada liderada por comunistas em 2006. Quando Mohamed Bouazizi ateou fogo em si mesmo em 2010, o povo tunisiano se rebelou contra o sistema neoliberal que levou o vendedor de frutas a tomar uma medida tão drástica.

Nos anos seguintes, ocorreram transformações, por vezes pequenas e imperceptíveis, por outras, voláteis e explosivas. Essas mudanças envolveram tanto movimentos populares quanto atores estatais, em alguns casos extremamente poderosos. Os EUA foram confrontados por uma potência econômica em ascensão, a China, por economias em crescimento no Sul Global (que ultrapassaram o PIB do Norte Global em termos de PPC em 2007), por anos de negligência no investimento de capital doméstico, pela financeirização da economia e a perda da superioridade na indústria.

A ascensão do Tea Party em 2009 sinalizou uma fratura na política interna dos EUA. No âmbito internacional, o país não conseguiu promover uma ruptura branda do regime na China nem uma desnuclearização ou mudança de regime na Rússia. Após uma redução temporária dos gastos militares com o fim da desastrosa guerra contra o Iraque (2003-2011), o uso efetivo do poder militar ou a ameaça de seu uso passou a ser um pilar central da resposta dos EUA a essas transformações.

Historicamente, a perda da hegemonia acontece em três estágios: produtivo, financeiro

e militar.⁴ Os Estados Unidos perderam a hegemonia na produção, embora ainda tenham algumas áreas remanescentes de hegemonia tecnológica, inclusive naquelas relacionadas às forças armadas. O país está vendo sua hegemonia financeira ser desafiada, mesmo que isso ainda esteja nos estágios iniciais e se relacione ao status do dólar estadunidense. Ainda que os aspectos econômicos e políticos de seu declínio possam estar se acelerando, os EUA ainda detêm poder militar, o que cria para o país a tentação de tentar superar as consequências de seu declínio econômico por meios militares ou afins.

Os EUA definiram a China como concorrente estratégica. Seu programa mínimo é a contenção e o enfraquecimento econômico do país asiático em medida suficiente para garantir a hegemonia econômica perpétua dos EUA no futuro.

De seu próprio ponto de vista, o capitalismo dos EUA é racional em suas tentativas de limitar a ascensão da China. Sem isso, haveria uma corrosão de sua vantagem relativa no controle dos níveis mais altos das forças produtivas e nos privilégios monopolistas resultantes desse controle. Há um alinhamento quase completo entre os atores estatais dos EUA para continuar conduzindo uma dissociação da China (apesar da quase impossibilidade de remodelar totalmente as forças produtivas dentro dos EUA) e avançar nos preparativos militares contra a China.

O movimento de tropas russas para a Ucrânia em fevereiro de 2022 – resultado das violações contínuas das garantias dos EUA sobre a não expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e da guerra civil permanente entre Kiev e Donbas – marcou, para os EUA, uma nova fase explícita de alinhamento militar mundial. Em uma série de movimentos rápidos, os EUA subordinaram abertamente todos os países do Norte Global e, nesse processo, subordinaram ainda mais o aparato militar desses Estados. Estabeleceram-se como potência militar hegemônica óbvia daquilo que recebe o eufemismo de Otan+, que inclui todos os membros do antigo Bloco do Leste, com exceção de três. Aqueles que participaram como membros ou observadores da cúpula da Otan em 2023 em Vilnius, na Lituânia – incluindo Austrália, Nova Zelândia, Japão e República da Coreia* –, são membros de facto da Otan+. Apenas Israel (dispensado de comparecer por conveniência política) e alguns países menores do Norte Global não compareceram.

A partir de outubro de 2023, Israel iniciou uma campanha de expulsão, limpeza étnica, punição coletiva e genocídio da população palestina com o apoio total e descarado do governo dos Estados Unidos. Os acontecimentos na Ucrânia, seguidos pelas recentes escaladas em Gaza, são marcos significativos que refletem uma mudança qualitativa no sistema imperialista. Os EUA já concluíram sua subordinação econômica, política e militar de todos os outros países imperialistas. Isso consolidou um bloco imperialista integrado e militarmente focado. Seu objetivo é manter suas garras sobre o Sul Global como um todo e as atenções se voltaram para o domínio da Eurásia, última região do mundo que escapou de seu controle.

* NT: O documento adota os nomes oficiais da República Popular Democrática da Coreia (Coreia do Norte) e República da Coreia (Coreia do Sul).

Não é exagero dizer que o Norte Global declarou um estado de guerra e hostilidade aberta contra qualquer parte do Sul Global que não esteja de acordo com suas políticas. Isso pode ser visto na declaração conjunta sobre a Cooperação UE-Otan publicada no dia 9 de janeiro de 2023:

Mobilizaremos ainda mais o conjunto de instrumentos a nossa disposição, *sejam eles políticos, econômicos ou militares*, para alcançar nossos objetivos comuns em benefício do nosso bilhão de cidadãos.⁵

É certo que o povo palestino em Gaza está sentindo a barbárie palpável da Otan+ e o "consenso de massa" forçado que o Norte Global é capaz de promover. Como afirmou recentemente a liderança da luta pela libertação palestina Leila Khaled:

Sabemos que eles falam em terrorismo, mas eles são os heróis do terrorismo. A força imperialista ao redor do mundo, no Iraque, na Síria, em diferentes países... está se preparando para atacar a China. Tudo o que dizem sobre terrorismo acaba sendo sobre eles mesmos. As pessoas têm o direito de resistir a isso com todos os meios, incluindo com a luta armada. Isso está na Carta das Nações Unidas. Então eles estão violando os direitos de resistência das pessoas, porque é direito delas recuperar sua liberdade. E essa é — como sempre digo — uma lei fundamental: onde há repressão, há resistência. As pessoas não querem viver sob ocupação e repressão. A história nos ensinou que, quando um povo resiste, ele consegue manter sua dignidade e sua terra.⁶

O imperialismo começou sua transformação para um novo estágio: o hiperimperialismo.⁷ Trata-se de um imperialismo conduzido de forma exagerada e dinâmica, embora também sujeita às restrições que o império em declínio impôs a si mesmo. A qualidade espasmódica de seu esforço é sentida pelas milhões de pessoas congoleesas, palestinas, somalis, sírias e iemenitas que vivem sob o militarismo dos EUA e têm a reação instintiva de proteger o corpo diante de sons repentinos.

No entanto, essa não é a marcha vigorosa que a Guerra Fria iniciou pelo mundo, travada em batalhas por procuração seguidas de um imperialismo econômico por meio do Banco Mundial e de outras instituições de desenvolvimento. Trata-se do imperialismo de um bilionário que está se afogando e tem a firme convicção de que deveria estar de volta ao seu iate. Um imperialismo que flexiona os músculos do poder que ainda estão fortes – os militares. Entretanto, na ausência de poder produtivo e sabendo que o poder financeiro está em um ponto de inflexão, o conjunto completo de tecnologias imperiais de controle que os EUA já tiveram não está mais à disposição. Desse modo, o país canaliza seus esforços por meio dos mecanismos de que mais dispõe: cultura (controle da verdade) e guerra.

As táticas do hiperimperialismo são moldadas, em parte, pela modernização da guerra híbrida, que inclui guerra jurídica (*lawfare*), hipersanções, tomada de reservas e ativos nacionais e outras formas de guerra não militar. Novas ferramentas tecnológicas de vigilância e comunicação direcionada que caracterizam a era digital são utilizadas para exercer o controle imperialista na batalha de ideias, incluindo a implementação de métodos

mais perversos e secretos contra a verdade, como a prisão política do editor da WikiLeaks, Julian Assange, que expôs inúmeros crimes cometidos contra o Sul Global.⁸

O Norte Global é um bloco militar, político e econômico integrado composto por 49 países. Entre eles estão os EUA, o Reino Unido, o Canadá, a Austrália, a Nova Zelândia, Israel, o Japão e países secundários da Europa Ocidental e Oriental. Na arena militar, a Turquia (como membro da Otan), as Filipinas e a República da Coreia (estas duas, efetivamente colônias militarizadas dos EUA) estão incluídas em nossa definição de "bloco militar liderado pelos EUA", embora façam parte do Sul Global.

Nos últimos vinte anos, o Norte Global passou por um significativo declínio econômico *relativo*, juntamente com um declínio político, social e moral. Suas falsas reivindicações "morais" de direitos civis e "liberdade de imprensa" já se tornaram um completo escárnio, pois buscam tornar ilegal o apoio público (inclusive pela internet) aos direitos da população palestina. Esse apoio total à humilhação e à destruição dos povos de pele mais escura do mundo é reminiscência de séculos passados, expondo o que pode ser descrito como "fragilidade branca" coletiva.

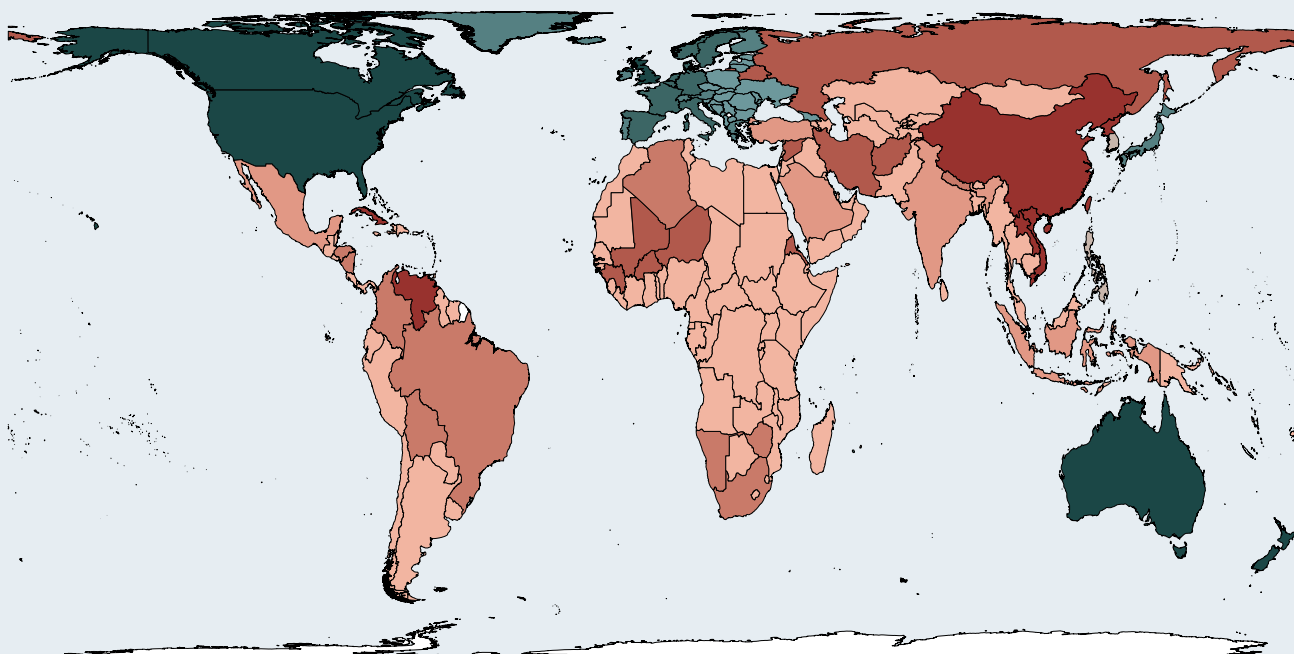
Os países do Sul Global compreendem ex-colônias e semicolônias, alguns Estados independentes fora da Europa e projetos socialistas atuais e antigos. Na maior parte do Sul Global, as lutas por libertação nacional, independência, desenvolvimento e soberania econômica e política total ainda precisam ser concluídas.

Apesar das limitações da terminologia, falaremos em "Norte Global" e, ocasionalmente, em "Ocidente" (expressão vazia de uso frequente) de forma intercambiável com o termo mais preciso "campo imperialista liderado pelos EUA". Analisaremos o Norte Global em quatro "anéis". O restante do mundo é hoje conhecido como "Sul Global", sendo que grande parte era chamada, no passado, de "Terceiro Mundo". Analisaremos o Sul Global em seis "grupos", determinados a partir da medida relativa com que um país é alvo de mudança de regime e pelo papel que seu governo desempenha na promoção pública de posições internacionais e anti-imperialistas (conforme Figura 1). O Norte Global está envolvido em níveis muito mais altos de conflito generalizado com o restante do mundo, o Sul Global.

Figura 1

"Anéis" do Norte Global e "Grupos" do Sul Global

2023



Norte Global em quatro anéis:

- 1. Núcleo anglo-americano liderado pelos EUA (6)
- 2. Núcleo europeu (9)
- 3. Japão + potências européias secundárias (15)
- 4. Antigo Bloco do Leste Europeu (19)

Sul Global em seis grupos:

- 1. Socialistas Independentes (6)
- 2. Em forte busca de soberania (10)
- 3. Atual ou historicamente progressistas (11)
- 4. Recém não alinhados (5)
- 5. Sul Global diverso (111)
- 6. Altamente militarizados pelos EUA (2)

Fonte: Sul Global Insights

Nota: O mapa apresenta apenas membros da ONU em cores, as áreas em branco não são membros da ONU.

Projeção Hobo-Dyer de área equivalente

Shapefiles dos limites e fronteiras nacionais: World Resources Institute, India Perspective (<https://github.com/wri/wri-bounds>), atualizado em 4 de maio de 2017

The top half of the image features a light blue background with three sets of concentric circles in a slightly darker shade of blue. A diagonal line splits the image, with the bottom half being white.

PARTE I:

**A ascensão de um bloco militar
do Norte Global totalmente
liderado pelos EUA**

Mudanças e consolidação

O bloco militar liderado pelos EUA passou por duas transformações internas nas últimas três décadas:

1. A maior expansão do bloco para incluir todos os países do Leste Europeu (faltando apenas Belarus).
2. O desafio de manter a total subordinação dos Estados capitalistas da Europa Ocidental, que abandonaram qualquer independência fundamental e, em muitos casos, até mesmo a falsa aparência de independência.

Esta última transformação ficou evidente em 2018 pela genuflexão dos Estados da Europa Ocidental à retirada de Donald Trump do acordo nuclear com o Irã, de 2015 – um golpe significativo contra seus interesses econômicos. Mais adiante, discutiremos o histórico desse processo.⁹

A Otan é o centro do "bloco militar liderado pelos EUA", como o chamamos, que inclui também Japão, Austrália, Israel, Nova Zelândia, três países do Sul Global e alguns outros países europeus que não são membros da Otan.

O bloco militar liderado pelos EUA é o único bloco do mundo, uma aliança militar de fato e de direito com um comando central. Não existe nenhum outro bloco desse tipo. Sua clareza e unidade de propósito são evidentes. Nos últimos dez anos, os EUA abandonaram muitos tratados importantes de não proliferação de armas nucleares (Tratado sobre Mísseis Antibalísticos em 2002, Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário em 2019 e Tratado de Céus Abertos em 2020).¹⁰ Isso permitiu que os responsáveis por planejamentos militares tivessem o potencial de se preparar para posicionar mísseis nucleares de alcance intermediário de modo que fossem capazes de obliterar Moscou em questão de minutos. obliterating Moscow in minutes.

Gastos militares

Figura 2

Gasto militar mundial real (2022)

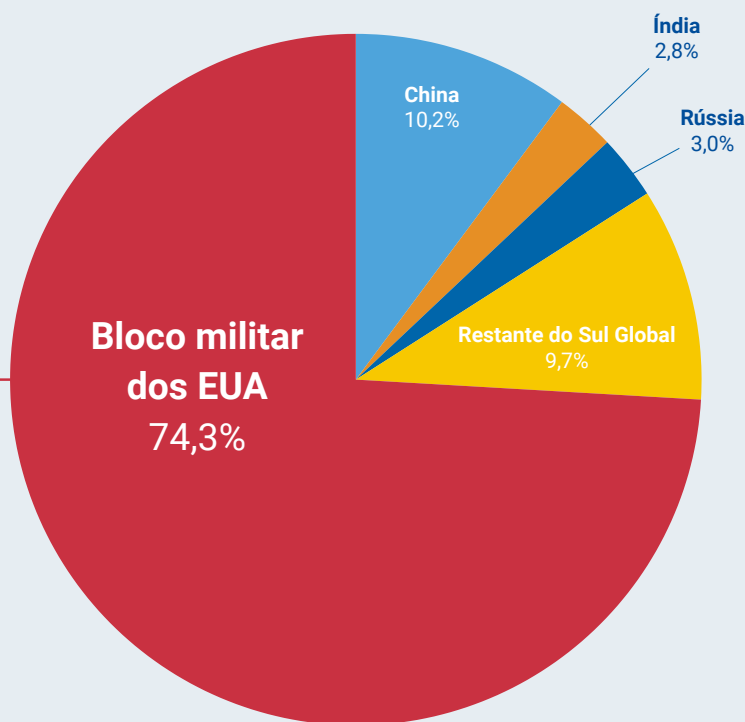
Em bilhões de dólares

Total mundial 2.868

Exército EUA 1.537 53,6%

Membros da OTAN (excl. EUA) 360 12,6%

Bloco militar dos EUA fora da OTAN 234 8,2%



Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados de SIPRI e Monthly Review

Em artigo publicado na edição de novembro de 2023 da *Monthly Review*, uma pesquisa bem conduzida por Gisela Cernadas e John Bellamy Foster, utilizando *apenas* estatísticas econômicas oficiais dos EUA consultadas junto ao Escritório de Análise Econômica (*Bureau of Economic Analysis*) e ao Escritório de Administração e Orçamento (*Office of Management and Budget* – OMB), revelou que o gasto militar real dos EUA é mais do que o *dobro* do que é reconhecido pelo governo estadunidense ou mesmo pelo Instituto Internacional de Estocolmo de Pesquisa para a Paz (Sipri na sigla em inglês).¹¹

*O gasto militar real dos EUA em 2022 foi de US\$ 1,537 trilhões.*¹²

Para calcular o gasto militar mundial total, selecionamos os números publicados pelo Sipri como nossa principal fonte de dados sobre todos os países, exceto para os EUA.¹³ Apenas no caso dos EUA, utilizamos os números da *Monthly Review*. Em 2022, o Sipri ajustou a cifra do orçamento de defesa nacional divulgado pelo governo chinês, de US\$ 229 bilhões para US\$ 292 bilhões, um aumento de 27,5%.¹⁴ A partir de 2021, o Sipri adotou uma nova metodologia para revisar os gastos militares da China.¹⁵ O Sipri alterou, assim, os cálculos sobre os gastos militares da China, tanto para os anos anteriores quanto para os atuais.¹⁶

O Sipri ajustou em 14,5% para mais o orçamento militar anual dos EUA informado pelo OMB a respeito do ano de 2022, passando de US\$ 765,8 bilhões para US\$ 876,9 bilhões.¹⁷ Esse número corresponde a cerca de metade do aumento percentual adicionado à China.

O tratamento dado pelo Sipri aos gastos militares da China é bem diferente daquele dispensado aos EUA, pois o instituto adota uma abordagem muito mais cautelosa em relação aos cálculos dos EUA.

Mesmo que o Sipri dobrasse o número informado pela China a respeito de seu gasto militar, chegando a US\$ 458 bilhões, essa soma representaria 2,6% do PIB do país. A cifra é significativamente inferior aos 6% realmente gastos pelos EUA em relação a seu PIB. Ainda assim, o gasto militar da China representaria apenas 29,8% do gasto dos EUA, com uma população quatro vezes maior que a estadunidense.¹⁸

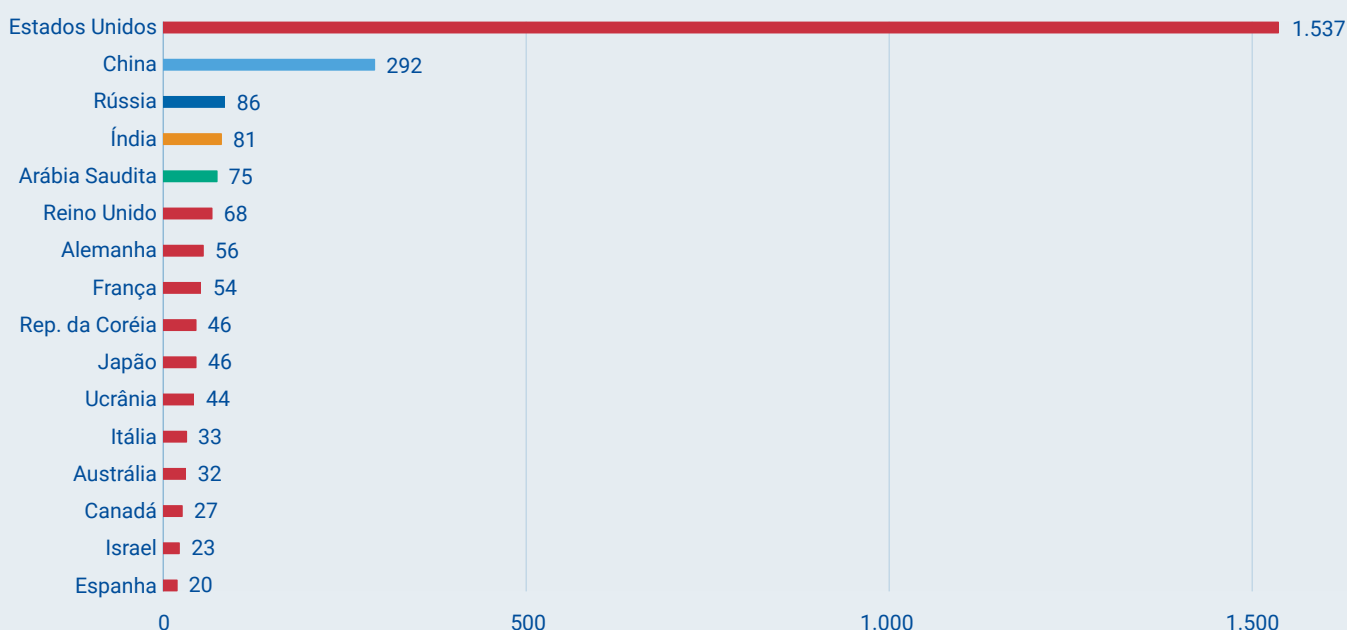
Além disso, ao contrário dos EUA, a China não tem 902 bases militares no exterior.¹⁹ As bases e intervenções dos EUA criam um dreno não apenas no orçamento anual, mas também na dívida econômica de longo prazo. Mais detalhes podem ser encontrados na nota de fim.²⁰

Nossa análise encontrou uma série de descobertas patentes. A primeira é que os EUA controlam, pela Otan e por outros meios, surpreendentes 74,3% de *todo* o gasto militar do mundo (Figura 2). Isso equivale a mais de US\$ 2 trilhões.²¹

Figura 3

16 países com maiores gastos militares no mundo (2022)

Em bilhões de dólares



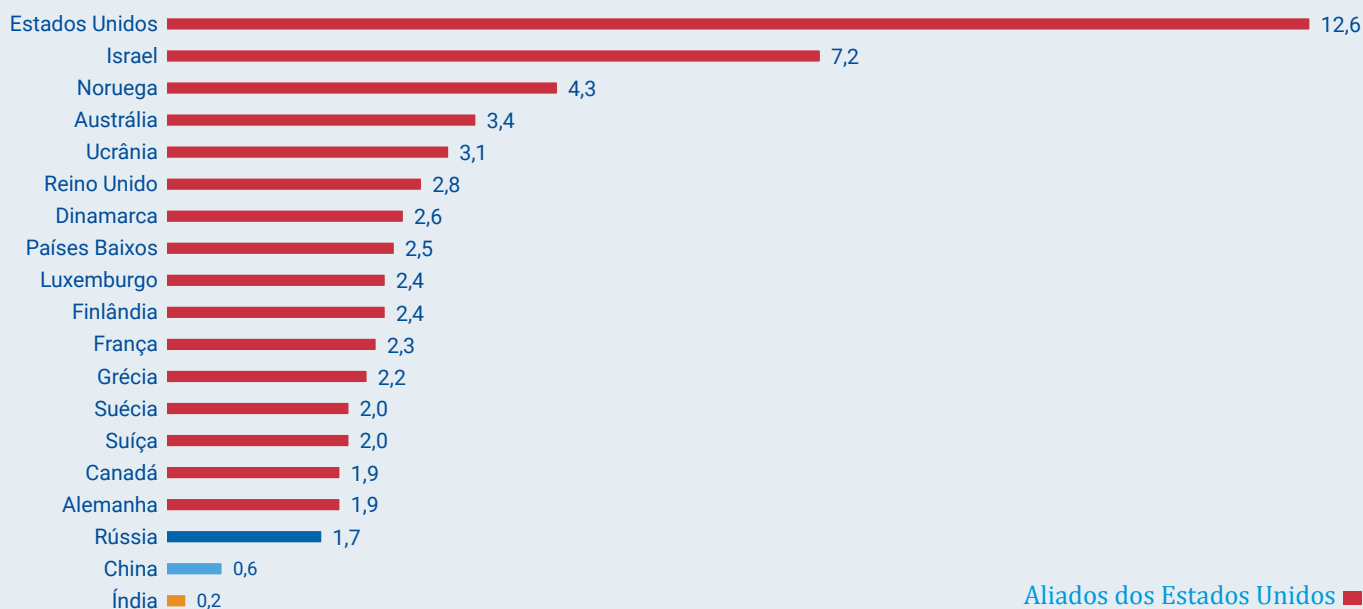
Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados de SIPRI e Monthly Review

Aliados dos Estados Unidos ■

Figura 4

Gasto militar real per capita de 16 países do Norte Global, Rússia, China e Índia (2022)

Valores em vezes a média mundial



Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados de SIPRI e Monthly Review, e da ONU.

A Figura 3 mostra que os países imperialistas são responsáveis por 12 dos 16 maiores orçamentos militares do mundo.

A Figura 4 mostra os 16 países com maiores gastos militares per capita do Norte Global em comparação com os três países do Sul Global que mais gastam nessa área. Per capita, os Estados Unidos gastam 21 vezes mais nas forças armadas do que a China.²² Não ficam dúvidas quanto à relevância desses números.

A Figura 5 lista todos os países com orçamentos militares superiores a US\$ 20 bilhões, sendo que 11 estão no Norte Global em comparação com seis (de 145) países no Sul Global. Nesta tabela, a República da Coreia foi incluída no bloco militar liderado pelos EUA.

É nítido que o Sul Global, ao contrário do Norte Global, não constitui um bloco nem, definitivamente, um bloco militar. O Sul Global enfrenta, desse modo, o monopólio extremo dos gastos militares do bloco militar liderado pelos EUA. Isso representa um perigo evidente e presente para todos os países do Sul Global – e um perigo iminente para a continuação da existência da humanidade e do planeta.

Por sua vez, o aspecto mais importante do poder do Estado – ou seja, o poder militar –, o perigo central absoluto para as classes trabalhadoras de *todos os países*, sobretudo das nações de pele mais escura do mundo, está no campo imperialista liderado pelos EUA. Objetivamente, não existe subimperialismo nem potências imperialistas não ocidentais (esses conceitos são enganações subjetivas que ofuscam as realidades factuais).

Figura 5

Países com gasto militar superior a US\$ 20 bilhões

Norte Global e Sul Global, 2022

Nome do país (GSI)	Gasto militar dólares (mi)	Porcentagem do PIB (TCC)	Per Capita >média mundial (vezes)	Nome do país (GSI)	Gasto militar dólares (mi)	Porcentagem do PIB (TCC)	Per Capita >média mundial (vezes)
Bloco militar liderado pelos EUA				Sul Global			
Estados Unidos	1.536.859	6,00%	12,6	China	291.958	1,60%	0,6
Reino Unido	68.463	2,20%	2,8	Rússia	86.373	3,80%	1,7
Alemanha	55.760	1,40%	1,9	Índia	81.363	2,40%	0,2
França	53.639	1,90%	2,3	Arábia Saudita	75.013	6,80%	5,7
Rep. da Coreia	46.365	2,80%	2,5	Brasil	20.211	1,10%	0,3
Japão	45.992	1,10%	1				
Ucrânia	43.998	27,40%	3,1				
Itália	33.490	1,70%	1,6				
Austrália	32.299	1,90%	3,4				
Canadá	26.896	1,30%	1,9				
Israel	23.406	4,50%	7,2				
Espanha	20.307	1,40%	1,2				

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados do FMI, ONU, SIPRI e Monthly Review

Bases militares dos EUA e do Reino Unido

Em março de 2002, a *Monthly Review* publicou um artigo com uma relação e um mapa de países onde é sabido haver bases militares dos EUA, argumentando que a extensão do império estadunidense poderia ser descrita por suas bases.²³ Isso criou uma tempestade em alguns círculos militares dos EUA. Outros ampliaram esse trabalho nos anos seguintes, incluindo David Vine e a *World Beyond War* (que disponibilizou um mapa interativo ao público).²⁴

As informações sobre a localização dessas bases permitiu vislumbrar a natureza absolutamente alastrada da hegemonia militar dos EUA. A localização e o número de bases são elementos valiosos para se compreender a forma e a trajetória do imperialismo, evidenciando suas fronteiras e mostrando seu papel no patrulhamento delas.

Existem 902 bases militares dos EUA conhecidas e 145 bases militares do Reino Unido conhecidas, descritas abaixo.²⁵

Devido ao sigilo imposto pelas forças armadas e pelo governo dos EUA, faltam dados sobre o que ocorre dentro dessas bases e sobre as ações lançadas a partir das forças militares dos EUA localizadas nelas. Isso torna incompleta a análise qualitativa das atividades militares dos EUA no exterior. Entre as deficiências analíticas estão:

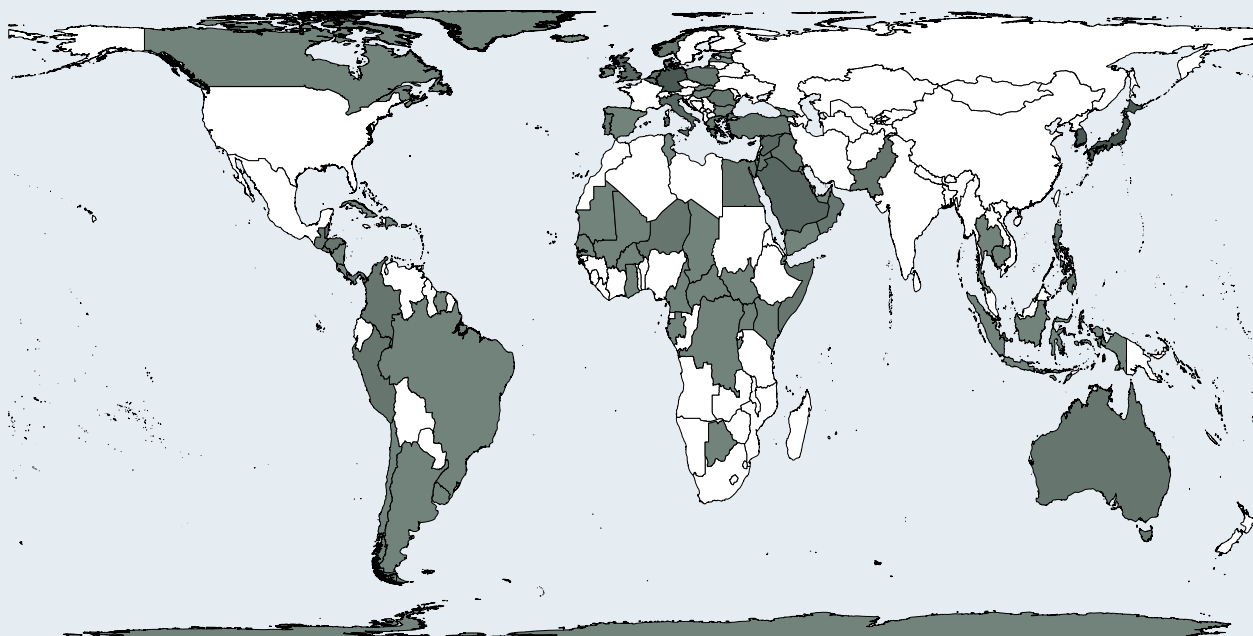
- As bases listadas não incluem as instalações e os locais das muitas operações militares privatizadas que os EUA criaram nos últimos 40 anos. Empresas como DynCorp International, Fluor Corporation, AECOM e KBR, Inc. realizam operações em todo o mundo, inclusive no Kuwait, na Arábia Saudita e na Indonésia.²⁶
- Não estão incluídos projetos "não oficiais" das forças armadas dos EUA, como o controle do Terminal 1 do Aeroporto Internacional Kotoka, na capital de Gana, no qual os soldados dos EUA não precisam de passaporte nem visto para entrar (apenas a identificação militar) e as aeronaves militares estadunidenses têm "passe livre no embarque e na inspeção".²⁷ Desse modo, o Terminal 1 é efetivamente uma base militar estadunidense. Gana cedeu a soberania nacional aos EUA.²⁸
- Não estão incluídos projetos essenciais para o complexo militar-industrial-da comunicação digital dos EUA. Muitos pontos terminais de cabos submarinos são controlados apenas por funcionários autorizados pela inteligência dos EUA. O controle da comunicação mundial por cabos submarinos é uma das principais prioridades da inteligência dos EUA.²⁹ Isso faz parte do programa da NSA de "coleta total" para reunir todas as comunicações do mundo e armazená-las em locais como o Centro de Processamento de Dados de Utah, em Bluffdale (codinome "Bumblehive"), primeiro centro desse tipo da Iniciativa Nacional de Segurança Cibernética Abrangente da Comunidade de Inteligência.³⁰
- Excluem-se projetos e locais militares secretos (incluindo instalações da nação anfitriã conhecidas como "*lily pads*"), embora alguns tenham sido expostos e incluídos.³¹
- Há poucas informações sobre os movimentos militares dos EUA entre diferentes locais, a natureza das atividades realizadas (como movimentos de tropas ou assassinatos direcionados) e o volume de bens, aviões e embarcações.
- Nem todas as bases são iguais em escala ou função, e é quase impossível avaliar a importância relativa de cada uma. Às vezes, um único edifício é classificado como uma base por estar desconectado de outros edifícios a um quilômetro de distância. Algumas bases são imensas e destroem tudo pelo caminho, como as instalações militares em Guam, que assolam o meio ambiente natural e a vida das pessoas que lá vivem. Outras são conhecidas como pequenas instalações de redes de espionagem.

Essas limitações têm como resultado uma tendência a se relatar o que é mensurável, e não o que é desconhecido, mas estratégico.

Figura 6

902 bases militares dos EUA no exterior

2023



Número de bases dos EUA em cada país e território



Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em *World Beyond War*

Nota: As bases não são iguais em escala ou função

Projeção Hobo-Dyer de área equivalente

Shapefiles dos limites e fronteiras nacionais: World Resources Institute, India Perspective (<https://github.com/wri/wri-bounds>), atualizado em 4 de maio de 2017

Primeiro, apresentamos um mapa com dados do *World Beyond War* que mostra quais países têm bases, sem detalhar o número exato em cada país. Isso ajuda a reduzir possíveis comparações incorretas. Mesmo a existência de uma única base dos EUA significa que o país já cedeu alguma soberania nacional. Em segundo lugar, para fins de completude, incluímos abaixo dois quadros (um para o Norte Global e outro para o Sul Global) com a relação de países com bases conhecidas de acordo com o *World Beyond War*.

A Figura 6 mostra que os EUA têm, pelo menos, 902 bases militares no exterior. São bases em grande medida concentradas em regiões de fronteira e zonas-tampão ao redor da China e que representam um grave abalo à soberania dos países do Sul Global.³²

Figura 7

Bases militares dos Estados Unidos em países e territórios do Norte Global 2022

Número de bases	País/território
50+	Alemanha (171), Japão (98)
20 – 49	Itália (45), Reino Unido (25)
5 – 19	Austrália (17), Bélgica (12), Portugal (9), Romênia (9), Noruega (8), Israel (7), Países Baixos (7), Grécia (5), Polônia (5)
1 – 4	Bulgária (4), Espanha (3), Islândia (3), Canadá (2), Eslováquia (2), Geórgia (2), Hungria (2), Letônia (2), Chipre (1), Dinamarca (1), Estônia (1), Groenlândia (1), Irlanda (1), Kosovo (1), Luxemburgo (1)
Total	445

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em *World Beyond War*

As bases militares dos EUA no exterior não existem apenas no Sul Global, mas também têm uma presença significativa no Norte Global (Figura 7). Mais de dois terços das bases conhecidas estão concentradas nos dois países derrotados na Segunda Guerra Mundial: Alemanha e Japão.

Figura 8

Bases militares dos Estados Unidos em países e territórios do Sul Global

2023

Número de bases	País/território
50+	Rep. da Coreia (62)
20 – 49	Guam (45), Porto Rico (34), Síria (28), Arábia Saudita (21)
5 – 19	Panamá (15), Turquia (12), Filipinas (11), Bahrein (10), Ilhas Marshall (10), Iraque (10), Bahamas (9), Belize (9), Honduras (9), Níger (9), Guatemala (8), Jordânia (8), Kuwait (8), Omã (8), Paquistão (8), Egito (7), Colômbia (6), El Salvador (6), Somália (6), Catar (5), Ilhas Marianas do Norte (5), Peru (5)
1 – 4	Camarões (4), Costa Rica (4), Ilhas Virgens (EUA) (4), Argentina (3), Chade (3), Emirados Árabes Unidos (3), Mauritânia (3), Nicarágua (3), Palau (3), Quênia (3), República Centro-Africana (3), Tailândia (3), Brasil (2), Diego Garcia (2), Djibuti (2), Gabão (2), Gana (2), Iêmen (2), Mali (2), República Dominicana (2), Samoa Americana (2), Singapura (2), Suriname (2), Tunísia (2), Uganda (2), Antártica (1), Antilhas Holandesas (1), Aruba (1), Botsuana (1), Burkina Faso (1), Burundi (1), Camboja (1), Chile (1), Cuba (1), Ilha de Ascensão (1), Ilha Wake (1), Indonésia (1), RD Congo (1), Samoa (1), Seicheles (1), Senegal (1), Sudão do Sul (1), Uruguai (1)
Total	457

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em *World Beyond War*

A Figura 8 lista os locais das bases militares dos EUA nos países e territórios do Sul Global. A República da Coreia abriga 62 dessas bases permanentes.

Figura 9

Estruturas militares dos Estados Unidos no exterior

Número de construções, área construída, área total e número de bases

2023

País/território	Área construída <i>m²</i>	Construções <i>número total</i>	Área <i>hectares</i>	Bases militares <i>número total</i>
Japão	10.339.000	12.079	41.715	76
Alemanha	9.135.000	12.537	2.682	93
Rep. da Coreia	5.631.000	5.832	12.262	62
Itália	2.011.000	2.032	945	31
Guam	1.382.000	2.807	25.322	45
Reino Unido	1.364.000	2.883	3.253	14
Kuwait	676.000	1.503	2.549	6
Catar	661.000	663		2
Cuba	588.000	1.540	11.662	1
Turquia	478.000	817	1.356	8
Espanha	419.000	889	3.802	2
Porto Rico	411.000	794	7.042	29
Bahrein	390.000	468	83	9
Bélgica	362.000	479		10
Ilhas Marshall	286.000	633	551	6
Groenlândia	220.000	197	94.306	1
Djibuti	171.000	379	459	2
Países Baixos	151.000	150		5
Emirados Árabes Unidos	128.000	400	5.059	3
Portugal	114.000	170	532	6
Honduras	92.000	336		1
Singapura	86.000	120		3
Romênia	70.000	179	177	4
Bahamas	62.000	179	219	6
Grécia	61.000	85	41	4
Santa Helena	43.000	124	1.402	1
Austrália	41.000	83	8.124	5

Estruturas militares dos Estados Unidos no exterior

Número de construções, área construída, área total e número de bases

2023

País/território	Área construída m ²	Construções número total	Área hectares	Bases militares número total
Bulgária	39.000	93		2
Ilhas Virgens (EUA)	26.000	29	5.964	5
Jordânia	17.000	31	3.978	1
Chipre	16.000	38		1
Israel	13.000	19		2
Samoa Americana	11.000	10	2	1
Níger	11.000	45		1
Polônia	11.000	20		3
Curaçau	9.000	15	17	1
El Salvador	6.000	14	14	1
Ilhas Marianas do Norte	5.000	17	6.499	10
Peru	5.000	7		1
Noruega	3.000	4		1
Islândia	2.000	7	425	1
Quênia	2.000	5		1
Canadá			91	1
Total	35.548.000	48.712	240.533	468

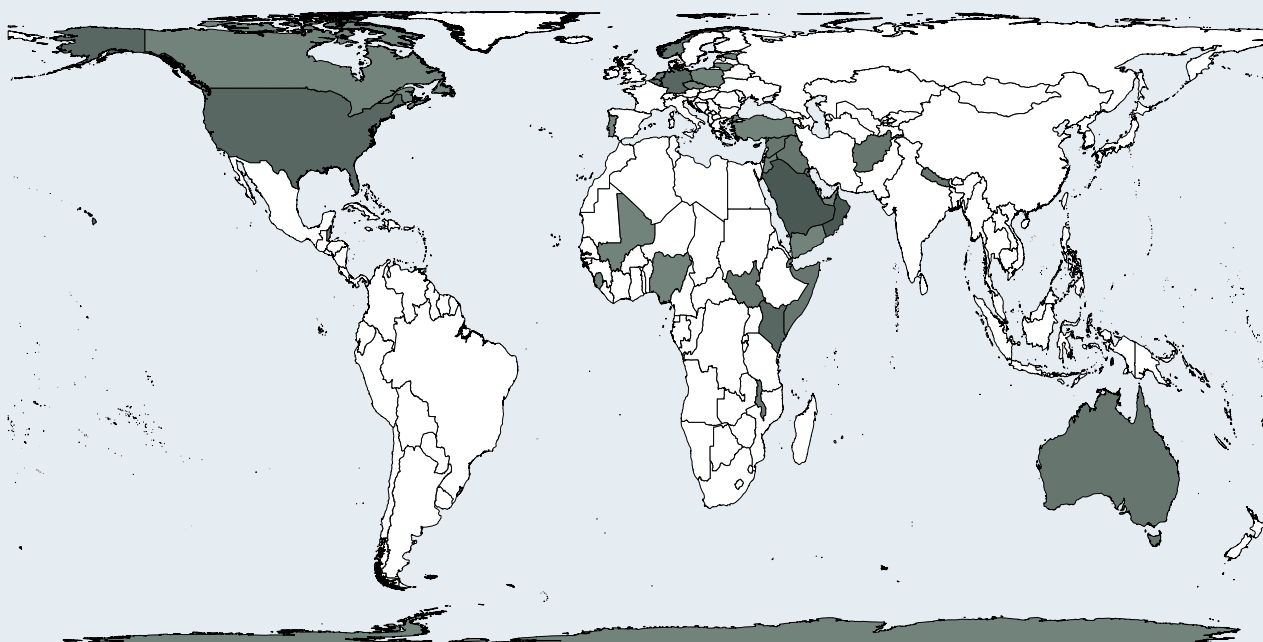
Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados do Departamento de Defesa dos EUA

A Figura 9 mostra a escala da presença militar dos EUA: quase 36 milhões de metros quadrados em 49 mil construções que cobrem 245 mil hectares. Na classificação por número de construções, as três potências do Eixo estão entre as quatro primeiras.

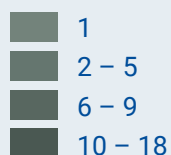
Figura 10

145 bases militares do Reino Unido no exterior

46 países e territórios, 2020



Número de bases do Reino Unido em cada país e território



Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados de Declassified UK

Nota: Nove bases não são mostradas

Projeção Hobo-Dyer de área equivalente

Shapefiles dos limites e fronteiras nacionais: World Resources Institute, India Perspective (<https://github.com/wri/wri-bounds>), atualizado em 4 de maio de 2017

Embora hoje o sol se ponha sem se preocupar com o Império Britânico, a Figura 10 mostra o tamanho que a rede de bases do Reino Unido ainda tem, com foco na Ásia Ocidental e na África.

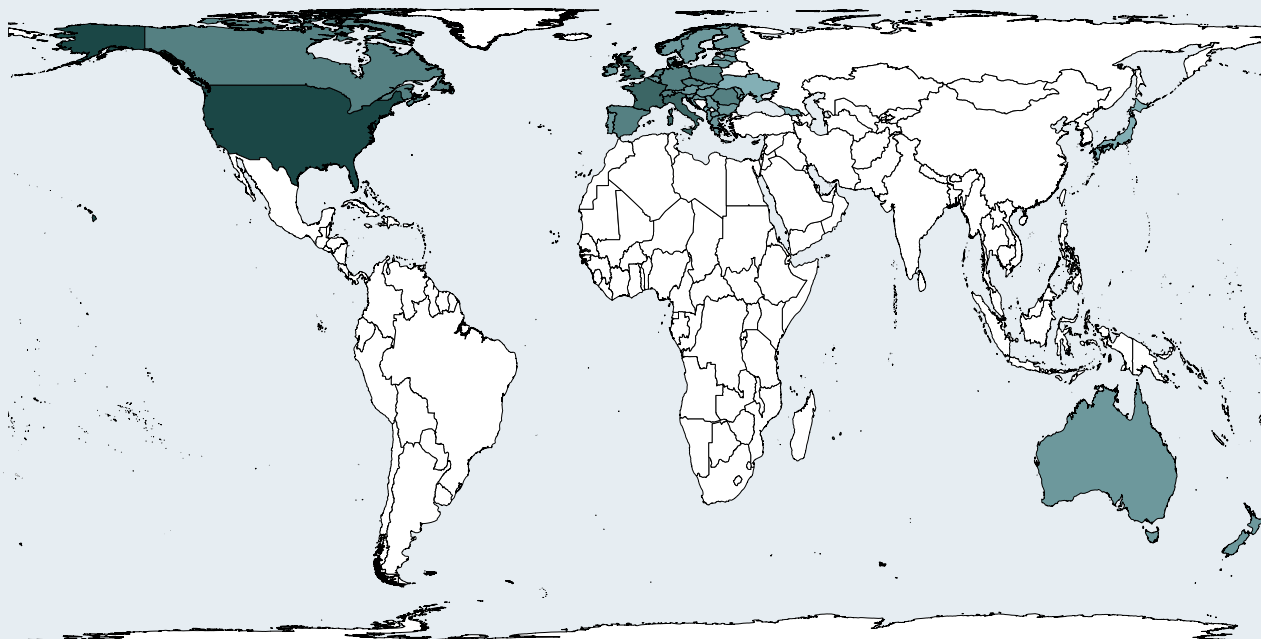
Invasões, intervenções e “destacamentos” militares dos EUA e do Reino Unido

Os países da Otan conduzem amplos destacamentos e intervenções militares em todo o mundo, apoiados por uma vasta rede de bases.

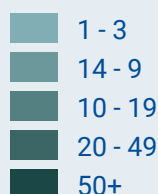
Figura 11

Destacamentos militares de cada país do Norte Global no exterior

409 destacamentos



Número de destacamentos que países do Norte Global enviaram ao exterior



Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados de IISS

Nota: Mapa mostra apenas países membros da ONU

Projeção Hobo-Dyer de área equivalente

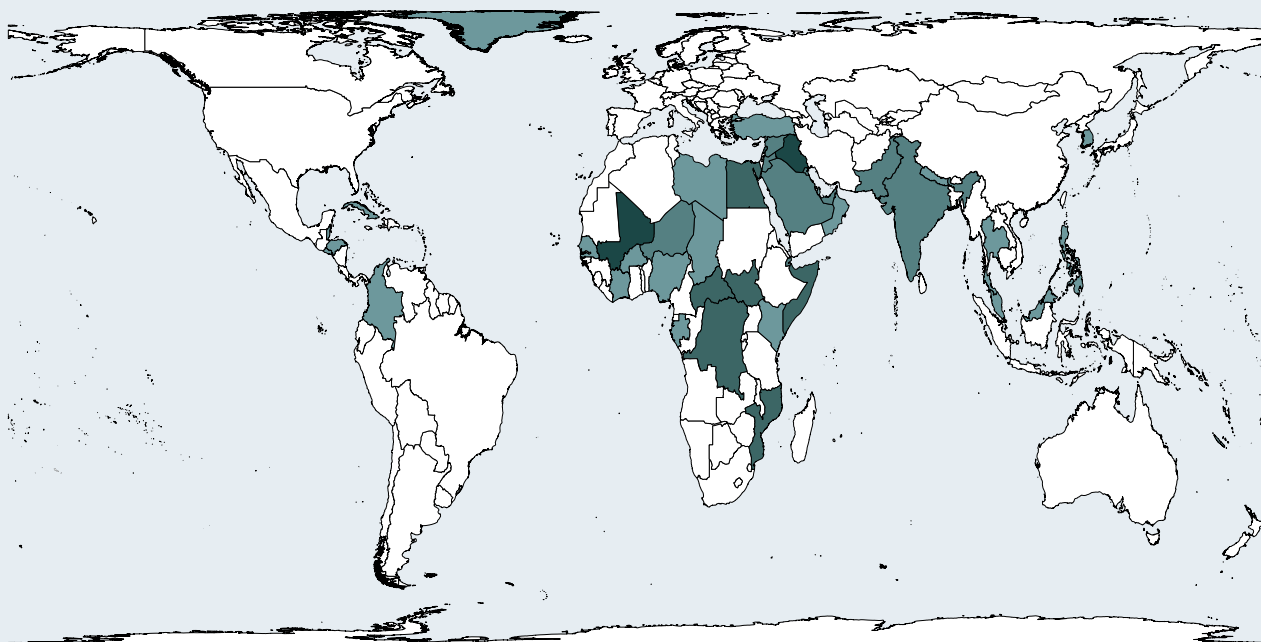
Shapefiles dos limites e fronteiras nacionais: World Resources Institute, India Perspective (<https://github.com/wri/wri-bounds>), atualizado em 4 de maio de 2017

As figuras 11 e 12 referem-se apenas ao ano de 2022. As forças imperialistas realizaram 317 operações militares em países do Sul Global e 137 em nações aliadas do Norte Global, totalizando 454 (sendo que 45 ocorreram em nações que não são membros da ONU). Entre os países imperialistas que conduziram o maior número de destacamentos militares estão EUA (56), Reino Unido (32), França (31), Itália (20), Alemanha (17), Espanha (15), Canadá (13) e Países Baixos (13) (Figura 11).³³

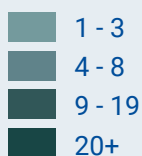
Figura 12

"Destacamentos" militares do Norte Global no Sul Global (2022)

225 destacamentos



Número de destacamentos (intervensões militares) que cada país do Sul Global recebeu de potências do Norte Global



Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados de IISS

Projeção Hobo-Dyer de área equivalente

Shapefiles dos limites e fronteiras nacionais: World Resources Institute, India Perspective (<https://github.com/wri/wri-bounds>), atualizado em 4 de maio de 2017

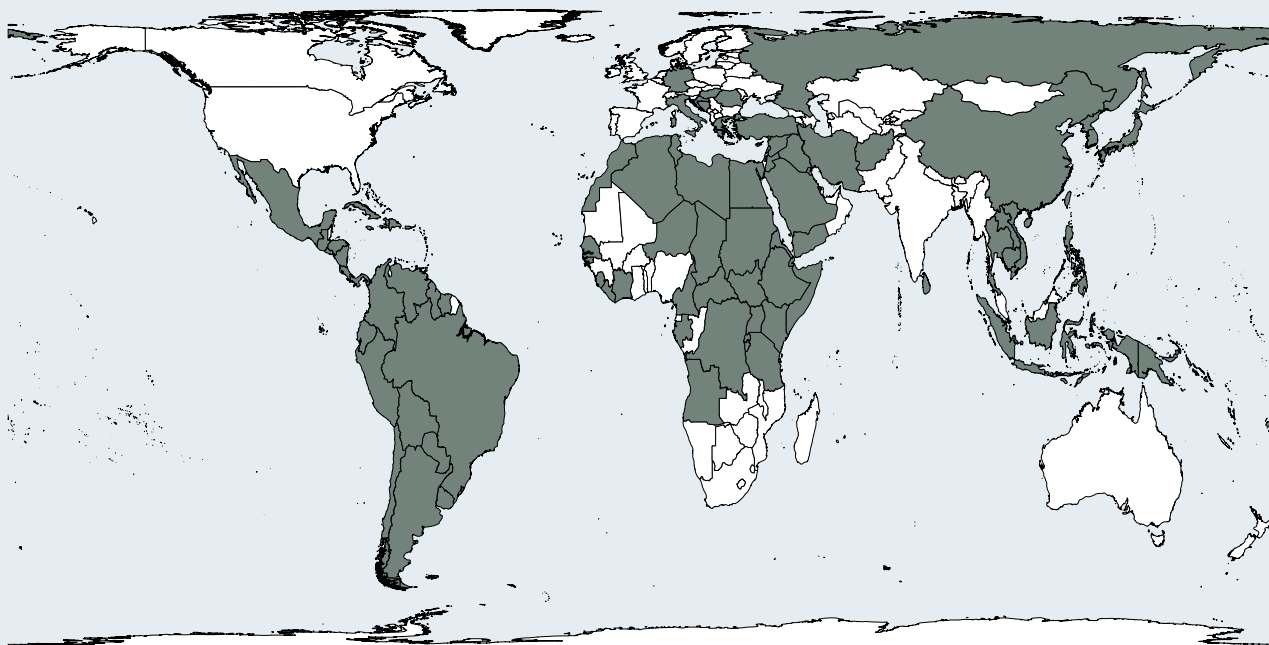
A Figura 12 mostra como África e Ásia Ocidental continuam a ser os pontos focais dos esquemas ocidentais, tendo as cinco nações a seguir sofrido o maior número de destacamentos militares somente em 2022: Mali (31), Iraque (30), Líbano (18), República Centro-Africana (13) e Sudão do Sul (13).³⁴

Observando a geografia das bases dos EUA e do Reino Unido e os destacamentos do Norte Global, é nítido onde se encontram as fronteiras do patrulhamento dos EUA e como os campos de batalha do nosso tempo são a Eurásia e as regiões que funcionam como zona tampão.

Figura 13

Uso reconhecido das forças armadas dos Estados Unidos no exterior

101 países e territórios, 1798–2023



Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados de CRS

Nota: Exclui Canadá e Groenlândia

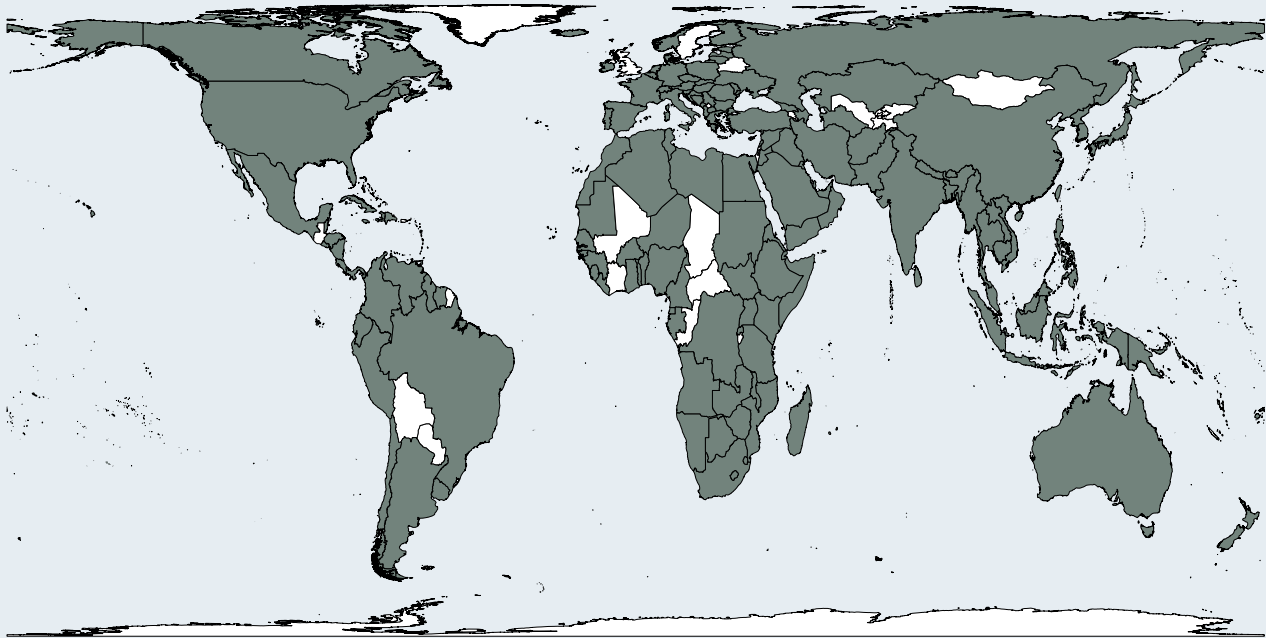
Projeção Hobo-Dyer de área equivalente

Shapefiles dos limites e fronteiras nacionais: World Resources Institute, India Perspective (<https://github.com/wri/wri-bounds>), atualizado em 4 de maio de 2017

Figura 14

Invasões militares do Reino Unido no exterior

170 países e territórios, 1169–2012



Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados de Stuart Laycock

Projeção Hobo-Dyer de área equivalente

Shapefiles dos limites e fronteiras nacionais: World Resources Institute, India Perspective (<https://github.com/wri/wri-bounds>), atualizado em 4 de maio de 2017

Durante séculos os EUA e seus aliados do Norte Global, sobretudo o Reino Unido, realizaram intervenções militares no mundo, conforme indicado nas Figuras 13 e 14. Por ser uma publicação oficial do governo dos EUA, o Serviço de Pesquisa do Congresso (Congressional Research Services – CRS) serve como fonte primária de dados sobre intervenções militares dos EUA e é utilizado para demonstrar sua magnitude e *longa duração* histórica. Entretanto, é preciso observar que o CRS não inclui missões secretas e não agrega dados para diferenciar os diferentes tipos de intervenções das forças armadas dos EUA no exterior. Os dados não são organizados com base na natureza qualitativa e quantitativa nem na escala de cada caso. Os casos relacionados (mais de 480) variam muito em tamanho, duração, autorização legal e relevância.³⁵

O Projeto sobre Intervenção Militar (Military Intervention Project – MIP) utiliza uma definição mais abrangente de intervenção militar que engloba "casos combinados de conflito internacional ou conflito potencial fora das atividades normais de tempos de paz em que a ameaça, demonstração ou Uso intencional de força militar pelos canais oficiais do governo dos EUA são explicitamente direcionados ao governo, a representantes oficiais, a forças

oficiais, a propriedades ou a territórios de outro ator estatal".³⁶ O MIP não divulgou seu banco de dados na íntegra, portanto, os casos exatos de todas as intervenções militares identificadas ainda não estão disponíveis ao público. Dessa forma, este relatório acessou apenas dados resumidos da publicação "Introducing the Militar Intervention Project" (2023) e não pôde produzir um mapa com base no MIP.

Como visto na Figura 13, em junho de 2023, os dados do Serviço de Pesquisa do Congresso dos EUA mostram que as forças armadas dos EUA foram destacadas, assumidamente, para 101 países e territórios entre 1798 e 2023.³⁷ A Figura 14 expõe o Reino Unido, que invadiu militarmente mais de 170 países e territórios entre 1169 e 2012.

De acordo com o MIP, entre 1776 e 2019, os EUA realizaram mais de 392 intervenções militares em todo o mundo.³⁸ Metade dessas operações foi realizada entre 1950 e 2019, e 25% delas ocorreram no período pós-Guerra Fria.³⁹ O ritmo das intervenções militares dos EUA se acelerou nitidamente desde 1991.

Em 1950, no Dia Internacional das Mulheres Trabalhadoras, Claudia Jones, mulher negra comunista e imigrante, discursou em um ato de militantes nos EUA. Em circunstâncias diferentes, mas com o mesmo espírito, compartilhamos esse relato com o objetivo de – para Jones – "ampliar [nossa] consciência sobre a necessidade de se promover campanhas militantes de frente única em torno das demandas urgentes do dia, contra a opressão monopolista, contra a guerra e o fascismo".⁴⁰

The background of the slide is split diagonally from the bottom-left to the top-right. The upper-left portion is a solid light blue color, featuring three sets of concentric circles in a slightly darker shade of blue. The lower-right portion is a solid white color.

PARTE II

Evolução do imperialismo

O novo estágio do imperialismo

O monopólio do dólar estadunidense e a mudança de nação credora para devedora, iniciados na década de 1970, seguidos pela queda da União Soviética em 1991, deram início a um período em que os Estados Unidos tentaram criar sua própria ordem mundial unipolar. Não foi possível estabelecer uma unipolaridade total porque alguns Estados – que os EUA chamaram de "vilões" – recusaram a submissão a esse novo sistema.⁴¹

Nos últimos quinze anos, o projeto de unipolaridade dos EUA se enfraqueceu consideravelmente. O período entre a "grande recessão financeira", de 2008, e o conflito entre a Otan e a Rússia, de fevereiro de 2022, consolidou uma mudança quantitativa e qualitativa no imperialismo global.

Uma questão histórica fundamental decorrente disso foi a magnitude e as consequências das rivalidades interimperialistas, que acarretam profundas implicações estratégicas e políticas: outras potências imperialistas irão romper com os EUA em questões fundamentais ou subordinarão seus próprios interesses aos dos EUA?

Atualmente, os fatos mostram que essas diferenças não são mais estratégicas. O imperialismo consolidou um novo estágio de existência, melhor descrito como **hiperimperialismo**. Mais adiante, explicaremos por que escolhemos esse termo.

Entre as características desse novo estágio estão o seguinte:

- A China emergiu como maior e mais dinâmica economia do mundo. O crescimento do Sul Global excede o do Norte Global. O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) na Ásia é significativamente maior do que nos países do G7.
- Apesar da força econômica que ainda mantêm, os EUA enfrentam um crescimento escasso e um declínio em relação à ascensão do Sul Global (que tem o crescimento da China como uma locomotiva importante). Isso é evidenciado por indicadores de PIB total, indústria, comércio, infraestrutura e comunicações 5G. Os EUA estão fazendo tentativas agressivas de restringir o crescimento econômico da China e seu papel em iniciativas globais como o Brics 10. Os EUA estão levando o mundo a um maior protecionismo.
- Os EUA avançaram rapidamente na guerra híbrida, incluindo o Uso de sanções (impostas a mais de um em cada quatro países do mundo).⁴² O ataque a reservas nacionais (da Rússia, da Venezuela, do Irã e do Afeganistão) abriu os olhos de muitos no Sul Global.
- Os EUA agora estão de olho na dominação da Eurásia, onde o Ocidente enfrenta a Rússia e a China, dois países poderosos com uma forte capacidade combinada: econômica, tecnológica, militar, energética e alimentar. A desmilitarização completa da longa fronteira entre a China e a Rússia e o anúncio da parceria "sem limites" entre as duas nações são prova de seus interesses comuns em termos de paz e segurança.

- Há um perigo evidente e presente de que o imperialismo continue a trilhar um caminho militarista e dependa de seu domínio militar para compensar o crescente declínio econômico e político relativo que enfrenta. Os interesses políticos e militares dos imperialistas se tornam, agora, fundamentais. Perdas econômicas de curto prazo estão ocorrendo.⁴³ Os interesses de capitalistas individuais ou de grupos se tornam secundários.
- A hegemonia do dólar estadunidense, a financeirização e a capacidade tecnológica permitem que o setor financeiro movimente trilhões de dólares em negociações em milissegundos, o que mudou a mecânica da acumulação capitalista e sua propriedade. Os capitalistas europeus e japoneses investem capital nas mesmas estruturas que seus pares de classe dos EUA, embora sob o controle destes últimos.
- Os EUA aprimoraram sua já vasta infraestrutura de "soft power" sustentada pelo surgimento de uma nova geração de serviços avançados de redes sociais e *streaming* de vídeo, sob o controle total dos monopólios estadunidenses, todos explicitamente integrados ao complexo militar industrial digital dos EUA.
- As contradições entre os países imperialistas deixaram de ser antagônicas e passaram a ser secundárias. A Alemanha, o Japão, a França e todas as outras potências imperialistas devem subordinar seus interesses de curto e médio prazo aos interesses fundamentais dos Estados Unidos. Seu trabalho é coordenado na Otan+. Os documentos oficiais de políticas afirmam que a estratégia em relação à China é reduzir o risco. No entanto, os parlamentares do *Bundestag* da Alemanha, por exemplo, estão liderando os pedidos de isolamento da China, mesmo que isso implique uma perda considerável de mercados para os fabricantes "alemães".⁴⁴ Há também um ímpeto interno simultâneo de remilitarizar a Alemanha.
- Novas instituições multilaterais e modelos alternativos de financiamento do desenvolvimento que vêm surgindo no Sul Global estão ganhando impulso. Isso fica evidente pela amplitude do apoio à Nova Rota da Seda (NRS) e pelo crescente interesse de participação no Brics, agora Brics 10. Quase 80% dos Estados-membros da ONU participam da NRS, compreendendo cerca de 64% da população global, enquanto suas economias combinadas representam 52% do PIB mundial (paridade do poder de compra - PPC) em 2022.⁴⁵ Os países do Brics 10 compreendem hoje 45,5% da população mundial e 35,6% do PIB global (PPC). Em comparação, embora os países do G7 (Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, Reino Unido e Estados Unidos) representem apenas 10% da população mundial, sua participação no PIB global (PPC) é de 30,4%.⁴⁶
- O Sul Global está perdendo a confiança na liderança econômica, política e moral dos EUA e da Europa. Foi China, e não os EUA, quem facilitou o acordo diplomático histórico entre a Arábia Saudita e o Irã. A Rússia e a China agora realizam a maior parte do comércio entre os dois países em suas próprias moedas. O Brics 10 está criando um grupo de trabalho para explorar alternativas ao Uso do dólar estadunidense, incluindo sistemas de pagamentos internacionais e uma possível nova moeda de reserva. Na votação da resolução da ONU sobre um cessar-fogo em Gaza (A/ES-10/L.25), o Norte Global foi superado numericamente, com 14 votos contrários e 120 favoráveis à aprovação.

- É a primeira vez em mais de 600 anos que existe uma alternativa econômica e política plausível ao domínio das relações mundiais pelos europeus e seus Estados coloniais de descendentes de colonizadores brancos. Em primeiro lugar, há o grupo socialista liderado pela China. Em segundo, as crescentes aspirações por soberania nacional, modernização econômica e multilateralismo que emergem do Sul Global.

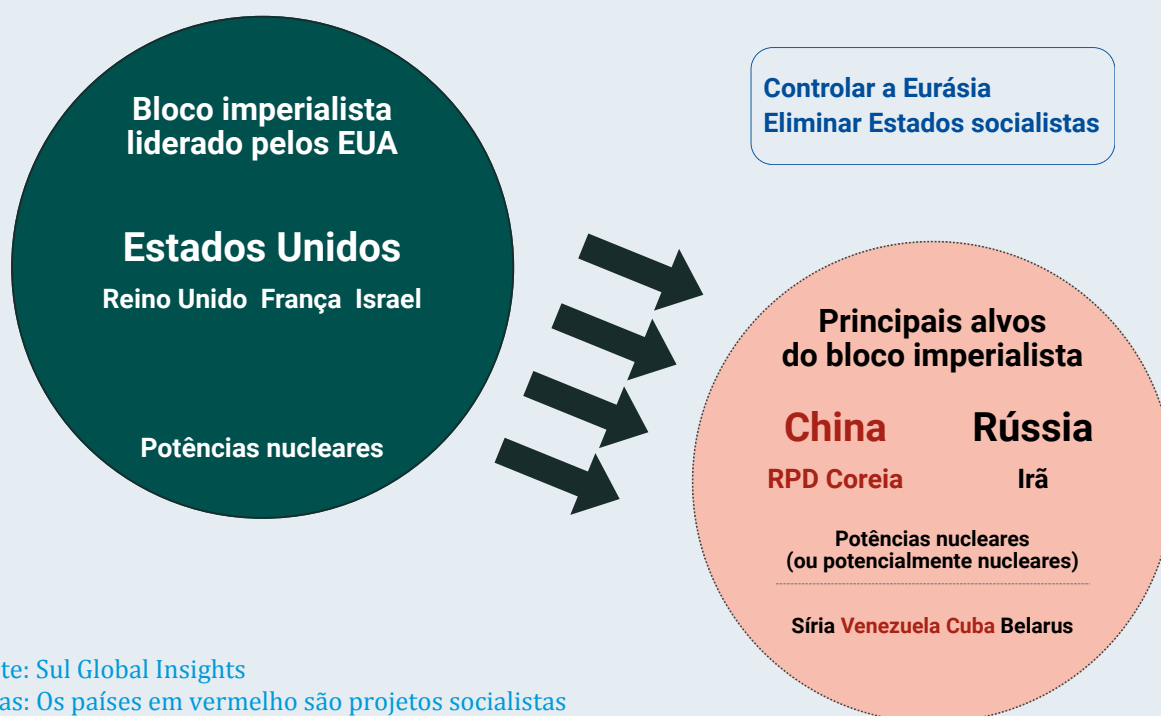
Diante dessas movimentações, os líderes da classe política dominante dos EUA no Centro para uma Nova Segurança Americana (*Center for a Novo American Security – CNAS*) – *think tank* com sede em Washington e núcleo intelectual do governo estadunidense – definiram como geoestratégia dos EUA a derrota dupla da Rússia e da China, o que significaria que o Norte Global ganharia o controle da Eurásia. As dimensões, a quantidade de recursos naturais, o poder militar, a proximidade geográfica e a independência da dominação imperialista da China e da Rússia são os principais fatores de suas respectivas perspectivas globais e parcerias estratégicas.

Esses fatores objetivos são muito mais dominantes do que os ideológicos. Os EUA querem terminar a missão inacabada de desnuclearizar a Rússia. Nas paredes de Washington, estão pendurados mapas que foram desenhados para mostrar os dois países divididos em pequenos pedaços, Estados vassalos do Ocidente, sem independência e, certamente, sem armas nucleares.

Figura 15

Visão geoestratégica dos Estados Unidos sobre o mundo

Controlar a Eurásia, derrubar Estados socialistas, desnuclearizar e desmembrar todos os potenciais adversários



Fonte: Sul Global Insights

Notas: Os países em vermelho são projetos socialistas
Países abaixo da linha não são potências nucleares

Conforme ilustrado na Figura 15, China, Rússia, República Popular Democrática da Coreia e Irã são as quatro potências nucleares (ou potencialmente nucleares) que estão no centro da linha de frente de ataque do imperialismo. A China e a Rússia são os dois principais alvos, a primeira devido a sua força econômica e a segunda, ao seu arsenal nuclear. Síria, Venezuela, Cuba e Belarus também são alvos imediatos para uma mudança de regime.

O mundo está enfrentando um momento muito difícil e perigoso. Os países do Sul Global são extremamente diversos e heterogêneos, não formam um bloco e não têm um alinhamento ideológico. Certamente não têm alianças militares. Alguns – República da Coreia e Filipinas – se emaranharam na esfera militar dos EUA.

O que os países do Sul Global têm é uma história compartilhada. Sofreram durante centenas de anos o abuso colonial e semicolonial cometido pelo Norte Global. As nações mais brancas passaram os últimos cinquenta anos tentando apagar da história o terror que desencadearam sobre os povos de pele mais escura do mundo, inclusive aqueles que vivem dentro de suas próprias fronteiras.

A mídia ocidental se refestela com as grandes diferenças dentro do Sul Global. O Grupo dos 77 e o Movimento dos Não Alinhados, apesar de mais fracos, continuam existindo. Não é possível desconsiderar os avanços na construção de um senso mais forte de identidade compartilhada entre os países do Sul Global. A demanda por soberania nacional é profundamente democrática e continua sendo uma questão crucial para melhorar a vida das classes populares no Sul Global, além de ser também uma etapa necessária no caminho para o socialismo.

A Primeira Guerra Mundial marcou o início da Revolução Russa (1917), seguida pela criação da União Soviética, primeiro Estado operário plenamente funcional do mundo, e por uma onda de lutas revolucionárias de libertação nacional. A Segunda Guerra Mundial terminou com a criação da República Popular Democrática da Coreia, em 1948, e da República Popular da China, em 1949, seguidas por mais uma onda de lutas de libertação nacional que incluiu importantes vitórias socialistas, como no Vietnã, em 1945 e 1975, e em Cuba, em 1959.

Hoje, não estamos vivendo um período comparável de revoluções. No entanto, é nítido que há novo ânimo e um despertar do espírito para levar adiante os projetos incompletos de libertação nacional que começaram nos dois períodos anteriores. A dominação do sistema neocolonial ocidental está sendo questionada. Estamos testemunhando "mudanças não vistas em 100 anos" e entrando em um novo período da história.

Em resumo, pode-se dizer que **oito contradições principais** são evidentes no mundo:⁴⁷

- Imperialismo moribundo liderado pelos EUA x socialismo emergente liderado pela China.
- Capital parasitário em busca de renda x exigências das sociedades por desenvolvimento ambientalmente sustentável, indústria, agricultura e emprego.
- Imperialismo liderado pelos EUA x necessidade urgente de soberania nacional dos países socialistas e capitalistas do Sul Global.

- Classes dominantes do Norte Global x burguesia dos países capitalistas do Sul Global.
- Classe dominante supremacista branca do G7 (e do restante do Norte Global) x classes populares (pessoas trabalhadoras, camponesas e da baixa pequena burguesia) nas nações de pele mais escura do Sul Global.
- Burguesia e estratos superiores dos países capitalistas do Sul Global x classes populares do Sul Global.
- Imperialismo ocidental x futuro do planeta e da vida humana.
- Contradição interna entre a burguesia do Norte Global x milhões da classe trabalhadora (pobres e parcelas cada vez mais numerosas das pessoas com trabalho qualificado e semi-qualificado) no Norte Global.

Assim como já começamos a fazer com o setor militar, buscamos aqui analisar esse novo estágio do imperialismo, o funcionamento interno do campo imperialista, e examinar a composição e as conotações do Sul Global para compreender as principais contradições do mundo atual.

Conquista, racismo e genocídio: A história comum do campo imperialista

Figura 16

História comum dos países imperialistas
1492–1945



Ativos no tráfico de pessoas africanas escravizadas	Colonizadores	Genocídios domésticos	Estados anglo-americanos coloniais de ocupação branca
Estados Unidos	Estados Unidos	Estados Unidos	Estados Unidos
Reino Unido	Reino Unido	Reino Unido	Reino Unido
Canadá	Canadá	Canadá	Canadá
Austrália	Austrália	Austrália	Austrália
Israel	Israel	Israel	Israel
Nova Zelândia	Nova Zelândia	Nova Zelândia	Nova Zelândia
Alemanha	Alemanha	Alemanha	Alemanha
França	França	França	França
Itália	Itália	Itália	Itália
Espanha	Espanha	Espanha	Espanha
Países Baixos	Países Baixos	Países Baixos	Países Baixos
Bélgica	Bélgica	Bélgica	Bélgica
Suécia	Suécia	Suécia	Suécia
Noruega	Noruega	Noruega	Noruega
Dinamarca	Dinamarca	Dinamarca	Dinamarca
Japão	Japão	Japão	Japão
Áustria	Áustria	Áustria	Áustria
Portugal	Portugal	Portugal	Portugal
Grécia	Grécia	Grécia	Grécia

História comum dos países imperialistas

1492–1945



Dividiram a África

Conferência de Berlim, 1884



Entregaram partes da China para o Japão

Tratado de Versalhes, 1919



Potências fascistas na Segunda Guerra Mundial

> 45 million deaths in China & EUASR



Bombardeios nucleares a civis

Estados Unidos	Estados Unidos	Estados Unidos	Estados Unidos
Reino Unido	Reino Unido	Reino Unido	Reino Unido
Canadá	Canadá	Canadá	Canadá
Austrália	Austrália	Austrália	Austrália
Israel	Israel	Israel	Israel
Nova Zelândia	Nova Zelândia	Nova Zelândia	Nova Zelândia
Alemanha	Alemanha	Alemanha	Alemanha
França	França	França	França
Itália	Itália	Itália	Itália
Espanha	Espanha	Espanha	Espanha
Países Baixos	Países Baixos	Países Baixos	Países Baixos
Bélgica	Bélgica	Bélgica	Bélgica
Suécia	Suécia	Suécia	Suécia
Noruega	Noruega	Noruega	Noruega
Dinamarca	Dinamarca	Dinamarca	Dinamarca
Japão	Japão	Japão	Japão
Áustria	Áustria	Áustria	Áustria
Portugal	Portugal	Portugal	Portugal
Grécia	Grécia	Grécia	Grécia

A riqueza do Norte Global teve origem no roubo histórico por meio de expropriações violentas promovidas ao longo de séculos (Figura 16).⁴⁸ A estagnação econômica e as demandas por crescimento estimularam o saque de recursos de outras regiões. Isso começou já nas invasões militares das Cruzadas contra as regiões árabes e muçulmanas da Ásia Ocidental (1050-1291).

O fim do Período Quente Medieval na Europa (que durou entre cerca de 950 e 1250 d.C.) e a catástrofe da Peste Negra (1346-1353) fizeram com que a situação pendesse a favor do campesinato, afastando-o da aristocracia. Em toda a Europa, as rebeliões camponesas e as cartas da floresta (*charters of the forest*) sinalizaram que o futuro do capitalismo estava longe de ser garantido.

A Europa iniciou, então, uma trajetória como poder hegemônico mundial por meio de suas potências marítimas militarizadas, começando com a invasão e captura de Ceuta, porto marroquino fortificado, por Portugal já em 1415 – data que utilizamos para marcar os mais de 600 anos de dominação ocidental. A primeira potência colonial europeia, Portugal, usou o capital genovês para financiar suas expedições, e o resto da Europa seguiu o exemplo nos anos 1400.

As conquistas das nações de pele mais escura do mundo, a subsequente expropriação de povos de suas terras e a subordinação de sua mão de obra fizeram surgir ideologias raciais. Essa camada ideológica se infiltrou na base e na superestrutura tanto das sociedades europeias quanto dos povos conquistados, e é mais pronunciada nos Estados coloniais de ocupação branca, que se estabeleceram como projetos raciais desde o início de sua existência. Dentro desses Estados coloniais de ocupação branca, os EUA e Israel representam agora a história mais aguda, permanente e profundamente arraigada de projetos raciais e religiosos.

A análise econômica mostra que o aumento real do investimento capitalista no Reino Unido começou quando os lucros da escravidão e a pilhagem de países como a Índia possibilitaram o aumento histórico do investimento em capital fixo, sendo decisivos para a chamada acumulação primitiva capitalista e o financiamento da "revolução industrial". Em um estudo de 2022, Utsa Patnaik indicou que o Reino Unido extraiu da Índia, entre 1765 e 1939, US\$ 45 trilhões (a economista usou uma fórmula de taxa de juros composta, uma vez que ainda não foram reembolsados).⁴⁹ A maior parte das principais instituições britânicas lucrava com o comércio transatlântico de pessoas escravizadas. A base ideológica racial, por sua vez, moldou o desenvolvimento posterior do capitalismo e do imperialismo.

Ao longo dos séculos, a Europa criou diversos outros projetos coloniais de ocupação branca fora de seu centro histórico nas Américas e na Australásia, inclusive no Quênia, na África do Sul e no Zimbábue. Os "bem-sucedidos" não se estabeleceram em terras desabitadas – o mito da *terra nullius* –, mas sim promovendo genocídio e conquista militar, criando populações e Estados de população majoritariamente branca. A Alemanha foi o primeiro país a promover um genocídio colonial, assassinando aproximadamente 80 mil pessoas dos povos Herero e Nama, na Namíbia, entre 1904 e 1908.

Cinco desses projetos coloniais permanecem até hoje: Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia e Israel, todos projetos britânicos. O Reino Unido iniciou suas conquistas coloniais em meados do século XV, na Irlanda, e, nas Américas, seu papel resultou na criação dos Estados Unidos da América. A infame Declaração Balfour (1917) foi fundamental para a formação de Israel às custas da Palestina, então colônia britânica. A missão sionista precisava criar em Israel uma barreira para as "hordas bárbaras" da Ásia. Nenhuma outra nação é tão influente nos EUA quanto Israel. Os EUA, graças a seu tamanho e papel, continuam a ser a força dominante do terrorismo mundial, mas Israel tem um papel desproporcional em termos de violência e gastos militares, com armas nucleares que a mídia ocidental convenientemente minimiza.

Desde sua criação até os tempos modernos, os EUA têm sido definidos como um projeto racial. Em *American Holocaust: The Conquest of the New World* (1992), David E. Stannard estimou que, nos primeiros 150 anos da conquista europeia das Américas, cerca de 100 milhões de pessoas indígenas podem ter morrido devido à conquista e suas consequências, incluindo doenças, guerras e escravização.

Em 1860, quase quatro milhões de pessoas negras eram escravizadas somente nos EUA.⁵⁰ Em 2022, mais de 720 mil pessoas negras estavam encarceradas em presídios e cadeias dos EUA, representando 38% da população carcerária, apesar de corresponderem a apenas 12% da população dos EUA. Os EUA têm quase 20% de todos os prisioneiros do mundo, apesar de terem apenas 5% da população mundial.⁵¹ Mais de 500 anos após o início da escravização (com a primeira chegada registrada de um navio negreiro em 1519), os EUA ainda colocam dezenas de milhares de pessoas negras em confinamento solitário, apesar da prática ser considerada uma forma de tortura pelas Nações Unidas.⁵² Foi somente em 2013 que o estado do Mississippi ratificou oficialmente a 13.^a emenda que aboliu a escravidão no país – registrada oficialmente pela primeira vez na Constituição em 6 de dezembro de 1865.⁵³ Só é possível entender a ideologia da classe dominante dos EUA reconhecendo o caráter racializado de sua estrutura de classes.

A declaração de 2023 da Otan e o apoio unificado ao genocídio israelense contra o povo palestino são prova cabal de que o imperialismo não pode ser separado de aspectos raciais históricos. Durante mais de 600 anos, os Estados europeus e de ocupação branca buscaram e conseguiram dominar o mundo inteiro.

Desde a Segunda Guerra Mundial, os EUA têm buscado estender essa regra por pelo menos um milênio. Inicialmente, todos os Estados do campo imperialista eram brancos. Com a derrota absoluta na Segunda Guerra Mundial, inclusive com o Uso de bombas atômicas, o Japão foi assimilado ao campo imperialista, acabando por alcançar o que os sul-africanos chamaram de status de "branco honorário". Esse movimento foi possível sobretudo porque o Japão havia sido uma potência fascista que também vinculava sua expansão imperialista a práticas racializadas.

O imperialismo também tem bases patriarcais racializadas, que remontam à forma como a divisão sexual do trabalho, o controle das capacidades reprodutivas das mulheres e a exploração do trabalho não remunerado das mulheres foram reformulados na colonização

ocidental, como pré-condições para a expansão internacional da acumulação de capital.⁵⁴ Desde então, a subordinação e a violência de gênero têm sido amplamente utilizadas na guerra e na conquista, desde a escravização sexual de dezenas de milhares de "mulheres de conforto" durante a ocupação militar do Japão na China e na Indonésia, até a atual exploração sexual que ocorre no entorno das bases militares dos EUA nas Filipinas.⁵⁵

Não é por acaso que os Estados Unidos aparecem em sete das oito categorias de violência histórica na Figura 16. Esse processo não começou na década de 1890 com o desenvolvimento do imperialismo moderno: é possível identificá-lo desde 1492, com a primeira invasão europeia das Américas.

Em outubro de 2023, dos 193 membros da ONU, apenas os Estados Unidos e Israel votaram contra o fim do embargo e do bloqueio ilegais contra a heroica Cuba. Quando um projeto de resolução que pedia um cessar-fogo em Gaza foi redigido, em 16 de outubro de 2023, nenhum membro branco da Câmara dos Representantes dos EUA o assinou inicialmente.⁵⁶ Há uma linha direta entre os comerciantes portugueses de pessoas escravizadas na África Ocidental e os genocidas israelenses e estadunidenses na Palestina.

História e definição de "hiperimperialismo"

Antecedentes

A pré-história do imperialismo moderno começou em 1415 com o advento da expansão marítima europeia. A África foi a primeira vítima, seguida da colonização das Américas e do genocídio de milhões de povos indígenas. Em seguida, a Europa (e seus Estados colonizadores) passaram rapidamente a depender do capital ensanguentado da escravização humana, que durou 400 anos.

A existência do Reino Unido como potência moderna começou com a dependência vampírica do sangue de pessoas escravizadas e trabalhadoras coloniais. Os britânicos foram responsáveis por milhões de mortes no comércio atlântico de escravizados e em suas conquistas coloniais. A mão de obra escravizada nas Américas – bem como a captura britânica de boa parte do excedente das colônias espanholas e portuguesas – forneceu o ingrediente "especial" da chamada acumulação primitiva ou originária ("ursprüngliche Akkumulation", termo utilizado por Marx em *O capital*).⁵⁷

Além de começar como um projeto racial, o imperialismo dos EUA tem uma trajetória singular de desenvolvimento capitalista, que inclui o seguinte:

- Uma forma de escravização capitalista altamente lucrativa.
- Um Estado em expansão desenfreada em um grande território, sem nenhum resquício do feudalismo.
- O único grande país imperialista cujo território não foi atacado militarmente por outros imperialistas.
- Uma potência imperial que começou depois que a Europa já havia dividido o mundo.
- Um poder ilimitado autodefinido por meio da Doutrina Monroe (1823), além de conceitos como o Destino Manifesto e o excepcionalismo estadunidense.

Desde o advento da indústria moderna, o sistema-mundo capitalista consistiu em dois períodos sucessivos com o domínio de uma única potência capitalista: primeiro o Reino Unido, depois os EUA. Do final do século XVIII até a Segunda Guerra Mundial, o Reino Unido foi considerado a força dominante no setor financeiro internacional. No entanto, houve um franco colapso dessa dominação quando os britânicos abandonaram a conversibilidade da libra em ouro e encerraram o padrão ouro-libra em 1931. Na realidade, o domínio dos EUA ficou evidente a partir da Primeira Guerra Mundial e a hegemonia reconhecida do país começou em 1945, quando a Europa estava em frangalhos. No centro do sistema imperialista, portanto, está o que se pode chamar de projeto anglo-americano.

A economia dos EUA ultrapassou a britânica em tamanho na década de 1870, mas o PIB per capita (PPC) dos EUA só se igualou ao do Reino Unido no século XX. Em 1913, a economia

estadunidense já tinha o dobro do tamanho do PIB (PPC) britânico.⁵⁸ Entretanto, foi somente em 1945 (com a economia dos EUA sendo cinco vezes maior que a do Reino Unido) que a hegemonia estadunidense foi completa e formalmente estabelecida. Naquele momento, os EUA estavam fabricando mais da metade dos produtos do mundo.

Histórico

A obra de Vladimir Lênin *Imperialismo, estágio superior do capitalismo* (1916), que se valeu muito do livro *O capital financeiro*, de 1910, escrito por Rudolf Hilferding, explicou a ascensão do capital financeiro durante o último período do século XIX, marcando a transição do capitalismo liberal clássico para o imperialismo de orientação financeira.⁵⁹ Com o aumento da composição orgânica do capital, eram necessários desembolsos cada vez maiores de capital para expandir a produção. Isso foi além da capacidade da maioria dos capitalistas individuais envolvidos na concorrência clássica, levando à dominação por oligopólios e monopólios, com a reorganização do sistema financeiro para atender às suas exigências.

Paralelamente a isso, ocorreram transformações tecnológicas. A transição da energia a vapor para a energia elétrica na década de 1890 provocou um salto nas forças produtivas e na produção fabril: maior eficiência energética, menor manutenção, descentralização, reconfiguração do desenho do chão de fábrica, produção em massa e um aumento maciço na divisão e socialização do trabalho. Esse tipo de transformação rápida das forças produtivas ocorreu novamente, mais tarde, com a invenção do transistor e o surgimento dos computadores.

Lênin observou cinco características desse novo estágio: o surgimento do capital financeiro e da oligarquia financeira; a concentração da produção e dos monopólios; a exportação de capital; o surgimento de cartéis monopolistas, que "dividiram" o mundo entre si; e a conclusão da divisão territorial do mundo inteiro entre as maiores potências capitalistas, juntamente com o crescente conflito entre os Estados imperialistas.

Com esses desdobramentos, começava um novo e último estágio superior do capitalismo, ou seja, o estágio do imperialismo moderno. Não é possível haver outro novo estágio do capitalismo (pois um sistema sem concorrência não seria capitalismo).

O livro de Lênin foi escrito às vésperas da Revolução Soviética. Após a formação da União Soviética, o conflito entre trabalho e capital mudou qualitativamente, deixando de ser apenas uma contradição interna dos países e passando a incluir contradições entre Estados com diferentes bases de classe.

O imperialismo moderno herda totalmente a história de dominação e exploração do mundo pelo projeto europeu. Lênin define os superlucros, resultado do imperialismo moderno, como "um excedente de lucros além dos lucros capitalistas que são normais e costumeiros em todo o mundo".⁶⁰

Após a Segunda Guerra Mundial, as divisões capitalistas internacionais se intensificaram

mais uma vez durante a Grande Depressão (1929-1939), quando várias potências imperialistas trancaram suas economias com tarifas e outras barreiras. Antes do final da Segunda Guerra Mundial, a reorganização do sistema financeiro global, liderada pelos EUA, foi acordada em Bretton Woods em julho de 1944. A conversibilidade das principais moedas em dólar estadunidense e do dólar estadunidense em ouro estabeleceu a supremacia do novo "ouro verde". Para garantir que suas normas fossem implementadas e seguidas, foram criados o Fundo Monetário Internacional e o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (Bird), que mais tarde se tornaria o Banco Mundial. Desde então, essas duas instituições têm sido os principais pilares da dominação dos EUA sobre o Sul Global.

Pós-Segunda Guerra Mundial

Em 1945, os Estados Unidos obtiveram uma vitória decisiva entre as potências capitalistas, e deu-se início à dominação do dólar estadunidense. Entre 1945 e 1971, houve uma fase de expansão de seu imperialismo. Com efeito, o país sofreu perdas significativas nesse período, inclusive com uma série de novos projetos socialistas. No entanto, após a Segunda Guerra Mundial, confiantes em sua própria supremacia produtiva, os EUA iniciaram uma reorganização radical do sistema capitalista global e desmantelaram as tarifas e outras medidas protecionistas que consideravam desnecessárias para seu próprio avanço (mas mantiveram medidas de subsídio que favoreciam suas próprias empresas capitalistas). A nova organização "globalizada" do capitalismo mundial pós-Segunda Guerra Mundial diferia significativamente, em sua estrutura internacional, do sistema capitalista anterior a 1945. O desenvolvimento das forças produtivas se acelerou em relação à era dos impérios coloniais anteriores. Ao longo dos séculos XIX e XX, por trás do verniz do livre comércio, sempre houve monopólios, como afirmou Karl Marx com relação ao Reino Unido. Os EUA avançaram ainda mais nessa dominação por meio de monopólios imperialistas protegidos por um aparato militar internacional.

Criada em 1949, a Otan tinha inicialmente três objetivos: primeiro, impedir a disseminação do espectro comunista na Europa Ocidental; segundo, garantir a subordinação militar de todos os outros países imperialistas aos EUA; e terceiro, criar um bloco militar para conter e, por fim, derrotar os países do bloco socialista. Os EUA também iniciaram a domesticação da elite europeia e angariaram apoio para o projeto do Atlântico Norte por meio da integração e da dependência econômica (simbolizada pelo Plano Marshall, iniciado em 1948) e da subordinação política (por meio de instituições como o Clube de Bilderberg, a partir de 1954).⁶¹

Os EUA tinham três objetivos no mundo colonial. Primeiro, finalizar a derrota do controle europeu e remover as barreiras a seus interesses econômicos. Segundo, proibir o alinhamento da Europa com o bloco socialista. Terceiro, derrotar qualquer projeto revolucionário de inspiração ou liderança comunista.

Com algumas exceções, como Cuba e Filipinas na virada do século XX, os EUA nunca tiveram o objetivo ou o desejo de governar ou administrar todo o escopo das relações políticas, econômicas e sociais locais do que era, então, chamado de Terceiro Mundo. Utilizando poder militar, operações secretas, incentivos econômicos e "*soft power*", os EUA desenvolveram

uma estratégia de neocolonialismo: independência política nominal e subordinação econômica quase total. O Bird, primeira instituição responsável pelo alistamento de europeus para o projeto hegemônico dos EUA após a Segunda Guerra Mundial, voltou-se para seu trabalho no Sul Global assim que o Plano Marshall entrou em vigor.

Neoliberalismo

A próxima fase do imperialismo é geralmente chamada de neoliberalismo. Surgiu como uma resposta à estagnação econômica iniciada na década de 1960 (que se agravou com a crise de 1974) e à ameaça política dos projetos de esquerda do Terceiro Mundo.⁶² O neoliberalismo foi experimentado pela primeira vez no Chile (1973) e na Argentina (1976) pelos "*Chicago Boys*" de Milton Friedman. Nos dois casos, sua implementação se deu por meio de golpes de Estado sangrentos que mataram dezenas de milhares de pessoas para erradicar o apoio a projetos de esquerda, com o apoio dos EUA. As eleições de Margaret Thatcher (1979), no Reino Unido, e Ronald Reagan (1980), nos EUA, abriram caminho para sua ascensão global.

Em 1981, os EUA se tornaram, em termos correntes, uma nação devedora. A queda da União Soviética, em 1991, permitiu que os EUA se engajassem em uma projeção imperialista mais despojada, sobretudo no âmbito militar. As principais características do neoliberalismo incluem o seguinte:

- O mundo vivenciou a globalização econômica e a financeirização do capitalismo monopolista, com privilégios de monopólio financeiro "superimperialista" criados pelos EUA para sustentar a retirada do dólar estadunidense do padrão ouro.
- Os EUA ampliaram de forma agressiva seus direitos de propriedade intelectual em todo o mundo e obtiveram monopólios globais quase perpétuos. A economia de bens tangíveis foi subordinada à economia virtualizada. Grandes áreas de pequena produção foram impietosamente destruídas.
- O Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial adotaram consistentemente políticas de austeridade que empobreceram e sobrecarregaram o Sul Global com grandes níveis de endividamento. Essa dívida só poderia ser paga por meio da exportação de produtos que o Norte Global pagaria em dólares estadunidenses. Diferentemente de qualquer outro banco, o Banco Mundial pode formular a política econômica de seus credores, encolhendo o Estado e esvaziando a moeda local para garantir a primazia do dólar estadunidense. A privatização, o cercamento do setor público, a redução do papel do Estado na economia e na sociedade (sobretudo no Sul Global) e o aumento da precarização do trabalho foram as principais demandas de suas políticas, o que resultou no aumento da pobreza e da desigualdade, assim como a intensificação do trabalho reprodutivo não remunerado das mulheres.⁶³
- A desarticulação da produção fabril e das cadeias de suprimentos (auxiliada por enormes transformações tecnológicas e pelos preços do petróleo subsidiados pelos EUA) criou não apenas aumentos maciços na produtividade, mas também enormes vantagens para o capital global e suas corporações multinacionais às custas da classe trabalhadora. O capital

conseguiu transferir, com facilidade, partes da produção entre diversos países pequenos e fracos do Sul Global, e os países de industrialização tardia do Sul Global, como o Brasil e a África do Sul, sofreram desindustrialização. O socialismo e o tamanho da China a protegeram desse destino.

- Houve uma mudança da produção para a especulação financeira e o capital monopolista e rentista. Em todo o mundo, uma forte desregulamentação dos mercados financeiros e uma revolução nas tecnologias de comunicação possibilitaram enormes fluxos de capital financeiro especulativo em tempo real.
- Uma nova forma avançada de produção e circulação monopolista tornou-se evidente em vários setores da economia. Notadamente, com a ascensão do capital digital monopolista, alguns monopólios e oligopólios, como o Google, dominam o mundo inteiro (com exceção de China, Rússia, Irã, República Popular Democrática da Coreia, Cuba e alguns outros).
- Houve um crescimento do Estado coercitivo, níveis cada vez mais altos de desigualdade e um aumento do populismo neofascista.
- A ascensão da hegemonia cultural, política e de política externa do Ocidente foi possível devido à onipresença e ao status de monopólio econômico das tecnologias estadunidenses, incluindo Google, Facebook, WhatsApp, Instagram e Twitter.⁶⁴

A obra de Michael Hudson *Super Imperialism* (1972) descreve a grande derrota enfrentada pelo resto do mundo quando os EUA abandonaram o padrão ouro.⁶⁵ Em vez de comprar ouro para manter suas moedas, os EUA obrigaram outros bancos centrais a reciclar seus excedentes de dólares para comprar títulos do Tesouro dos EUA. Isso permitiu que os EUA forçassem o resto do mundo a pagar suas dívidas, inclusive aquelas contraídas com a guerra contra o povo do Vietnã. Os EUA se tornaram uma nação devedora, mas conseguiram terceirizar sua dívida por meio do instrumento do complexo dólar-Wall Street.

Tecnologia e *soft power*

Imensas transformações na tecnologia e no desenvolvimento das forças produtivas acompanharam esse processo. Os semicondutores, por exemplo, tiveram um aumento de 100 bilhões de vezes na densidade de transistores entre 1954, quando foi criado o primeiro dispositivo de silício funcional, e junho de 2023, com o lançamento do chip Apple M2 Ultra, com 134 bilhões de transistores.⁶⁶

O poder do setor de tecnologia dos EUA surgiu, em primeiro lugar, devido à importância do avanço tecnológico para o complexo militar-industrial e, em segundo lugar, porque o domínio do comércio mundial pelos EUA lhes permitiu mover seus braços comerciais para reforçar a centralidade do Vale do Silício. Assim, o Vale do Silício é, ao mesmo tempo, um facilitador das principais funções de inteligência militar dos EUA e um dos beneficiários delas.

A natureza por trás do que é chamado de "efeito de rede" permitiu o rápido estabelecimento

de monopólios e oligopólios "naturais" em muitas áreas da tecnologia. Assim como as centrais telefônicas de cem anos atrás, quando uma empresa como o Google ultrapassa um limite de participação de mercado em operações de busca e o monetizou, ela se torna um oligopólio. Tecnologias como a computação em nuvem permitiram que a Amazon deixasse de ser apenas um monopólio do setor de varejo e passasse a desafiar Google e Microsoft em novos mercados.

O termo "*soft power*" foi desenvolvido por Joseph Nye no final da década de 1980, mas é apenas um novo nome para a extensão adquirida pelos conceitos de hegemonia de Gramsci quando se trata do imperialismo dos EUA. Os seguintes "setores" fazem parte da hegemonia global dos EUA: cultura, informação, entretenimento, organizações sem fins lucrativos (ONGs), academia e *think tanks*. Todos dependem de um setor de comunicação centralizado comum, que abrange cabos submarinos de fibra óptica, satélites, redes de telecomunicações, imensos centros de dados e empresas de comunicação digital como Twitter (X), Facebook e Google.

No último século, foram aproximadamente cinco os estágios das tecnologias da comunicação:

1. Rádio como meio de comunicação de massa, telefone e cinema "falado" (1920-1950).
2. Televisão e a ascensão da publicidade da Madison Avenue (1950-1970).
3. Revolução digital, crescimento em larga escala da internet (que, na verdade, começou como um projeto militar dos EUA em 1969) (1980-2000).
4. Celular e redes sociais de primeira geração (2000-2005).
5. Dispositivos móveis e inteligentes onipresentes e monopólios de serviços OTT de *streaming* de vídeo, como Netflix, Amazon Prime, Disney+, CGI, realidade aumentada e virtual e, em breve, mídia influenciada pela IA (2005 até o presente).

Cada uma dessas cinco gerações de tecnologias foi comercializada e depois "transformada em arma" sob o olhar atento das agências militares e de inteligência dos EUA. Hollywood é famosa por esses vínculos. A quinta geração de tecnologias representa um salto quantitativo e qualitativo de capacidade. As empresas de tecnologia e mídia dos EUA, representantes da hegemonia norte-americana, hoje controlam efetivamente a maior parte das vozes que os jovens do Sul Global ouvem. Ainda que o X possa estar em declínio e tenha sido principalmente um espaço para as classes médias ilustradas e engajadas dos centros urbanos, o Facebook, o Instagram e serviços de *streaming*, como Netflix, penetram na vida de bilhões de pessoas da classe trabalhadora.

Vejamos o caso da Índia. Nos primeiros dez meses de 2023, 510 milhões de usuários únicos de internet no país passaram um total de 371 bilhões de horas online, registrando 2,9 trilhões de visualizações. Dessas horas, 105 bi foram gastas em redes sociais, 74 bi em entretenimento, 10,5 bi em notícias, 10 bi em varejo e 12,8 bi em outras atividades (principalmente relacionadas ao setor financeiro). Durante o mês de outubro de 2023, as pessoas com idade entre 18 e 24 anos passaram, em média, 940 minutos no Instagram, 708 no YouTube, 387 no Facebook e 117 no X. Entre todas as idades, o tempo gasto no Facebook, Instagram e X mais do que dobrou desde janeiro de 2020. Em outubro de 2023, os seguintes

serviços OTT de *streaming* de vídeo lideraram em milhões de espectadores: 170 mi na Disney, 99 mi na MX Player (empresa Indiana supostamente em negociações com a Amazon), 92 mi na JioCinema (Reliance, Paramount e James Murdoch) e outros como ZEE5, Netflix e Sony. Apesar da ascensão de Bollywood, Hollywood continua presente na Índia.⁶⁷

Globalmente, a mídia ocidental tem utilizado quatro tipos de censura nas redes sociais: *Shadow banning* ou *ghosting* (supressão secreta de usuários), listas de nomes favorecidos e desfavorecidos (priorização de conteúdo desejável; depreciação ou eliminação de conteúdo indesejado), manipulação algorítmica privada não visível e, agora, até mesmo remoção direta e supressão de conteúdo e/ou Usuários.

Estima-se que 73% do tráfego da internet seja conduzido pelos chamados "*bad bots*", incluindo contas falsas controladas pelo Estado, sobretudo pelos Estados Unidos e Israel.⁶⁸ Mais da metade desse tráfego utiliza técnicas de evasão para imitar o comportamento humano. Essas técnicas são mobilizadas sistematicamente em uma série de campanhas de *soft power* dos EUA, inclusive em eleições e para influenciar a opinião pública.

Observando a "supremacia cultural dos Estados Unidos", o jornal *The Financial Times* demonstra preocupação com o império da seguinte forma: "Manter um imenso alcance cultural é uma excelente salvaguarda para uma superpotência após um pico. O truque é não se acomodar e relaxar demais".⁶⁹

No entanto, o nível de detalhe do controle exercido pela inteligência dos EUA sobre cada chamada telefônica, mensagem e toque de tecla resulta em riscos muito altos para o Sul Global. É necessário dar muita atenção e não menosprezar a soberania digital.

Capital fictício

Karl Marx analisou criticamente o aumento do capital fictício no Volume III de *O Capital*.⁷⁰ O último relatório do Banco de Compensações Internacionais apontou que o valor nocional total dos derivativos em circulação (sendo os três tipos taxa de juros, câmbio e ações) atingiu US\$ 715 trilhões no final de junho de 2023, um aumento de 16% em seis meses, mais de quatro vezes o PIB mundial (PPC) e mais de sete vezes o PIB mundial em termos de taxa de câmbio corrente (TCC).⁷¹ O valor bruto de mercado desses derivativos estava em quase US\$ 20 trilhões.

Os fundos de *hedge*, como a Bridgewater Associates, e as empresas de participações privadas, como a BlackRock, participam dessa hiperespeculação. Uma analogia utilizada para ajudar a explicar os derivativos é que, se você se colocar entre dois espelhos posicionados com um ligeiro ângulo entre si, verá uma longa série de imagens suas. Você continua sendo de verdade, mas as imagens são efêmeras.

Embora o capital seja fictício, os resultados não são. A expropriação dos bens naturais e das empresas do Sul Global acontece agora em uma escala de trilhões de dólares estadunidenses a uma velocidade de milissegundos.⁷²

2008-2022: Uma transição

A derrota da União Soviética, em 1991, levou o capital estadunidense a um novo sentimento de confiança eterna no imperialismo. Agora seria possível expropriar os mercados da antiga União Soviética e ter a sensação de ter alcançado o destino manifesto. A ideia de "fim da história" e o surgimento do sentimento de unilateralismo dominaram o pensamento do Conselho de Relações Exteriores (*Council on Foreign Relations*) e de outras instituições estratégicas dos EUA.

Diante de um declínio na taxa de criação de capital em suas economias, e como a financeirização e os direitos de propriedade intelectual aumentaram a prevalência de monopólios, uma proporção maior de capital evitou investimentos produtivos e passou a buscar cada vez mais ganhos de curto prazo, tornando-se ainda mais especulativa.

Com a crise financeira de 2007-2008 – no que chamamos de início da Terceira Grande Depressão –, as ferramentas anteriores de combate à estagnação se mostraram cada vez mais ineficazes. A impermeabilidade da China a essa crise aumentou o sinal de alerta do Norte Global. Nos 14 anos seguintes, um período de transição marcou o fim da fase do neoliberalismo. Do início dos anos 2000 até 2022, começaram a ocorrer grandes transformações. Algumas aceleraram a consolidação do capital, enquanto outras sinalizaram o início de uma crise existencial do capital:

1. A mudança mais importante foi a ascensão da China como maior economia do mundo quando medida pela paridade do poder de compra (PPC).
2. O Sul Global passou de 40% do PIB mundial para 60% quando medido em PPC.
3. A Terceira Grande Depressão levou a uma queda ainda maior nas taxas de crescimento do PIB. Em 2022, as taxas de crescimento per capita médias em 10 anos registravam patamares inferiores a 1% na Europa e de 1,5% nos EUA.
4. O processo de “desnacionalização” do capital europeu e japonês foi acelerado pelas rápidas transformações nos mercados de capitais. Agora estão totalmente integrados, dependentes e subordinados aos EUA em questões fundamentais.
5. A China se consolidou como um projeto socialista e a esperança ocidental de um novo “Gorbatchov chinês” fracassou completamente.
6. Os países da Otan aumentaram o número de intervenções militares globais, mas foram confrontados com uma série de derrotas, como no Afeganistão, no Iraque e até mesmo, em certa medida, na Síria.
7. A decisão dos EUA de expandir a Otan para a Europa Oriental e usar a Ucrânia em uma batalha por procuração no centro da movimentação para controlar a Rússia resultou em um importante conflito militar entre potências nucleares.
8. Os EUA, diante de uma relativa hegemonia econômica e política, começaram a expandir maciçamente o Uso de sanções, batalhas jurídicas (*lawfare*), tarifas e apreensão de reservas em moeda estrangeira.
9. Para tentar impedir o avanço tecnológico da China, os EUA começaram a adotar tarifas e medidas protecionistas. Iniciaram um imenso ataque de *soft power* contra a China e começaram uma nova Guerra Fria.
10. As principais vozes da classe dominante dos EUA falam abertamente sobre a

possibilidade de Usar sua hegemonia militar para bloquear a China. Como também “perderam” a Rússia, pelo menos com Vladimir Putin no poder, os EUA estão concentrados em planejar a forma de concluir sua missão histórica de subordinar a Eurásia de uma vez por todas. Em última análise, isso implicaria a desnuclearização e o possível desmembramento da Rússia e da China.

Periodização do imperialismo

O imperialismo mudou nos últimos 100 anos. Grosso modo, podemos descrever alguns de seus principais períodos da seguinte forma:

- **1890 - 1916:** A ascensão do imperialismo moderno.
- **1917–1939:** Nascimento da União Soviética, declínio da hegemonia britânica, continuação da extrema rivalidade interimperialista, ascensão do fascismo, disseminação de ideias socialistas pelo mundo e Grande Depressão.
- **1940–1945:** Batalha do mundo contra o fascismo, agressão alemã e japonesa.
- **1945–2008:** Estabelecimento da República Popular da China, era da hegemonia dos EUA dentro do campo imperialista, avanço das lutas de libertação nacional no Sul Global e fim do colonialismo direto, aumento da importância de projetos socialistas como Cuba e Vietnã, mudanças drásticas nas forças produtivas e inúmeras guerras nas quais os EUA assassinaram dezenas de milhões de pessoas. Esse período pode ser subdividido em duas partes: a chamada era de ouro do imperialismo estadunidense durante as décadas de 1950 e 1960, seguida pela década de 1970 e a virada para a estagnação e o neoliberalismo.
- **2008–2023:** A falsa esperança do unilateralismo dos EUA foi substituída pela consciência de que um poderoso projeto socialista não branco poderia, em pouco tempo, superar os EUA economicamente. Em 1918, no 73.o dia da República Socialista Federativa Soviética Russa, Vladimir Lênin deixou seu escritório no Instituto Smolny (Petrogrado) e dançou na neve. Ele comemorou o fato de que a experiência soviética havia superado a duração da Comuna de Paris. Em 18 de novembro de 2023, a República Popular da China completou 27.077 dias de existência, superando a duração do projeto socialista soviético. Conforme observado pelo Presidente Xi Jinping, estamos entrando em um período que não se viu em 100 anos.

Em suma, essas mudanças configuram uma transição para o que seria melhor descrito como um novo estágio do imperialismo: o hiperimperialismo.

The background of the page is split diagonally from the bottom-left corner. The upper-left portion is a solid light blue color, featuring three sets of concentric circles in a slightly darker shade of blue. The lower-right portion is a solid white color.

PARTE III

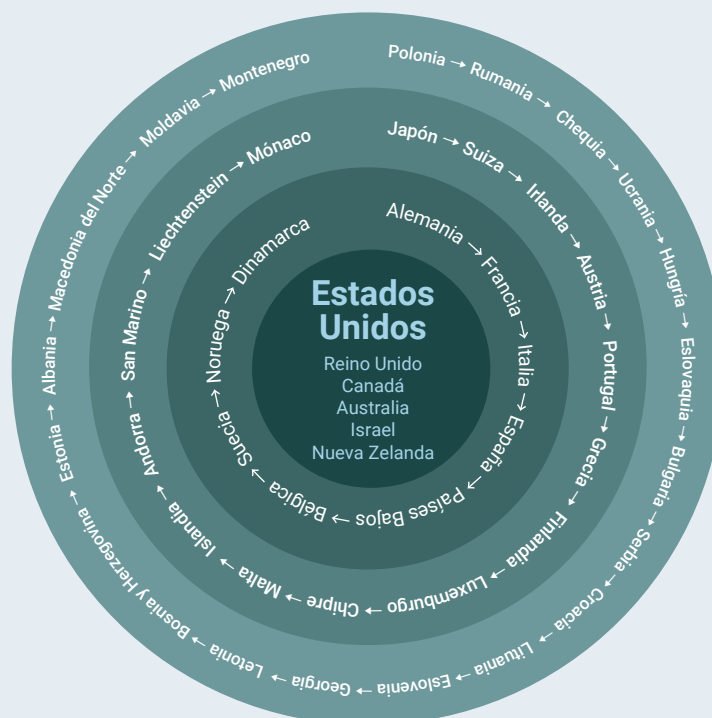
Definindo o mundo

Definindo o Norte Global

Figura 17

Campo Imperialista liderado pelos EUA | 49 países | 4 anéis

O Norte Global, 2023



Um bloco integrado: militar, político e econômico

Estados coloniais de ocupação branca + Europa + Japão

- Núcleo anglo-americano liderado pelos EUA (6)
- Núcleo europeu (9)
- Japão + potências europeias secundárias (15)
- Antigo Bloco do Leste Europeu (19)

Fonte: Sul Global Insights

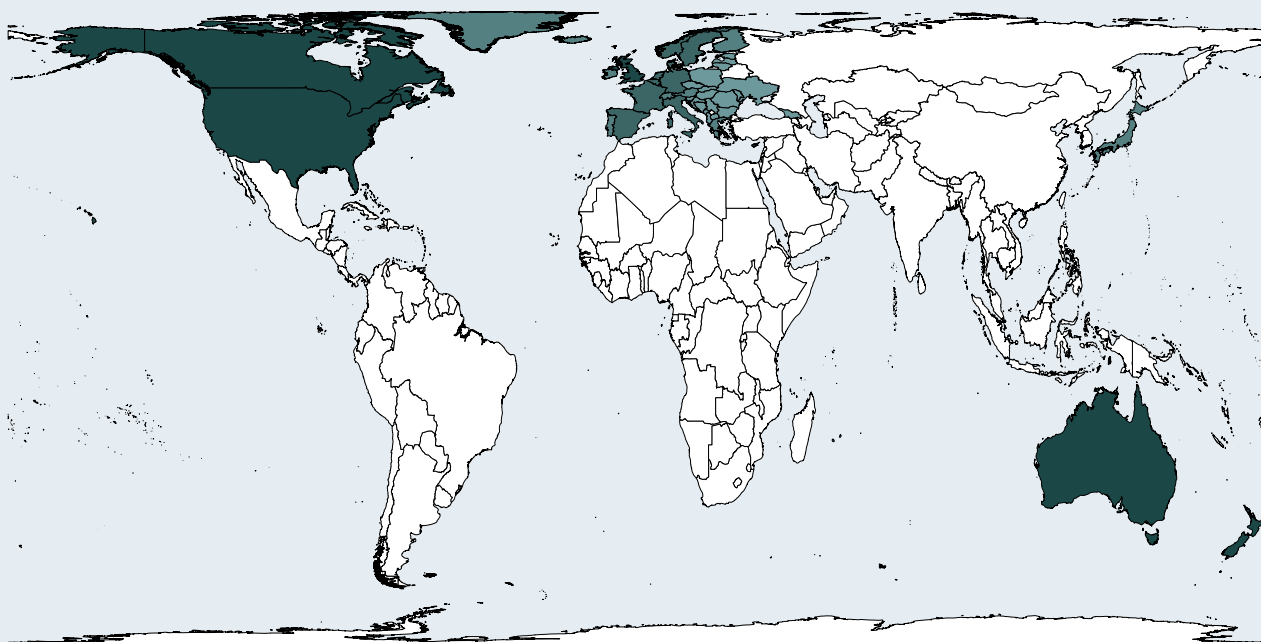
Nota: Em cada anel, os países estão ordenados pelo PIB decrescente de 2022

O Norte Global é um bloco militar, político e econômico integrado, atualmente composto por 49 países, conforme ilustrado na Figura 17. Entre eles estão os EUA, o Reino Unido, o Canadá, a Austrália, a Nova Zelândia, Israel, o Japão e países secundários da Europa Ocidental e Oriental. Esse bloco liderado pelos EUA é o campo imperialista no mundo atual.

Figura 18

"Anéis" do Norte Global

2023



Norte Global em quatro anéis:

- Núcleo anglo-americano liderado pelos EUA (6)
- Núcleo europeu (9)
- Japão + potências europeias secundárias (15)
- Antigo Bloco do Leste Europeu (19)

Fonte: Sul Global Insights

Nota: Mapa mostra apenas membros da ONU

Projeção Hobo-Dyer de área equivalente

Shapefiles dos limites e fronteiras nacionais: World Resources Institute, India Perspective (<https://github.com/wri/wri-bounds>), atualizado em 4 de maio de 2017

Conforme ilustrado na Figura 18, o Norte Global é fundamentalmente um projeto do Atlântico Norte, com três países periféricos, Austrália, Japão e Nova Zelândia.

Inspirada no conceito de tríade de Samir Amin, mas expandindo-o e modificando-o para se adequar às realidades atuais, a organização do bloco do Norte Global pode ser melhor compreendida em camadas de quatro anéis concêntricos.⁷³ A posição de cada país dentro de cada anel depende de sua ligação com os Estados Unidos e da proximidade entre seus serviços de inteligência e os dos EUA, conforme explicado abaixo.

Anel 1 do Norte Global: Seis países imperialistas no núcleo anglo-americano liderado pelos EUA

Figura 19

Anel 1: Núcleo anglo-americano liderado pelos EUA

Informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022

parte 1

País	Geral					Relação com Inteligência dos EUA		
	ONU ano de entrada	População (mi)	PIB (PPC) (bi)	Taxa de crescimento 10 anos média movel anual	PIB (PPC) per capita	5 Olhos	9 Olhos	14 Olhos
Estados Unidos	1945	338	25.463	2,10%	76.343	S	S	S
Reino Unido	1945	68	3.717	1,50%	54.824	S	S	S
Canadá	1945	38	2.265	1,80%	58.316	S	S	S
Austrália	1945	26	1.629	2,40%	62.026	S	S	S
Israel	1949	9	502	4,10%	51.990			
Nova Zelândia	1945	5	266	3,10%	51.962	S	S	S
Total	6 países	485	33.843		70.326			
Porcentagem do mundo		6,1%	20,7%					

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados da ONU, FMI

Anel 1: Núcleo anglo-americano liderado pelos EUA

Informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022

parte 2

País	Militar							
	Otan ano de entrada	Otan+	Gasto militar ajust.(mi)	Gasto militar ajust.per capita > média mundial (vezes)	Bases EUA excl. EUA	Destacamentos Intra- imperialistas	Destacamentos militares no Sul Global	Potência nuclear
Estados Unidos	1949	S	1.536.859	12,6		22	34	S
Reino Unido	1949	S	68.463	2,8	25	8	24	S
Canadá	1949	S	26.896	1,9	2	6	7	
Austrália		S	32.299	3,4	17		8	
Israel			23.406	7,2	7			S
Nova Zelândia		S	2.829	1,5			4	
Total			1.690.752		51	36	77	
Porcentagem do mundo			58,9%					

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados de SIPRI e Monthly Review, ONU, World Beyond War, IISS

O Anel 1 (apresentado na Figura 19) representa o núcleo interno do imperialismo. Os vencedores brancos anglófonos da Segunda Guerra Mundial, que integram os Cinco Olhos (EUA, Reino Unido em 1946, Canadá em 1948, Austrália e Nova Zelândia em 1956), se estabeleceram como guarda pretoriana do que pode ser chamado de projeto anglo-americano, composto pelo Reino Unido e pelos Estados colonizadores de ocupação branca derivados dele. Israel, tratado pelos EUA como o sexto olho, não oficialmente, faz parte do núcleo interno. A coesão dos países nesse anel permanece; um exemplo é a aliança de segurança trilateral Aukus, criada em setembro de 2021.

A relação especial entre os Estados Unidos e Israel é uma chave fundamental para entender o Norte Global. São Estados colonizadores de ocupação branca, fundados e justificados nas bases da supremacia branca e do fanatismo religioso, e constituem o núcleo do Anel 1 do Norte Global. Os EUA foram fundados por extremistas religiosos brancos que, em 1690, conceberam e estabeleceram seus assentamentos coloniais como "*plantations* de religião".⁷⁴ Eles acreditavam que somente eles, puritanos brancos, poderiam realizar o plano divino na "vastidão selvagem americana". O genocídio promovido contra as populações indígenas americanas e a escravidão de povos africanos eram vistos como resultado óbvio e inevitável de sua superioridade racial e religiosa.

Israel foi uma criação do imperialismo britânico e estadunidense, organizada pelos líderes do movimento sionista. Foi descrito pelo especialista militar do jornal *The Guardian*, Herbert Sidebotham, durante a Primeira Guerra Mundial, da seguinte forma: Os únicos colonizadores possíveis da Palestina são os judeus... representam, ao mesmo tempo, uma proteção contra o Oriente exótico e uma mediação entre ele e nós, uma civilização distinta da nossa, mas imbuída de nossas ideias políticas".⁷⁵ Para os imperialistas, a "liberdade contra a discriminação" foi apenas o pretexto para a formação do Estado judaico e supremacista branco de Israel.

Conforme indicado anteriormente, entre 1776, ano da independência dos britânicos, e 2019, os EUA passaram 228 dos 245 anos desse período em guerra/conflito e apenas 17 anos em "paz".

Durante sua história, as forças do Reino Unido (ou forças com mandato britânico) invadiram, tiveram algum controle ou travaram conflitos em 171 dos 193 países do mundo que são hoje membros da ONU – ou seja, nove em cada dez países.⁷⁶

Em seus 72 anos de existência, Israel iniciou "oficialmente" 16 conflitos militares com a população palestina e outras nações árabes. Um quarto deles ocorreu sob o comando de Benjamin Netanyahu (1996-1999; 2009-2023). Obviamente, não estão incluídas nessas estatísticas "oficiais" as diversas incursões dos colonos sionistas e de seus pares militares contra o povo palestino.

O racismo branco israelense e a demagogia religiosa passaram de justificativas ideológicas para forças materiais que contribuíram para a transformação qualitativa do imperialismo na atualidade. Um exemplo disso, entre outras coisas, é o gasto militar per capita dos EUA, que é 12,6 vezes maior do que a média mundial, e de Israel, que é 7,2 vezes maior. São os dois maiores gastos militares per capita no Norte Global. Apenas no primeiro mês após 7 de

outubro de 2023, o número de civis mortos por Israel na Palestina superou aquele registrado na Ucrânia desde 2022. Além disso, Israel detonou mais toneladas de explosivos do que o peso combinado das duas bombas nucleares lançadas em Hiroshima e Nagasaki.⁷⁷

Segundo o Serviço de Pesquisa do Congresso dos EUA, "Israel é o maior beneficiário cumulativo de assistência externa dos EUA desde a Segunda Guerra Mundial... Israel é o primeiro operador internacional do F-35 Joint Strike Fighter, aeronave furtiva de quinta geração do Departamento de Defesa, considerada o caça mais avançado tecnologicamente já fabricado".⁷⁸ Ajustando os valores pela inflação, a ajuda dos EUA a Israel entre 1951 e 2022 totalizou US\$ 317,9 bilhões.⁷⁹

No entanto, são os Estados Unidos que estão dirigindo a agenda na região após 7 de outubro de 2023, e não Israel. A "diplomacia de vaivém" de Blinken estabelece as regras e os tons das operações militares de Israel e as ações "proporcionais" contra a resistência palestina e as potências regionais. Os EUA fornecem o apoio político e militar necessário para que Israel elimine "permanentemente" a resistência palestina e promova a normalização com os países árabes vizinhos.

Todas essas intervenções dos EUA buscam preparar o terreno para a construção do planejado Corredor Econômico Índia-Oriente Médio-Europa (IMEC), que não se trata apenas de um mero corredor econômico, mas, essencialmente, de um plano ideológico e político para bloquear a crescente influência chinesa na região. Portanto, Israel constitui um "entroncamento central" para o IMEC, planejado pelos EUA e desenhado dentro da estrutura da Parceria do G7 para o Investimento em Infraestrutura Global, um plano do Norte Global que visa, essencialmente, combater a Nova Rota da Seda da China e qualquer forma de cooperação duradoura do Sul Global.

Anel 2 do Norte Global: Nove principais potências imperialistas europeias

Figura 20

Anel 2: Núcleo europeu

Informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022

parte 1

País	Geral					Relação com Inteligência dos EUA		
	ONU ano de entrada	População (mi)	PIB (PPC) (bi)	Taxa de crescimento 10 anos média movel anual	PIB (PPC) per capita	5 Olhos	9 Olhos	14 Olhos
Alemanha	1973	83	5.370	1,20%	64.086			S
França	1945	65	3.696	1,10%	56.305		S	S
Itália	1955	59	3.059	0,40%	51.827			S
Espanha	1955	48	2.272	1,40%	47.711			S
Países Baixos	1945	18	1.244	1,90%	70.728		S	S
Bélgica	1945	12	735	1,50%	63.268			S
Suécia	1946	11	695	2,40%	66.091			S
Noruega	1945	5	427	1,60%	78.014		S	S
Dinamarca	1945	6	419	2,10%	71.332		S	S
Total	9 países	306	17.918		58.334			
Porcentagem do mundo		3,8%	10,9%					

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados da ONU, FMI

Anel 2: Núcleo europeu

Informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022
parte 2

País	Militar							
	Otan ano de entrada	Otan+	Gasto militar ajust. (mi)	Gasto militar ajust. per capita > média mundial (vezes)	Bases EUA excl. EUA	Destacamentos Intra- imperialistas	Destacamentos militares no Sul Global	Potência nuclear
Alemanha	1955	S	55.760	1,9	171	8	9	
França	1949	S	53.639	2,3		5	26	S
Itália	1949	S	33.490	1,6	45	5	15	
Espanha	1982	S	20.307	1,2	3	3	12	
Países Baixos	1949	S	15.607	2,5	7	6	7	
Bélgica	1949	S	6.867	1,6	12	2	6	
Suécia		S	7.722	2		2	7	
Noruega	1949	S	8.388	4,3	8	2	7	
Dinamarca	1949	S	5.468	2,6	1	4	4	
Total			207.247		247	37	93	
Porcentagem do mundo			7,2%					

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados de SIPRI e Monthly Review, ONU,
World Beyond War, IISS

Conforme apresentado na Figura 20, os países do Anel 2 são os mais próximos do núcleo interno liderado pelos EUA, a saber, Alemanha, França, Itália, Espanha, Países Baixos, Bélgica, Suécia, Noruega e Dinamarca. O Anel 2 é definido pela proximidade e afinidade de cada país e pela confiabilidade de suas atividades de inteligência em relação às dos Estados Unidos.

"A política é uma expressão concentrada da economia", explicou Lênin.⁸⁰ A atividade militar é a expressão essencial dessa concentração política. Após a Segunda Guerra Mundial, e com o advento da internet e das redes sociais, o controle das comunicações e de todas as suas atividades relacionadas se tornou um ativo estratégico de inteligência do Estado, qualitativamente novo, e fez avançar ainda mais o controle hegemônico dominante dos EUA sobre vastas partes do mundo.

Graças ao trabalho do Wikileaks e à coragem de Julian Assange e Edward Snowden, pela primeira vez, o mundo secreto das relações de inteligência entre as forças imperialistas foi exposto mundialmente.⁸¹

De forma pedagógica, os EUA priorizaram seu nível de confiança além dos Cinco Olhos e do relacionamento especial oculto com Israel. Posteriormente, de forma secreta, mas formal, os EUA criaram a aliança Nove Olhos, que incluiu a Dinamarca, a Noruega, a França e os Países Baixos. Os europeus não queriam que se soubesse, mesmo em particular, que Israel era um membro formal. Além disso, Israel não confiava totalmente na inteligência de muitas potências europeias. Portanto, todas as partes permitiram que os EUA continuassem a ter seu relacionamento especial com Israel.

Cinquenta anos após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos continuaram a excluir as antigas potências fascistas europeias (Alemanha, Itália e Espanha) das alianças Cinco e Nove Olhos. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, os EUA construíram um sistema internacional que tinha como premissa a subordinação e a integração das antigas potências fascistas e do restante da Europa. Esse processo de subordinação e integração ficou evidente no aparato militar construído pelos Estados Unidos, tendo a Otan como um de seus pilares. O estabelecimento de um sistema de bases militares estadunidenses nas potências derrotadas – Alemanha, Itália e Japão – permitiu que Washington deixasse de lado qualquer conversa sobre um projeto militar ou diplomático soberano para os derrotados.

Em 2011, outros cinco países (Alemanha, Bélgica, Itália, Espanha e Suécia) foram incluídos aos nove anteriores e se tornaram os Quatorze Olhos.⁸² Entre 2005 e 2009, os EUA ficaram cada vez mais alarmados com a Rússia e a China. Começava, de forma não oficial, a "reorientação para a Ásia" (*Pivot to Asia*), cujo lançamento oficial foi adiado até a posse de Obama em 2012.⁸³

Anel 3 do Norte Global: Japão e quatorze potências imperialistas europeias menores

Figura 21

Anel 3: Japão + potências européias secundárias

Informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022

parte 1

País	Geral					Relação com Inteligência dos EUA		
	ONU ano de entrada	População (mi)	PIB (PPC) (bi)	Taxa de crescimento 10 anos média movel anual	PIB (PPC) per capita	5 Olhos	9 Olhos	14 Olhos
Japão	1956	124	6.145	0,50%	49.090			
Suíça	2002	9	754	1,90%	86.262			
Irlanda	1955	5	684	8,90%	132.359			
Áustria	1955	9	604	1,20%	66.889			
Portugal	1955	10	439	1,60%	42.692			
Grécia	1945	10	393	0,60%	37.526			
Finlândia	1955	6	324	1,00%	58.445			
Luxemburgo	1945	1	91	2,60%	141.333			
Chipre	1960	1	47	2,50%	51.774			
Malta	1964	1	31	6,10%	59.408			
Islândia	1946	< 1	25	3,20%	67.176			
Andorra	1993	< 1	5	1,30%	66.155			
San Marino	1992	< 1	3	1,80%	79.633			
Liechtenstein	1990	< 1						
Mônaco	1993	< 1						
Total	15 países	176	9.543		53.935			
Porcentagem do mundo		2,2%	5,8%					

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados da ONU, FMI

Anel 3: Japão + potências europeias secundárias

Informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022

parte 2

País	Militar							Potência nuclear
	Otan ano de entrada	Otan+	Gasto militar ajust.(mi)	Gasto militar ajust.per capita > média mundial (vezes)	Bases EUA excl. EUA	Destacamentos Intra- imperialistas	Destacamentos militares no Sul Global	
Japão		S	45.992	1	98		3	
Suíça			6.145	2		2	8	
Irlanda			1.164	0,6	1	3	4	
Áustria		S	3.626	1,1		3	3	
Portugal	1949	S	3.500	0,9	9	1	6	
Grécia	1952	S	8.105	2,2	5	4	5	
Finlândia	2023	S	4.823	2,4		1	6	
Luxemburgo	1949	S	565	2,4	1	1	3	
Chipre			494	1,1	1		1	
Malta			87	0,5			1	
Islândia	1949	S			3			
Andorra								
San Marino								
Liechtenstein								
Mônaco								
Total			74.501		118	15	40	
Porcentagem do mundo			2,6%					

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados de SIPRI e Monthly Review, ONU, World Beyond War, IISS

Embora seja composto por 15 países, o Anel 3 (apresentado na Figura 21) se concentra especialmente no Japão, que se tornou um ativo decisivo na linha de frente do esforço para limitar e suprimir a China e a Rússia. Entretanto, acrescentamos no Anel 3 outras potências secundárias da Europa Ocidental, que, embora leais aos Estados Unidos, são menos estratégicas do que outras. Algumas, como Portugal, Finlândia e Islândia, fazem parte da Otan. Portugal é a única ex-potência colonial fascista não incluída no Anel 2, em função de sua pouca relevância para a inteligência militar dos EUA (o país não faz parte dos Quatorze Olhos) e de seu PIB menor.

Portanto, o terceiro anel do campo imperialista inclui o Japão e outros 14 países europeus (Suíça, Irlanda, Áustria, Portugal, Grécia, Finlândia, Luxemburgo, Chipre, Malta, Islândia, Andorra, San Marino, Liechtenstein e Mônaco).

Nos últimos séculos, os países dos três primeiros anéis do campo imperialista, com exceção da Irlanda, provocaram enormes desastres humanos (Figura 16). O Reino Unido, os EUA e os Países Baixos se apropriaram de riquezas por meio do comércio de pessoas africanas escravizadas. Os europeus implementaram o colonialismo em todo o mundo; a totalidade do continente americano, quase toda a África e mais da metade da Ásia foram dominados por colonizadores. Os imigrantes brancos anglo-saxões expulsaram e assassinaram à força os povos indígenas das Américas, da Austrália e da Nova Zelândia. Diversas foram as tentativas imperialistas de desmembrar a China, inclusive a Primeira Guerra do Ópio, quando Hong Kong foi cedida, em 1842, e depois Taiwan, no final da Primeira Guerra Sino-Japonesa, em 1895. Em 1884-1885, os colonizadores europeus dividiram arbitrariamente a África na Conferência de Berlim. Essa metodologia violenta de divisão continua inabalável até hoje, como evidenciado pela divisão do Sudão em 2011 e pela destruição que continua afetando o país e seu povo. Em 1919, os impérios austro-húngaro e alemão foram desmantelados por meio do Tratado de Versalhes, os direitos de algumas áreas da China (Shandong) foram transferidos para o Japão, as colônias alemãs na África foram entregues às potências europeias vitoriosas e uma ordem mundial liderada pelas forças anglo-americanas foi restabelecida. Como resultado de crises internas e rivalidades imperialistas, surgiram Estados fascistas dentro desse campo, desencadeando a Segunda Guerra Mundial e provocando a morte de pelo menos 50 milhões de pessoas soviéticas e chinesas. Nos estágios finais da Segunda Guerra Mundial, os EUA lançaram bombas atômicas contra civis. Até hoje, o país se recusa a renunciar ao primeiro uso de armas nucleares e se retirou unilateralmente dos principais tratados sobre armas nucleares e mísseis.

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, o Japão se tornou um aliado estratégico dos EUA. Em 1951, com a assinatura do tratado de segurança entre os dois países, o primeiro-ministro japonês, Shigeru Yoshida, aceitou o domínio das forças armadas estadunidenses sobre seu país. Durante a Guerra Fria, o Japão desempenhou um papel significativo na contenção da União Soviética e da China na frente oriental, e esse papel continua sendo desempenhado até hoje. Em julho de 2023, o Japão era o segundo país com o maior número de bases militares dos EUA (98), atrás apenas da Alemanha (171). Até hoje, nenhuma dessas bases está localizada na antiga República Democrática Alemã *.

Embora não seja oficialmente membro da Otan, o Japão tem cooperado com a organização

*NT: Alemanha Oriental.

de modo individual desde 2014. Mais recentemente, em julho de 2023, aceitou aderir ao Programa de Parceria Individual Sob Medida e participou das duas últimas cúpulas da Otan. O país também participa regularmente de reuniões realizadas na sede da organização, em Bruxelas, envolvendo seus aliados e os quatro parceiros da região do Indo-Pacífico no nível de embaixadores. Essa incorporação prática pode ser explicada pelo Conceito Estratégico da Otan 2022, que afirma que "a cooperação com os parceiros dessa região é fundamental para enfrentar o ambiente de segurança global cada vez mais complexo, incluindo a guerra da Rússia contra a Ucrânia, a mudança no equilíbrio de poder global e a ascensão da China, além da situação de segurança na península da Coreia".

Além disso, o Japão é o único membro do G7 que não faz parte da Otan. Em 2022, a China foi rotulada pelo governo japonês como "o maior desafio estratégico de todos os tempos para a garantia da paz e da estabilidade do Japão", que anunciou, ainda, planos para dobrar os gastos militares oficiais para 2% do PIB (mesmo nível dos países da Otan) até 2027. O governo japonês derruba, assim, o limite de 1% do PIB para os gastos militares do país, que havia sido estabelecido após a Segunda Guerra Mundial.⁸⁴

Anel 4 do Norte Global: Dezenove países europeus do antigo Bloco do Leste integrados à Otan

Figura 22

Anel 4: Antigo Bloco do Leste Europeu

Informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022
parte 1

País	Geral					Relação com Inteligência dos EUA		
	ONU ano de entrada	População (mi)	PIB (PPC) (bi)	Taxa de crescimento 10 anos média movel anual	PIB (PPC) per capita	5 Olhos	9 Olhos	14 Olhos
Polônia	1945	40	1.643	3,70%	43.624			
Romênia	1955	20	737	3,50%	38.703			
Chéquia	1993	10	519	2,20%	47.955			
Ucrânia	1945	40	449	-4,00%	12.886			
Hungria	1955	10	408	3,30%	42.121			
Eslováquia	1993	6	219	2,30%	40.211			
Bulgária	1955	7	205	2,30%	31.857			
Sérvia	2000	7	164	2,60%	24.564			
Croácia	1992	4	155	2,40%	40.128			
Lituânia	1991	3	133	3,20%	47.107			
Eslovênia	1992	2	103	2,60%	48.757			
Geórgia	1992	4	75	4,20%	20.243			
Letônia	1991	2	73	2,50%	39.167			
Bósnia e Herzegovina	1992	3	64	2,90%	18.518			
Estônia	1991	1	60	2,90%	44.630			
Albânia	1955	3	52	2,80%	18.164			
Macedônia do Norte	1993	2	41	2,20%	20.129			
Moldova	1992	3	40	2,90%	15.710			
Montenegro	2006	1	16	2,70%	25.862			
Total	15 países	167	5.156		32.662			
Porcentagem do mundo		2,1%	3,1%					

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados da ONU, FMI

Anel 4: Antigo Bloco do Leste Europeu

Informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022

parte 2

País	Militar							
	Otan ano de entrada	Otan+	Gasto militar ajust. (mi)	Gasto militar ajust.per capita > média mundial (vezes)	Bases EUA excl. EUA	Destacamentos Intra- imperialistas	Destacamentos militares no Sul Global	Potência nuclear
Polônia	1999	S	16.573	1,2	5	4	7	
Romênia	2004	S	5.187	0,7	9	2	9	
Chéquia	1999	S	4.005	1,1		6	6	
Ucrânia		S	43.998	3,1		1		
Hungria	1999	S	2.572	0,7	2	4	4	
Eslováquia	2004	S	1.994	1	2	3	4	
Bulgária	2004	S	1.336	0,5	4	2	2	
Sérvia			1.426	0,5		1	4	
Croácia	2009	S	1.309	0,9		3	5	
Lituânia	2004	S	1.732	1,8		2	4	
Eslovênia	2004	S	735	1		4	4	
Geórgia		S	360	0,3	2		2	
Letônia	2004	S	849	1,3	2	1	3	
Bósnia e Herzegovina		S	184	0,2				
Estônia	2004	S	811	1,7	1		5	
Albânia	2009	S	289	0,3		4	1	
Macedônia do Norte	2020	S	225	0,3		2	4	
Moldova		S	48	< 0.1		1	4	
Montenegro	2017	S	98	0,4		2	1	
Total			83.732		27	42	69	
Porcentagem do mundo			2,9%					

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados de SIPRI e Monthly Review, ONU, World Beyond War, IISS

O Anel 4 (apresentado na Figura 22) é composto pelos membros europeus do antigo Bloco do Leste e pelos membros da Europa Oriental do antigo Conselho para Assistência Econômica Mútua (Comecon, que existiu entre 1949 e 1991). Trata-se de uma nova categoria dentro do campo imperialista e, portanto, não foi incluído por Samir Amin em seu influente trabalho sobre a tríade.

O Anel 4 do campo imperialista inclui Polônia, Romênia, Chéquia, Ucrânia, Hungria, Eslováquia, Bulgária, Sérvia, Croácia, Lituânia, Eslovênia, Letônia, Bósnia e Herzegovina, Estônia, Albânia, Macedônia do Norte, Moldávia e Montenegro (exceto Belarus). Cinco países eram repúblicas formais da União Soviética.

Esses países não faziam parte do campo imperialista anteriormente. Para expandir sua hegemonia, os EUA têm visado essa região militar, política e culturalmente. A Sérvia, parte da antiga Iugoslávia, foi submetida a um bombardeio de 78 dias pela Otan em 1999. Apesar de não ser membro da organização até hoje, o país foi obrigado a participar de exercícios militares conjuntos com países da Otan em junho de 2023.

A entrada da Romênia na Otan não envolveu a realização de um referendo. Em vez disso, o governo no poder modificou a Constituição, permitindo que os senadores tomassem a decisão sem consultar o povo romeno.

A expansão dos EUA e da Europa Ocidental aconteceu principalmente por meio da subordinação econômica e da expansão oriental da Otan. Quatorze são membros da Otan, enquanto quatro (Bósnia e Herzegovina, Geórgia, Moldávia e Ucrânia) participaram da reunião da Otan em Vilnius em junho de 2023. Alguns desses países são governados por regimes de direita pró-Otan (entre os exemplos estão Polônia, Ucrânia e Estônia) e desempenham um papel ativo como tropas de linha de frente contra a Rússia.

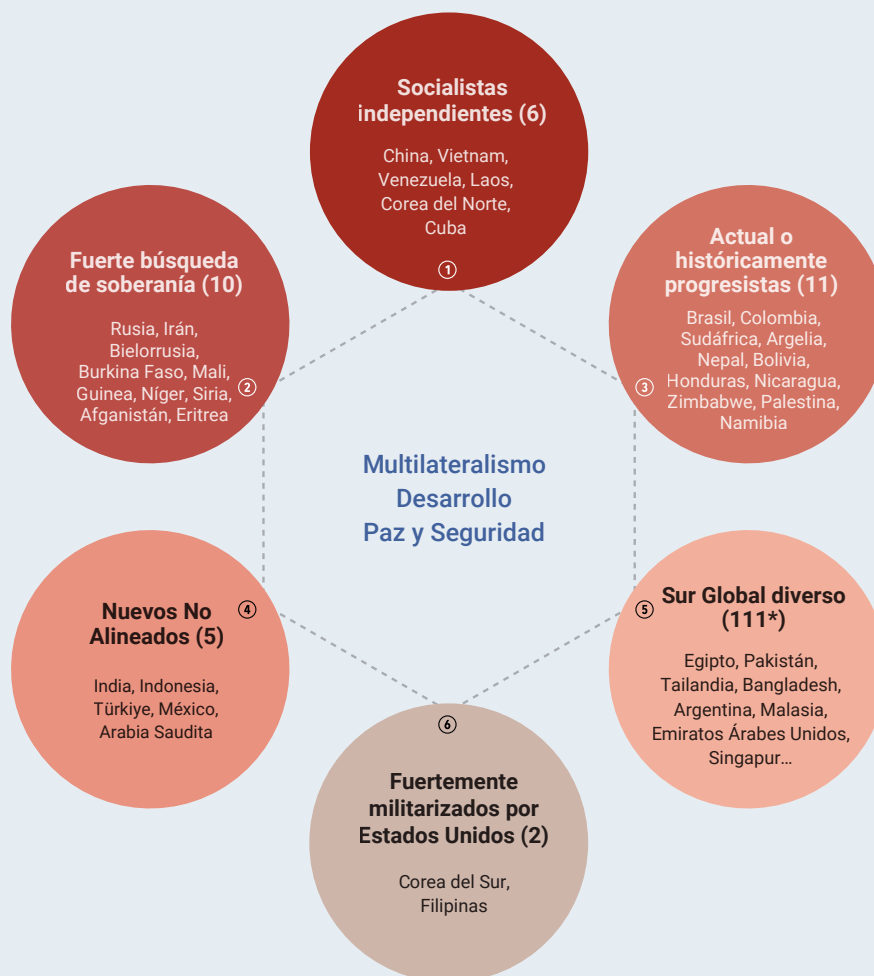
Definindo o Sul Global

Figura 23

"O resto do mundo" | 145 países diversos | 6 grupos

Antigas ou atuais colônias, semi-colônias e projetos socialistas

O Sul Global, 2023



Fonte: Sul Global Insights

Nota: *Apenas as nove maiores economias (em 2022) estão listadas

Para além dos 49 países do campo imperialista do Norte Global, há 145 países que constituem o Sul Global e compõem a grande maioria da população mundial (Figura 23).

O termo "Sul Global" tem sido comumente utilizado como uma referência vaga e imprecisa. No entanto, as ações promovidas nos últimos quatro anos pelo bloco militar liderado pelos EUA, agora totalmente alinhado e integrado, criaram um grande grupo de países que são o "resto do mundo". O "resto do mundo" está, portanto, alinhado inicialmente pela "unidade negativa", ou seja, todos os seus membros são excluídos. Consequentemente, eles se tornaram uma negação do campo imperialista. Esses países incluem a Rússia e a Belarus, que não são países em desenvolvimento, mas são em grande medida alvos para a promoção de mudanças de regime e subjugação.

O Sul Global inclui sobretudo os chamados países "menos desenvolvidos" ou "em desenvolvimento", geograficamente associados a países da América Latina, Ásia, África e Oceania. Trata-se de uma referência implícita a países que foram historicamente marginalizados no sistema econômico global e que estão lutando contra os legados do colonialismo e do imperialismo. Era comum chamar esses países de Terceiro Mundo.

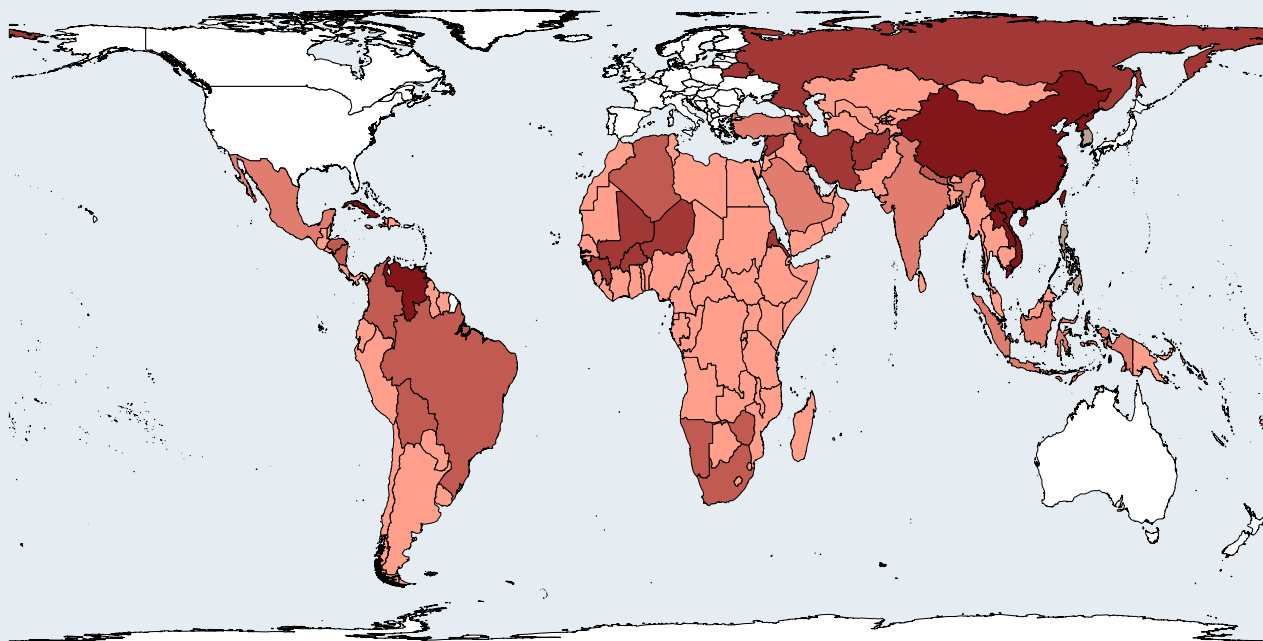
O Sul Global carece de coesão, de uma identidade coletiva consensual e de organização e ação unificadas. Ao contrário do bloco integrado do Norte Global, o Sul Global não é um bloco unificado. Cada um desses 145 países tem ideologias e agendas políticas distintas, com diferenças de proximidade e orientação entre si e com os países do Norte Global. São diversas as disputas entre alguns deles, que vão desde disputas territoriais (como o caso da Eritreia e da Etiópia) até lutas pelo poder político intrarregional (como o caso histórico da Arábia Saudita e do Irã).

Grande parte do Sul Global busca a soberania, a paz e o desenvolvimento, mas esses países raramente chegam a um consenso global sobre qualquer questão. Muitas vezes, isso aponta para diferenças no grau de proximidade de um determinado país com o núcleo interno do Norte Global. Dessa forma, organizamos esses países em "grupos" com base em alguns atributos comuns, em vez de colocá-los em camadas de anéis integrados ou blocos distintos.

Figura 24

"Grupos" do Sul Global

2023



Sul Global em seis grupos:

- Socialistas Independentes (6)
- Em forte busca de soberania (10)
- Atual ou historicamente progressistas (11)
- Recém não alinhados (5)
- Sul Global diverso (111)
- Altamente militarizados pelos EUA (2)

Fonte: Sul Global Insights

Nota: Mapa mostra apenas membros da ONU

Projeção Hobo-Dyer de área equivalente

Shapefiles dos limites e fronteiras nacionais: World Resources Institute, India Perspective (<https://github.com/wri/wri-bounds>), atualizado em 4 de maio de 2017

No entanto, isso não significa que o Sul Global seja – como algumas perspectivas ocidentais gostariam – um conceito fabricado e desprovido de substância. O Sul Global (Figura 24) são ex-colônias ou semicolônias do campo imperialista do Norte Global, que sofreram séculos de opressão e humilhação sob o imperialismo. Alguns desses países compartilham, em graus variados de compromisso e percepção, uma orientação política socialista. Objetivamente, com a renda per capita atual registrada em 2022 (US\$ 12.850), a China é um país em desenvolvimento.⁸⁵ Foi também por causa desse contexto histórico comum que Xi Jinping declarou, em seu discurso no Fórum Empresarial do Brics de 2023 (lido por Wang Wentao): "Como país em desenvolvimento e membro do Sul Global, a China respira o mesmo fôlego que outros países em desenvolvimento e busca um futuro compartilhado com eles".⁸⁶

É possível encontrar as raízes genealógicas do Sul Global no projeto do Terceiro Mundo, que tentou alterar o equilíbrio internacional de forças em favor dos interesses dos países que haviam conquistado independência política em meados do século XX, mas mantinham uma relação de servidão econômica com o Norte Global. Isso incluiu os esforços da Conferência de Bandung (1955), o Movimento dos Não Alinhados (1961), a Organização de Solidariedade com os Povos da Ásia, África e América Latina – OSPAAAL (1966) e a busca por uma nova ordem econômica internacional (1974) por meio da formação da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (1964) por parte dos países em desenvolvimento.⁸⁷

Em comum, esses países têm a marginalização histórica e contemporânea na ordem econômica e política global. Um dos exemplos mais pungentes e devastadores desse aspecto é o dano ambiental e ecológico que o Norte Global vem causando a países do Sul Global. A extração de recursos e a especulação financeira sobre a terra e as plantações levaram ao desmatamento, à destruição de habitats, à degradação do solo e à poluição da água. Isso vem resultando em fome generalizada e tem provocado uma perda significativa de biodiversidade e grandes extensões de terras agrícolas não cultiváveis, destruindo ecossistemas e espécies locais.

Além disso, as empresas multinacionais do Norte Global são responsáveis pela poluição do ar, da água e do solo com seus métodos perversos, enquanto o neoliberalismo garante que não haja regulamentações para evitar essas práticas. Proibidos no Norte Global, mas amplamente utilizados no Sul Global, os agrotóxicos e a geração de materiais perigosos e outros resíduos aumentaram os riscos à saúde, especialmente para povos indígenas, mulheres, crianças e pessoas idosas.⁸⁸ Empresas de manufatura, mineração, energia e transporte seguem emitindo gases do efeito estufa, o que mais contribui para as mudanças climáticas, colocando o Sul Global no perigo iminente de sofrer uma catástrofe. O investimento estrangeiro direto das corporações multinacionais do Norte Global devasta o meio ambiente, destrói terras agrícolas e aumenta a precariedade de todos os povos trabalhadores. Ao mesmo tempo, o Norte Global usa a crise climática para promover mais acaparamento de terras e privatização da biodiversidade por meio da financeirização da natureza.⁸⁹

Todos esses 145 países estão agora sofrendo a imensa pressão da superexpansão imperialista. Entre os desafios comuns que continuam enfrentando estão o subdesenvolvimento histórico, a dependência do setor primário, a industrialização

limitada, a dívida externa, os desequilíbrios comerciais, as lacunas tecnológicas, o déficit de infraestrutura e a crise ambiental desproporcional.

Desiludidos com os desafios mencionados acima, setores cada vez maiores da nova burguesia dos países do Sul Global – que surgiram com o rápido crescimento econômico registrado nas últimas duas décadas, sobretudo na Ásia – estão aos poucos perdendo a confiança na liderança política, econômica e moral dos Estados Unidos e da Europa. Novos centros de poder econômico, como a China, oferecem modelos alternativos de desenvolvimento e investimento (por exemplo, por meio de iniciativas como a Nova Rota da Seda) e se tornam mais atraentes para a burguesia do Sul Global.

Entre os 145 países do Sul Global, identificamos seis grupos. Ainda que haja traços comuns entre cada um deles, o número atribuído a cada grupo está correlacionado à ordem decrescente de países considerados uma ameaça ao bloco imperialista anglo-americano liderado pelos EUA. O pertencimento dos países aos grupos é dinâmico e pode mudar de acordo com a conjuntura política e econômica.

Grupo 1 do Sul Global: Seis países socialistas independentes

Figura 25

Grupo 1: Socialistas Independentes								
Informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022								
parte 1								
País	Geral					História colonial		
	ONU ano de entrada	População (mi)	PIB (PPC) (bi)	Taxa de crescimento 10 anos média movel anual	PIB (PPC) per capita	Situação colonial	Principais colonizadores	Ano de independência
China	1945	1.426	30.217	6,2%	21.404	Semi- colônia	Reino Unido Japão EUA	1949
Vietnã	1977	98	1.321	6,1%	13.284	Colônia	França Japão	1945
Venezuela	1945	28	197	-11,8%	7.302	Colônia	Espanha	1811
Laos	1955	8	69	5,1%	9.207	Colônia	França	1953
RPD Coreia	1991	26				Colônia	Japão	1945
Cuba	1945	11				Colônia	Espanha	1959
Total		1.597	31.804		20.577	6		
Porcentagem do mundo		20,0%	19,4%			Col+SemiCol		

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados da ONU, FMI

Grupo 1: Socialistas Independentes

Informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022

parte 2

País	Militar		Alvo militar dos EUA		
	Gasto militar ajust. (mi)	Gasto militar ajust. per capita > média mundial (vezes)	Sanções dos EUA lista	Intervenção militar dos EUA hist.	Bases militares EUA
China	291.958	0,6	S	S	
Vietnã				S	
Venezuela	5	< 0,1	S	S	
Laos			S	S	
RPD Coreia			S	S	
Cuba			S	S	1
Total	291.963		5	6	1
Porcentagem do mundo	10,2%				

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados de SIPRI e Monthly Review, ONU, CRS, World Beyond War

Grupo 1: Socialistas Independentes

Informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022

parte 3

País	Afiliações internacionais			Votos na ONU	
	Amigos da Carta da ONU	Org. de Cooperação de Xangai	Brics10	Cessar-fogo em Gaza 10/2023	Retirada da Rússia 10/2023
China	S	Pleno	Original	A favor	Abstenção
Vietnã				A favor	Abstenção
Venezuela	S			Não votou	Não votou
Laos	S			A favor	Abstenção
RPD Coreia	S			A favor	Contra
Cuba	S			A favor	Abstenção
Total	5	1	1	5 A favor	5 Contra+Abstenção

Fonte: Sul Global Insights

Os seis países do Grupo 1 (Figura 25) promovem o socialismo em graus variados e, muitas vezes, adotam posições internacionais progressistas. Cinco dos seis fazem parte do Grupo de Amigos em Defesa da Carta da ONU.

A China é o membro mais importante desse grupo. Seu PIB, medido em paridade do poder de compra, está em primeiro lugar no mundo, representando quase o triplo do PIB (PPC) da Índia. Também corresponde a 119% do PIB (PPC) dos Estados Unidos.⁹⁰ A China alcançou o avanço mais significativo no desenvolvimento humano, tirando 850 milhões de pessoas da pobreza extrema nas últimas quatro décadas.⁹¹ Embora não busque a hegemonia sobre o sistema-mundo, o país é visto pelos EUA e seus aliados como a principal ameaça à sua hegemonia, e foi rotulado nos últimos anos como um concorrente "quase rival" nos documentos de estratégia dos departamentos de Estado e Defesa dos EUA. A China representa não apenas uma ameaça econômica, mas, com o ressurgimento de um partido comunista mais forte sob o comando do presidente Xi Jinping, também uma grande ameaça política com sua revitalização manifesta das tradições socialistas e comunistas. A China é impelida por seus interesses nacionais e sociais e por seu apoio histórico ao Sul Global para o papel de apoio a processos e projetos contra-hegemônicos. O país continua a declarar publicamente o compromisso de "reduzir a desigualdade entre Norte e Sul".⁹²

Enquanto a China representa, hoje, o maior desafio econômico e político à hegemonia do Norte Global, Cuba e Venezuela representam a linha de frente da resistência socialista histórica. Cuba segue resistindo ao sofrimento causado por mais de seis décadas de embargo e bloqueio econômico liderados pelos EUA. A Venezuela enfrenta sanções pesadas. Esses dois países não tentam esconder sua aposta em uma agenda socialista. A República Popular

Democrática da Coreia continua sendo o "bicho-papão" que o Ocidente teme no Leste, enquanto o Laos e o Vietnã têm partidos comunistas de longa data no comando de seus governos e estão passando por um rápido desenvolvimento econômico.

Desde a fundação da União Soviética, as forças de esquerda do mundo têm enfrentado uma contradição entre as necessidades do Estado e do povo dos projetos socialistas e as necessidades da classe trabalhadora em países e regiões específicas. É necessário que as lideranças da classe trabalhadora em todos os países tenham pensamento estratégico para evitar o antagonismo nas "contradições entre os povos" e garantir que o golpe decisivo seja direcionado ao centro do imperialismo. Seguir a máxima de que comunistas "não têm interesses separados daqueles do proletariado como um todo" exige uma investigação do concreto.⁹³ Por exemplo, derrotas como a queda da União Soviética são catastróficas para todas as pessoas trabalhadoras. São necessárias diversas decisões táticas para tirar proveito das rachaduras no campo imperialista para proteger os projetos e movimentos socialistas, estejam eles no poder ou não.

Grupo 2 do Sul Global: Dez países em forte busca por soberania

Figura 26

Grupo 2: Em forte busca de soberania								
Informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022								
parte 1								
País	Geral					História colonial		
	ONU ano de entrada	População (mi)	PIB (PPC) (bi)	Taxa de crescimento 10 anos média movel anual	PIB (PPC) per capita	Situação colonial	Principais colonizadores	Ano de independência
Rússia	1945	145	4.77	0,8%	33.253	Independente		
Irã	1945	89	1.617	2,0%	18.865	Semi-colônia	Reino Unido	1979
Belarus	1945	10	210	0,1%	22.679	Independente		
Burkina Faso	1960	23	58	4,9%	2.549	Colônia	França	1960
Mali	1960	23	57	4,1%	2.514	Colônia	França	1960
Guiné	1958	14	44	5,8%	3.025	Colônia	França	1958
Níger	1960	26	40	5,7%	1.518	Colônia	França	1960
Síria	1945	22				Colônia	França	1946
Afeganistão	1946	41				Semi-colônia	Reino Unido EUA	2021
Eritreia	1993	4				Colônia	Itália	1993
Total		395	6.795		20.938	8		
Porcentagem do mundo		5,0%	4,1%			Col+SemiCol		

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados da ONU, FMI

Grupo 2: Em forte busca de soberania

Informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022

parte 2

País	Militar		Alvo militar dos EUA		
	Gasto militar ajust. (mi)	Gasto militar ajust. per capita > média mundial (vezes)	Sanções dos EUA lista	Intervenção militar dos EUA hist.	Bases militares EUA
Rússia	86.373	1,7	S	S	
Irã	6.847	0,2	S	S	
Belarus	821	0,2	S		
Burkina Faso	563	0,1			1
Mali	515	0,1	S		2
Guiné	441	0,1	S		
Níger	243	< 0,1		S	9
Síria			S	S	28
Afeganistão			S	S	
Eritreia			S	S	
Total	95.802		8	6	40
Porcentagem do mundo	3,3%				

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados de SIPRI e *Monthly Review*, ONU, CRS, World Beyond War

Grupo 2: Em forte busca de soberania

Informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022

parte 3

País	Afiliações internacionais			Votos na ONU	
	Amigos da Carta da ONU	Org. de Cooperação de Xangai	Brics10	Cessar-fogo em Gaza 10/2023	Retirada da Rússia 10/2023
Rússia	S	Pleno	Original	A favor	Contra
Irã	S	Pleno	Novo	A favor	Abstenção
Belarus	S	Observador		A favor	Contra
Burkina Faso				Não votou	Não votou
Mali	S			A favor	Contra
Guiné				A favor	Abstenção
Níger				A favor	A favor
Síria	S			A favor	Contra
Afeganistão		Observador		A favor	A favor
Eritreia	S			A favor	Contra
Total	6	4	2	9 A favor	7 Contra+Abstenção

Fonte: Sul Global Insights

Os países do grupo 2 (Figura 26) não são Estados socialistas, mas são os principais alvos de mudanças de regime lideradas pelos EUA. São países que estão defendendo aguerridamente sua soberania e a de outros (como visto por sete dos nove países do grupo que votaram contra a resolução apoiada pelos EUA para a retirada da Rússia em fevereiro de 2023 e seu total apoio ao cessar-fogo em Gaza).

Essas nações enfrentam algumas das situações mais agudas da luta por soberania nacional, embora tenham motivos diferentes para isso. Elas estão na linha de frente da luta do Sul Global contra o imperialismo. Ainda que todas tenham total ou parcial dependência econômica do Ocidente, buscam ativamente a independência política e, portanto, estão sujeitas a uma guerra híbrida extrema travada pelo imperialismo. Simplificando, esses países, em sua maioria, estão incluídos nos alvos críticos da inteligência dos EUA para a promoção de mudanças de regime.

Sobretudo desde o golpe de direita apoiado pelos EUA na Ucrânia em fevereiro de 2014, seguido pela anexação da Crimeia para a unificação, a Rússia tem sido o principal alvo de uma mudança de regime empreendida pelo campo imperialista. Os EUA e seus aliados vêm dedicando recursos consideráveis para enfraquecer, dismantelar e desnuclearizar a Rússia;

os EUA forneceram mais de US\$ 90 bilhões em assistência militar à Ucrânia para a campanha contra a Rússia entre fevereiro de 2014 e fevereiro de 2022.⁹⁴ Belarus tem alinhamento geopolítico e econômico com a Rússia (por exemplo, por meio da Organização do Tratado de Segurança Coletiva, formada em 1992, e da União de Bielorrússia e Rússia, formada em 1996) e, portanto, permanece na mira da inteligência dos EUA.

Desde as revoluções de 1978 e 1979, que depuseram líderes alinhados aos EUA, o Afeganistão e o Irã têm sido alvos de intervenção militar e interferência política estadunidense. O Irã tem sido um obstáculo para os avanços ocidentais na região, com seu programa de energia nuclear, forte influência regional em conflitos por procuração e postura consistente contra o Ocidente (e Israel). O Afeganistão foi invadido em 2001, e os EUA gastaram duas décadas e mais de US\$ 2 trilhões (US\$ 300 milhões por dia) para conquistar um ponto de apoio na Ásia Central – acabando por se retirar em 2021.⁹⁵ Desde 2011, a Síria tem sido um campo de batalha para as tentativas dos EUA de garantir o controle de toda a Ásia Ocidental, uma guerra que comprova a definição sobre a Síria dada em 1965 pelo jornalista Patrick Seale: "o espelho dos interesses rivais".⁹⁶

Esse grupo está crescendo, e países como Eritreia, Mali, Burkina Faso e Níger estão tomando medidas mais ousadas para proteger a própria soberania nacional. A Eritreia nutre uma hostilidade histórica contra os EUA e é alvo de intervenção dos EUA por meio da Etiópia. Burkina Faso, Mali e Níger rejeitaram a presença neocolonial da França no Sahel e depuseram seus líderes políticos alinhados ao Ocidente. Esses países criaram a Aliança Econômica do Sahel e a Aliança dos Estados do Sahel, com o intuito de promover a cooperação econômica e militar. Entretanto, a situação política ainda é instável e eles lutam para alcançar, de fato, a independência das potências imperialistas.

Grupo 3 do Sul Global: Onze países atual ou historicamente progressistas

Figura 27

Grupo 3: Atual ou historicamente progressistas

Informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022

parte 1

País	Geral					História colonial		
	ONU ano de entrada	População (mi)	PIB (PPC) (bi)	Taxa de crescimento 10 anos média movel anual	PIB (PPC) per capita	Situação colonial	Principais colonizadores	Ano de independência
Brasil	1945	215	3.837	0,5%	18.897	Colônia	Portugal	1822
Colômbia	1945	52	966	3,2%	18.72	Colônia	Espanha	1819
África do Sul	1945	60	953	0,9%	15.728	Colônia	Reino Unido	1931
Argélia	1962	45	584	1,8%	12.9	Colônia	França	1962
Nepal	1955	31	144	4,5%	4.787	Independente		
Bolívia	1945	12	119	3,2%	9.936	Colônia	Espanha	1825
Honduras	1945	10	70	3,1%	6.832	Colônia	Espanha	1821
Nicarágua	1945	7	48	2,9%	7.229	Colônia	Espanha	1821
Zimbábue	1980	16	41	1,6%	2.603	Colônia	Reino Unido	1980
Palestina		5	34	1,9%	6.364	Colônia	Israel Reino Unido	
Namíbia	1990	3	29	1,4%	11.080	Colônia	Alemanha África do Sul	1990
Total		456	6.826		15.397	10		
Porcentagem do mundo		5,7%	4,2%			Col		

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados da ONU, FMI

Grupo 3: Atual ou historicamente progressistas

Informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022

parte 2

País	Militar		Alvo militar dos EUA		
	Gasto militar ajust. (mi)	Gasto militar ajust. per capita > média mundial (vezes)	Sanções dos EUA lista	Intervenção militar dos EUA hist.	Bases militares EUA
Brasil	20.211	0,3		S	2
Colômbia	9.938	0,5		S	6
África do Sul	2.995	0,1			
Argélia	9.146	0,6		S	
Nepal	428	< 0,1			
Bolívia	640	0,1		S	
Honduras	478	0,1		S	9
Nicarágua	84	< 0,1	S	S	3
Zimbábue	182	< 0,1	S		
Palestina			S	S	
Namíbia	369	0,4			
Total	44.471		3	7	20
Porcentagem do mundo	1,6%				

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados de SIPRI e *Monthly Review*, ONU, CRS, *World Beyond War*

Grupo 3: Atual ou historicamente progressistas
 Informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022
 parte 3

País	Afiliações internacionais			Votos na ONU	
	Amigos da Carta da ONU	Org. de Cooperação de Xangai	Brics10	Cessar-fogo em Gaza 10/2023	Retirada da Rússia 10/2023
Brasil			Original	A favor	A favor
Colômbia				A favor	A favor
África do Sul			Original	A favor	Abstenção
Argélia	S			A favor	Abstenção
Nepal		Diálogo		A favor	A favor
Bolívia	S			A favor	Abstenção
Honduras				A favor	A favor
Nicarágua	S			A favor	Contra
Zimbábue	S			A favor	Abstenção
Palestina	S				
Namíbia				A favor	Abstenção
Total	5	1	2	10 A favor	6 Contra+Abstenção

Fonte: Sul Global Insights

Os países relacionados na Figura 27 estão alocados no grupo 3 com base em duas preocupações essenciais: o grau relativo em que são alvos de mudança de regime e seu papel na promoção de posições anti-imperialistas, de forma pública, no âmbito internacional. Os países deste grupo ou são os próximos da fila nas tentativas de promover mudanças de regime (logo atrás do Grupo 2) ou estão desempenhando um papel nítido e aberto de enfrentar os interesses do campo imperialista.

Entre os exemplos de países que buscam promover agendas progressistas estão o Brasil sob o governo do partido dos Trabalhadores (PT) e a África do Sul sob a aliança tripartite (que inclui o Congresso Nacional Africano, o partido Comunista Sul-Africano e o Congresso dos Sindicatos Sul-Africanos). O primeiro demonstra liderança na construção de instituições intergovernamentais alternativas, como a União de Nações Sul-Americanas (Unasul) em 2008, a Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac) em 2011 e o Fórum de Diálogo Índia-Brasil-África do Sul (Ibas), que foi complementado pelo Brics em 2009. Já a África do Sul desempenha um papel importante na construção da União Africana. Por vezes, esses países defendem posições internacionais progressistas, como o apoio a Cuba

contra as sanções dos EUA em organizações internacionais. O Nepal aboliu a monarquia em 2008, estabeleceu uma república liderada pela esquerda e alcançou avanços significativos na emancipação legal e política de comunidades historicamente marginalizadas.

A Palestina está sob ocupação e cerco há mais de sete décadas. A Argélia tem dedicado apoio firme à autodeterminação e independência palestina e, dentro da União Africana, tem sido influente na promoção de posições progressistas sobre o desenvolvimento econômico e a unidade africana. Depois do golpe popular no Níger, a Argélia foi o único Estado africano a defender, de imediato, soluções não militares para as crises políticas.

Esses países estão buscando um caminho de desenvolvimento soberano em um sistema capitalista global, mas enfrentam graves contradições internas. Por exemplo, a África do Sul foi obrigada a fazer concessões econômicas significativas na década de 1990, inclusive com desindustrialização e privatização, o que levou a consequências catastróficas. Hoje, 57% da população do país vive abaixo da linha da pobreza, 46% está desempregada, e a participação da indústria manufatureira no PIB caiu de 25% em 1981 – durante o regime do *apartheid* – para 12% em 2022.⁹⁷

Ao contrário da China, por exemplo, essas nações tiveram seu potencial revolucionário reduzido – ou suas revoluções não culminaram no socialismo –, mas buscaram apostar em agendas progressistas nas esferas doméstica, regional e/ou internacional. São países que os EUA consideram ter posições políticas hostis à hegemonia do Norte Global. Muitos sofreram intervenções dos EUA, guerras híbridas, sanções e quedas de governos. Entre os exemplos recentes dessas intervenções estão os golpes em Honduras (2009), no Brasil (2016) e na Bolívia (2019). O Zimbábue continua sofrendo sanções dos EUA.

Grupo 4 do Sul Global: Cinco países recentemente não alinhados

Figura 28

Grupo 4: Recém não alinhados								
Informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022								
parte 1								
País	Geral					História colonial		
	ONU ano de entrada	População (mi)	PIB (PPC) (bi)	Taxa de crescimento 10 anos média movel anual	PIB (PPC) per capita	Situação colonial	Principais colonizadores	Ano de independência
Índia	1945	1.417	11.901	5,7%	8.398	Colônia	Reino Unido	1947
Indonésia	1950	276	4.037	4,2%	14.687	Colônia	Netherlands	1945
Turquia	1945	85	3.353	5,3%	39.314	Independente		
México	1945	128	3.064	1,2%	23.548	Colônia	Espanha	1810
Arábia Saudita	1945	36	2.15	2,5%	66.836	Independente		
Total		1.942	24.505		12.634	3		
Porcentagem do mundo		24,3%	15,0%			Col		

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados da ONU, FMI

Grupo 4: Recém não alinhados					
Informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022					
parte 2					
País	Militar		Alvo militar dos EUA		
	Gasto militar ajust. (mi)	Gasto militar ajust. per capita > média mundial (vezes)	Sanções dos EUA lista	Intervenção militar dos EUA hist.	Bases militares EUA
Índia	81.363	0,2			
Indonésia	8.987	0,1		S	1
Turquia	10.645	0,3	S	S	12
México	8.536	0,2		S	
Arábia Saudita	75.013	5,7		S	21
Total	184.543		1	4	34
Porcentagem do mundo	6,4%				

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados de SIPRI e *Monthly Review*, ONU, CRS, World Beyond War

Grupo 4: Recém não alinhados

Informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022

parte 3

País	Afiliações internacionais			Votos na ONU	
	Amigos da Carta da ONU	Org. de Cooperação de Xangai	Brics10	Cessar-fogo em Gaza 10/2023	Retirada da Rússia 10/2023
Índia		Pleno	Original	Abstenção	Abstenção
Indonésia				A favor	A favor
Turquia		Diálogo		A favor	A favor
México				A favor	A favor
Arábia Saudita		Diálogo	Novo	A favor	A favor
Total		3	2	4 A favor	1 Abstenção

Fonte: Sul Global Insights

Com economias de escala consideráveis, o não alinhamento recente que caracteriza os países do grupo 4 é econômico, não político (Figura 28). Esses países não são socialistas e não estão reanimando o projeto político do Movimento dos Não Alinhados. A maioria teve 50 anos ou mais de independência dos antigos poderes coloniais e, hoje, tem relações muito diferentes com eles.

Economicamente, os cinco não alinhados têm PIBs significativos (estavam entre as 20 maiores economias em termos de PIB [PPC] em 2022) e estão tomando medidas econômicas cada vez mais independentes.

Esses países reconheceram que o acúmulo de reservas cambiais pelos EUA e as sanções contra países com 30% da população mundial representam graves ameaças globais. Atualmente, mais de um em cada quatro países está sofre sanções da ONU e de governos ocidentais, enquanto 29% do PIB global é produzido em países afetados por sanções. Na década de 1960, esse número ficava em 4%.⁹⁸

Politicamente, trata-se de um grupo ambivalente. Militarmente, a Indonésia, a Turquia e a Arábia Saudita mantêm relações muito próximas com os Estados Unidos. A Arábia Saudita

é um dos maiores compradores de armas avançadas dos EUA. Recep Tayyip Erdoğan, da Turquia, é um parceiro menos confiável para o Ocidente, apesar de o país ser membro da Otan.

Esse grupo apresenta comportamentos bastante contraditórios no cenário internacional. Há algum grau de lenta redução da dependência econômica e do alinhamento com o Ocidente e/ou há algum preparo para se opor a ele em algumas questões importantes.

Apesar do alinhamento da Índia com os EUA em organizações como o Quad e de suas posições reacionárias em relação a Israel na guerra contra Gaza, desde o início da guerra na Ucrânia, o país tem se recusado a atender a algumas exigências importantes dos EUA, como a implementação de sanções contra a Rússia. O ministro das Relações Exteriores, S. Jaishankar, defendeu com veemência a recusa de seu governo em ceder à pressão de Washington, afirmando em uma coletiva de imprensa, em junho de 2023: "Muitos americanos ainda têm na cabeça a construção do tratado da Otan... Fica quase parecendo que esse é o único modelo ou ponto de vista com o qual eles olham para o mundo... Esse não é um modelo que se aplica à Índia".⁹⁹ O conflito com o Canadá, e agora com os EUA, sobre supostas operações de inteligência Indiana em seus países, está complicando o plano dos EUA de obter o apoio da Índia contra a China. A grande burguesia nacional Indiana está começando a fazer valer seus interesses.

A Arábia Saudita discorda dos EUA quando seus interesses econômicos assim determinam, por exemplo, ao aumentar os investimentos entre o país e a China (incluindo acordos para a comercialização de petróleo em yuan chinês) e utilizar sua parceria com a Rússia na Opep+ para definir o preço global do petróleo. No entanto, ao mesmo tempo, durante os preparativos para a cúpula da Liga Árabe em novembro de 2023, a Arábia Saudita bloqueou os esforços da Argélia para fechar as bases dos EUA, bloqueou a ajuda militar proposta pelo Irã para a Palestina, impediu um boicote comercial proposto e se recusou a reduzir as remessas de petróleo para Israel. O Pentágono, a CIA e a Arábia Saudita foram aliados de primeira linha na recente guerra contra o Iêmen, que tirou dezenas de milhares de vidas. As Forças Especiais dos EUA forneceram aos pilotos sauditas as coordenadas para o bombardeio de alvos.¹⁰⁰

A Indonésia, que abriga a maior população islâmica do mundo, teve uma taxa de crescimento média composta do PIB (PPC) de 4,2% entre 2012 e 2022.¹⁰¹ De acordo com as previsões do FMI, até 2030, o país poderá se tornar a quinta maior economia do mundo em termos de PIB (PPC). A participação dos ativos de suas empresas estatais no PIB aumentou de 43%, em 2014, para 54%, em 2018.¹⁰² Em 2020, a Indonésia proibiu a exportação de níquel bruto, componente essencial das baterias de lítio. O país foi responsável por 39% da produção global de níquel em 2022. Em termos correntes, suas exportações totais dispararam de US\$ 183 bilhões para US\$ 323 bilhões, entre 2020 e 2022.¹⁰³ No dia 2 de fevereiro de 2023, durante o Mandiri Investment Forum em Jacarta, o presidente Joko Widodo advertiu: "Devemos nos lembrar das sanções impostas pelos EUA à Rússia. Visa e Mastercard podem ser um problema", afirmando também que, "se Usarmos nossas próprias plataformas e todos as Usarem, desde ministérios e administrações locais até governos municipais, estaremos mais seguros". No entanto, em novembro de 2023, os EUA (participantes ativos na tortura e no assassinato de mais de 500 mil pessoas comunistas indonésias) e a Indonésia assinaram

um acordo que atualiza suas relações em uma parceria estratégica abrangente.¹⁰⁴ A Indonésia retirou seu pedido de adesão ao Brics em 2023 e expressou interesse público em se tornar membro da OCDE.

O projeto imperial emergente dos EUA no México se consolidou efetivamente em 1846. Confrontado com uma guerra de agressão sob a lei internacional, o México foi forçado a trocar terras por paz e ceder 50% de seu território. A nova fronteira entre os dois países se tornou uma linha histórica que, internamente, constitui uma determinação inexorável e preestabelecida. Por outro lado, o México tem uma história que retorna incessantemente a suas raízes anticoloniais, à cultura indígena e à história moderna anti-imperialista. Há pouquíssima análise sobre a complexa interdependência entre os dois países, por exemplo, em termos de população, cultura e economia, mas talvez haja uma análise mais significativa em termos de segurança geopolítica para a viabilidade da hegemonia dos EUA.¹⁰⁵ Em vários níveis, o governo de López Obrador é uma tentativa dos movimentos sociais mexicanos de lançar uma reforma contra-neoliberal de baixa intensidade. Concentra-se na recuperação da propriedade pública de todos os recursos estratégicos, no lançamento de uma nova reforma agrária e na reivindicação da terra como propriedade social. A atual reforma agrária do México garante por lei o registro de 50,6% do território como propriedade social comunitária nas mãos de comunidades camponesas e indígenas (29.803 comunas agrárias em 99,7 milhões de hectares). No entanto, o Acordo Estados Unidos-México-Canadá (USMCA, anteriormente denominado Acordo de Livre Comércio da América do Norte) de 2020 representa um impeditivo constante para a desconexão ou desvinculação da posição política do México, diante do Sul Global emergente. Em junho de 2023, os EUA iniciaram procedimentos preliminares (por meio da arbitragem do USMCA) para bloquear o decreto presidencial que tomaria uma série de medidas para proibir o milho geneticamente modificado, que representa 96% das exportações de milho dos EUA.¹⁰⁶ Os EUA estão exibindo políticas mais agressivas e intervencionistas para minar as conquistas históricas da soberania mexicana, que foram alcançadas após longas e duras batalhas. Em 2022, o presidente mexicano López Obrador se recusou a participar da VIII Cúpula das Américas em Los Angeles, depois que veio a público a notícia de que os Estados Unidos não convidariam lideranças cubanas, venezuelanas e nicaraguenses para a reunião.

Os cinco países deste grupo têm diferentes perspectivas políticas, econômicas e militares e diferentes níveis de proximidade, com nuances diversas, com o Norte Global. No entanto, suas novas e crescentes burguesias nacionais estão aos poucos buscando relações econômicas alternativas e divergências políticas ocasionais com os EUA, embora por interesse próprio e autopreservação. A questão da nova burguesia nacional que está surgindo no Sul Global está fora do escopo deste texto; ela será abordada em nossa pesquisa de 2024 sobre formação e propriedade de capital no Sul Global.

Grupo 5 do Sul Global: 111 países diversos do Sul Global

Figura 29

Grupo 5: Sul Global diverso								
Informações selecionadas, 20 países principais, classificados por PIB (PPC), 2022								
parte 1								
País	Geral					História colonial		
	ONU ano de entrada	População (mi)	PIB (PPC) (bi)	Taxa de crescimento 10 anos média movel anual	PIB (PPC) per capita	Situação colonial	Principais colonizadores	Ano de independência
Egito	1945	111	1.676	4,3%	16.174	Colônia	Reino Unido	1922
Paquistão	1947	236	1.52	4,0%	6.695	Colônia	Reino Unido	1947
Tailândia	1946	72	1.482	1,8%	21.154	Semi-colônia	Reino Unido França	
Bangladesh	1974	171	1.343	6,5%	7.971	Colônia	Reino Unido	1971
Nigéria	1960	219	1.281	2,2%	5.909	Colônia	Reino Unido	1960
Argentina	1945	46	1.226	0,3%	26.484	Colônia	Espanha Reino Unido	1816
Malásia	1957	34	1.137	4,1%	34.834	Colônia	Reino Unido	1957
Emirados Árabes Unidos	1971	9	835	3,1%	84.657	Colônia	Reino Unido	1971
Singapura	1965	6	719	3,3%	127.563	Colônia	Reino Unido	1965
Cazaquistão	1992	19	603	2,9%	30.523	Independente		
Chile	1945	20	579	2,2%	29.221	Colônia	Espanha	1818
Perú	1945	34	523	2,8%	15.31	Colônia	Espanha	1821
Iraque	1945	44	505	2,7%	11.948	Colônia	Reino Unido	1932
Marrocos	1956	37	363	2,4%	9.9	Colônia	França Espanha	1956
Etiópia	1945	123	358	8,4%	3.435	Independente		
Uzbequistão	1992	35	340	5,9%	9.634	Independente		
Sri Lanka	1955	22	320	1,8%	14.267	Colônia	Reino Unido	1948
Quênia	1963	54	311	4,5%	6.151	Colônia	Reino Unido	1963
Catar	1971	3	309	2,2%	109.16	Colônia	Reino Unido	1971
Mianmar	1948	54	261	3,3%	4.847	Colônia	Reino Unido	1948
...								
Total		2.242	21.171		9.687	103		
Porcentagem do mundo		28,1%	12,9%			Col+SemiCol		

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados da ONU, FMI
Nota: os totais se referem aos 111 países do grupo 5, detalhados na figura 56, partes 1-3

Grupo 5: Sul Global diverso

Informações selecionadas, 20 países principais, classificados por PIB (PPC), 2022
parte 2

País	Militar		Alvo militar dos EUA		
	Gasto militar ajust. (mi)	Gasto militar ajust. per capita > média mundial (vezes)	Sanções dos EUA lista	Intervenção militar dos EUA hist.	Bases militares EUA
Egito	4.646	0,1		S	7
Paquistão	10.337	0,1			8
Tailândia	5.724	0,2		S	3
Bangladesh	4.806	0,1			
Nigéria	3.109	< 0,1			
Argentina	2.578	0,2		S	3
Malásia	3.671	0,3			
Emirados Árabes Unidos					3
Singapura	11.688	5,4			2
Cazaquistão	1.133	0,2			
Chile	5.566	0,8		S	1
Perú	2.845	0,2		S	5
Iraque	4.683	0,3	S	S	10
Marrocos	4.995	0,4		S	
Etiópia	1.031	< 0,1	S	S	
Uzbequistão					
Sri Lanka	1.053	0,1		S	
Quênia	1.138	0,1		S	3
Catar	15.412	15,9			5
Mianmar	1.857	0,1	S		
...					
Total	131.182		17	63	192
Porcentagem do mundo	4,6%				

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados de SIPRI e *Monthly Review*, ONU, CRS, World Beyond War
Nota: os totais se referem aos 111 países do grupo 5, detalhados na figura 56, partes 1-3

Grupo 5: Sul Global diverso

Informações selecionadas, 20 países principais, classificados por PIB (PPC), 2022

parte 3

País	Afiliações internacionais			Votos na ONU	
	Amigos da Carta da ONU	Org. de Cooperação de Xangai	Brics10	Cessar-fogo em Gaza 10/2023	Retirada da Rússia 10/2023
Egito		Diálogo	Novo	A favor	A favor
Paquistão		Pleno		A favor	Abstenção
Tailândia				A favor	A favor
Bangladesh				A favor	Abstenção
Nigéria				A favor	A favor
Argentina				A favor	A favor
Malásia				A favor	A favor
Emirados Árabes Unidos		Diálogo	Novo	A favor	A favor
Singapura				A favor	A favor
Cazaquistão		Pleno		A favor	Abstenção
Chile				A favor	A favor
Perú				A favor	A favor
Iraque				Abstenção	A favor
Marrocos				A favor	A favor
Etiópia			Novo	Abstenção	Abstenção
Uzbequistão		Pleno		A favor	Abstenção
Sri Lanka		Diálogo		A favor	Abstenção
Quênia				A favor	A favor
Catar		Diálogo		A favor	A favor
Mianmar		Diálogo		A favor	A favor
...					
Total	3	17	3	77 A favor	20 Abstenção

Fonte: Sul Global Insights

Nota: os totais se referem aos 111 países do grupo 5, detalhados na figura 56, partes 1-3

Existem 111 países que não foram incluídos nos quatro grupos anteriores do Sul Global acima, em função de múltiplas diversidades. A Figura 29 apresenta uma relação das vinte maiores economias entre eles; a lista completa está no apêndice. Esses países não compartilham as mesmas visões políticas nem os mesmos sistemas governamentais. Essuatíni, Qatar e Butão ainda são governados por monarquias, enquanto Líbia, Síria e Somália não têm uma única autoridade governamental. Alguns países abandonaram as agendas socialistas depois de serem tolhidos pelo financiamento ocidental ao desenvolvimento, como no caso de Angola e Moçambique. Por causa da intervenção política e econômica imperialista, diversos países deste grupo sofrem grave disfuncionalidade governamental (colapso da governança, da autoridade e da lei) e são quase totalmente incapazes de prover o sustento de sua população.

O desempenho econômico desses países varia significativamente. Por exemplo, apesar de a Nigéria ser a segunda maior economia da África e ter um PIB (PPC) quatorze vezes maior que o do Camboja, a primeira teve uma taxa de crescimento médio anual negativa de 0,4% entre 2012 e 2022, enquanto a segunda cresceu 5,3%.

Entre esses países, há diferentes níveis de lealdade militar ao Norte Global. O Egito tem sido um parceiro estratégico de Israel e dos Estados Unidos desde 1979, enquanto Bangladesh, Comores e Djibuti participaram da apresentação de um caso ao Tribunal Penal Internacional sobre a situação no Estado da Palestina no dia 17 de novembro de 2023.

Há neste grupo uma série de conflitos internos e disputas territoriais, como no caso da ocupação colonial do Saara Ocidental pelo Marrocos, iniciada em 1975.¹⁰⁷ Outros, como a República Democrática do Congo e o Haiti, estão sujeitos a intervenções militares da ONU, das quais participam outros países do Sul Global.

Os países do Grupo 5 participam de diversas articulações multilaterais com nações do Sul Global e do Norte Global. O pertencimento a este grupo pode mudar caso um país desenvolva características mais distintivas. Por exemplo, embora a Argentina tenha desempenhado papéis historicamente progressistas na América Latina, a recente guinada à direita impede a inclusão do país no grupo 3 hoje. Portanto, a posição nos grupos não é estática ou permanente.

Grupo 6 do Sul Global: Duas efetivas colônias militares dos EUA

Figura 30

Grupo 6: Altamente militarizados pelos EUA
Informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022
parte 1

País	Geral					História colonial		
	ONU ano de entrada	População (mi)	PIB (PPC) (bi)	Taxa de crescimento 10 anos média movel anual	PIB (PPC) per capita	Situação colonial	Principais colonizadores	Ano de independência
Rep. da Coreia	1991	52	2.78	2,7%	53.845	Colônia	Japão	1945
Filipinas	1945	116	1.171	4,9%	10.495	Colônia	Espanha EUA	1946
Total		167	3.951		24.210	2		
Porcentagem do mundo		2,1%	2,4%			Col		

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados da ONU, FMI

Grupo 6: Altamente militarizados pelos EUA
Informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022
parte 2

País	Militar		Alvo militar dos EUA		
	Gasto militar ajust. (mi)	Gasto militar ajust. per capita > média mundial (vezes)	Sanções dos EUA lista	Intervenção militar dos EUA hist.	Bases militares EUA
Rep. da Coreia	46.365	2,5		S	62
Filipinas	3.965	0,1		S	11
Total	50.331			2	73
Porcentagem do mundo	1,8%				

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados de SIPRI e *Monthly Review*, ONU, CRS, *World Beyond War*

Grupo 6: Altamente militarizados pelos EUA

Informações selecionadas, países classificados pelo PIB (PPC), 2022
parte 3

País	Afiliações internacionais			Votos na ONU	
	Amigos da Carta da ONU	Org. de Cooperação de Xangai	Brics10	Cessar-fogo em Gaza 10/2023	Retirada da Rússia 10/2023
Rep. da Coreia				Abstenção	A favor
Filipinas				Abstenção	A favor
Total				0 A favor	0 Contra+Abstenção

Fonte: Sul Global Insights

Os povos dessas duas nações (Figura 30) estão em grande medida alinhados com o Sul Global. Ambos os países já tiveram tanto líderes pró-EUA quanto também líderes de inclinação mais independente. No entanto, são, do ponto de vista militar, totalmente controlados pelos EUA.

Historicamente, as duas nações foram subordinadas aos EUA por meio de conquistas militares: após a Segunda Guerra Mundial, quando os EUA ocuparam militarmente a península coreana e, mais tarde, no final da Guerra da Coreia, a República da Coreia manteve uma grande presença militar dos EUA. Sua reconstrução econômica foi financiada e dirigida quase na totalidade pelos EUA. Após a Guerra Hispano-Americana, as Filipinas passou quase cinco décadas como colônia dos EUA (1898-1946).

Essa vassalagem é evidente nos dias de hoje: após as eleições de Yoon SReino Unido-yeol na República da Coreia e de Ferdinand Marcos Jr. nas Filipinas em 2022, ambos têm servido como posições de linha de frente na contenção da China. Em fevereiro de 2023, as Filipinas convidaram os EUA a expandir sua presença militar no país, acrescentando mais quatro bases às cinco já existentes e operadas pelos EUA – isso 30 anos depois de ter aprovado leis para encerrar permanentemente a presença militar estadunidense no país. A República da Coreia também aumentou essa expansão militar, participando, ao lado do Japão, "da inauguração de uma nova era de parceria trilateral" com os EUA.¹⁰⁸ Além disso, o Acordo de Segurança Geral de Informações Militares entre o Japão e a República da Coreia, facilitado pelo alinhamento próximo dos EUA, expande o compartilhamento de inteligência entre os dois países para incluir "ameaças da China e da Rússia".¹⁰⁹ Seus gastos militares devem ser atribuídos ao bloco militar liderado pelos EUA.

Figura 31

Países do Sul Global com gasto militar per capita superior a média mundial (excl. Rússia)

2022

Nome do país	Gasto militar dólares (mi)	Percentual do PIB (TCC)	Per Capita >média mundial (vezes)
Arábia Saudita	75.013	6,8%	5,7
Rep. da Coreia	46.365	2,8%	2,5
Catar	15.412	6,5%	15,9
Singapura	11.688	2,5%	5,4
Kuwait	8.244	4,7%	5,4
Omã	5.783	5,0%	3,5
Líbano	4.739	21,8%	2,4
Bahrein	1.381	3,1%	2,6
Uruguai	1.376	1,9%	1,1
Brunei	436	2,6%	2,7

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados do FMI, ONU, SIPRI e Monthly Review

A Figura 31 traz a relação de todos os países do Sul Global com gastos militares superiores à média mundial (exceto a Rússia, que foi apresentada anteriormente). Muitos desses países têm relações militares próximas com os Estados Unidos, mas não estão listados no Grupo 6.

The top half of the page features a light blue background with three sets of concentric circles in a slightly darker shade of blue. A diagonal line splits the page from the bottom left towards the top right, separating the blue patterned area from a plain white area.

PARTE IV

Ocidente em declínio

A erosão da hegemonia econômica e política dos Estados Unidos

A desaceleração do crescimento econômico dos EUA, medida pela desaceleração da taxa de crescimento do PIB, pela queda da fatia do investimento líquido no PIB, pelos níveis mais altos de capacidade produtiva não utilizada e pelo desemprego/subemprego, começou em meados da década de 1960 e se acelerou a partir da primeira metade da década de 1970.¹¹⁰ A transição para que os EUA se tornassem um importador líquido de capital exacerbou as contradições do capital monopolista.

A conta de capital dos EUA passou a depender da importação contínua de capital em larga escala a partir da década de 1980. Essa mudança é fundamental para um processo de geração de riqueza financeirizada e um mecanismo econômico crucial do imperialismo estadunidense. Os ativos de capital do mundo estão predominantemente em dólares estadunidenses e alimentam a posição geral do capital monopolista-financeiro dos EUA.

Em 2009, os EUA começaram a planejar sua reorientação para a Ásia para coibir o crescimento econômico da China. Durante o período de Obama, os EUA começaram movimentos contra a Organização Mundial do Comércio. Esse período também marcou o aumento da adoção de tarifas, sanções, medidas protecionistas e guerras híbridas.

Como agora dependem de importações líquidas de capital em larga escala, que em 2022 atingiram US\$ 1 trilhão por ano, os EUA têm pouca capacidade econômica interna de oferecer vantagens econômicas aos seus aliados do Norte Global e do Sul Global.¹¹¹ Com efeito, o país precisa continuar tentando extrair ainda mais excedentes deles.

Sob o neoliberalismo, a autonomia relativa dos EUA diminuiu, e o capital privado passou a exercer um controle mais direto sobre grande parte do Estado. Hoje, no entanto, diante das crescentes ameaças econômicas internacionais à posição dos EUA e do fracasso do neoliberalismo em manter o domínio econômico do país, os interesses políticos coletivos da classe dominante estão sendo afirmados por um Estado cada vez mais autônomo (em vez de representar os interesses de grupos capitalistas individuais). Citando Lênin, "a política", também para os capitalistas, "deve prevalecer sobre a economia".¹¹²

A financeirização ou acumulação sob a fase do capital monopolista-financeiro é realmente um desenvolvimento parasitário que visa tirar sangue de uma esponja e marcar a crise estrutural do capital. O capital estadunidense tem uma contradição interna. À medida que busca aumentar a extração de excedente de sua própria classe trabalhadora, o capital dos EUA corre o risco de perder o apoio para suas guerras militares externas, que têm como objetivo remover obstáculos internacionais aos interesses econômicos capitalistas do país.

A classe dominante dos EUA é, portanto, forçada a atacar simultaneamente o Sul Global e sua própria classe trabalhadora – e isso exigiu o surgimento de correntes cada vez mais à direita no capitalismo estadunidense. Na década de 1930, os EUA tinham reservas suficientes

para enfrentar uma crise profunda do capitalismo com um programa doméstico reformista, ao contrário do ataque aberto à classe trabalhadora promovido na Alemanha e no Japão. Diferente do que se alega popularmente, os EUA não escaparam da depressão econômica devido ao *New Deal* keynesiano, mas foi preciso haver a Segunda Guerra Mundial para isso. Hoje, nessa nova situação, os EUA não têm outra alternativa a não ser combinar a agressão externa com uma agenda interna cada vez mais repressiva.

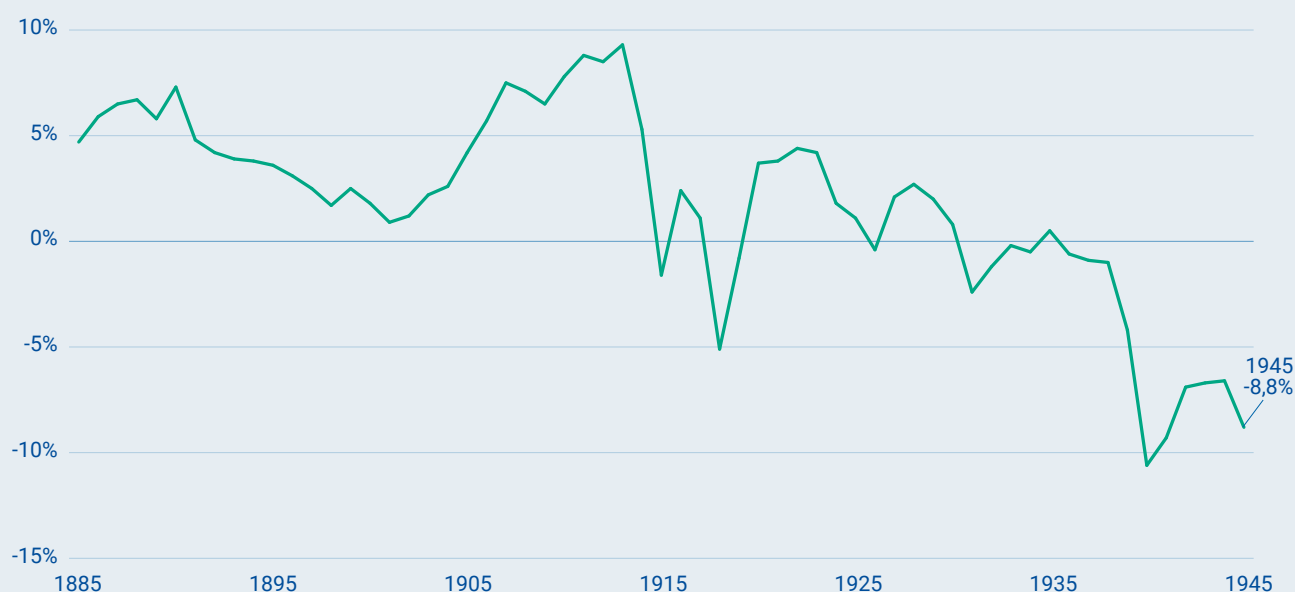
Os EUA utilizam a inflação para tentar aumentar os lucros, uma tendência exacerbada pelos gastos militares e pela dívida contraída. Os juros da dívida militar dos EUA representam mais de 70% do pagamento líquido de juros do governo federal dos EUA. Na década de 1970, os EUA conseguiram administrar as consequências de sua Bonança do Vietnã em gastos militares ao se retirar do padrão ouro para empurrar o custo dessa dívida para outros países. Esse ataque bem-sucedido contra os rivais imperialistas fortaleceu o poder econômico e financeiro dos EUA em relação a eles.

É necessário adotar uma perspectiva histórica precisa, bem como das mudanças de curto prazo, ao analisar o possível declínio de um império. Na Europa, a transição da escravização para o feudalismo levou vários séculos, assim como a transição do feudalismo para o capitalismo. A França ainda lutava contra os resquícios do feudalismo no século XIX, centenas de anos depois do início do capitalismo europeu em pequena escala nas cidades-Estado italianas.

Figura 32

Transações correntes do balanço de pagamentos do Reino Unido

Valores em porcentagem do PIB, 1885–1945



Fonte: Calculado por John Ross a partir de *The Economist, One Hundred Years of Economic Statistics*, 1989

O declínio econômico relativo de um Estado imperialista pode ser identificado por sua necessidade crescente de extrair capital do exterior. O Reino Unido e os EUA seguem uma tendência histórica semelhante. O Reino Unido deixou de ser um exportador de capital no início da década de 1930 (Figura 32).

O balanço de pagamentos de um país equivale à diferença entre a criação de capital doméstico (poupança/excedente) e o investimento de capital doméstico. Se a criação de capital "doméstico" de um país for maior do que seu investimento doméstico, ele estará, portanto, exportando capital e terá um superávit no balanço de pagamentos. Se a criação de capital interno de um país for menor que seu investimento de capital "doméstico", ele terá um déficit no balanço de pagamentos e estará importando capital, ou seja, terá um superávit em sua conta de capital.

Entre 1913 e o início da década de 1980, com raras exceções, os EUA geraram mais excedentes do que investiram "internamente". O país tinha um excedente de capital que podia investir em outros países e estender sua hegemonia internacional não apenas por meio da violência. Após a Segunda Guerra Mundial, os beneficiários específicos desse cenário foram os países imperialistas que os EUA desejavam lograr, integrar e dominar, como visto no Plano Marshall na Europa. Outros beneficiários, como a República da Coreia, tornaram-se Estados da fronteira militar explorada para coibir Rússia e China e, por isso, receberam investimentos econômicos dos EUA.

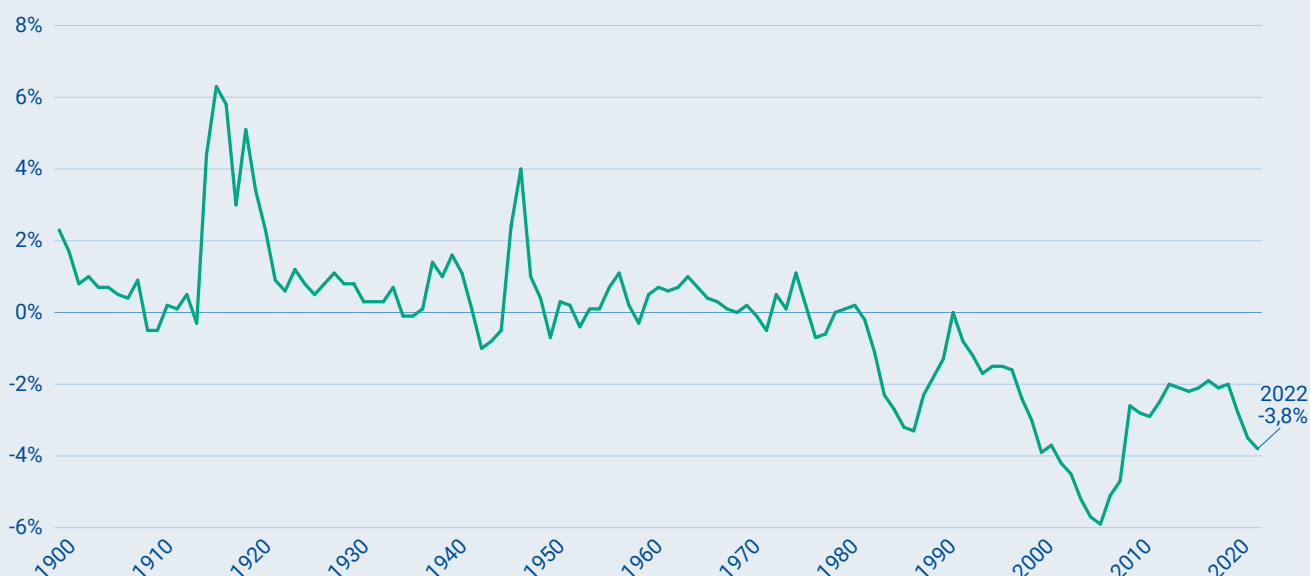
No final da década de 1960, os EUA entenderam que a ameaça mais urgente era econômica, e não política, e não vinha do comunismo. A atenção começou a se concentrar em coibir o crescimento de outros rivais capitalistas. Algumas economias capitalistas – primeiro a Alemanha no período imediatamente após a guerra, depois o Japão até o final da década de 1970 – alcançaram taxas de investimento muito superiores às dos EUA, chegando a 30% do PIB ou mais. Isso permitiu que esses países alcançassem taxas de crescimento do PIB mais altas que as dos EUA. Esse foi um resultado histórico das imensas derrotas das classes trabalhadoras alemã e japonesa pelo fascismo, cujas consequências continuaram no período pós-guerra. Os capitalistas alemães e japoneses conseguiram aumentar as taxas de exploração, o que financiou altas taxas de investimento de capital. Ao mesmo tempo, sua "industrialização tardia" também lhes permitiu ter acesso a tecnologia de melhor qualidade, o que aumentou ainda mais a produtividade. Embora os EUA estivessem preparados para aceitar as consequências econômicas disso no período imediato do pós-guerra, a continuação desse processo começou a afetar seu crescimento econômico.

Para evitar a concorrência econômica efetiva desses países, os Estados Unidos Usaram pressão política e militar para forçar a redução das taxas de investimento e, portanto, das taxas de crescimento. A desvinculação do dólar estadunidense do ouro em 1971 e, portanto, a eliminação das restrições do Uso do controle dos EUA como arma contra o sistema monetário internacional, desempenhou um papel fundamental nesse processo.

Figura 33

Transações correntes do balanço de pagamentos dos Estados Unidos

Valores em porcentagem do PNB, 1900–2022



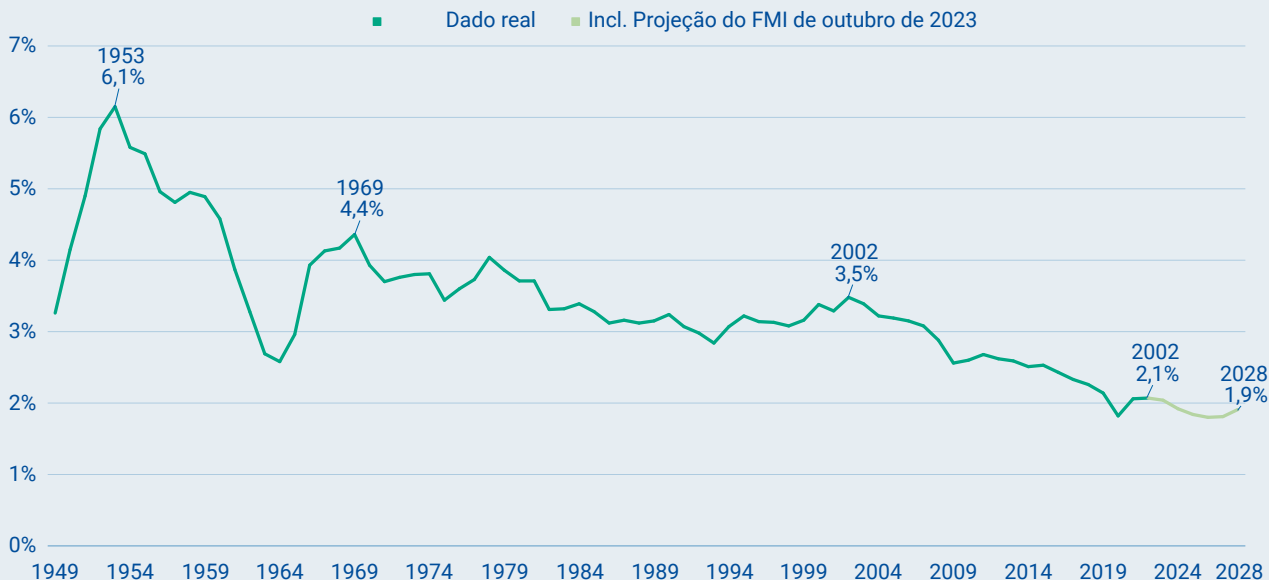
Fonte: Calculado por John Ross a partir de The Economist, *One Hundred Years of Economic Statistics*, e BEA "International Transactions", Tabela 1

Os números na Figura 33, positivos e negativos, mostram o balanço entre a poupança/ criação de capital doméstico e o investimento doméstico ao longo de 120 anos. Um número positivo, por exemplo, 0,8% em 1929, significa que os EUA estão poupando/criando mais capital do que investindo internamente, ou seja, estão emprestando/exportando capital para o exterior. Um número negativo, como, por exemplo, -3,9% do Produto Nacional Bruto (PNB) em 2022, significa que o investimento interno dos EUA é maior do que a criação/poupança de capital interno dos EUA. Portanto, há um influxo de capital de 3,9% do PNB do exterior. Um número positivo representa uma saída de capital, e um número negativo indica uma entrada de capital no país.¹¹³

Figura 34

Taxa média anual de crescimento do PIB dos Estados Unidos

1949–2028



Fonte: Calculado por John Ross a partir de BEA, "NIPA", tabela 1.1.3 e FMI World Economic Outlook Database, out. 2023

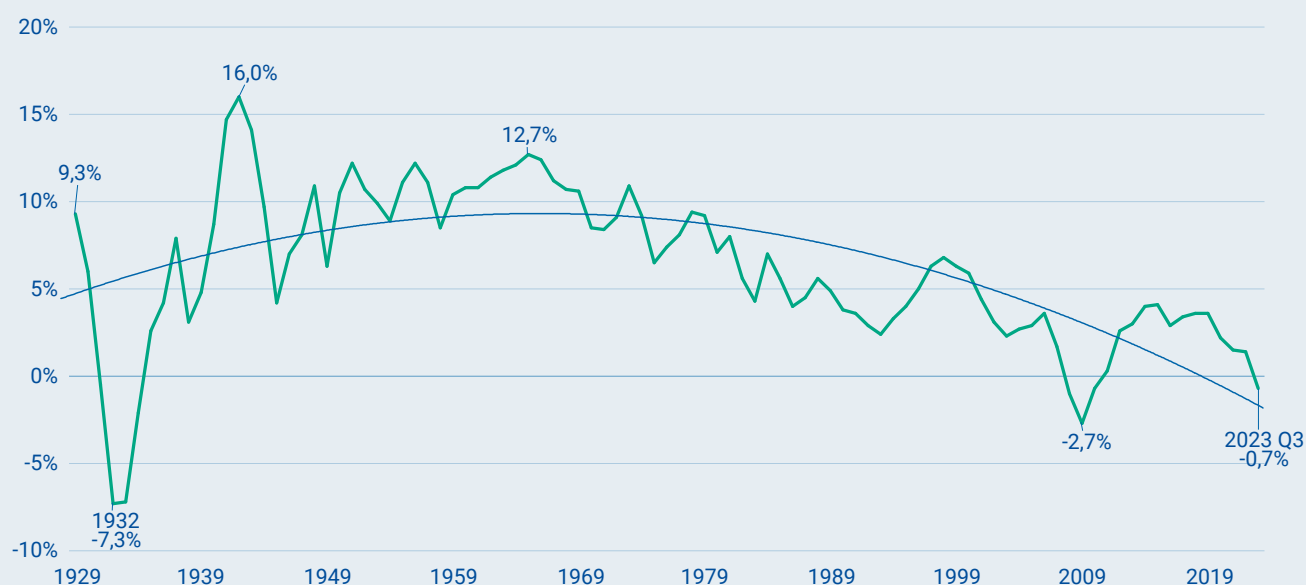
Mas, apesar dessa capacidade de desacelerar os rivais imperialistas, os EUA se mostraram incapazes de aumentar sua própria taxa de crescimento econômico (para alcançar uma nova taxa mais alta de investimento e exploração). Isso se deu, em parte, por causa da retirada dos capitalistas dos EUA dos investimentos produtivos de longo prazo feitos no país. Na verdade, o crescimento econômico dos EUA desacelerou ainda mais – sua média anual de crescimento econômico hoje é de apenas 2,0%, menos da metade da taxa de crescimento registrada na década de 1960 e muito atrás da taxa de crescimento da China ou mesmo de uma série de Estados asiáticos. A Figura 34 mostra que, desde 1953, os EUA vêm enfrentando um declínio geral histórico na taxa média de crescimento.

Confrontados com essa situação, os EUA passaram então a recorrer à adoção de tarifas, sanções econômicas e proibições de tecnologia, o que levou a um ambiente cada vez mais protecionista. No entanto, apesar desse declínio econômico, conforme já analisado, os EUA ainda mantêm uma liderança militar sobre todos os outros Estados. Assim, o imperialismo estadunidense agora se volta para uma crescente dependência da força.

Figura 35

Poupança líquida/criação líquida de capital dos Estados Unidos

Valores em porcentagem da RNB, 1929–2023



Fonte: Calculado por John Ross a partir de BEA, "NIPA", tabelas 5.1 e 1.5.5

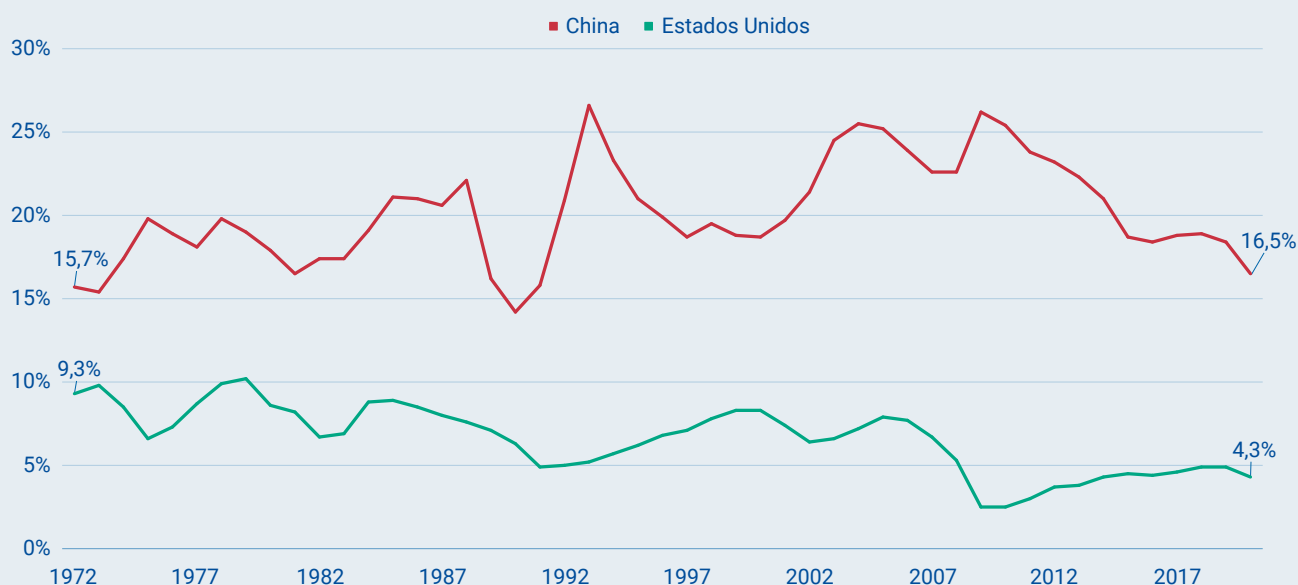
Identificando os processos por trás disso e mostrando a incapacidade dos EUA de aumentar sua taxa de crescimento sem uma reestruturação completa da economia (algo que não está na pauta), a Linha 1 da Figura 35 mostra que, a partir de 1965, a poupança líquida/criação de capital dos EUA caiu progressivamente até atingir, em 2009, o patamar de -2,7% da RNB. A linha 2 mostra que, a partir da década de 1980, os empréstimos tomados pelos EUA do exterior – o Uso de capital importado de outros países – começou a aumentar acentuadamente. Em 2002, pela primeira vez, esses empréstimos foram maiores do que a criação líquida de capital doméstico; ou seja, pela primeira vez, até mesmo o aumento imediato no estoque de capital dos EUA estava sendo financiado mais por capital de outros países do que dos próprios EUA. Isso se reverteu ligeiramente e depois flutuou até 2020, quando, novamente, uma parte maior do acréscimo ao estoque de capital dos EUA foi financiado por outros países.

Para resumir esse processo geral, os EUA estruturaram a economia mundial a seu favor. Suas corporações obtêm quantidades colossais de mais-valor por meio da arbitragem global no Sul Global, e todo o sistema imperial força a entrada de dólares estadunidenses em outros países, não só via processos econômicos, mas também por bases militares dos EUA e outros meios. O objetivo é criar um sistema em que os países não tenham escolha a não ser colocar seus dólares estadunidenses em títulos dos EUA, financiando o déficit e o investimento interno dos EUA. É assim que funciona o capital monopolista-financeiro global, que é uma forma avançada de imperialismo financeiro apoiado pelo poder militar e político.

Figura 36

Formação líquida de capital fixo

Valores em porcentagem da RNB, 1972–2020



Fonte: Calculado por John Ross a partir dos Indicadores de Desenvolvimento Mundial do Banco Mundial

O que está perturbando esse sistema é o fato de o capital monopolista estar relativamente estagnado em termos de produção (economia real), o que permitiu que a China e outros países do Sul Global dessem um salto na produção. O livro *Super Imperialism*, de Hudson, traz uma contribuição sobre quais seriam as consequências caso os EUA perdessem a hegemonia do dólar.¹¹⁴

A Figura 36 mostra que a China ultrapassou os EUA em formação líquida de capital fixo, enquanto os EUA registraram declínio gradual. Ainda que esta seção não abranja a ascensão da China, deve-se observar aqui que, em todos os 30 anos desde 1992, o país tem sido exportador líquido de capital. É esse excedente de capital que torna o financiamento de iniciativas internacionais, como a Nova Rota da Seda, economicamente possível.

Esse se torna um fator decisivo para entender que dois núcleos de processos internacionais estão se desenvolvendo:

- Os EUA têm se tornado um empecilho cada vez maior para o desenvolvimento das forças produtivas em nível nacional e global.
- A China agora está concentrada no desenvolvimento de suas forças produtivas nacionais e no trabalho com as nações em desenvolvimento como um todo. Isso apresenta um novo caminho para a modernização por meio do desenvolvimento das forças produtivas do mundo como um todo (por meio da NRS, da Iniciativa de Desenvolvimento Global e de vários projetos de industrialização em escala continental).

O ocaso da democracia liberal burguesa

Algumas pessoas de fora dos EUA têm historicamente mantido a ilusão de que a democracia estadunidense existe há séculos e que só recentemente foi desfigurada. Em 1776, as duas alas do capital do país, uma liderada por Alexander Hamilton e outra por Thomas Jefferson (que era proprietário de pessoas escravizadas), garantiram que somente homens brancos com propriedades, como eles, tivessem o direito de votar. De 1776 em diante, os direitos de propriedade foram sacralizados e subordinaram todos os outros direitos.

A "liberdade de expressão" era efetivamente restrita a quem detinha os meios de produção material, que, como apontado por Karl Marx e Friedrich Engels em *A ideologia alemã* (1846), era em geral quem detinha os meios de produção mental, ou seja, a mídia, a começar pela imprensa. Em alguns casos, esse direito se estendia àqueles que sabidamente tinham pouco ou nenhum apoio, ou outros que não representavam ameaça ao sistema. Quem se opunha aos interesses da classe capitalista e tinha a chance de ter algum apoio significativo ficava sujeito não só a repressão, prisão e sanções, como também ao assassinato e à morte pelo Uso criminoso da pena capital. A democracia burguesa sempre foi um veículo para proteger os direitos de propriedade. Foi apenas a pressão dos EUA para se defender de projetos socialistas internacionais no século XX e que ampliou temporariamente o direito ao voto para a população negra e aumentou a aparência de liberdade de expressão e outras liberdades civis.

Há um grande mal-entendido internacional sobre os partidos políticos dos EUA. Desde o início, nem os Democratas nem os Republicanos se constituíram como partidos de massa. Os dois são sobretudo associações hierárquicas das elites proprietárias e de aliados da classe média alta, estreitamente alinhados com o *status quo*. Não há praticamente influência de terceiros no sistema estadunidense, um duopólio de partidos políticos. O Comitê Nacional Democrata e o Comitê Nacional Republicano, que dirigem suas respectivas legendas, são formalmente organizados como empresas sem fins lucrativos e isentas de impostos. Trata-se, na essência, de máquinas de angariar votos baseadas no dinheiro, que em intervalos periódicos atraem eleitores no contexto de disputas eleitorais. Desse modo, são bastante distintos dos partidos políticos por filiação, como são muitas das legendas europeias. Ainda que existam democratas e republicanos filiados, isso afeta sobretudo o direito de votar nas primárias. Portanto, a vinculação partidária da grande maioria da população não vai além do voto que se deposita na urna de uma eleição. Assim, cerca de metade dos eleitores dos EUA se considera politicamente independente, sem vinculação com nenhum dos principais partidos. De fato, nenhum dos dois, quando no poder, reflete os interesses da maioria da população do país.

Uma das composições mais pungentes sobre a hipocrisia da autoproclamada grandeza dos Estados Unidos está em um poema de Langston Hughes:

Que a América seja América outra vez.
Que seja o sonho que já foi um dia.
Que seja o pioneiro na planície
Em busca de um lar onde seja livre.

(A América nunca foi América para mim).

Que a América seja o sonho que os sonhadores sonharam —
Que seja aquela grande e forte terra de amor
Onde nunca os reis conspiram nem os tiranos maquinam
Para que se esmague um homem por um que está acima.

(Nunca foi América para mim.)

Ah, que minha terra seja terra onde a Liberdade
se coroe sem falsa patriótica grinalda,
Mas onde a oportunidade seja fato e a vida seja livre,
A igualdade esteja no ar que se respira.

(Nunca houve igualdade para mim,
nem liberdade nesta "pátria dos livres").

...

Quem falou em livre? Não fui eu?
Decerto não fui eu? Os milhões que estão sendo socorridos hoje?
Os milhões que são abatidos quando fazemos greve?
Os milhões que não têm nada em troca de nosso salário?
Por todos os sonhos que sonhamos
e todas as músicas que cantamos
e todas as esperanças que tivemos
e todas as bandeiras que penduramos,
os milhões que não têm nada em troca de nosso salário —
exceto o sonho que hoje está quase morto.¹¹⁵

Grande parte da classe capitalista no Norte Global e seus seguidores se entregaram a um período de euforia causado pelo fim da União Soviética em 1991. Eles se iludiram e acreditaram no "fim da história" com aspirações de um mundo unipolar perpétuo. A campanha da Guerra ao Terror defendida pelos EUA foi uma metodologia construída com brilhantismo para obter apoio ao militarismo.

Entre 2006 e 2009, novas realidades começaram a se estabelecer:

- O fim da União Soviética não resultou na promessa de Yeltsin de uma Rússia desnuclearizada, nem no estabelecimento permanente de um governo russo que seguisse totalmente as orientações dos EUA. Seguiram-se os gritos habituais de "quem fracassou na Rússia?".
- Os círculos estratégicos dos EUA começaram a anunciar a ideia (amoral e não científica) de que os EUA poderiam alcançar a capacidade de promover um ataque preventivo em uma guerra nuclear.

- Diante da contínua expansão da Otan para o leste e das afirmações dos Estados Unidos de que o país estaria prestes a alcançar a primazia nuclear, Vladimir Putin fez um discurso em Munique em fevereiro de 2007, marcando o fim de qualquer ilusão de que a Rússia seria adotada pelo clube anglo-americano. Nesse discurso, Putin criticou o “hiperUso quase incontido da força – força militar – nas relações internacionais” e sugeriu que o mundo não deve ser governado por “um senhor, um soberano”.¹¹⁶
- Em 2007, a criação do Centro para uma Nova Segurança Americana (*Center for New American Security*) marcou um casamento histórico de dois grupos das elites da política externa, os neoconservadores, principalmente republicanos, e os intervencionistas liberais, em grande medida, democratas. Sua estratégia conjunta era atacar imediatamente a Rússia por meio da Ucrânia.
- Liderado por neofascistas populistas, o Tea Party surgiu em 2009 e atraiu a pequena burguesia e uma parte dos estratos superiores (sobretudo brancos, ainda que não exclusivamente) da classe trabalhadora que havia feito pouco ou nenhum progresso econômico e temia a perda de privilégios. Isso sinalizou o fim do chamado consenso bipartidário que havia dominado o sistema dos EUA durante décadas.
- A bolha causada pela financeirização transformou-se na Terceira Grande Depressão a partir de 2008, a mais relevante crise econômica desde a década de 1930.
- Cresciam as evidências de que não haveria Gorbatchov na China para liderar a rendição da Revolução Chinesa.
- Concebeu-se a “reorientação para a Ásia”, que é mais precisamente a reorientação para a China e uma estratégia para o controle da Eurásia pelos EUA.

A economia da China continuou sua rápida expansão após o início da Terceira Grande Depressão, enquanto as economias ocidentais estavam anêmicas.¹¹⁷ Em 2016, a China ultrapassou os EUA em termos de PIB (PPC), e havia um medo palpável de que, até 2030, também ultrapassasse o PIB em termos de taxa de câmbio corrente (TCC). A classe dominante estadunidense precisava de uma resposta.

O neofascismo e as forças de extrema direita cresceram em todo o mundo. Obama, o presidente democrata, adotou medidas internas regressivas que teriam causado inveja nos governos republicanos anteriores. A eleição de Trump enfraqueceu a identidade compartilhada dos interesses da burguesia e ampliou a consciência sobre as limitações do sistema político dos EUA.

No âmbito internacional, essa situação também marcou a retomada da consciência global de que o imperialismo é o maior perigo enfrentado pela humanidade. Diante do evidente fracasso do neoliberalismo, que culminou na Terceira Grande Depressão, iniciou-se um novo movimento para reverter alguns aspectos do esvaziamento do Estado que o neoliberalismo havia produzido.

Para compreender exatamente os eventos que se seguiram ao início da Terceira Grande Depressão, é preciso avaliar os 60 anos anteriores. Em 1964, o republicano Barry Goldwater, capitalista de extrema direita, perdeu a eleição geral, mas conseguiu trazer a extrema direita para a corrente principal do partido Republicano e do país. Os democratas perderam a eleição de 1968 para Richard Nixon, republicano de centro, que conquistou o voto da população branca do sul do país e introduziu um novo sistema institucional de encarceramento de base racista, seguido por ambos os partidos desde então. O partido Democrata iniciou um período de racha interno e começou a abandonar qualquer posicionamento à esquerda em nome da "elegibilidade" e da "triangulação". Em vez disso, tentou capitalizar o embalo de direita dos republicanos.

A eleição de Ronald Reagan em 1980 marcou a efetiva tomada de controle do partido Republicano pela extrema direita. Em 1985, a formação do Democratic Leadership Council (DLC), uma empresa privada, marcou o início de uma nova fase do partido Democrata: a ascensão dos Novos Democratas. Na lista de alguns ex-presidentes do DLC figuram nomes como Dick Gephardt, Chuck Robb, Sam Nunn e Joe Lieberman – todos defensores do intervencionismo militar, que favoreciam a transferência de gastos sociais para as forças armadas. O DLC conseguiu derrotar a esquerda, e sua maior vitória foi a conquista da presidência pelo candidato de sua escolha, Bill Clinton, em 1992.

Do ponto de vista do DLC, a virtude de Clinton era a possibilidade de trazer o sul branco de volta para o partido Democrata, com um discurso à esquerda e uma prática à direita. Por exemplo, o então presidente adotou políticas contrárias ao bem-estar social e favoráveis ao encarceramento (duas posições com uma marca racial), ao mesmo tempo em que alegava ter uma agenda progressista. Menos antitrabalhista que Reagan, Clinton representou a estratégia democrata de tentar permanecer no "centro" em uma dinâmica política que havia se deslocado demais à direita, defendendo uma versão mais leve e gentil do neoliberalismo.

É útil pensar que os partidos Democrata e Republicano operam como empresas privadas, com receitas provenientes sobretudo de capitalistas diversos para atender aos interesses dos acionistas e dos principais executivos da corporação. No caso do partido Democrata, isso inclui grupos como o Comitê Nacional Democrata (*Democratic National Committee* – DNC) e o Centro para o Progresso Americano (*Center for American Progress* – CAP).¹¹⁸ O produto vendido são candidatos eleitos que implementam os interesses de seus financiadores. Entre as autoridades mais conhecidas estão John Podesta e Debbie Wasserman Schultz.

Uma vez eleitos, Tony Blair e Hillary Clinton se tornaram parasitas do Estado, ganharam dezenas de milhões de dólares e se juntaram aos escalões mais altos da classe capitalista. Pelo menos 85 das 154 pessoas de grupos de interesse privado que se reuniram ou tiveram conversas telefônicas agendadas com Hillary Clinton, enquanto ela liderava o Departamento de Estado sob o comando do presidente Obama, doaram um total de US\$ 156 milhões para a Fundação Clinton.¹¹⁹

O modelo de negócios do DNC exige a montagem de um conjunto díspar de blocos eleitorais e a necessidade de manipular inúmeros estratos, grupos e movimentos sociais. Atualmente, há uma divergência aguda entre os interesses das pessoas que votam no partido Democrata e os interesses muito diversos dos tesoureiros do partido.

O escopo deste documento não inclui uma avaliação mais abrangente dessa questão. De todo modo, a ideia de uma democracia empresarial, na qual os conceitos de concorrência entre indivíduos e grupos capitalistas e a batalha para obter votos como em um mercado, vem desde Joseph Schumpeter.¹²⁰

Nos últimos vinte anos, o partido Republicano se transformou ideologicamente. O surgimento do Tea Party em 2009 sinalizou tanto o crescimento de uma ideologia neofascista quanto a criação de um núcleo e uma base mais engajados. Embora o partido Republicano também tenha rachas internos, o Uso de grandes setores da classe média baixa como arma gerou uma direita radical que desestabiliza a democracia liberal burguesa.

Todas as contradições anteriores de raça, classe, gênero e identidade social foram transformadas em armas tanto pela extrema direita quanto pela corporação DNC para diferentes propósitos. A divisão social entre os diversos estratos dos EUA é aguda. No entanto, afirmações hiperbólicas de que os EUA estão caminhando para uma guerra civil são altamente enganosas. Não há base econômica para a Califórnia se separar dos EUA. Este não é o período pré-guerra civil nos EUA.

A partir de 1970, a classe trabalhadora estadunidense recebeu muito pouco dos vastos aumentos de riqueza criada pela dominação mundial dos EUA. Milhões de crianças sofrem com a insegurança alimentar, e o trabalho e a vida de seus pais estão precarizados. Os EUA estão passando por mudanças demográficas significativas. Algumas estimativas mostram que a população branca não hispânica se tornará minoria nos EUA até 2045, o que sugere que a trajetória do capitalismo racial do país se direciona a uma maior segregação e até mesmo ao *apartheid*.

O narcisismo, o pessimismo, o niilismo e o fatalismo são hoje características fundamentais de um capitalismo cada vez mais estagnado no Norte Global. As armadilhas tradicionais da democracia liberal burguesa estão se tornando grilhões para as necessidades do capital, que, ironicamente, está envolvido em um processo de autonegação.

Essas fissuras no sistema político dos EUA são importantes para a classe trabalhadora do país, que vive um desenvolvimento muito desigual de sua capacidade revolucionária. São grandes os perigos e as oportunidades. Não se pode ter a ilusão de que "quanto pior melhor".

Simultaneamente a essa erosão da democracia liberal, milhões de jovens, de Jacarta a Istambul, de Joanesburgo a Des Moines, no estado de Iowa, passaram a participar da vida política com base em sua indignação moral, racial, religiosa e política. Isso foi recebido com severa repressão por Washington em seus papéis geopolíticos, econômicos e militares hegemônicos globais. Os Estados Unidos são uma potência hegemônica em declínio; uma potência ferida e, conseqüentemente, mais perigosa.

Europa e Japão derrotados e submissos

Desde o final da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos estão comprometidos com a integração militar, política e econômica dos países da Europa e do Japão em um bloco sob seu controle. Por meio da estrutura da Otan+, os EUA garantiram o domínio militar completo dentro do grupo imperialista, instalando diversas bases militares em países derrotados na Segunda Guerra Mundial, inclusive no Japão (120), na Alemanha (119) e na Itália (45). Esta última abriga mais de 12 mil militares estadunidenses.¹²¹

A partir da década de 1950, os EUA colocaram as elites políticas europeias em sua órbita. Por meio do Plano Marshall, os interesses econômicos europeus foram subordinados aos dos EUA. Ao longo dos cinquenta anos seguintes, até mesmo os líderes imperialistas que oUsaram se opor parcialmente aos interesses dos EUA – como Jacques Chirac (presidente da França entre 1995 e 2007) e Gerhard Schröder (chanceler da Alemanha de 1998 a 2005), ambos contrários à invasão do Iraque – foram alvo de substituição pelos EUA.

Após a Segunda Guerra Mundial, o Japão, como Estado da linha de frente contra o comunismo soviético e chinês, foi autorizado a desenvolver rapidamente sua economia. No entanto, na década de 1980, a ascensão econômica do país começou a representar uma possível ameaça à hegemonia global dos Estados Unidos, levando ao aumento dos atritos comerciais bilaterais. Os Estados Unidos forçaram uma rápida valorização do iene japonês por meio do "Acordo de Plaza" de 1985, reduzindo as exportações e fazendo com que o Japão perdesse seu impulso econômico.¹²² Em seguida, após o crash de Wall Street em 1987, os EUA obrigaram o Japão a adotar políticas monetárias e econômicas extremamente frouxas. O objetivo era aumentar o fluxo de capital para os EUA para ajudar a financiar a agressão internacional contra a URSS. Nesse processo, criou-se a "economia da bolha" no Japão, cujo estouro mergulhou o país em uma estagnação econômica que durou décadas.

Nos campos da tecnologia da informação e da nova energia, entre outras áreas de alta tecnologia, o Japão também enfrentou a repressão dos Estados Unidos, o que prejudicou sua modernização industrial. A Toshiba era líder mundial na fabricação de semicondutores em 1987, até sofrer sanções dos EUA sob o pretexto de que estaria fazendo acordos com a URSS (muito semelhante ao que os Estados Unidos fizeram com a chinesa Huawei). Os principais concorrentes da Toshiba, IBM e Intel, se beneficiaram dessa política de Estado dos EUA.

Após a queda da União Soviética e a subsequente reunificação da Alemanha, a burguesia alemã cobiçou os mercados e a energia de baixo custo da Rússia. Havia um desejo de estabelecer laços econômicos com a Rússia, mas somente enquanto, ao lado dos compatriotas franceses, fosse possível manter a dominação irrestrita do projeto europeu, que essa burguesia detinha desde a Segunda Guerra Mundial. Isso significava a construção de laços econômicos com a Rússia, mas a exclusão da liderança política Russa de qualquer participação igualitária nos assuntos, nas decisões e nas estruturas políticas da Europa. A estratégia dos EUA, por sua vez, era evitar qualquer relacionamento estratégico entre Rússia e Alemanha, pois sua força combinada criaria um concorrente econômico formidável na Europa.

A propriedade do capital e dos meios de produção é sempre fundamental. Nos últimos 30 anos, a capacidade do capital de se movimentar com agilidade e facilidade entre as fronteiras dos países imperialistas aumentou exponencialmente. Os investimentos de capital têm um número definido de categorias primárias, incluindo ações, títulos, patrimônio privado, títulos da dívida pública, imóveis e muitas formas de derivativos. O mercado de ações é um dos veículos fundamentais para investimentos de longo prazo para a maioria dos capitalistas. Uma empresa alemã pode abrir seu capital nas bolsas de valores dos EUA ou da Alemanha. Grandes fundos, como o Vanguard, compram esses fundos, mas não são os proprietários efetivos, e sim agentes fiduciários efetivos do grande capital. Uma pequena porcentagem desse capital é de propriedade da pequena burguesia e de setores privilegiados da classe trabalhadora por meio de fundos de pensão e outros instrumentos.

Os acionistas originais dessa empresa podem em algum momento vender suas ações, agora abertas, e assim o fazem. Eles não dependem mais da administração de seu patrimônio por meio de seus investimentos em uma única empresa. Em vez disso, contratam gestores patrimoniais, seja por meio de empresas como a Goldman Sachs ou de seus próprios consultores, que, por sua vez, investem os recursos em dinheiro obtidos com a venda das ações. Os consultores de muitos capitalistas farão com que eles invistam bem mais de 50% de sua carteira nos mercados de ações dos EUA. Desse modo, a "riqueza familiar" do capitalista alemão não desaparece quando o valor da empresa alemã da qual ele era originalmente proprietário diminui.

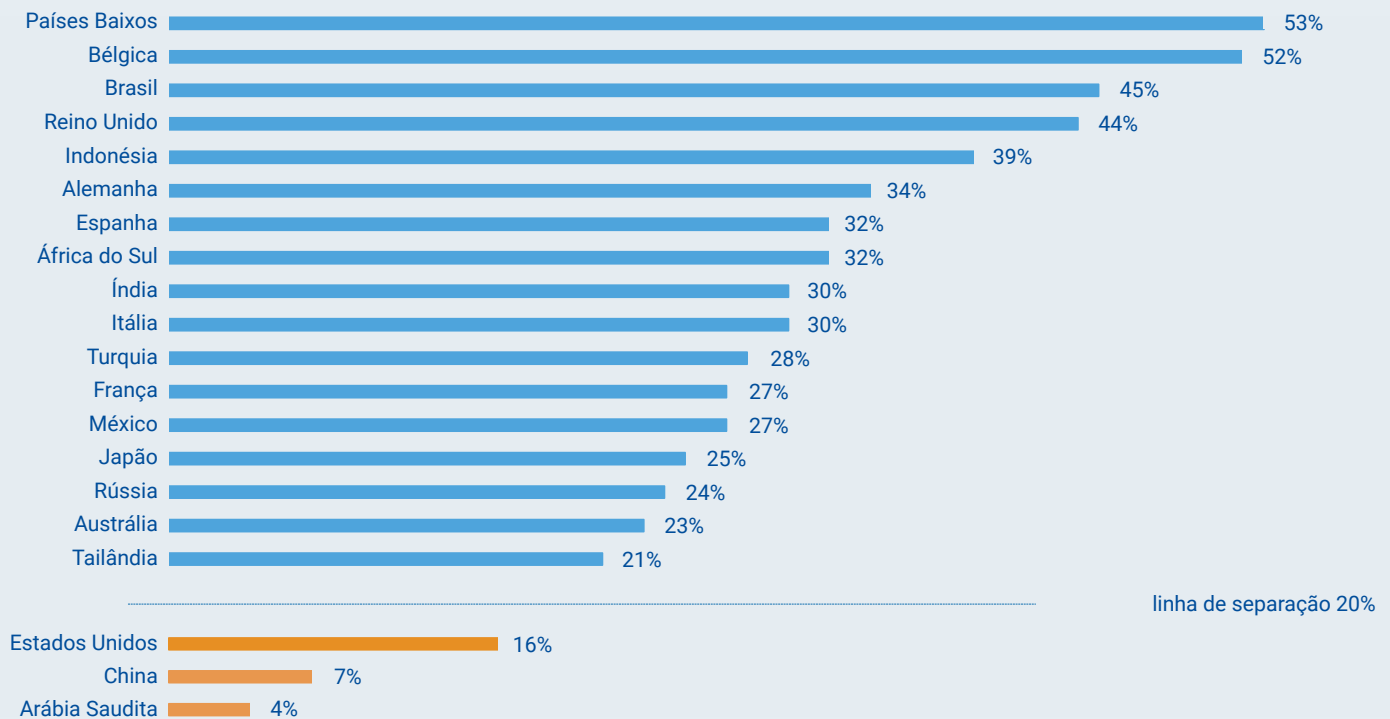
São imensas as consequências econômicas, políticas e sociais dessa mudança nos mercados de capital e na propriedade. Esse novo capitalista global – que antes era "alemão" – se comporta de forma muito semelhante a seus pares Franceses, ingleses, suecos e estadunidenses. Esse nível de integração e desnacionalização do capital resulta em uma lealdade aos EUA muito mais robusta em termos econômicos e, no limite, a reforça em termos políticos.

Tamanho nível de integração do mercado de ações e de capital raramente ocorre nos países do Sul Global, por muitas razões históricas. Um capitalista na Turquia tem muito mais dificuldade de abrir o capital de sua empresa nos EUA. O que o capitalista turco pode fazer é abrir o capital na Turquia, vender suas ações, transformar os lucros em dólares estadunidenses e depois investir esses dólares em ações nos EUA. Esse é o caminho mais comum de entrada dos capitalistas turcos na elite global. Esse processo, no entanto, é muito mais competitivo, menos frequente e mais longo, ocorrendo em menor quantidade.

Figura 37

Investimento não doméstico no mercado de países selecionados

10 mil maiores empresas da OCDE, 2017



Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados da OCDE

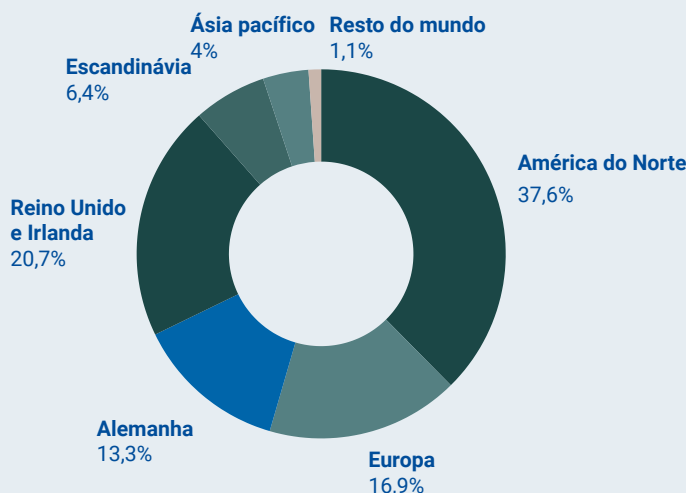
A Figura 37 mostra uma pesquisa da OCDE que indica a porcentagem de propriedade estrangeira efetiva de cada um dos principais mercados de ações do mundo.¹²³ Percebe-se que a Europa, de modo geral, tem uma alta porcentagem de propriedade estrangeira, enquanto os EUA, a China e a Arábia Saudita têm menos de 20% de propriedade estrangeira.

Figura 38

Alemanha: um Estado imperialista "vassalo"

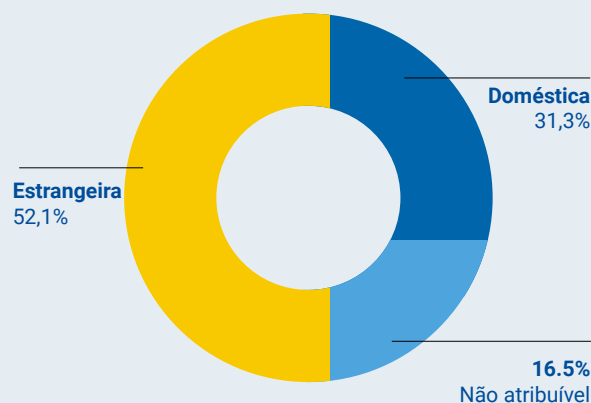
Propriedade do DAX por acionistas nacionais e estrangeiros, mostrando duas estimativas diferentes. Embora diferentes, ambas mostram maioria de titularidade estrangeira.

Estrutura acionária DAX 30 por região, 2020



Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados de IHS Markit

Estrutura acionária DAX 40, 2022



Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados de Ernst & Young

Por exemplo, a situação atual da Alemanha ilustra nitidamente a eficácia desse processo de integração e consolidação econômica dos EUA, conforme mostrado na Figura 38. Segundo dados de 2020 da IHS Markit, apenas 13,3% do valor do mercado de ações alemão está nas mãos de alemães, enquanto investidores da América do Norte e do Reino Unido detêm 58,3%.¹²⁴ Um estudo de 2023 realizado pela Ernst & Young revelou que, em 2022, pelo menos 52,1% do valor de mercado das 40 ações de maior liquidez que compõem o índice DAX da Alemanha eram de propriedade de fundos de fora do país. Das ações restantes, 16,5% eram de propriedade não identificada (muito provavelmente também de capital estrangeiro), e apenas 31,3% do valor de mercado estava nas mãos de alemães.¹²⁵ As principais empresas da economia alemã não são, em sua maioria, de propriedade de alemães.

Nos últimos 18 anos, o valor adicionado da indústria da Alemanha caiu de 9% do mundo para pouco mais de 6%.¹²⁶ É provável que a perda da energia barata Russa e sua adaptação a essa dissociação, administrando-se os riscos, tenham efeitos desastrosos para a competitividade internacional do país. Além disso, o advento dos veículos elétricos (VE) levou a um enorme prejuízo com o fim da relevância do motor de combustão. Essa foi uma superioridade tecnológica centenária central desfrutada pela Alemanha.

Em 2022, o IED na Alemanha diminuiu 50,4% em relação ao ano anterior.¹²⁷ Ao longo de 15 trimestres, a partir do terceiro trimestre de 2019, o PIB da Alemanha aumentou apenas 0,6% no total, em preços constantes, enquanto a China cresceu 20,2% durante o mesmo período e os EUA, 8,1%.¹²⁸

Na mídia, os EUA dominam não só o Sul Global. O mercado europeu de televisão é, em grande parte, um negócio dos EUA: "Cerca de um em cada cinco (18%) canais de TV privados (excluindo a TV local) é de propriedade dos EUA e mais de um terço de todos os serviços SVOD (39%) e TVOD (33%) na Europa pertencem a alguma empresa dos EUA... Cerca de metade de todos os canais de TV infantil na Europa são de propriedade dos EUA (48%), assim como 59% dos serviços de entretenimento em vídeo sob demanda por assinatura".¹²⁹

Conforme demonstrado pela Alemanha no contexto da guerra na Ucrânia, o colapso da "vontade nacional", da disposição de seguir um caminho que corresponda aos interesses capitalistas nacionais, mostra que o país foi derrotado pela terceira vez desde o início do século XX (as duas primeiras derrotas foram nas guerras mundiais, conforme observado por Hudson).¹³⁰ Apesar do custo que representaria para si própria, a Alemanha apoiou as sanções contra a Rússia e a ajuda militar à Ucrânia. Quando a guerra de Israel contra Gaza entrou em seu centésimo dia, já tendo matado mais de 23.000 palestinos, a Alemanha - com sua violência histórica na Namíbia e o Holocausto doméstico contra o povo judeu durante a Segunda Guerra Mundial - apoiou Israel na ação apresentada pela África do Sul na Corte Internacional de Justiça.¹³¹

Nos últimos meses de 2023, os representantes políticos do capital alemão no Bundestag levantaram de forma privada e depois introduziram medidas para restringir o comércio com a China sob o pretexto de reduzir riscos. Trata-se de uma evidente contradição com os interesses de curto e médio prazo das empresas alemãs. Marx descreveu as relações entre os capitalistas como uma relação entre um bando de irmãos em guerra.¹³² Em períodos de crise, o Estado, como órgão da classe dominante, exerce seu papel político, apesar da natureza fissípara das relações intracapitalistas. Hoje, os interesses de curto prazo dos executivos de empresas nominalmente alemãs estão subordinados aos interesses do hiperimperialismo.

Com a formação do Império Alemão (1871-1918), a expansão política e econômica para a Europa Oriental não era apenas uma expansão territorial, mas uma estratégia fundamental. Após a reunificação em 1990, a Alemanha adotou uma estratégia dupla: primeiro, apoiou de forma resoluta a estratégia dos EUA de expansão da Otan com relação à Rússia. Em segundo lugar, liderou uma estratégia simultânea de "penetração de capital" na Rússia com o objetivo de garantir o controle político dos grupos mais ligados aos interesses ocidentais e alemães naquele Estado, contra aqueles que buscavam uma política mais independente. O capital alemão apoiou representantes como o bilionário russo (à época) Mikhail Khodorkovsky. Em 2001, Khodorkovsky criou a Fundação Rússia Aberta, tendo Henry Kissinger no quadro de diretores.¹³³ Em 2004, o russo foi preso por fraude e apropriação indébita após tentar implementar políticas contra Putin.

A chanceler da Alemanha, Angela Merkel, adotou estratégias duplas de apoio aos

preparativos militares contra a Rússia e de organização da oposição interna a Putin. Também orquestrou a construção do gasoduto Nord Stream 2, apesar da enorme resistência dos EUA. No entanto, esta última medida tinha o intuito de atender ao próprio interesse da Alemanha, e não de apaziguar a Rússia ou impedir a expansão da Otan. Em 2014, Merkel organizou a libertação de Khodorkovsky e permitiu uma violação calculada dos acordos de Minsk. Mas a estratégia dupla terminou em fevereiro de 2022, quando a Alemanha, como parceira disposta ao lado dos EUA, e com a ajuda da Ucrânia, decidiu lutar e derrubar a Rússia.

No entanto, a realidade da Alemanha é que, a menos que esteja preparada para romper totalmente com a política estadunidense, o que nenhum setor significativo da burguesia alemã está disposto a considerar, qualquer estratégia que adote fracassará sem o apoio dos EUA. Isso dá aos EUA a vantagem nesse relacionamento. Surge então um paradoxo no qual os EUA queriam manter a inimizade entre Alemanha e Rússia, mas sem apoiar uma vitória total da Alemanha nessa briga. Isso explica, em parte, por que parece que os EUA estão ameaçando cortar o financiamento da Ucrânia. O objetivo estadunidense de destruir as relações entre Alemanha e Rússia já foi alcançado, assim como a vassalagem da Europa e da Alemanha sob pena de desindustrialização desta última.

Os EUA continuarão privando a burguesia alemã de todas as principais opções de afirmação de posições políticas independentes. Com a ajuda das relações de propriedade de capital que descrevemos, a burguesia alemã se deparará com a subsunção absoluta de opções de ação do capital alemão sob a égide dos EUA. A hostilidade em relação à Rússia atua como um impulsor da subordinação da Europa aos EUA e como uma perda de qualquer possibilidade de desenvolvimento independente.

A situação de contradições antagônicas entre o capital estadunidense e o europeu em questões fundamentais acabou. Existem pequenas diferenças, mas estas não são estratégicas. Pode-se ver a profundidade da subordinação da Europa aos EUA no fato de que apenas 11 dos 49 países do Norte Global não fazem parte de uma conhecida rede de espionagem dos EUA nem participaram da reunião da Otan+ em Vilnius. São eles Andorra, Bósnia e Herzegovina, Chipre, Irlanda, Liechtenstein, Malta, Moldávia, Mônaco, San Marino, Sérvia e Suíça. Coletivamente, essas nações têm 28,3 milhões de habitantes (quase o equivalente à população de Délhi) e um PIB combinado de 1,8 trilhão de dólares (1% do PIB mundial), uma pequena parcela do Norte Global.

Embora fosse membro do grupo secreto Quatorze Olhos, a impotência da Alemanha ficou evidente quando foi revelado que seus líderes eram espionados pelos EUA, e o país foi incapaz de fazer uma mínima queixa. Hoje, a burguesia da Europa se tornou bajuladora das operações de inteligência dos EUA.

Há muito a Otan pressiona a Alemanha a gastar um mínimo de 2% do PIB com as forças armadas, seguindo o que foi chamado de princípio de Cachinhos Dourados (estabelecido na década de 1950), com o objetivo de:

... incentivar as contribuições de defesa de aliados de médio porte – por exemplo, a

[República da] Coreia durante a Guerra Fria e a Polônia atualmente – e, ao mesmo tempo, ter cautela com aliados maiores, como a Alemanha e o Japão. Dessa forma, busca-se maximizar as contribuições de aliados poderosos o suficiente para oferecer poder militar significativo à aliança, mas não tão poderosos que possam se dar ao luxo de rejeitar a aliança.¹³⁴

Por ordem dos EUA, os governos do Japão apostaram em políticas de provocação contra a China, apesar das grandes vantagens que laços mais estreitos com a China trariam para a economia japonesa. No Reino Unido, a oposição dos EUA ao “período de ouro” das relações com a China promovidas durante o mandato de David Cameron como primeiro-ministro obrigou a reversão dessas relações nos mandatos posteriores, o que levou a consequências prejudiciais para o capital britânico.

Em 2020, o primeiro-ministro Fumio Kishida estabeleceu metas de gastos de 43 trilhões de ienes (US\$ 316 bilhões) para os cinco anos seguintes.¹³⁵ O país já tem o segundo maior número de aeronaves avançadas F35 do mundo (depois dos EUA) e assinou um acordo naquele ano para comprar outros 105 caças – que podem ser equipados com armas nucleares. O país revisou sua estratégia de segurança nacional para permitir o desenvolvimento de uma capacidade de ataque preventivo e de utilização de mísseis de longo alcance.¹³⁶

O rearmamento das duas principais potências fascistas da Segunda Guerra Mundial deve ser considerado um crime. Um perigoso movimento revanchista está ressurgindo na Alemanha. A diferença é que, desta vez, eles fazem parte do bloco militar liderado pelos EUA.

The top half of the page features a light blue background with three sets of concentric circles in a slightly darker shade of blue. A diagonal line splits the page from the bottom left towards the top right, separating the blue patterned area from a plain white area.

PARTE V

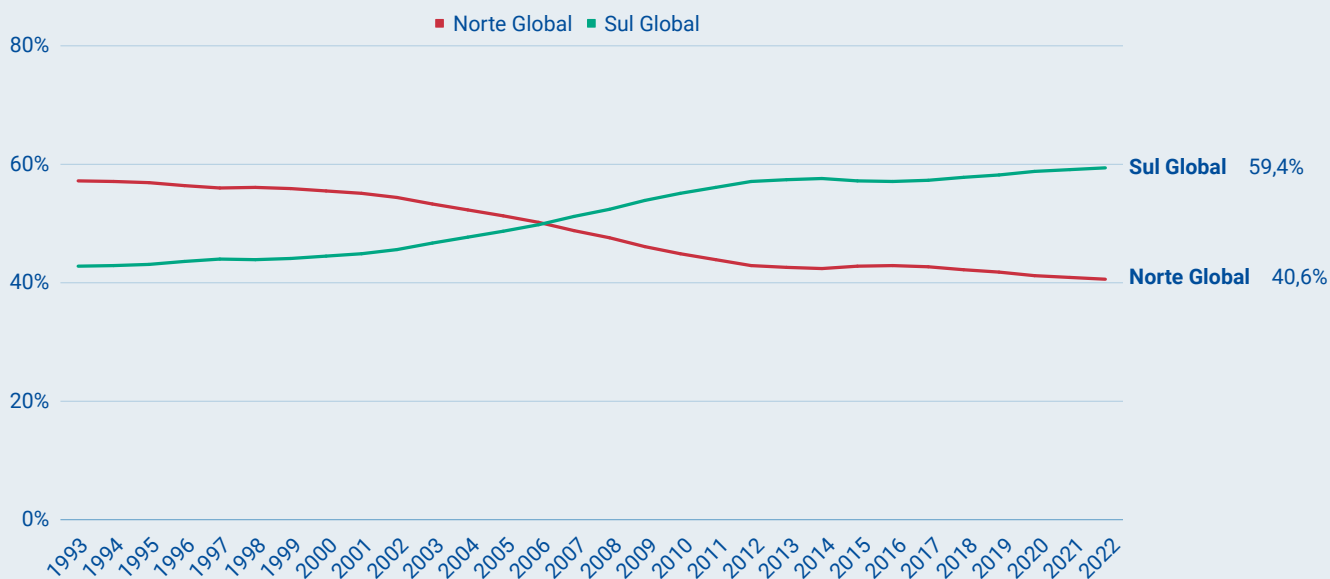
Mudanças na ordem mundial

Um deslocamento da base econômica para o Sul

Figura 39

Sul Global vs Norte Global: participação no PIB mundial (PPC)

1993–2022



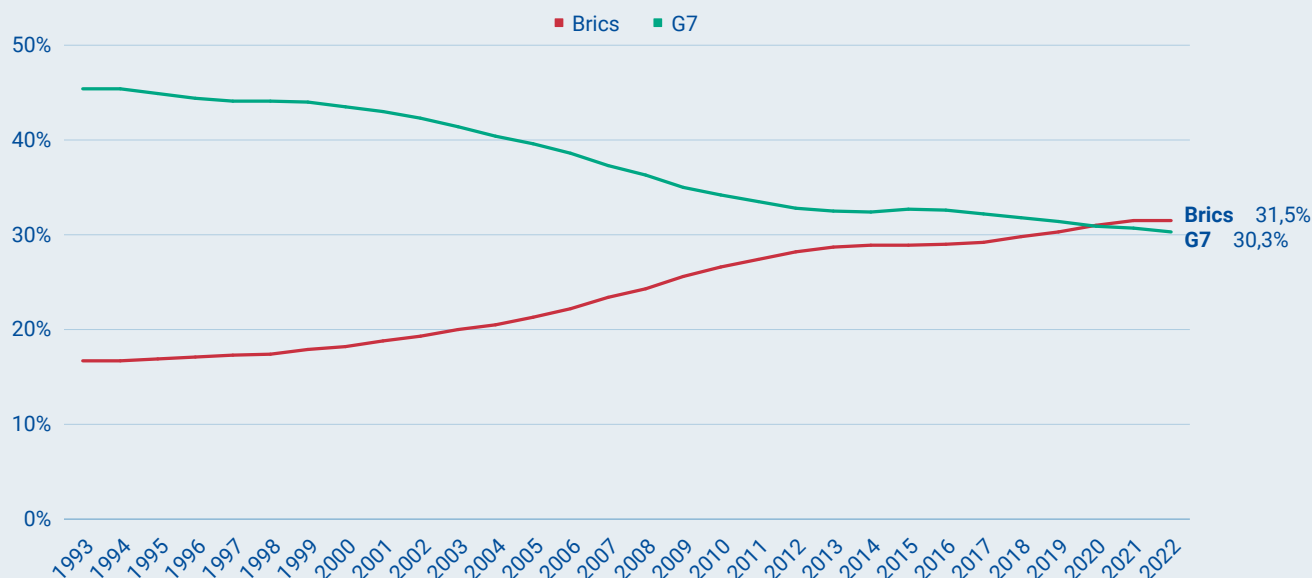
Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados do FMI

Enquanto os países do Norte Global vêm enfrentando um declínio prolongado do crescimento econômico, os países do Sul Global, sobretudo na Ásia, apresentam uma trajetória de crescimento econômico mais alta nos últimos trinta anos. Como pode-se observar na Figura 39, no final da Guerra Fria, em 1993, o Norte Global respondia por 57,2% do PIB global (PPC), enquanto o Sul Global respondia por apenas 42,8%. Trinta anos depois, essas proporções se inverteram definitivamente: a participação do Sul Global chegou a 59,4%, e o Norte Global detém 40,6%.

Figura 40

Brics vs G7: participação no PIB mundial (PPC)

1993–2022



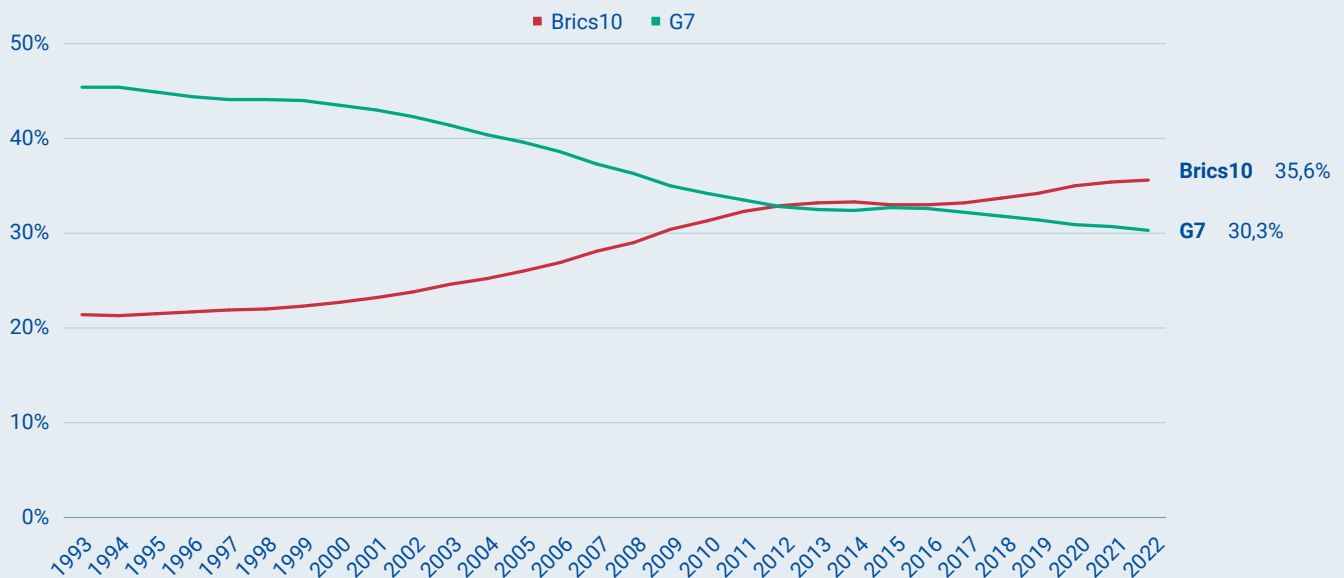
Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados do FMI

O G7 (Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, França, Alemanha, Itália e Japão) é o núcleo econômico do bloco do Norte Global. Em 1993, esses sete países representavam 45,4% da economia global. Enquanto isso, as economias mais importantes do Sul Global, que mais tarde viriam a ser conhecidas como Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), representavam apenas 16,7% da economia global naquele ano. Entre eles, a Rússia tinha acabado de emergir após a dissolução da União Soviética, e a China estava aprofundando suas reformas econômicas e estabelecendo uma economia socialista de mercado. Na época, nem a Rússia nem a China eram concorrentes do G7. Trinta anos depois, os países do Brics já representavam 31,5% da economia global, tendo ultrapassado o G7 (30,3%), conforme mostrado na Figura 40.

Figura 41

Brics10 vs G7: participação no PIB mundial (PPC)

1993–2022



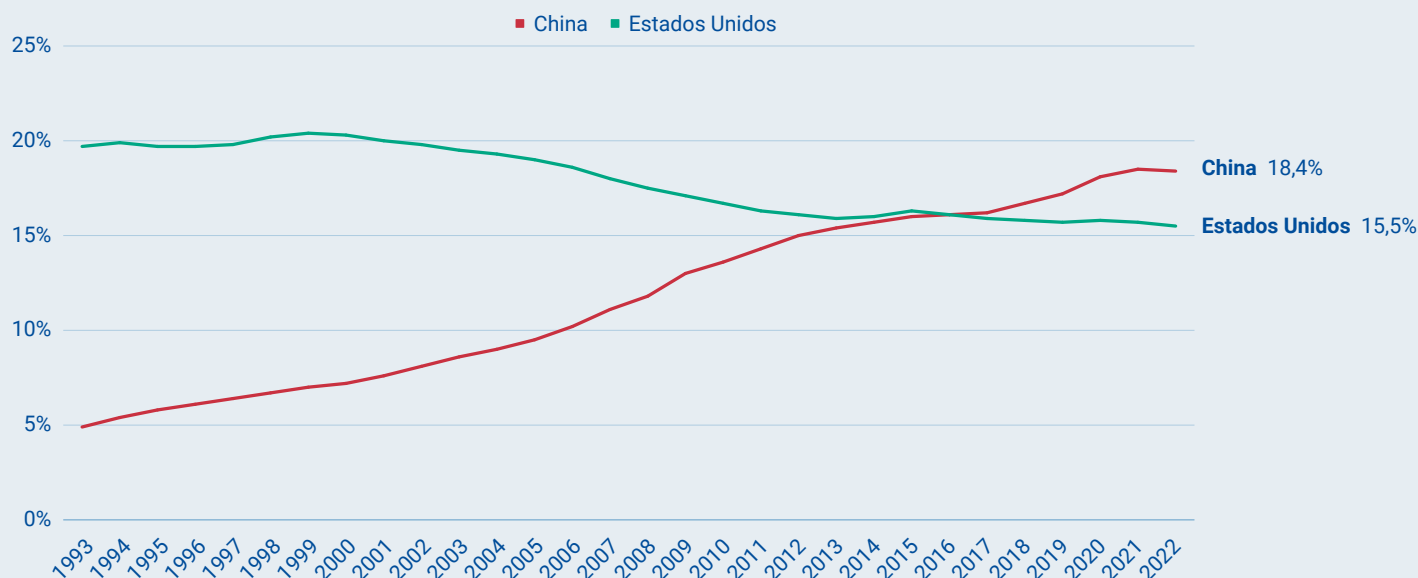
Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados do FMI

Em agosto de 2023, o Brics se expandiu com o convite para a inclusão de seis países: Egito, Etiópia, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Irã e Argentina (embora a Argentina tenha temporariamente recusado o convite). O Brics 10 (sem a Argentina) acrescentou quase 4% à participação do Brics no PIB mundial (PPC), conforme mostrado na Figura 41.

Figura 42

China vs Estados Unidos: participação no PIB mundial (PPC)

1993–2022



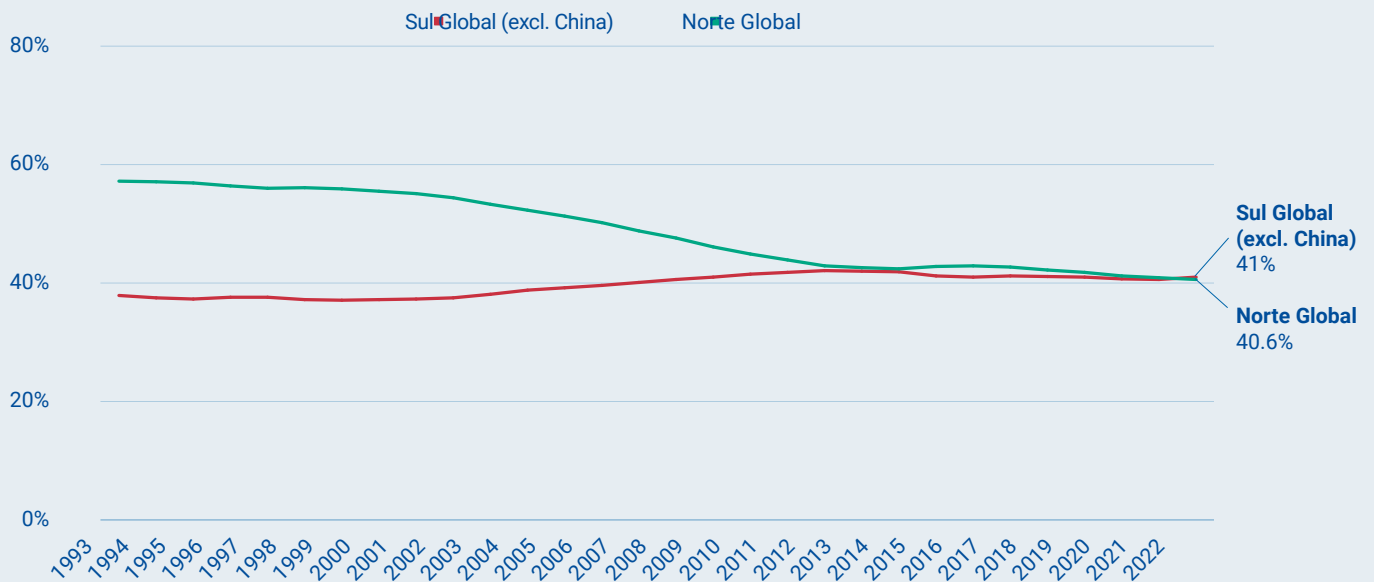
Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados do FMI

Nos últimos trinta anos, os Estados Unidos, líder absoluto do Norte Global, viu sua participação na economia mundial cair lentamente em termos de PPC, de 19,7% em 1993 para 15,5% em 2022. Enquanto isso, no Sul Global, a rápida ascensão da China tem sido a variável mais notável. Em 1993, a China representava apenas 5% da economia mundial (Figura 42); já em 2016, sua economia ultrapassou a dos Estados Unidos em termos de PPC e, em 2022, sua participação na economia mundial chegou a 18,4%. Isso marca a primeira vez, em mais de 600 anos, que um país não dominado por brancos rompeu economicamente a hegemonia dos países imperialistas brancos. Essa realidade econômica fez com que os EUA começassem a tentar suprimir com urgência a ascensão da China.

Figura 43

Sul Global (excl. China) vs Norte Global: participação no PIB mundial (PPC)

1993–2022



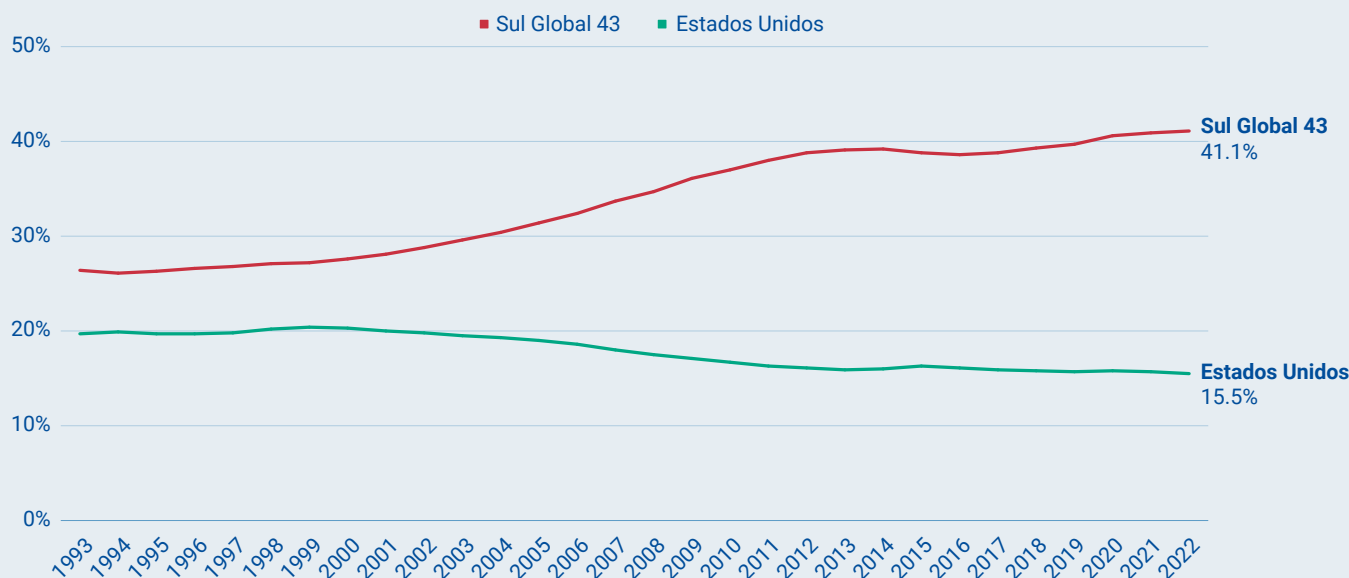
Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados do FMI

Entretanto, seria um equívoco considerar a China como a única fonte de crescimento do Sul Global. Mesmo sem o país, as economias do Sul Global já haviam ultrapassado as do Norte Global em 2022, sendo suas respectivas participações na economia global de 41% e 40,6% (Figura 43). O desenvolvimento econômico geral do Sul Global proporcionou objetivamente a capacidade de buscar uma ordem internacional mais justa, o que é contrário aos desejos do bloco imperialista do Norte Global.

Figura 44

Sul Global 43 vs Estados Unidos: participação no PIB mundial (PPC)

1993–2022



Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados do FMI

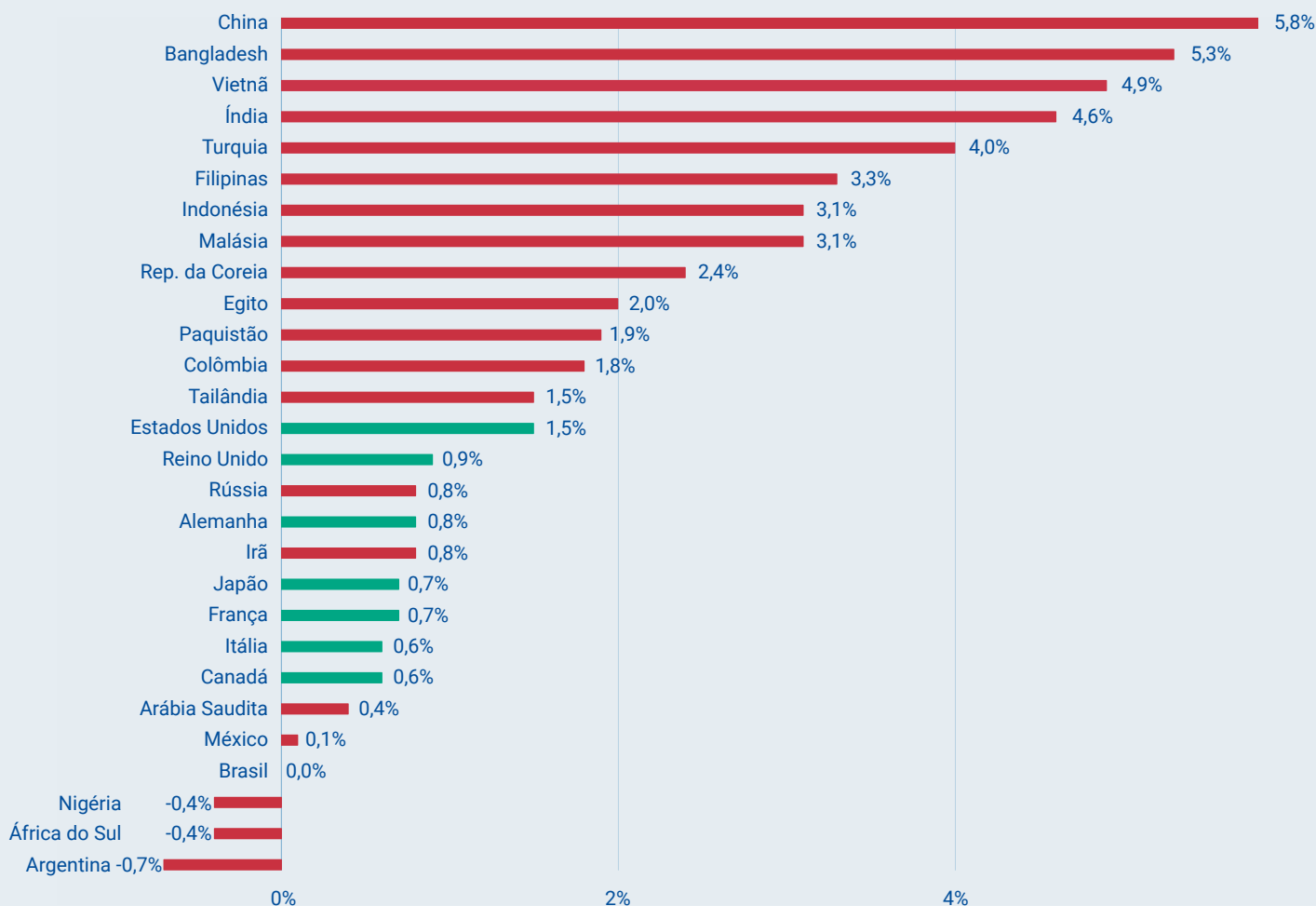
Identificamos todos os 43 países cuja participação no PIB mundial (PPC) chega a 41,1% (Figura 44) e que fazem parte de uma ou mais das três novas organizações internacionais que não são controladas por imperialistas: Brics 10 (fundado em 2009, ampliado em 2010 e 2023), Organização para Cooperação de Xangai (fundada como "Cinco de Xangai" em 1996, ampliada em 2001, 2017 e 2023) e o Grupo de Amigos em Defesa da Carta das Nações Unidas (fundado em 2021). A lista completa é apresentada em seção posterior.

A Figura 45 mostra a taxa média de crescimento anual do PIB (PPC) per capita registrada na última década pelas 21 maiores economias do Sul Global e pelos países do G7. A taxa de crescimento da China (5,8%) continua a liderar entre os países selecionados. A taxa de crescimento da Ásia é geralmente mais alta do que a de outros países do Sul Global. Os cinco países seguintes com as maiores taxas de crescimento são Bangladesh (5,3%), Vietnã (4,9%), Índia (4,6%), Filipinas (3,3%) e Indonésia (3,1%). Com exceção dos Estados Unidos, o restante dos países do G7 tem uma taxa média de crescimento per capita inferior a 1%. Lamentavelmente, as maiores economias da África e da América Latina tiveram um crescimento per capita negativo: Nigéria e África do Sul, com -0,4%, e Brasil e Argentina, com 0% e -0,7%, respectivamente.

Figura 45

Sul Global 21 vs G7: taxa de crescimento médio anual

PIB (Paridade do Poder de Compra) per capita, 2012–2022



Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados do FMI

Sul Global 21 ■ G7 ■

Obviamente, reconhecemos que as próprias taxas de crescimento podem mascarar as intensas lutas de classe travadas nos países, onde a parcela do crescimento não é de modo algum distribuída de forma equitativa entre capital e trabalho. Entretanto, seria um erro ignorar as taxas de crescimento e o que suas linhas de tendência descrevem.

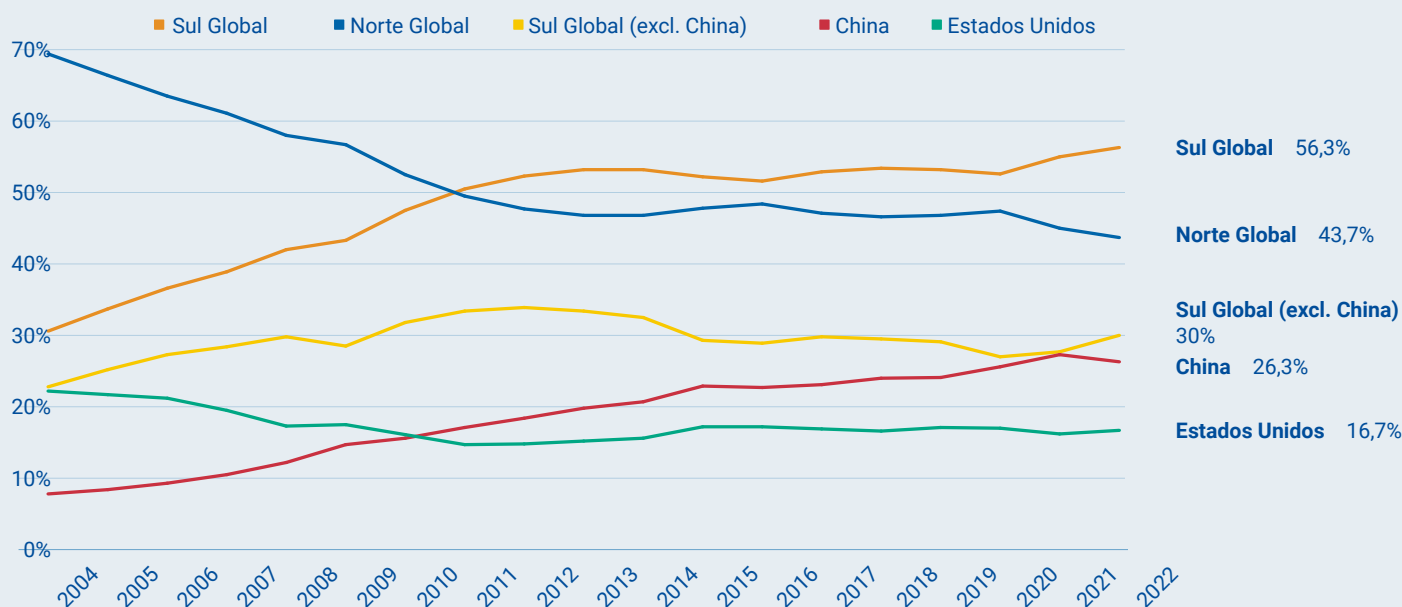
Uma das mudanças mais significativas ocorrida nos últimos 20 anos na economia mundial foi uma guinada radical na geografia da produção industrial mundial.

O Banco Mundial divulga a porcentagem da indústria no PIB utilizando os preços correntes e as taxas de câmbio correntes, o que este estudo chama de método da Taxa de Câmbio Corrente (TCC). Atualmente, não temos conhecimento de nenhuma divulgação das porcentagens da indústria calculando-se o PIB (PPC).

Figura 46

Sul Global vs Norte Global: Participação no valor adicionado da indústria mundial

PIB (Taxa de Câmbio Corrente), 2004–2022



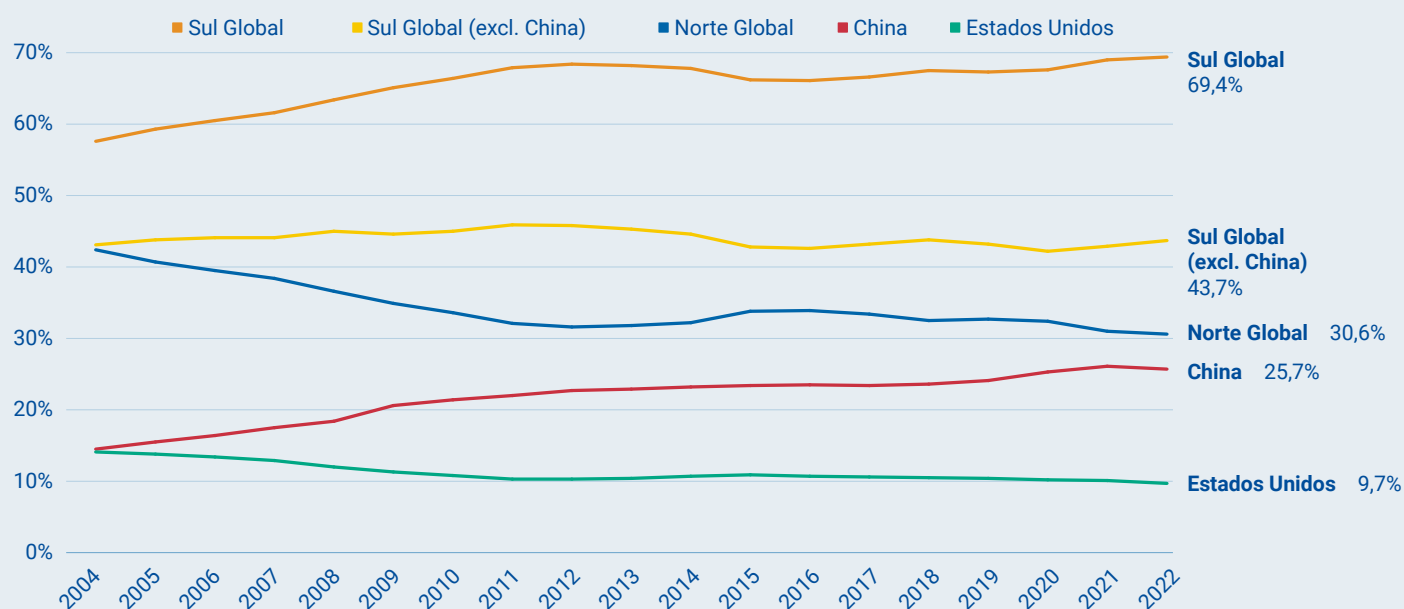
Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados do Banco Mundial

As Figuras 46 e 47 mostram as mudanças na porcentagem do valor adicionado da indústria no PIB, tanto em termos de TCC quanto de PPC, nos últimos 18 anos. É provável que os números da participação do valor adicionado mundial da indústria estejam em algum ponto entre a TCC e a PPC. Os gráficos subsequentes desta série apresentam apenas o método PPC e têm as mesmas qualificações da primeira série.¹³⁷

O que vemos é que há, de fato, uma mudança na base da economia, na qual o Sul Global abriga a parcela majoritária. Apesar de muitas previsões acerca de uma nova sociedade pós-industrial, nenhum país importante alcançou a modernização sem industrialização.

Figura 47

Sul Global vs Norte Global: Participação no valor adicionado da indústria mundial PIB (Paridade do Poder de Compra), 2004–2022

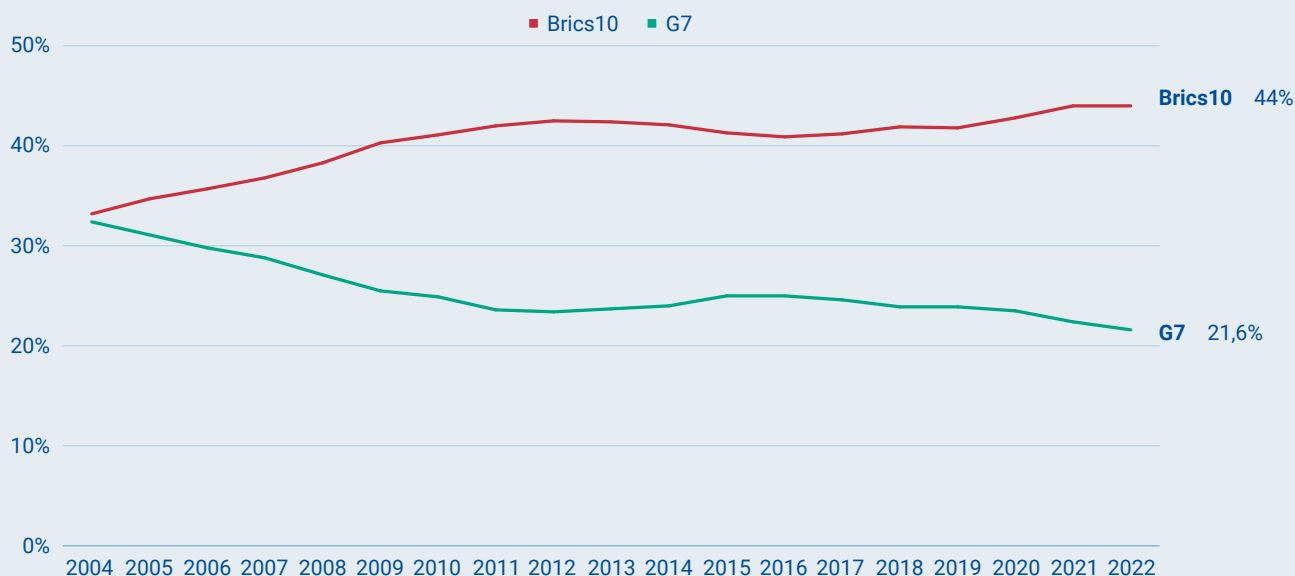


Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados do Banco Mundial

Figura 48

Brics10 vs G7: participação no valor adicionado da indústria mundial

PIB (Paridade do Poder de Compra), 2004–2022



Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados do Banco Mundial

A participação do Brics 10 no valor adicionado da indústria mundial representa, em 2022, o dobro da participação do G7 (Figura 48).

Os resultados mostram o seguinte em relação ao valor adicionado da indústria como porcentagem do PIB mundial (PPC):

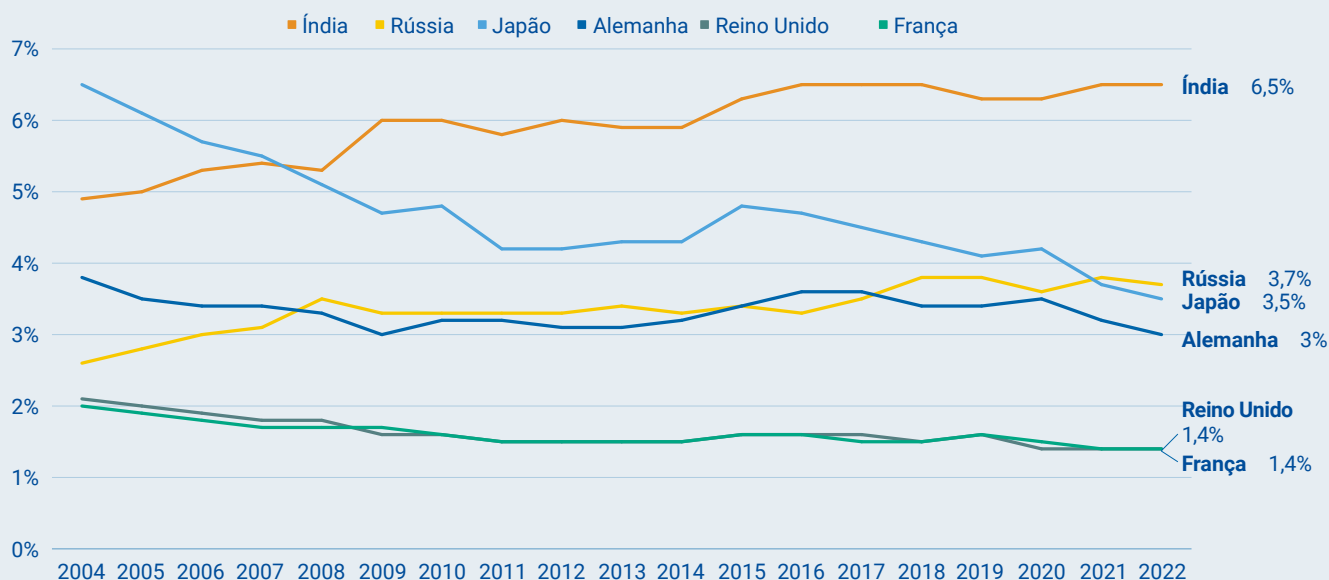
- A China é o principal país industrial do mundo, com uma participação de 25,7% no valor adicionado, enquanto os EUA detêm apenas 9,7%.
- O Sul Global tem uma participação de 69,4%, enquanto o Norte Global tem uma participação de 30,6%.
- O Brics 10 tem uma participação de 44% e supera o G7.
- A participação de Japão, Alemanha, França e Reino Unido também está diminuindo, enquanto a da Índia está aumentando (Figura 49).

Utilizamos a porcentagem do Banco Mundial para a indústria multiplicada pelo PIB anual (PPC) de cada país, em cada ano, para obter o valor adicionado da indústria com base em cada país. Em seguida, utilizamos esses números para calcular a porcentagem do valor adicionado total da indústria mundial, por país e categoria de grupo de países. Há algumas limitações e questões complexas relacionadas a essa metodologia.

Figura 49

Países selecionados: participação no valor adicionado da indústria mundial, Alemanha, França, Índia, Japão, Reino Unido e Rússia

PIB (Paridade do Poder de Compra), 2004–2022



Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados do Banco Mundial

Alguns economistas tentaram minimizar essa mudança. Há argumentos de que, com os monopólios do dólar estadunidense e a propriedade de grandes corporações multinacionais, os números do PIB exageram a mudança. No mínimo, não se pode dizer que a China tenha toda a sua produção sob o controle dos EUA. Mesmo na Índia, é um erro subestimar a importância de uma grande e crescente burguesia nacional (embora grande parte dela seja politicamente reacionária). A transferência da produção industrial para o Sul Global só poderia ter ocorrido com melhorias maciças em sua infraestrutura.

Ao se despedir do presidente russo Vladimir Putin durante sua visita de Estado em março de 2023, o presidente chinês Xi Jinping afirmou: "Neste momento, há mudanças – como não víamos há 100 anos – e somos nós que estamos conduzindo essas mudanças juntos".¹³⁸ A Eurásia é agora o palco central para determinar o futuro do próximo período da existência humana.

Estratégia dos EUA para coibir o crescimento econômico e a influência da China

Em 2007, Vladimir Putin proferiu um famoso discurso em Munique, criticando o domínio monopolista dos EUA e "o hiperUso quase incontido da força – força militar – nas relações internacionais, força que está mergulhando o mundo em um abismo de conflitos permanentes".¹³⁹ No mesmo ano, foi criado o Centro para uma Nova Segurança Americana (*Center for New American Security* – CNAS). Em 2009, telegramas secretos dos EUA para Washington, revelados pelo Wikileaks, afirmavam:

Xi sabe o quanto a China é corrupta e sente repulsa pela ampla comercialização da sociedade chinesa e seus consequentes novos-ricos, pela corrupção entre funcionários do governo, pela perda de valores, dignidade e respeito próprio, além dos "males morais" como drogas e prostituição... Quando Xi assumir o comando do partido, ele poderá tentar resolver esses males de forma agressiva, talvez às custas da nova classe endinheirada.¹⁴⁰

Os alarmes estavam tocando em Langley e Foggy Bottom. O sonho do Ocidente de ver surgir um "Gorbatchov chinês" foi destruído em 2012 e ficou nítido que não havia derrota iminente à vista para uma China que ascendia economicamente. Assim, a estratégia de reorientação para a Ásia começou a integrar seus aliados para conter o país. A então secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton, declarou publicamente que "o século XXI será o século do Pacífico dos Estados Unidos".¹⁴¹ Em contrapartida, Xi Jinping disse ao presidente dos EUA, Barack Obama, que "o Oceano Pacífico é grande o suficiente para acomodar o desenvolvimento tanto da China quanto dos Estados Unidos".¹⁴²

Em 2016, o PIB da China, calculado pela paridade do poder de compra, já havia ultrapassado o dos Estados Unidos. Em 2020, o Centro de Pesquisa Econômica e Empresarial (*Centre for Economics and Business Research*) previu que, em 2028, o PIB da China, medido em dólares estadunidenses, ultrapassaria o dos EUA, uma previsão que se tornou uma "barreira demoníaca".¹⁴³ As autoridades estadunidenses definiram a China reiteradamente como a ameaça estratégica mais significativa que o país e o Norte Global enfrentam. O declínio relativo do poder dos EUA, a ascensão da China socialista e o crescimento econômico do Sul Global são os principais motivos por trás da subordinação ativa e da subsequente integração, pelos EUA, do restante dos países imperialistas. Isso levou a um bloco militar, político e econômico completamente sob o controle dos EUA. Em 1998, o ex-conselheiro de segurança nacional dos EUA, Zbigniew Brzezinski, alertou: "O cenário mais perigoso seria uma grande coalizão entre China, Rússia e talvez Irã... não por um amor repentino entre eles, mas por uma oposição compartilhada à potência predominante (os EUA)".¹⁴⁴

Formado por uma combinação de neoconservadores e liberais defensores do intervencionismo, o CNAS gerou um núcleo de quadros das elites políticas dos EUA – dos dois partidos – que se concentrou no desenvolvimento de uma nova estratégia geopolítica para os EUA. Em 2021, ignorando o aviso de Brzezinski, o Centro começou a promover

publicamente a preparação para guerras simultâneas. Entre as figuras importantes do CNAS estão o secretário de Estado Antony Blinken, o vice-secretário de Estado Kurt Campbell e a ex-subsecretária de Políticas de Defesa Michèle Flournoy. Ex-funcionários e consultores do CNAS têm permeado os órgãos estratégicos do Estado, inclusive o Conselho de Segurança Nacional.

O Conselheiro de Segurança Nacional Jake Sullivan, embora não seja membro do CNAS, agora desempenha um papel dominante na presidência e segue a mesma estratégia internacional. Em abril de 2023, Sullivan fez um discurso intitulado "Renovando a liderança econômica americana" no Brookings Institute.¹⁴⁵ Esse discurso foi relevante por três motivos. Primeiro, é muito incomum que um discurso tão importante sobre a economia dos EUA seja proferido por um Conselheiro de Segurança Nacional. Historicamente, esses conselheiros, como Henry Kissinger, restringem-se ao âmbito da segurança nacional, da geopolítica e dos assuntos militares. Em segundo lugar, o discurso de Sullivan buscou criar um "novo Consenso de Washington" para restabelecer a hegemonia econômica dos EUA. Terceiro, Sullivan reconheceu a profundidade da crise estrutural dos EUA, incluindo sua estagnação econômica.

Esse plano econômico é necessário para dar suporte à expansão militar. Em julho de 2023, os EUA propuseram um projeto de lei para acrescentar US\$ 345 milhões em ajuda militar a Taiwan.¹⁴⁶ De Tel Aviv a Kiev e Taipei, os EUA estão intensificando operações militares até as portas da Eurásia.

As guerras frias, necessariamente associadas a conflitos entre potências nucleares, são sempre perigosas. Em 1988, Edward Herman e Noam Chomsky publicaram *A manipulação do público: Política e poder econômico no Uso da mídia*, no qual criticavam o "modelo de propaganda" utilizado pela mídia corporativa dos EUA, muitas vezes em parceria com o Estado. Os autores já apontavam isso muito antes de esse sistema poder se valer das novas ferramentas tecnológicas de vigilância e comunicação direcionada que caracterizam a era digital. Graças às denúncias de Edward Snowden, o mundo pôde vislumbrar a vasta expansão do controle dos EUA sobre todas as comunicações e a forma como integraram todas as plataformas do monopólio tecnológico de TI dos EUA em adjuntos da infraestrutura de segurança nacional dos EUA.

"Colete tudo" foi como um ex-oficial sênior de inteligência descreveu a abordagem do ex-diretor da Agência de Segurança Nacional, Keith Alexander, com relação à coleta de dados. Todos os e-mails, todas as chamadas telefônicas e mensagens de texto de todos os tipos (incluindo os do WhatsApp, Telegram e Signal), cada toque de tecla e cada URL, tudo da grande maioria da população mundial é capturado (fora da China, da Rússia e de alguns outros países). Esses dados são armazenados em imensas redes de discos rígidos em locais como Bluffdale, no estado de Utah. Os EUA criaram uma rede global capaz de captar e administrar quase todos os pacotes de dados de todos os cabos submarinos de fibra óptica, todo o tráfego de celulares e o tráfego de dados via satélite.

Apesar da hegemonia militar, o capital ainda precisa de algo próximo do consentimento. Com o tempo, novas técnicas, como o aprendizado de máquina, proporcionaram um salto qualitativo na capacidade dos EUA de conduzir uma guerra psicológica secreta contra o povo,

o Sul Global e suas populações.¹⁴⁷ Os modelos econômicos de todas as empresas de mídia entraram em colapso com o advento da internet e a criação de monopólios econômicos de tecnologia, que desintermediaram todos os lucros da mídia. Começou uma nova era de total transformação de meios de comunicação em arma – um desdobramento que faz parte da estratégia geral de guerra híbrida (incluindo sanções econômicas e isolamento diplomático), utilizada pelo establishment dos EUA em todo o mundo.

A reorientação para a Ásia, que na realidade volta-se para a China, começou formalmente em 2012, sob o comando de Obama. Os EUA combinaram estratégias diplomáticas, econômicas, políticas e de propaganda para tentar conter, a princípio, o desenvolvimento econômico da China e, posteriormente, sua crescente influência em instituições como o Brics. A partir de 2016, Trump tentou evitar o conflito com a Rússia e começou a concentrar todas as energias dos EUA contra a China.

Nos últimos oito anos, os EUA utilizaram um conjunto de temas selecionados com curadoria para definir a narrativa da mídia ocidental sobre a China. Apesar dos milhões de pessoas muçulmanas mortas pelas mãos das forças da Otan no Iêmen, na Síria, no Iraque e no Afeganistão, o Ocidente conseguiu integrar seu formidável conjunto de recursos de *soft power* para travar uma guerra fria virulenta contra a China. Até o principal agente de propaganda nazista, Joseph Goebbels, teria se espantado com a arrogância do Ocidente ao reivindicar o manto dos direitos humanos e tentar Usar Xinjiang como ponto de ataque contra a China.

Lawrence Wilkerson, ex-chefe de gabinete do secretário de Estado Colin Powell e ex-coronel do exército, observou que um importante objetivo estratégico da invasão militar dos EUA e de sua longa presença no Afeganistão era conter a Nova Rota da Seda da China (2013-atual) e criar divisões étnicas e agitação social em Xinjiang.¹⁴⁸ Os veículos *The New York Times*, *The Guardian* e *BBC* se tornaram os principais apoios em uma campanha de operação psicológica característica dos EUA.

Como explicamos na análise das economias ocidentais, não é irracional que o Ocidente procure retardar o crescimento da China. O ponto central do próximo estágio de desenvolvimento chinês é a promoção de uma economia de dupla circulação, ou seja, aumentar o peso do mercado interno e, ao mesmo tempo, continuar a aumentar seu comércio internacional, passar a um desenvolvimento de alta qualidade e promover o desenvolvimento econômico das províncias do oeste do país. O ataque a Xinjiang atende simultaneamente a muitos interesses ocidentais: enfraquece as estratégias de crescimento interno da China, isola o país internacionalmente, mascara a violência dos EUA contra os países muçulmanos e mantém o apoio a grupos extremistas para desestabilizar seus adversários.

As alegações forjadas de genocídio entre a população uigur em Xinjiang, sem nenhuma comprovação pelo Departamento de Estado dos EUA, permitiram que o governo dos EUA impusesse sanções à China, com o objetivo de atingir toda a cadeia do setor têxtil chinês, que exporta mais de US\$ 300 bilhões e responde por mais de um terço das exportações têxteis do mundo, ocupando o primeiro lugar no ranking global.¹⁴⁹ Mas, apesar dessas sanções, o

comércio exterior de Xinjiang aumentou 51,25% em relação ao ano anterior, atingindo US\$ 30 bilhões nos três primeiros trimestres de 2023, e o comércio com cinco nações da Ásia Central cresceu 59,1%.¹⁵⁰ A China acaba de anunciar uma zona de livre comércio em Xinjiang para promover a conectividade com os países da região da Nova Rota da Seda.

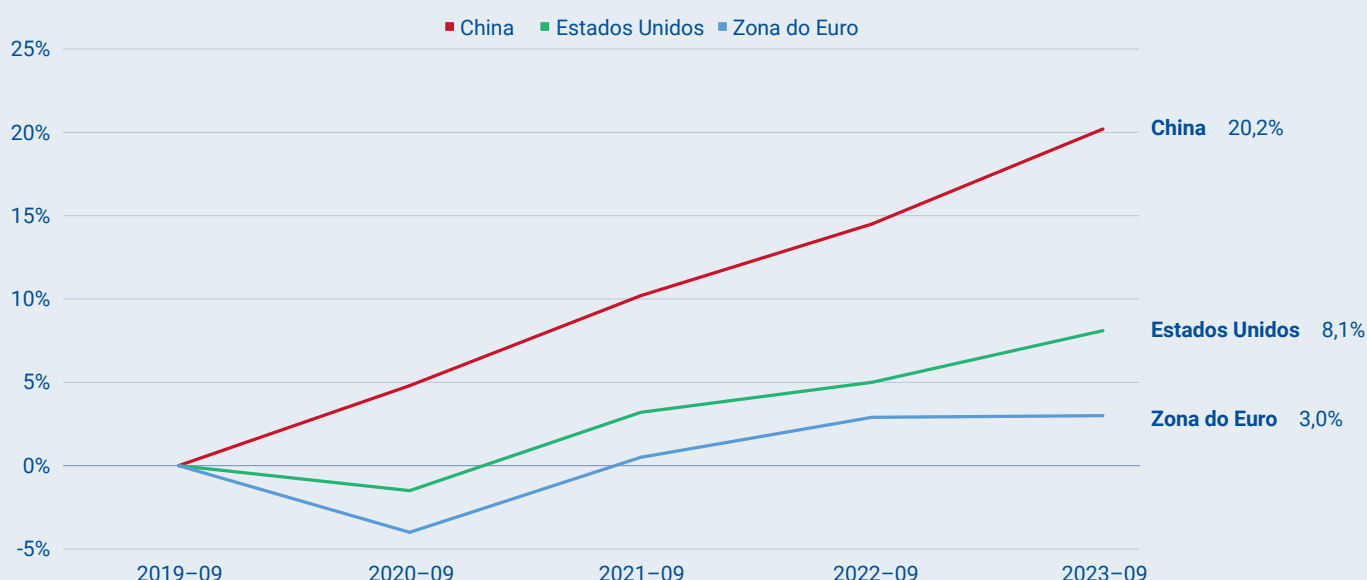
Além da guerra de "*soft power*", os EUA não pouparam esforços para conter o desenvolvimento da China em setores de alta tecnologia, sobretudo para enfraquecer a capacidade chinesa de produzir ou mesmo comprar chips semicondutores de ponta. Ao impor uma competência de longo alcance sobre tecnologias como as máquinas de litografia ultravioleta extrema (EUV) fabricadas pela empresa holandesa ASML, os EUA buscam impedir que a China entre no futuro da tecnologia dos chips. O governo Biden acredita que o impacto disso vai muito além de enfraquecer os avanços militares da China, mas também ameaçará o crescimento econômico e a liderança científica do país.

Gregory C. Allen, diretor do Projeto de Governança de Inteligência Artificial e membro sênior do Programa de Tecnologia Emergente do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais em Washington, acredita que a mensagem transmitida pelos controles de exportação contra a China, emitidos pelo Escritório de Indústria e Segurança (*Bureau of Industry and Security* – BIS) dos EUA, em outubro de 2022, faz parte de "uma nova política dos EUA de estrangular ativamente grandes segmentos do setor de tecnologia chinês – estrangular com a intenção de matar".¹⁵¹ C.J. Muse, analista da indústria nos EUA, declarou: "Se você me falasse sobre essas regras cinco anos atrás, eu teria dito que trata-se de um ato de guerra – seria necessário estar em guerra".¹⁵²

Figura 50

China, Estados Unidos e Zona do Euro: crescimento acumulado do PIB

Porcentagem de variação no terceiro trimestre de 2019



Fonte: Calculado por John Ross a partir de BEA, "NIPA", tabela 1.1.3, Contas Nacionais Trimestrais OCDE, China-Wind

Apesar das severas restrições impostas pelos EUA, a China continua crescendo mais do que o Norte Global (Figura 50).

Por meio da Nova Rota da Seda, a China fortalece suas conexões econômicas com o Sul Global. De 2013 a 2022, o volume total de comércio da China com os países participantes da Nova Rota da Seda atingiu US\$ 19,1 trilhões, com um aumento médio anual de 6,4%. O investimento bilateral acumulado ultrapassou US\$ 380 bilhões, e o investimento estrangeiro direto da China ultrapassou US\$ 240 bilhões. Os novos projetos contratados pelo país atingiram US\$ 2 trilhões, concluindo um volume de negócios acumulado de US\$ 1,3 trilhão.¹⁵³

Ironicamente, a contenção dos EUA nos campos de alta tecnologia apenas fortaleceu a determinação da China de ser autossuficiente em inovação. Nos últimos anos, o país asiático fez avanços significativos em inovação independente em chips de ponta, veículos elétricos e tecnologia digital, tornando o bloqueio e a contenção dos EUA em campos da alta tecnologia cada vez mais impraticáveis.

O Norte Global empurrando o mundo para a guerra

A ascensão pacífica dos países do Sul Global, liderada pela Ásia e sobretudo pela China, representa um desafio econômico abrangente ao domínio mundial imperialista. É a primeira vez em 600 anos que as potências imperialistas do Atlântico se deparam com uma força econômica não branca capaz de se contrapor a elas.

Para conter a ascensão da China, os EUA estão intensificando a integração interna dentro do campo imperialista, permitindo e exigindo o rearmamento de dois países fascistas derrotados na Segunda Guerra Mundial, Japão e Alemanha. De forma unânime, os líderes políticos dos EUA consideram essencial conter e derrotar a China, como um inimigo estratégico central, e deram início a uma nova guerra fria. Os líderes militares estadunidenses fazem declarações alarmantes sobre a China. O objetivo geopolítico dos EUA é derrubar os regimes da China e da Rússia, desnuclearizar e, se possível, desmembrar os dois países, dividi-los em vários países pequenos e garantir que nunca mais possam desafiar sua hegemonia militar e econômica.

Na fronteira ocidental da Rússia, a expansão da Otan para o leste levou a questão da segurança da Ucrânia a um ponto crítico de ebulição. Antes da dissolução da União Soviética, os Estados Unidos haviam prometido a Gorbatchov que a Otan não se expandiria para o leste, já que sua missão original – combater a União Soviética e conter o comunismo europeu – havia terminado com o fim da Guerra Fria. No entanto, a Otan não cumpriu esse "acordo de cavalheiros" e incorporou 14 novos Estados-membros, incluindo diversas antigas repúblicas soviéticas. Em 2018, a Ucrânia alterou sua Constituição para priorizar a entrada na Otan e na União Europeia como estratégia nacional, o que representa uma ameaça significativa à segurança nacional da Rússia. Como Kiev está localizada a apenas 760 km de distância de Moscou, permitir que a Otan implante armas nucleares na Ucrânia constituiria uma ameaça militar incontrolável para a Rússia.

Ao mesmo tempo, as forças neonazistas no oeste da Ucrânia estavam em ascensão. Em janeiro de 2022, foram realizadas procissões com tochas em cidades como Kiev e Lviv, comemorando o aniversário do colaborador nazista Stepan Bandera. Em conflitos anteriores, extremistas nacionalistas da mesma região hasteavam bandeiras nazistas e ameaçavam aniquilar ucranianos do leste do país e pessoas favoráveis à Rússia. A população Russa étnica do leste da Ucrânia teve que organizar a resistência e buscar ajuda Russa. Nessas circunstâncias, a Rússia lançou uma "operação militar especial" na Ucrânia, essencialmente enfrentando um confronto direto com a força militar da Otan.

No Pacífico Ocidental, os Estados Unidos fazem tentativas contínuas de alimentar as tensões em torno do Mar do Sul da China e de Taiwan. Em agosto de 2022, apesar da forte oposição e das demonstrações diplomáticas de descontentamento da China, a presidente da Câmara dos Representantes dos EUA, Nancy Pelosi, visitou Taiwan, cometendo uma grave violação do princípio de "Uma só China" e das disposições dos três comunicados conjuntos EUA-China, afetando seriamente a base política das relações sino-estadunidenses. É importante lembrar que, em 1972, no comunicado de Xangai, os Estados Unidos aceitaram a política de "Uma só

China", que reconhece que existe apenas uma China e que Taiwan não é um Estado soberano separado. Em agosto de 2023, a Marinha dos EUA, juntamente com as forças do Canadá e da República da Coreia, realizou exercícios militares conjuntos no Mar do Japão e no Mar Amarelo.¹⁵⁴ No entanto, os exercícios terminaram abruptamente após, apenas cinco horas, devido às mobilizações militares direcionadas da China.¹⁵⁵ Desde que Ferdinand Marcos Jr. assumiu a presidência das Filipinas, em junho de 2022, o país abriu diversas bases militares para os EUA, fortaleceu os laços de segurança com a Austrália e o Japão e desencadeou disputas com a China sobre questões de soberania no Mar do Sul da China. Navios de guerra dos EUA, do Canadá, da Austrália e de outros países também patrulham e fazem exercícios com frequência no Mar do Sul da China, provocando diversos contatos imediatos e atritos com a Marinha chinesa.

Até o momento, diante das contínuas provocações dos Estados Unidos e de seus aliados, a China tem mantido uma postura contida, esforçando-se para evitar conflitos militares com esses países, pois um confronto desse tipo poderia se transformar em uma guerra nuclear global. No entanto, Taiwan tem uma importância especial. Como parte da China historicamente e segundo a lei internacional, a continuação da separação de Taiwan significa que não houve fim para a guerra civil da China e até mesmo para o "século de humilhação", que começou com as Guerras do Ópio em 1840. A divisão de Taiwan é inaceitável para a China, mesmo que isso signifique o risco de uma guerra direta contra os Estados Unidos.

Com o apoio direto de Biden e Blinken, Israel está promovendo uma limpeza étnica e o genocídio da população civil palestina em Gaza. A situação deixa evidente a verdadeira face do campo imperialista do Norte Global como um coletivo de colonizadores brancos: quando surgem conflitos entre colonos brancos e pessoas não brancas colonizadas, o campo imperialista apoia em uníssono o lado dos colonos.

As fraturas na Ucrânia e na Palestina exacerbaram a polarização dos social-democratas, sendo que alguns de seus setores se mostraram incapazes de superar o desejo de aceitabilidade e de se unir a um movimento robusto pela paz.

Voltemos à citação da Otan e da UE de que estariam "protegendo nosso bilhão de cidadãos, preservando nossa liberdade e democracia... contra todas as ameaças". Essa frase, que aparece no primeiro parágrafo do comunicado da Otan-UE de 2023, descreve nitidamente a estrutura do mundo atual: o campo imperialista, centrado nos EUA e baseado na infraestrutura da Otan, está totalmente unido e mobilizado militar, política e economicamente, pronto para sufocar quaisquer forças emergentes que possam representar uma ameaça ao seu status hegemônico. Essa inédita e imensa pressão imperialista obrigou muitos no "resto do mundo" (aqueles que estão fora do campo imperialista) a identificar estruturas e identidades alternativas de autopreservação.

The top half of the page features a light blue background with three sets of concentric circles in a slightly darker shade of blue. A diagonal line splits the page, with the bottom half being white.

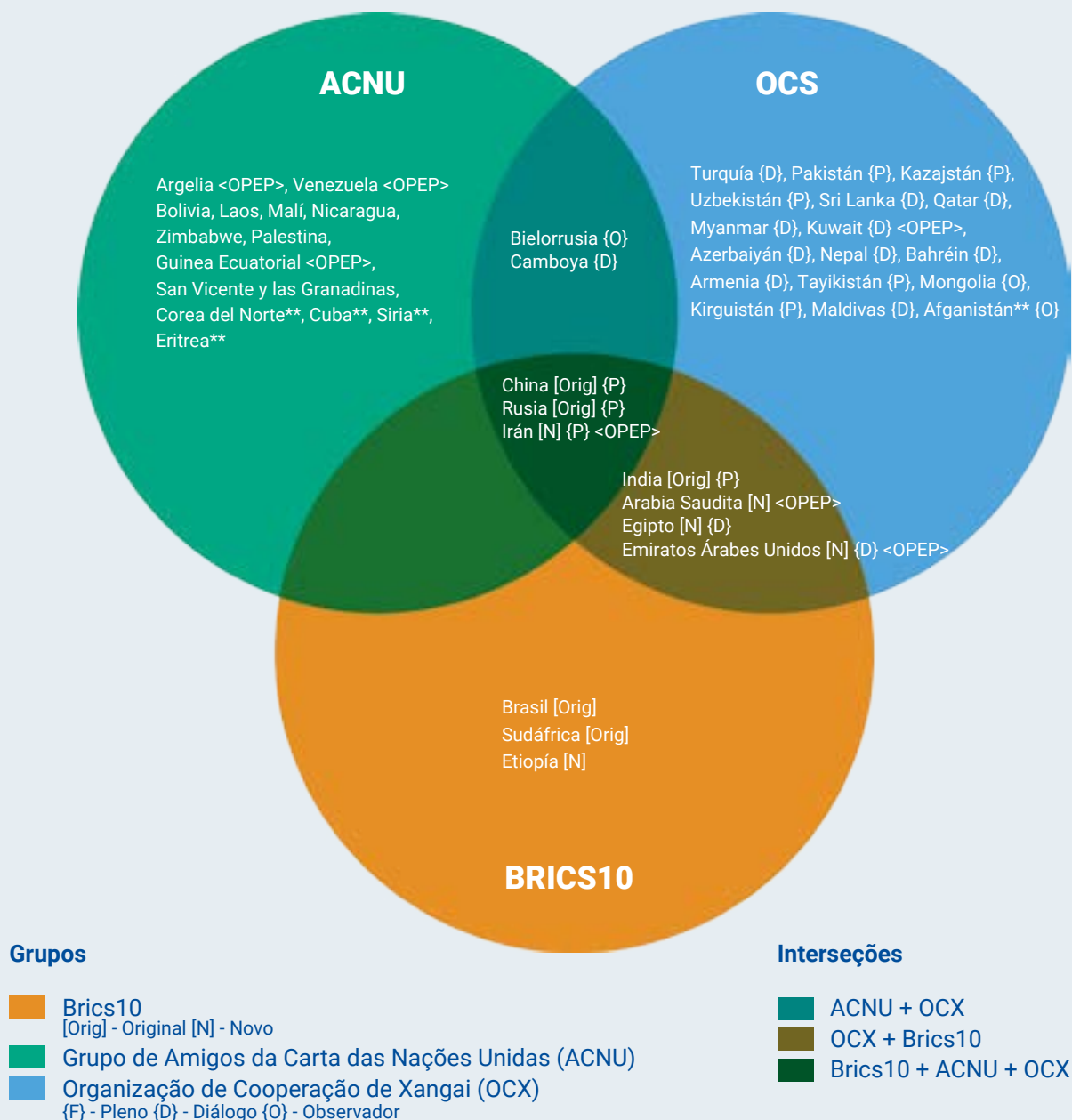
EPÍLOGO

**Uma alternativa política e
econômica plausível para a
ordem mundial**

Figura 51

SG43: 43 Estados-membros das organizações multilaterais emergentes do Sul Global

Brics 10, ACNU e OCX, 2023



<OPEP> Organização dos Países Exportadores de Petróleo, 13 membros,
 7 dos quais integram o SG43

Fonte: Sul Global Insights

Nota: Em cada cor os países estão ordenados por PIB decrescente

**FMI não possui dados consistentes do PIB PPC desses países.

Vinte e cinco anos após a publicação do livro *O grande tabuleiro de xadrez* (1997), de Zbigniew Brzezinski, identificando este como o maior perigo geopolítico para os EUA, a China, a Rússia e o Irã realmente se aproximaram em diversos campos, incluindo economia, política e segurança. Não por coincidência, são os únicos três países que fazem parte do Brics 10, da Organização de Cooperação de Xangai e do Grupo de Amigos em Defesa da Carta das Nações Unidas (Figura 51). A força motriz por trás dessa convergência – exatamente como Brzezinski previu – é a crescente pressão hegemônica do grupo imperialista liderado pelos Estados Unidos. Em comparação com a Otan, que é altamente unificada em termos de ideologia, comando militar e compartilhamento de inteligência, não há nenhuma organização internacional anti-imperialista comparável. Ainda assim, três organizações internacionais influentes surgiram no Sul Global:

- O Brics, iniciado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, é um mecanismo de cooperação econômica que se expandiu para 17 parceiros de cooperação oficiais e não oficiais após a cúpula do Brics realizada em agosto de 2023. O Brics 10 representa 45,5% da população mundial, 35,6% do PIB (PPC) e 44% da produção industrial global. O Novo Banco de Desenvolvimento do Brics começou com US\$ 100 bilhões em investimento de capital e sua estrutura de reserva de contingência também detém US\$ 100 bilhões.¹⁵⁶
- A Organização de Cooperação de Xangai (OCX) começou com foco em questões de segurança. Reúne países do continente eurasiático – desde países com grande desempenho econômico, como China, Índia e Turquia, até os principais países da Opep, como Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos, além de membros da Liga dos Estados Árabes – para enfrentar os desafios de segurança por meio de abordagens multifacetadas de desenvolvimento. A OCX representa 60% do território eurasiático, um quarto do PIB mundial e 40% da população global.¹⁵⁷ Em julho de 2023, Xi Jinping propôs a criação de um banco de desenvolvimento da OCX.
- O recém-criado Grupo de Amigos em Defesa da Carta das Nações Unidas (ACNU) busca defender o multilateralismo e se opor à hegemonia e ao unilateralismo dentro do marco da Carta das Nações Unidas. Atualmente, esse grupo tem 20 países-membros e foi iniciado pela Venezuela. Sobre a questão da Palestina, o grupo apoia a justa demanda pela independência nacional do povo palestino, apoia a candidatura da Palestina para se tornar um membro formal das Nações Unidas e defende o estabelecimento de um Estado palestino independente, tendo Jerusalém Oriental como capital.

Ao atingir seu marco de 10 anos, a Nova Rota da Seda também teve um impacto significativo no Sul Global. Até o momento, com um investimento que ultrapassa US\$ 1 trilhão, a NRS tem sido uma força fundamental no desenvolvimento de infraestrutura no Sul Global.¹⁵⁸

Figura 52

Interesses compartilhados do Sul Global

2023



Fonte: Sul Global Insights

Ao contrário do campo imperialista, as principais aspirações dos países do Sul Global são a soberania, o desenvolvimento e a conquista da paz. Especificamente, eles compartilham pelo menos oito desafios e oportunidades (Figura 52), descritos a seguir:

- **Multilateralismo:** Engajamento em diálogos multilaterais profundos e cooperação entre os países do Sul Global sem depender de articulações oferecidas pelos países do Norte Global.
- **Nova modernização:** Construção da integração econômica regional por meio de corredores e eixos econômicos dentro do Sul Global para concretizar economias de escala em nível continental.
- **Desdolarização:** Redução da dependência do dólar estadunidense (sobretudo para os países que enfrentam sanções) no comércio internacional por meio de mecanismos como transações em moeda local, *swaps* cambiais e moedas regionais comuns.
- **Inovação liderada pelo Sul Global:** Promoção da inovação tecnológica democrática e aberta entre os países do Sul Global. Isso inclui a redução do ágio econômico proporcionado pelos monopólios de propriedade intelectual em áreas como medicina, novas energias e tecnologia da informação.
- **Reparações e resolução da dívida:** Enfrentamento à armadilha do endividamento centenário imposto pelos países imperialistas, por meio de negociações coletivas para reduções e compensações.
- **Soberania alimentar:** Garantia do direito dos povos e dos Estados de definir sua política agrícola e alimentar, sem qualquer *dumping* em relação a outros países, corporações transnacionais e acordos de livre comércio.
- **Soberania digital:** Aumento da capacidade dos países do Sul Global de controlar os espaços digitais em termos de hardware, software, dados, conteúdo, padrões e regulamentações, e construção de alternativas às plataformas digitais monopolizadas pelos EUA.
- **Justiça ambiental:** Formulação de planos justos de alocação de direitos de emissão e exigências aos países imperialistas para que compensem sua poluição cumulativa de longo prazo. A financeirização da natureza é um beco sem saída para o Sul Global.

A humanidade enfrenta uma potência militar perigosa e implacável. Os EUA estão em uma marcha para rearmar as duas principais potências fascistas da Segunda Guerra Mundial, enquanto se voltam mais para uma política de extrema direita e neofascismo.

Infelizmente, é bem verdade que as forças de esquerda fora do campo socialista são de fato fracas e que o aspecto subjetivo da revolução na maioria dos países não está pronto para conduzir a revolução. Mas estamos testemunhando mudanças e rupturas significativas na consciência, embora não seja uma consciência de classe plena. Milhões de pessoas estão nas ruas em revolta com a insanidade não só dos regimes genocidas dos EUA e de Israel, mas também da França e do Reino Unido. As quatro potências nucleares do imperialismo se uniram, demonstrando sua força. O custo provável disso será a criação de uma futura geração de jovens no mundo árabe e muçulmano que nunca esquecerá nem perdoará essa ostentação de brutalidade e humilhação. Mao Tsé-Tung descreveu essa dialética histórica:

O imperialismo e todos os reacionários, analisados em sua essência, de um ponto de vista de longo prazo, de um ponto de vista estratégico, devem ser vistos pelo que são: tigres de papel. Com base nisso, devemos construir nosso pensamento estratégico. Por

outro lado, eles também são tigres vivos, tigres de ferro, tigres de verdade que podem devorar pessoas. Com base nisso, devemos desenvolver nosso pensamento tático.¹⁵⁹

Sob a liderança do Presidente Xi Jinping, a China propôs recomendações visionárias para a humanidade. O modelo de modernização da China, resultado do socialismo com características chinesas, indica um caminho para os países do Sul Global que não se baseia na exploração e na opressão de outras nações. Ele equilibra a civilização material e espiritual, o desenvolvimento econômico e o meio ambiente ecológico, oferecendo uma referência essencial para o desenvolvimento do Sul Global.

Como resultado de mais de 600 anos de humilhação, violência racial e exploração econômica pelo Norte Global, chegamos a esse estágio de hiperimperialismo. No entanto, um Sul Global emergente, mesmo com suas contradições, nos lembra que os seres humanos não são obrigados a continuar sendo vítimas da história. Apesar do contexto diferente de fatores subjetivos, o apelo final do Manifesto comunista (1848) segue eloquente nos dias de hoje:

Temos um mundo a ganhar.

"Mulher Negra"

Pela poeta cubana
Nancy Morejón

Ainda sinto o cheiro da espuma do mar que me fizeram atravessar.
Da noite, não consigo me lembrar.
Nem mesmo o oceano poderia se lembrar.
Mas nunca me esqueci da primeira gaivota que vi.
No alto, as nuvens, como inocentes testemunhas oculares.
Talvez eu não tenha esquecido minha costa perdida nem minha língua ancestral.
Me deixaram aqui e aqui tenho vivido.
E porque trabalhei feito cão,
Foi aqui que renasci.
A quanta epopeia mandinga tentei recorrer.

Me rebelei.

Sua Graça me comprou em praça pública.
Bordei o manto de Sua Graça e um filho homem seu pari.
Meu filho não recebeu nome.
E Sua Graça morreu nas mãos de um impecável *lord* inglês.

Andei.

Esta é a terra onde sofri açoites de cabeça para baixo.
Remei por todos os seus rios.
Sob seu sol, plantei, colhi e as colheitas não comi.
Por casa tive uma senzala.
Eu mesma carreguei as pedras para construí-la,
mas cantei no compasso natural dos pássaros nacionais.

Me amotinei.

Nesta mesma terra toquei o sangue quente
e os ossos podres de muitos outros,
trazidos a ela, ou não, como eu fui.
Nunca mais imaginei o caminho para Guiné.
Era Guiné? Benin? Era Madagascar? Ou Cabo Verde?

Trabalhei muito mais.

Fundei melhor meu canto milenar e minha esperança.
Aqui construí meu mundo.
Fui para o monte.

Minha verdadeira independência foi o *palenque*
e cavalei entre as tropas de Maceo.

Só um século depois, junto de meEUA descendentes,
do alto de uma montanha azul,

Desci da Sierra

para acabar com os capitalistas e EUAurários,
e os generais e burgueses.

Agora sou: somente agora temos e criamos.
Nada está além de nosso alcance.

Nossa a terra.

Nosso o mar e o céu.

Nossa a magia e a quimera.

MeEUA iguais, aqui os vejo dançar
ao redor da árvore que plantamos para o comunismo.
Sua madeira pródiga é retumbante.

The background of the page is split diagonally from the bottom-left corner. The upper-left portion is a solid light blue color, featuring three sets of concentric circles in a slightly darker shade of blue. The lower-right portion is white. The word 'APÊNDICE' is printed in a bold, dark blue, sans-serif font, positioned in the white area. A short, thick red horizontal line is placed directly beneath the text.

APÊNDICE

Metodologia

Este relatório foi produzido com dados e gráficos da Sul Global Insights (GSI pela sigla em inglês), com base em diversas fontes, incluindo o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional, a Organização das Nações Unidas, a OCDE, o Conference Board, o Instituto Internacional de Estocolmo de Pesquisa pela Paz, a *Monthly Review* e o *World Beyond War*, entre outros (veja a Figura 55). Nesta seção, apresentamos as definições e os critérios metodológicos que orientaram a elaboração do documento.

Todos os 193 Estados-membros da ONU e a Palestina como Estado observador estão incluídos nos anéis do Norte Global ou nos grupos do Sul Global.

Ao analisar o Norte Global, concluímos que, entre os fatores incluídos em nossa pesquisa – relações históricas, militares e de inteligência –, um elemento fundamental foi o relacionamento de cada país com a inteligência dos EUA. Consequentemente, dividimos o Norte Global em quatro anéis, compreendendo 49 países no campo imperialista liderado pelos EUA. Nossa análise do Sul Global indicou fatores como a independência econômica e política do país em relação ao imperialismo e as relações estratégicas entre os países do Sul Global. No entanto, um fator fundamental foi o grau relativo com que foram alvos da promoção de mudança de regime e seu papel na defesa pública e internacional de posições anti-imperialistas. Portanto, os 145 países do Sul Global estão divididos em seis grupos.

Além dos países-membros da ONU, incluímos o número de bases militares localizadas em países que não membros da ONU e nos territórios – às vezes disputados – onde as bases estrangeiras estão localizadas.

Outros cálculos comparativos deste relatório incluem todos os países e territórios de seus respectivos bancos de dados de origem.

Embora de valor inestimável, os bancos de dados internacionais, como os do FMI e do Banco Mundial, enfrentam limitações decorrentes de disparidades nos processos nacionais de produção de estatísticas, em especial nas metodologias de medição de variáveis. Isso leva à não harmonização dos dados nacionais compilados pelos bancos de dados internacionais em suas fontes. Da mesma forma, os bancos de dados internacionais podem ter limitações com relação à integralidade. A governança de dados e os rigorosos procedimentos de auditoria conduzidos pela GSI buscaram garantir a máxima consistência dos dados.

Com relação aos dados relacionados ao PIB, este relatório utiliza principalmente dados do FMI. É importante notar que esse banco de dados não inclui informações sobre quatro países: Cuba e a República Popular Democrática da Coreia, devido à decisão soberana dessas nações de não se submeter aos ditames do FMI, e também Mônaco e Liechtenstein. O campo PIB (PPC) nas tabelas que apresentam esses quatro países é deixado em branco.

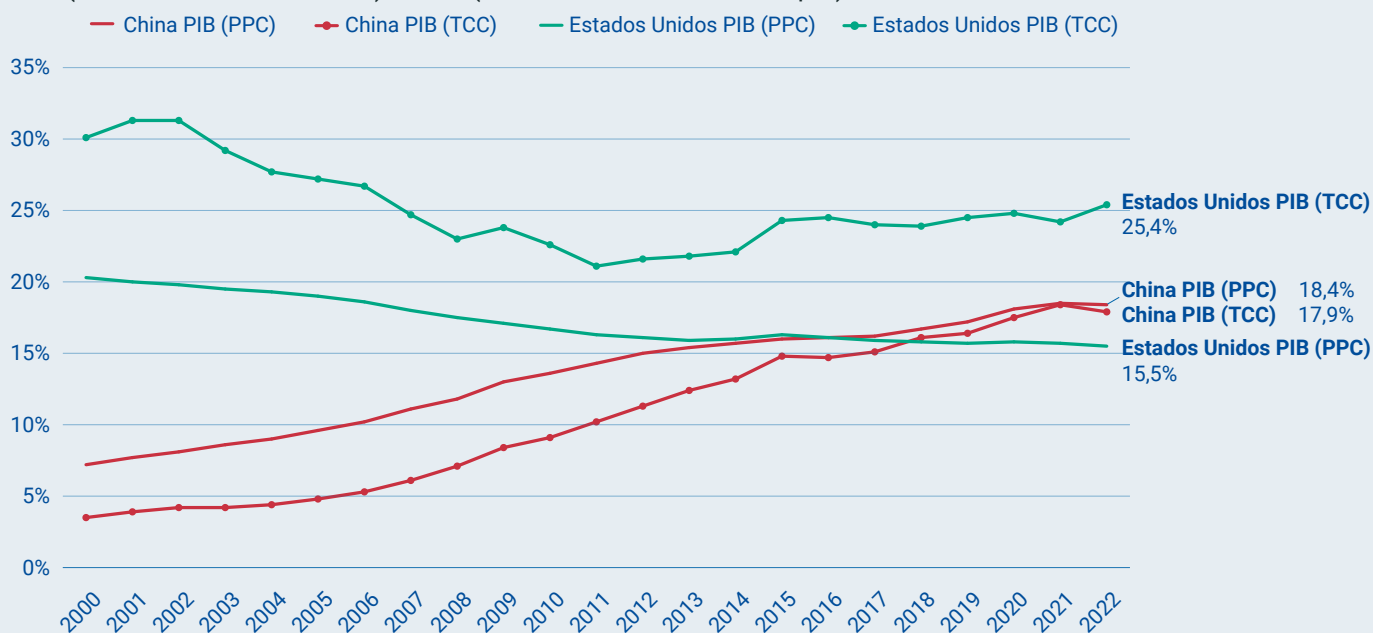
Utilizamos dados econômicos do Banco Mundial somente para calcular o valor adicionado da indústria mundial. O Banco Mundial divulga a porcentagem do valor adicionado da indústria no PIB Usando preços e taxas de câmbio correntes, denominados neste estudo como método da Taxa de Câmbio Corrente (TCC). Somente nesse caso são apresentados tanto valores do PIB em termos de TCC como de PPC.

Neste documento, o padrão adotado é o PIB (PPC). Essa não é uma escolha livre de controvérsias e, devido ao escopo do relatório, não nos aprofundaremos em nossas reflexões metodológicas sobre tais controvérsias. Os fatores de conversão da PPC são estimativas estatísticas baseadas em cestas de bens e serviços para anos de referência, aplicadas posteriormente ao PIB para estimativas do PIB (PPC). Embora haja argumentos de que os dados do PIB (PPC) possam superestimar os países do Sul Global, essa é uma medida mais precisa de comparação do desempenho econômico e dos padrões de vida de diferentes países, pois ajusta as diferenças nos níveis de preços e fornece uma métrica mais estável para comparações internacionais. Ao mesmo tempo, o PIB (PPC) oferece uma base mais significativa para classificar os países em relação ao seu tamanho econômico e à sua contribuição para a economia global, em comparação com as classificações do PIB que utilizam a TCC. Nestas classificações, os países com moedas fortes podem ter uma classificação mais alta, mesmo que sua produção econômica real não seja tão significativa.

Figura 53

Participação da China e dos Estados Unidos no PIB mundial: uma comparação entre TCC e PPC

PIB (Taxa de Câmbio Corrente) vs PIB (Paridade do Poder de Compra), 2000–2022

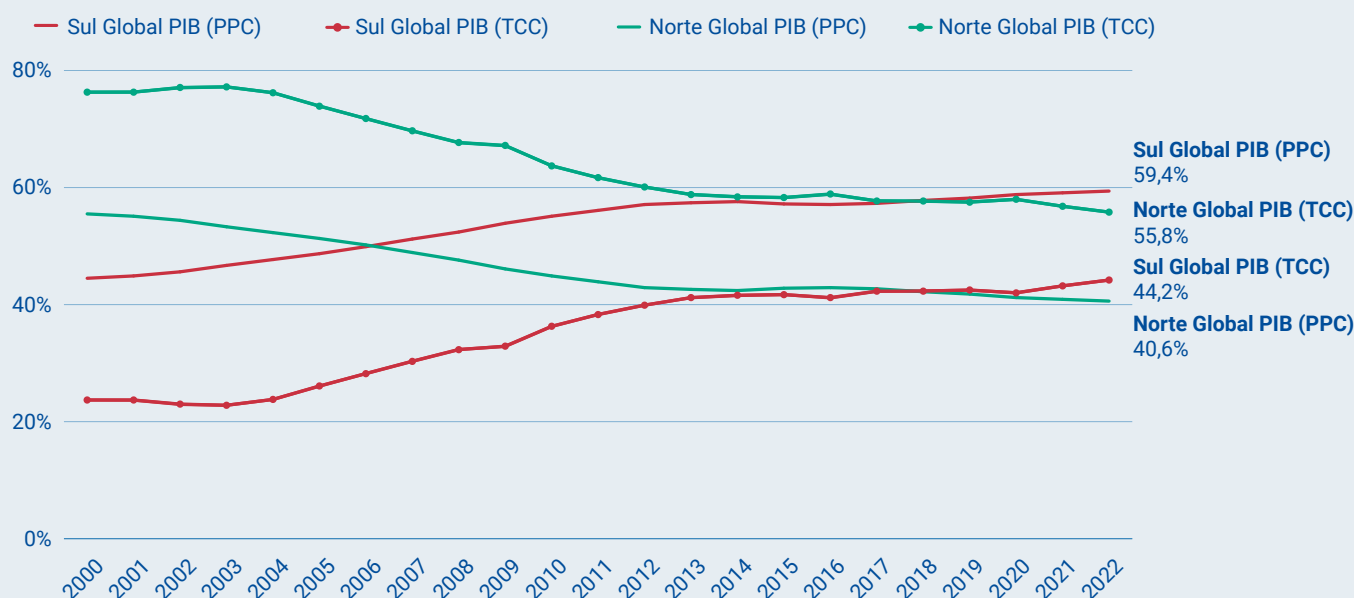


Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados do FMI

Figura 54

Participação do Sul Global e do Norte Global no PIB mundial: uma comparação entre TCC e PPC

PIB (Taxa de Câmbio Corrente) vs PIB (Paridade do Poder de Compra), 2000–2022



Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados do FMI

As Figuras 53 e 54 mostram as comparações dos cálculos de TCC versus PPC da porcentagem do PIB total mundial para 1) China versus Estados Unidos e 2) Sul Global versus Norte Global. Tanto a TCC quanto a PPC mostram um aumento expressivo nas porcentagens relativas da China e do Sul Global.

Entretanto, os fatores de conversão da PPC para medir os gastos militares são necessariamente menos confiáveis do que a TCC, pois não são coletados dados de preços relativos aos gastos militares. Desse modo, a natureza dos gastos militares carece dessas informações para que seja possível estabelecer comparações internacionais. O Sipri reconhece que o Uso do ajuste de PPC para gastos militares é impreciso e, portanto, menos confiável do que o Uso de taxas de câmbio. Com relação aos gastos militares, combinamos os dados da *Monthly Review* relativos aos gastos militares reais dos EUA, juntamente com os dados do Sipri, para calcular os gastos militares mundiais reais utilizando a TCC.

Quanto a outros dados militares, foram Usadas diversas fontes para abordar de forma abrangente esse fenômeno central na análise do hiperimperialismo; no entanto, as limitações persistem devido a diferentes metodologias, variáveis de medição, escassez de dados e sigilo. Usamos dados do Serviço de Pesquisa do Congresso (CRS) dos EUA combinados com os dados do Projeto sobre Intervenção Militar (*Military Intervention Project* – MIP)

relativos à quantidade de intervenções. Ainda que seja uma publicação oficial dos EUA que serve como fonte primária de dados sobre as intervenções militares dos EUA, o primeiro não inclui algumas missões secretas e não agrega dados para diferenciar os diversos tipos de intervenções realizadas pelas forças armadas dos EUA no exterior. Já o segundo adota uma definição mais abrangente de intervenção militar, embora publique apenas um resumo dos dados. Por fim, utilizamos as listas publicadas pelo *World Beyond War*, informações da Declassified Reino Unido e o relatório de estruturas de bases do Departamento de Defesa dos EUA para obter dados sobre bases militares.

Além das fontes de dados mencionadas acima, a elaboração da GSI neste relatório baseia-se em um conjunto mais amplo de fontes de dados listadas abaixo. A GSI criou novas categorias com muito cuidado e construiu plataformas complexas de integração de dados para oferecer a análise do ponto de vista do Sul Global. Os processos de classificação são inerentemente desafiadores e sujeitos a modificações, uma vez que as políticas nacionais e regionais podem mudar rapidamente. A extensa coleta e integração de dados em diversos países permitiu o teste de hipóteses. Por exemplo, para determinar quem eram os aliados mais próximos dos EUA, avaliamos a proximidade com a inteligência dos EUA. Os dados para essa análise foram expostos por Edward Snowden, quando mostrou-se que, além do "Cinco Olhos" – mais antiga parceria de inteligência do mundo entre cinco Estados ocidentais anglófonos, que começou com o Acordo de Inteligência de Comunicação entre a Grã-Bretanha e os EUA em 1946 –, havia dois outros grupos ocultos, o "Nove Olhos" e o "Quatorze Olhos" (SIGINT Seniors Europe, formado em 1982).

Este relatório se fundamenta na integração de bancos de dados, análise de dados e elaboração da GSI.

Figura 55

Fontes e descrições dos dados usados na pesquisa

Fonte	Base de dados	Descrição do GSI	URLs
Agência Internacional de Energia Renovável (IRENA)	Renewable energy statistics 2023		https://www.irena.org/Publications/2023/Jul/Renewable-energy-statistics-2023
Agência Nacional de Estatísticas da China (NBS, pela sigla em inglês)		PIB trimestral da China de T3/2019 a 3T/2023	https://data.stats.gov.cn/english/easyquery.htm?cn=B01
Banco Mundial (BM)	World Development Indicators (WDI)	Poupança ajustada: consumo de capital fixo (USD corrente)	https://datatopics.worldbank.org/world-development-indicators/
Banco Mundial (BM)	World Development Indicators (WDI)	PIB em termos de taxa de câmbio corrente (TCC) usando USD corrente	https://datatopics.worldbank.org/world-development-indicators/
Banco Mundial (BM)	World Development Indicators (WDI)	PIB em termos de Paridade do Poder de Compra (PPC) usando dólar internacional corrente	https://datatopics.worldbank.org/world-development-indicators/
Banco Mundial (BM)	World Development Indicators (WDI)	Formação bruta de capital fixo (USD corrente)	https://datatopics.worldbank.org/world-development-indicators/
Banco Mundial (BM)	World Development Indicators (WDI)	Indústria (incluindo construção), valor adicionado (% do PIB)	https://datatopics.worldbank.org/world-development-indicators/
Conference Board (CB)	Growth Accounting and Total Factor Productivity	Contribuição do trabalho qualificado para o crescimento real do PIB	https://data-central.conference-board.org/
Conference Board (CB)	Growth Accounting and Total Factor Productivity	Contribuição da quantidade de trabalho para o crescimento real do PIB	https://data-central.conference-board.org/

Fontes e descrições dos dados usados na pesquisa

Fonte	Base de dados	Descrição do GSI	URLs
Conference Board (CB)	Growth Accounting and Total Factor Productivity	Contribuição do total de serviços do capital para o crescimento real do PIB	https://data-central.conference-board.org/
Conference Board (CB)	Growth Accounting and Total Factor Productivity	Contribuição do total dos fatores de produtividade para o crescimento real do PIB	https://data-central.conference-board.org/
Conference Board (CB)	Growth Accounting and Total Factor Productivity	Crescimento real do PIB	https://data-central.conference-board.org/
Congressional Research Service(CRS)		Uso reconhecido das forças armadas dos EUA no exterior, 1798 a abril de 2023	https://crsreports.congress.gov/product/pdf/R/R42738/41
Declassified UK		Bases do Reino Unido tornadas públicas, 2020	https://www.declassifieduk.org/revealed-the-uk-militarys-overseas-base-network-involves-145-sites-in-42-countries/
Departamento de Defesa dos Estados Unidos	Base Structure Reports FY2023	Construções sob controle militar dos EUA em países no exterior	https://www.acq.osd.mil/eie/Downloads/BSI/Base%20Structure%20Report%20FY23.xlsx
Enciclopédia Britânica		Membros da comunidade britânica	
Enerdata	Global Energy & CO2 Data	Dados de energia global e CO2	https://www.enerdata.net/
Enerdata	World Energy Efficiency & Demand	Demanda e eficiência energética mundial	https://www.enerdata.net/
Energy Information Administration (EIA)	Natural Gas	Reservas de gás natural	https://www.eia.gov/naturalgas/
Ernst & Young	Who owns the DAX? Analysis of the shareholder structure of DAX companies in 2018 - abridged version	Estrutura acionária das empresas DAX 2018	https://assets.ey.com/content/dam/ey-sites/ey-com/de_de/news/2019/06/ey-wem-gehoert-der-dax-2019.pdf?download=.

Fontes e descrições dos dados usados na pesquisa

Fonte	Base de dados	Descrição do GSI	URLs
Federação de Cientistas Americanos		Compartilhamento/distribuição de armas nucleares, 2023	https://fas.org/wp-content/uploads/2023/11/Nuclear-weapons-sharing-2023.pdf
Federação de Cientistas Americanos		Situação das forças nucleares mundiais	https://fas.org/initiative/status-world-nuclear-forces/
Fundo Monetário Internacional (FMI)	World Economic Outlook (WEO)	PIB medido em termos de Taxa de Câmbio Corrente (TCC) usando preços constantes	https://www.imf.org/en/Publications/WEO/weo-database/2023/October
Fundo Monetário Internacional (FMI)	World Economic Outlook (WEO)	PIB medido em termos de Taxa de Câmbio Corrente (TCC) usando preços correntes	https://www.imf.org/en/Publications/WEO/weo-database/2023/October
Fundo Monetário Internacional (FMI)	World Economic Outlook (WEO)	PIB medido em termos de Paridade de Poder de Compra (PPC) usando preços constantes	https://www.imf.org/en/Publications/WEO/weo-database/2023/October
Fundo Monetário Internacional (FMI)	World Economic Outlook (WEO)	PIB medido em termos de Paridade de Poder de Compra (PPC) usando preços correntes	https://www.imf.org/en/Publications/WEO/weo-database/2023/October
Fundo Monetário Internacional (FMI)	World Economic Outlook (WEO)	PIB per capita em termos de Taxa de Câmbio Corrente (TCC) usando preços correntes	https://www.imf.org/en/Publications/WEO/weo-database/2023/October
Fundo Monetário Internacional (FMI)	World Economic Outlook (WEO)	PIB per capita em termos de Paridade de Poder de Compra (PPC) usando preços constantes	https://www.imf.org/en/Publications/WEO/weo-database/2023/October
Fundo Monetário Internacional (FMI)	World Economic Outlook (WEO)	PIB per capita em termos de Paridade de Poder de Compra (PPC) usando preços correntes	https://www.imf.org/en/Publications/WEO/weo-database/2023/October

Fontes e descrições dos dados usados na pesquisa

Fonte	Base de dados	Descrição do GSI	URLs
Fundo Monetário International (FMI)	World Economic Outlook (WEO)	População	https://www.imf.org/en/Publications/WEO/weo-database/2023/October
G-77		Grupo dos 77 na Organização das Nações Unidas	https://www.g77.org/doc/
Green Finance & Development Center		Países signatários de memorando de entendimento da Nova Rota da Seda	
Grupo de Amigos em Defesa da Carta das Nações Unidas		Amigos da Carta das Nações Unidas	
IHS Markit		Estrutura acionária por região, 2020	
International Institute for Strategic Studies (IISS)		Informação de envios de tropas	
Maddison	Historical Statistics of the World Economy		
Monthly Review		Gasto militar real dos EUA, 2022	https://greenfdc.org/countries-of-the-belt-and-road-initiative-bri/
Organização das Nações Unidas (ONU)	World Population Prospects (WPP)	Estimativas de expectativa de vida por região, sub-região e país, anual, 1950–2021	https://www.gof-uncharter.org/
Organização das Nações Unidas (ONU)	World Population Prospects (WPP)	Estimativas de expectativa de vida por região, sub-região e país, anual, 2022–2100	https://cdn.ihsmarkit.com/www/pdf/0621/DAX-Study-2020---DIRK-Conference-June-2021_IHS-Markit.pdf
Organização das Nações Unidas (ONU)	World Population Prospects (WPP)	Regiões, sub-regiões e zonas intermediárias conforme definição da ONU	https://www.iiss.org/publications/the-military-balance/

Fontes e descrições dos dados usados na pesquisa

Fonte	Base de dados	Descrição do GSI	URLs
Organização das Nações Unidas (ONU)	World Population Prospects (WPP)	Estimativas de população por região, sub-região e país, anual, 1950–2021	https://www.rug.nl/ggdc/historicaldevelopment/maddison/releases/maddison-database-2010
Organização das Nações Unidas (ONU)	World Population Prospects (WPP)	Estimativas de população por região, sub-região e país, anual, 2022–2100	https://monthlyreview.org/2023/11/01/actual-u-s-military-spending-reached-1-53-trillion-in-2022-more-than-twice-acknowledged-level-new-estimates-based-on-u-s-national-accounts/
Organização das Nações Unidas (ONU)		Membros da ONU	https://population.un.org/wpp/
Organização das Nações Unidas (ONU)		Dados sobre votos na ONU	https://population.un.org/wpp/
Organização de Cooperação de Xangai (OCX)		Membros da OCX	https://population.un.org/wpp/Download/Documentation/Documentation/
Organização de Países Exportadores de Petróleo (OPEP)	The Annual Statistical Bulletin (ASB)	Reservas comprovadas de petróleo bruto por país	https://population.un.org/wpp/
Organização de Países Exportadores de Petróleo (OPEP)		Membros da OPEP	https://population.un.org/wpp/
Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan)		Participantes da Cúpula da Otan em Vilnius, 2023	https://www.un.org/en/about-us/member-states
Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan)		Países membros da Otan	https://digitallibrary.un.org/search?cc=Voting+Data&ln=en&c=Voting+Data
Organização Internacional de Padronização (ISO)		Países e territórios ISO	https://eng.sectesco.org/

Fontes e descrições dos dados usados na pesquisa

Fonte	Base de dados	Descrição do GSI	URLs
Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)	Capital Market Series	Capital controlado por investidores não domésticos, 10.000 maiores empresas da OCDE	https://asb.opec.org/
Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)	Capital Market Series	Propriedade doméstica e estrangeira das ações nas principais bolsas de valores	https://www.opec.org/opec_web/en/about_us/25.htm
Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)		PIB trimestral da Zona do Euro de T3/2019 a T3/2023	https://www.nato.int/cps/en/natohq/events_216418.htm?selectedLocale=en
Relatório Nuclear Mundial		Relatório de Situação da Indústria Nuclear Mundial, 2022	https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_52044.htm
SanctionsKill Campaign		Países sancionados pelos EUA	https://www.iso.org/iso-3166-country-codes.html
Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI)	SIPRI Military Expenditure	Despesas militares mundiais (dólar constante)	https://www.oecd.org/corporate/Owners-of-the-Worlds-Listed-Companies.pdf
Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI)	SIPRI Military Expenditure	Despesas militares mundiais (dólar corrente)	https://www.oecd.org/corporate/Owners-of-the-Worlds-Listed-Companies.pdf
Stuart Laycock (2012)		Invasões do Reino Unido 927–2012	https://data.oecd.org/gdp/quarterly-gdp.htm
Sul Global Insights (GSI)		Status colonial	https://www.worldnuclearreport.org/IMG/pdf/wnisr2022-v3-hr.pdf
Sul Global Insights (GSI)		História comum dos países imperialistas	https://sanctionskill.org/

Fontes e descrições dos dados usados na pesquisa

Fonte	Base de dados	Descrição do GSI	URLs
Sul Global Insights (GSI)		Norte Global ou Sul Global	https://www.sipri.org/databases/milex
Sul Global Insights (GSI)		Anéis do Norte Global ou Agrupamentos do Sul Global	https://www.sipri.org/databases/milex
Sul Global Insights (GSI)		Bloco militar dos EUA	
The Economist	One Hundred Years of Economic Statistics	Balanço de conta corrente do Reino Unido	
The Economist	One Hundred Years of Economic Statistics	PIB do Reino Unido em termos de preços de mercado	
The Economist	One Hundred Years of Economic Statistics	Balanço de conta corrente dos Estados Unidos 1885–1987	
The Economist	One Hundred Years of Economic Statistics	Produto nacional bruto dos EUA (PNB) 1889–1987	
US Bureau of Economic Analysis (BEA)	International Transactions, International Services, and International Investment Position Tables	Balanço em conta corrente	https://apps.bea.gov/itable/?reqid=62&step=1&_gl=1*xxlwzz*_ga*Mjk5NDQ2MTIxLjE2OTA0NjEwMzA.*_ga_4698JNNFT*MTcwMjMxNjAyMC4xNS4xLjE3MDIzMTYwMjkuMC4wLjA.#eyJhcHBpZCI6NjIsInN0ZXBzIjpbMSwyLDYsNi0sImRhdGEiOltbIlByb2R1Y3QiLCIiIl0sWyJUYWJsZUxpc3QiLCIiIl0sWyJGaWx0ZCjFlzEiLFsiMCJdXSxbIkJpbnRlcl8jMiIsWyJlwl1dLFsiRmlsdGVyXyMzlixbljAiXV0sWyJGaWx0ZXJflzQiLFsiMCJdXSxbIkJpbnRlcl8jNSIsWyJlwl1dXX0=
US Bureau of Economic Analysis (BEA)	National Income and Product Accounts	Produto Interno Bruto (PIB), índices de quantidade	https://apps.bea.gov/itable/?reqid=19&step=2&isuri=1&categories=survey#eyJhcHBpZCI6MTksInN0ZXBzIjpbMSwyLDYsNi0sImRhdGEiOltbImNhdmVnb3JpZXMiLCJTdXJ2ZXkiXSxbIkJpbnRlcl8jMiIsWyJGaWx0ZCjFlzEiLFsiMCJdXSxbIkJpbnRlcl8jNSIsWyJlwl1dLFsiRmlsdGVyXyMzlixbljAiXV0sWyJGaWx0ZXJflzQiLFsiMCJdXSxbIkJpbnRlcl8jNSIsWyJlwl1dXX0=

Fontes e descrições dos dados usados na pesquisa

Fonte	Base de dados	Descrição do GSI	URLs
US Bureau of Economic Analysis (BEA)	National Income and Product Accounts	Produto Nacional Bruto	https://apps.bea.gov/itable/?reqid=19&step=2&isuri=1&categories=survey&gl=1*es60tl*_ga*Mjk5NDQ2MTIxLjE2OTA0NjEwMzA.*_ga_J4698JNNFT*MTcwMjMxNjAyMC4xNS4xLjE3MDIzMTYyODEuMC4wLjA.#eyJhcHBpZCI6MTkslnN0ZXBzljpbMSwyLDMsM10sImRhdGEiOltbImNhdGVnb3JpZXMiLCJTdXJ2ZXkiXSxbk5JUEFfVG FibGVFTGlzdCIsIjMxNyJdLFsiRmlyc3RfW VVhciSljIwMjEiXSxbkxhc3RfWWVhciIsIjIwMjMiXSxbllNjYWxliwiLTkiXSxbllNlcmlscyIsIkkEiXSxbllNlbGVjdF9hbGxfeWVhc nMiLCIxl1dfQ==
US Bureau of Economic Analysis (BEA)	National Income and Product Accounts	Poupança e investimento por setor	https://apps.bea.gov/itable/?reqid=19&step=2&isuri=1&categories=survey#eyJhcHBpZCI6MTkslnN0ZXBzljpbMSwyLDNdLCJkYXRhIjpbWyJjYXRlZ29yaWVzIiwuU3VydmV5Il0sWyJOSVBBX1RhYmxlX0xpc3QiLCIxMzciXV19
World Beyond War	USA's Military Empire: A Visual Database	902 bases militares atuais dos EUA	https://worldbeyondwar.org/no-bases/
World Resources Institute(WRI)		Shapefiles dos limites e fronteiras nacionais, Perspectiva da Índia, última atualização em 4 de maio de 2017	https://github.com/wri/wri-bounds
XV Cúpula do Brics 2023	Johannesburg II Declaration Brics and Africa: Partnership for Mutually Accelerated Growth, Sustainable Development and Inclusive Multilateralism	Membros do Brics	https://brics2023.gov.za/wp-content/uploads/2023/08/Jhb-II-Declaration-24-August-2023-1.pdf

Fonte: Sul Global Insights

Sul Global Insights

Sul Global Insights (GSI, pela sigla em inglês) é uma rede de pesquisadores comprometidos com o avanço da pesquisa quantitativa e orientada por dados no campo das ciências humanas e sociais. É parceira do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social.

A GSI adota tecnologias avançadas com foco em bancos de dados estatísticos de diversas instituições fidedignas, incorporando mecanismos abrangentes de governança e auditoria de dados.

Entre as questões comuns enfrentadas pelas pesquisadoras e pelos pesquisadores estão:

- **Fontes de dados complexas, dificuldade na integração de dados.** No caso de dados de Uso comum, como estatísticas sobre populações e o PIB, organizações como as Nações Unidas, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional têm abordagens estatísticas distintas. Não há padronização entre os dados divulgados por essas instituições, o que leva a diversos problemas de compatibilidade e interoperabilidade durante a integração de dados.
- **Qualidade de dados baixa, dificuldade na auditoria dos dados.** Dados faltantes e errôneos são frequentes nos conjuntos de dados publicados por várias organizações. A auditoria dos dados originais e dos integrados/analizados depende muito de operações manuais, que exigem um trabalho intensivo e são ineficientes e propensas a erros, carecendo de repetibilidade.
- **Ferramentas básicas de processamento, dificuldade na análise avançada.** A integração e a análise de dados dependem muito de ferramentas básicas como o Excel, ineficientes e complicadas de se utilizar em operações como a obtenção de médias móveis de 10 anos e regressão linear. Esses desafios dificultam a realização de análises abstratas de mais alto nível.
- **Visualização limitada, dificuldade na apresentação de *insights*.** Contar com os formatos limitados dos gráficos fornecidos pelo Excel dificulta a criação de apresentações de dados mais expressivas, como gráficos compostos, mapas, mapas de calor etc. Não é possível atualizar automaticamente os gráficos criados com ferramentas de design após alterações de dados.
- **Falta de gestão de ativos de dados, dificuldade de colaboração em equipe.** Os processos de pesquisa quantitativa baseados em arquivos de Excel carecem de acúmulo e gestão de ativos de dados, como dados de origem, resultados de auditoria de dados, fluxos de trabalho de processamento de dados, dados de processos e resultados provisórios, o que dificulta o apoio à pesquisa colaborativa de longo prazo entre diversas pessoas e diversos temas.

Lista completa de "111 países diversos do Sul Global"

Figura 56

Grupo 5: Sul Global diverso

Informações selecionadas, todos os países, ordenados por PIB (PPC), 2022
parte 1

País	Geral					História colonial		
	ONU ano de entrada	População (mi)	PIB (PPC) (bi)	Taxa de crescimento 10 anos média movel anual	PIB (PPC) per capita	Situação colonial	Principais colonizadores	Ano de independência
Egito	1945	111	1.676	4,3%	16.174	Colônia	Reino Unido	1922
Paquistão	1947	236	1.52	4,0%	6.695	Colônia	Reino Unido	1947
Tailândia	1946	72	1.482	1,8%	21.154	Semi-colônia	Reino Unido França	
Bangladesh	1974	171	1.343	6,5%	7.971	Colônia	Reino Unido	1971
Nigéria	1960	219	1.281	2,2%	5.909	Colônia	Reino Unido	1960
Argentina	1945	46	1.226	0,3%	26.484	Colônia	Espanha Reino Unido	1816
Malásia	1957	34	1.137	4,1%	34.834	Colônia	Reino Unido	1957
Emirados Árabes Unidos	1971	9	835	3,1%	84.657	Colônia	Reino Unido	1971
Singapura	1965	6	719	3,3%	127.563	Colônia	Reino Unido	1965
Cazaquistão	1992	19	603	2,9%	30.523	Independente		
Chile	1945	20	579	2,2%	29.221	Colônia	Espanha	1818
Peru	1945	34	523	2,8%	15.31	Colônia	Espanha	1821
Iraque	1945	44	505	2,7%	11.948	Colônia	Reino Unido	1932
Marrocos	1956	37	363	2,4%	9.9	Colônia	França Espanha	1956
Etiópia	1945	123	358	8,4%	3.435	Independente		
Uzbequistão	1992	35	340	5,9%	9.634	Independente		
Sri Lanka	1955	22	320	1,8%	14.267	Colônia	Reino Unido	1948
Quênia	1963	54	311	4,5%	6.151	Colônia	Reino Unido	1963
Catar	1971	3	309	2,2%	109.16	Colônia	Reino Unido	1971
Mianmar	1948	54	261	3,3%	4.847	Colônia	Reino Unido	1948

Grupo 5: Sul Global diverso

Informações selecionadas, todos os países, ordenados por PIB (PPC), 2022

parte 1

País	Geral					História colonial		
	ONU ano de entrada	População (mi)	PIB (PPC) (bi)	Taxa de crescimento 10 anos média movel anual	PIB (PPC) per capita	Situação colonial	Principais colonizadores	Ano de independência
República Dominicana	1945	11	256	5,2%	24.117	Colônia	Espanha	1844
Kuwait	1963	4	249	0,3%	51.238	Colônia	Reino Unido	1961
Angola	1976	36	248	0,4%	6.944	Colônia	Portugal	1975
Equador	1945	18	231	1,0%	12.818	Colônia	Espanha	1822
Gana	1957	33	217	4,5%	6.752	Colônia	Reino Unido	1957
Tanzânia	1961	65	209	6,2%	3.394	Colônia	Reino Unido	1961
Sudão	1956	47	204	0,6%	4.366	Colônia	Reino Unido	1956
Omã	1971	5	191	2,1%	38.699	Colônia	Portugal	1650
Guatemala	1945	18	188	3,5%	10.076	Colônia	Espanha	1821
Costa do Marfim	1960	28	184	6,8%	6.486	Colônia	França	1960
Azerbaijão	1992	10	181	1,6%	17.8			
Panamá	1945	4	173	4,1%	39.397	Colônia	Espanha	1903
Tunísia	1956	12	154	1,2%	12.723	Colônia	França	1956
Líbia	1955	7	143	-4,4%	21.104	Colônia	Itália	1951
RD Congo	1960	99	136	5,3%	1.409	Colônia	Bélgica	1960
Uganda	1962	47	134	4,8%	3.062	Colônia	Reino Unido	1962
Costa Rica	1945	5	131	3,0%	25	Colônia	Espanha	1821
Jordânia	1955	11	124	2,0%	12.055	Colônia	Reino Unido	1946
Camarões	1960	28	124	4,0%	4.431	Colônia	França Reino Unido	1960
Turcomenistão	1992	6	119	1,1%	19.028	Independente		

Grupo 5: Sul Global diverso

Informações selecionadas, todos os países, ordenados por PIB (PPC), 2022

parte 1

País	Geral					História colonial		
	ONU ano de entrada	População (mi)	PIB (PPC) (bi)	Taxa de crescimento 10 anos média movel anual	PIB (PPC) per capita	Situação colonial	Principais colonizadores	Ano de independência
Paraguai	1945	7	108	3,1%	14.535	Colônia	Espanha	1811
Uruguai	1945	3	99	1,6%	27.77	Colônia	Espanha	1825
Bahrein	1971	1	90	2,7%	58.426	Colônia	Reino Unido	1971
Camboja	1955	17	90	5,5%	5.613	Colônia	França	1953
Líbano	1945	5	78	-4,0%	11.794	Colônia	França	1943
Zâmbia	1964	20	78	3,2%	3.894	Colônia	Reino Unido	1964
Senegal	1960	17	73	5,1%	4.117	Colônia	França	1960
El Salvador	1945	6	70	2,1%	11.097	Colônia	Espanha	1821
Iêmen	1947	34	68	-4,8%	2.035	Colônia	Reino Unido	1967
Benim	1960	13	54	5,5%	4.048	Colônia	França	1960
Armênia	1992	3	53	4,1%	17.795			
Madagascar	1960	30	53	2,6%	1.817	Colônia	França	1960
Tajiquistão	1992	10	49	7,1%	4.943	Independente		
Mongólia	1961	3	48	4,4%	13.996	Colônia		1911
Moçambique	1975	33	48	3,9%	1.469	Colônia	Portugal	1975
Botsuana	1966	3	48	3,8%	18.323	Colônia	Reino Unido	1966
Quirguistão	1992	7	42	4,0%	6.127	Independente		
Trindade e Tobago	1962	2	41	-1,4%	29.05	Colônia	Reino Unido	1962
Gabão	1960	2	39	2,4%	18.207	Colônia	França	1960
Papua Nova Guiné	1975	10	39	3,8%	3.252	Colônia	Austrália	1975
Ruanda	1962	14	38	6,3%	2.904	Colônia	Bélgica	1962
Haiti	1945	12	38	0,6%	3.161	Colônia	França	1804
Malawi	1964	20	36	3,6%	1.628	Colônia	Reino Unido	1964
Maurícia	1968	1	34	2,1%	26.934	Colônia	Reino Unido	1968
Guiana	1966	1	34	13,4%	42.699	Colônia	Reino Unido	1966

Grupo 5: Sul Global diverso

Informações selecionadas, todos os países, ordenados por PIB (PPC), 2022

parte 1

País	Geral					História colonial		
	ONU ano de entrada	População (mi)	PIB (PPC) (bi)	Taxa de crescimento 10 anos média movel anual	PIB (PPC) per capita	Situação colonial	Principais colonizadores	Ano de independência
Jamaica	1962	3	34	0,6%	12.302	Colônia	Reino Unido	1962
Brunei	1984	< 1	31	-0,5%	70.576	Colônia	Reino Unido	1984
Mauritânia	1961	5	31	3,9%	7.113	Colônia	França	1960
Somália	1960	18	30	3,1%	1.928	Colônia	Reino Unido Itália	1960
Chade	1960	18	30	1,2%	1.724	Colônia	França	1960
Guiné Equatorial	1968	2	29	-4,2%	19.465	Colônia	Espanha	1968
Rep. Congo	1960	6	26	-1,4%	5.277	Colônia	França	1960
Togo	1960	9	23	5,0%	2.594	Colônia	França	1960
Bahamas	1973	< 1	17	0,6%	42.023	Colônia	Reino Unido	1973
Serra Leoa	1961	9	17	2,5%	2.009	Colônia	Reino Unido	1961
Fiji	1970	1	14	2,0%	14.95	Colônia	Reino Unido	1970
Maldivas	1965	1	13	5,3%	33.663	Colônia	Reino Unido	1965
Essuatini	1968	1	13	2,5%	11.217	Colônia	Reino Unido	1968
Suriname	1975	1	11	-1,7%	17.498	Colônia	Netherlands	1975
Burundi	1962	13	11	1,4%	856	Colônia	Bélgica	1962
Butão	1971	1	10	3,4%	13.219	Colônia	Reino Unido	1947
Timor Leste	2002	1	9	8,5%	7.064	Colônia	Portugal	2002
Libéria	1945	5	9	1,5%	1.69	Colônia	EUA	1847
Gâmbia	1965	3	7	3,6%	2.67	Colônia	Reino Unido	1965
Sudão do Sul	2011	11	7	0,3%	456	Colônia	Reino Unido	2011
Djibuti	1977	1	7	5,1%	6.502	Colônia	França	1977
Lesoto	1966	2	7	0,3%	3.092	Colônia	Reino Unido	1966
Guiné-Bissau	1974	2	6	4,1%	2.911	Colônia	Portugal	1973
República Centro-Africana	1960	6	5	-2,3%	1.081	Colônia	França	1960

Grupo 5: Sul Global diverso

Informações selecionadas, todos os países, ordenados por PIB (PPC), 2022

parte 1

País	Geral					História colonial		
	ONU <i>ano de entrada</i>	População <i>(mi)</i>	PIB (PPC) <i>(bi)</i>	Taxa de crescimento <i>10 anos média movel anual</i>	PIB (PPC) <i>per capita</i>	Situação colonial	Principais colonizadores	Ano de independência
Cabo Verde	1975	1	5	2,2%	9.263	Colônia	Portugal	1975
Barbados	1966	< 1	5	-0,3%	17.339	Colônia	Reino Unido	1966
Belize	1981	< 1	5	2,8%	10.564	Colônia	Reino Unido	1981
Seicheles	1976	< 1	4	5,3%	39.079	Colônia	Reino Unido	1976
Santa Lúcia	1979	< 1	3	0,7%	17.84	Colônia	Reino Unido	1979
Comores	1975	1	3	2,5%	3.363	Colônia	França	1975
Antígua e Barbuda	1981	< 1	2	2,2%	23.575	Colônia	Reino Unido	1981
Granada	1974	< 1	2	2,6%	18.843	Colônia	Reino Unido	1974
São Vicente e Granadinas	1980	< 1	2	1,8%	16.216	Colônia	Reino Unido	1979
Ilhas Salomão	1978	1	2	1,3%	2.325	Colônia	Reino Unido	1978
São Cristóvão e Neves	1983	< 1	2	1,4%	27.767	Colônia	Reino Unido	1983
Samoa	1976	< 1	1	0,1%	5.883	Colônia	Nova Zelândia	1962
Dominica	1978	< 1	1	0,0%	13.293	Colônia	Reino Unido	1978
Vanuatu	1981	< 1	1	1,8%	2.89	Colônia	Reino Unido França	1980
São Tomé e Príncipe	1975	< 1	1	3,2%	4.067	Colônia	Portugal	1975
Tonga	1999	< 1	1	1,0%	6.686	Colônia	Reino Unido	1970
Micronésia	1991	< 1	0	-0,2%	3.693	Colônia	Imp. Alemão Japão	
Quiribati	1999	< 1	0	2,3%	2.271	Colônia	Reino Unido	1979
Palau	1994	< 1	0	-1,2%	14.515	Colônia	Imp. Alemão Japão EUA	1994

Grupo 5: Sul Global diverso

Informações selecionadas, todos os países, ordenados por PIB (PPC), 2022

parte 1

País	Geral					História colonial		
	ONU ano de entrada	População (mi)	PIB (PPC) (bi)	Taxa de crescimento 10 anos média movel anual	PIB (PPC) per capita	Situação colonial	Principais colonizadores	Ano de independência
Ilhas Marshall	1991	< 1	0	1,9%	5.497	Colônia	Espanha Imp. Alemão Japão EUA	1986
Nauru	1999	< 1	0	4,4%	10.930	Colônia	Reino Unido Austrália Nova Zelândia	1968
Tuvalu	2000	< 1	0	3,5%	5.376	Colônia	Reino Unido	1978
Total		2.242	21.171		9.687	103		
Porcentagem do mundo		28,1%	12,9%			Col+SemiCol		

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados da ONU, FMI

Grupo 5: Sul Global diverso

Informações selecionadas, todos os países, ordenados por PIB (PPC), 2022

parte 2

País	Militar		Alvo militar dos EUA		
	Gasto militar ajust. (mi)	Gasto militar ajust. per capita > média mundial (vezes)	Sanções dos EUA lista	Intervenção militar dos EUA hist.	Bases militares EUA
Egito	4.646	0,1		S	7
Paquistão	10.337	0,1			8
Tailândia	5.724	0,2		S	3
Bangladesh	4.806	0,1			
Nigéria	3.109	< 0,1			
Argentina	2.578	0,2		S	3
Malásia	3.671	0,3			
Emirados Árabes Unidos					3
Singapura	11.688	5,4			2
Cazaquistão	1.133	0,2			
Chile	5.566	0,8		S	1
Peru	2.845	0,2		S	5
Iraque	4.683	0,3	S	S	10
Marrocos	4.995	0,4		S	
Etiópia	1.031	< 0,1	S	S	
Uzbequistão					
Sri Lanka	1.053	0,1		S	
Quênia	1.138	0,1		S	3
Catar	15.412	15,9			5
Mianmar	1.857	0,1	S		
República Dominicana	761	0,2		S	2
Kuwait	8.244	5,4		S	8
Angola	1.623	0,1		S	
Equador	2.489	0,4		S	
Gana	229	< 0,1			2
Tanzânia	832	< 0,1		S	

Grupo 5: Sul Global diverso

Informações selecionadas, todos os países, ordenados por PIB (PPC), 2022

parte 2

País	Militar		Alvo militar dos EUA		
	Gasto militar ajust. (mi)	Gasto militar ajust. per capita > média mundial (vezes)	Sanções dos EUA lista	Intervenção militar dos EUA hist.	Bases militares EUA
Sudão			S	S	
Omã	5.783	3,5			8
Guatemala	431	0,1		S	8
Costa do Marfim	607	0,1		S	
Azerbaijão	2.991	0,8			
Panamá		< 0,1		S	15
Tunísia	1.156	0,3	S	S	2
Líbia			S	S	
RD Congo	371	< 0,1	S	S	1
Uganda	923	0,1	S	S	2
Costa Rica		< 0,1		S	4
Jordânia	2.323	0,6		S	8
Camarões	417	< 0,1		S	4
Turcomenistão					
Paraguai	366	0,1	S	S	
Uruguai	1.376	1,1		S	1
Bahrein	1.381	2,6			10
Camboja	611	0,1		S	1
Líbano	4.739	2,4	S	S	
Zâmbia	326	< 0,1			
Senegal	433	0,1		S	1
El Salvador	422	0,2		S	6
Iêmen			S	S	2
Benim	97	< 0,1			
Armênia	795	0,8			
Madagascar	98	< 0,1			

Grupo 5: Sul Global diverso

Informações selecionadas, todos os países, ordenados por PIB (PPC), 2022

parte 2

País	Militar		Alvo militar dos EUA		
	Gasto militar ajust. (mi)	Gasto militar ajust. per capita > média mundial (vezes)	Sanções dos EUA lista	Intervenção militar dos EUA hist.	Bases militares EUA
Tajiquistão	103	< 0,1			
Mongólia	118	0,1			
Moçambique	282	< 0,1			
Botsuana	489	0,5			1
Quirguistão	150	0,1			
Trindade e Tobago	201	0,4		S	
Gabão	278	0,3		S	2
Papua Nova Guiné	97	< 0,1		S	
Ruanda	177	< 0,1		S	
Haiti	13	< 0,1	S	S	
Malawi	76	< 0,1			
Maurícia	20	< 0,1			
Guiana	84	0,3		S	
Jamaica	215	0,2		S	
Brunei	436	2,7			
Mauritânia	225	0,1			3
Somália	115	< 0,1	S	S	6
Chade	357	0,1		S	3
Guiné Equatorial	157	0,3			
Rep. Congo	266	0,1			
Togo	337	0,1			
Bahamas				S	9
Serra Leoa	24	< 0,1		S	
Fiji	67	0,2		S	
Maldivas					
Essuatini	74	0,2			

Grupo 5: Sul Global diverso

Informações selecionadas, todos os países, ordenados por PIB (PPC), 2022

parte 2

País	Militar		Alvo militar dos EUA		
	Gasto militar ajust. (mi)	Gasto militar ajust. per capita > média mundial (vezes)	Sanções dos EUA lista	Intervenção militar dos EUA hist.	Bases militares EUA
Suriname				S	2
Burundi	101	< 0,1		S	1
Butão					
Timor Leste	44	0,1		S	
Libéria	19	< 0,1	S	S	
Gâmbia	15	< 0,1			
Sudão do Sul	379	0,1	S	S	1
Djibuti				S	2
Lesoto	35	< 0,1			
Guiné-Bissau	25	< 0,1	S	S	
República Centro-Africana	42	< 0,1	S	S	3
Cabo Verde	10	< 0,1			
Barbados					
Belize	24	0,2			9
Seicheles	26	0,7			1
Santa Lúcia				S	
Comores				S	
Antígua e Barbuda				S	
Granada				S	
São Vicente e Granadinas					
Ilhas Salomão				S	
São Cristóvão e Neves					
Samoa				S	1
Dominica				S	
Vanuatu					
São Tomé e Príncipe					

Grupo 5: Sul Global diverso

Informações selecionadas, todos os países, ordenados por PIB (PPC), 2022

parte 2

País	Militar		Alvo militar dos EUA		
	Gasto militar ajust. (mi)	Gasto militar ajust. per capita > média mundial (vezes)	Sanções dos EUA lista	Intervenção militar dos EUA hist.	Bases militares EUA
Tonga				S	
Micronésia					
Quiribati				S	
Palau					3
Ilhas Marshall				S	10
Nauru					
Tuvalu					
Total	131.182			63	192
Porcentagem do mundo	4,6%		17		

Fonte: Elaboração de Sul Global Insights com base em dados de SIPRI e Monthly Review, ONU, CRS, World Beyond War

Grupo 5: Sul Global diverso

Informações selecionadas, todos os países, ordenados por PIB (PPC), 2022

parte 3

País	Afiliações internacionais			Votos na ONU	
	Amigos da Carta da ONU	Org. de Cooperação de Xangai	Brics10	Cessar-fogo em Gaza 10/2023	Retirada da Rússia 10/2023
Egito		Diálogo	Novo	A favor	A favor
Paquistão		Pleno		A favor	Abstenção
Tailândia				A favor	A favor
Bangladesh				A favor	Abstenção
Nigéria				A favor	A favor
Argentina				A favor	A favor
Malásia				A favor	A favor
Emirados Árabes Unidos		Diálogo	Novo	A favor	A favor
Singapura				A favor	A favor
Cazaquistão		Pleno		A favor	Abstenção
Chile				A favor	A favor
Peru				A favor	A favor
Iraque				Abstenção	A favor
Marrocos				A favor	A favor
Etiópia			Novo	Abstenção	Abstenção
Uzbequistão		Pleno		A favor	Abstenção
Sri Lanka		Diálogo		A favor	Abstenção
Quênia				A favor	A favor
Catar		Diálogo		A favor	A favor
Mianmar		Diálogo		A favor	A favor
República Dominicana				A favor	A favor
Kuwait		Diálogo		A favor	A favor
Angola				A favor	Abstenção
Equador				A favor	A favor
Gana				A favor	A favor
Tanzânia				A favor	Não votou

Grupo 5: Sul Global diverso

Informações selecionadas, todos os países, ordenados por PIB (PPC), 2022

parte 3

País	Afiliações internacionais			Votos na ONU	
	Amigos da Carta da ONU	Org. de Cooperação de Xangai	Brics10	Cessar-fogo em Gaza 10/2023	Retirada da Rússia 10/2023
Sudão				A favor	Abstenção
Omã				A favor	A favor
Guatemala				Contra	A favor
Costa do Marfim				A favor	A favor
Azerbaijão		Diálogo		A favor	Não votou
Panamá				Abstenção	A favor
Tunísia				Abstenção	A favor
Líbia				A favor	A favor
RD Congo				A favor	A favor
Uganda				A favor	Abstenção
Costa Rica				A favor	A favor
Jordânia				A favor	A favor
Camarões				Abstenção	Não votou
Turcomenistão				Não votou	Não votou
Paraguai				Contra	A favor
Uruguai				Abstenção	A favor
Bahrein		Diálogo		A favor	A favor
Camboja		Diálogo		Não votou	A favor
Líbano				A favor	Não votou
Zâmbia				Abstenção	A favor
Senegal				A favor	Não votou
El Salvador				A favor	Abstenção
Iêmen				A favor	A favor
Benim				Não votou	A favor
Armênia		Diálogo		A favor	Abstenção
Madagascar				A favor	A favor

Grupo 5: Sul Global diverso

Informações selecionadas, todos os países, ordenados por PIB (PPC), 2022

parte 3

País	Afiliações internacionais			Votos na ONU	
	Amigos da Carta da ONU	Org. de Cooperação de Xangai	Brics10	Cessar-fogo em Gaza 10/2023	Retirada da Rússia 10/2023
Tajiquistão		Pleno		A favor	Abstenção
Mongólia		Observador	A favor	Abstenção	
Moçambique				A favor	Abstenção
Botsuana				A favor	A favor
Quirguistão		Pleno		A favor	Abstenção
Trindade e Tobago				A favor	A favor
Gabão				A favor	Abstenção
Papua Nova Guiné				Contra	A favor
Ruanda				Não votou	A favor
Haiti				Abstenção	A favor
Malawi				A favor	A favor
Maurícia				A favor	A favor
Guiana				A favor	A favor
Jamaica				Não votou	A favor
Brunei				A favor	A favor
Mauritânia				A favor	A favor
Somália				A favor	A favor
Chade				A favor	A favor
Guiné Equatorial				A favor	Não votou
Rep. Congo				A favor	Abstenção
Togo				Não votou	Abstenção
Bahamas				A favor	A favor
Serra Leoa				A favor	A favor
Fiji				Contra	A favor
Maldivas		Diálogo		A favor	A favor
Essuatini				Não votou	Não votou

Grupo 5: Sul Global diverso

Informações seleccionadas, todos os países, ordenados por PIB (PPC), 2022

parte 3

País	Afiliações internacionais			Votos na ONU	
	Amigos da Carta da ONU	Org. de Cooperação de Xangai	Brics10	Cessar-fogo em Gaza 10/2023	Retirada da Rússia 10/2023
Suriname				A favor	A favor
Burundi				Não votou	Abstenção
Butão				A favor	A favor
Timor Leste				A favor	A favor
Libéria				Não votou	A favor
Gâmbia				A favor	A favor
Sudão do Sul				Abstenção	A favor
Djibuti				A favor	A favor
Lesoto				A favor	A favor
Guiné-Bissau				A favor	Não votou
República Centro-Africana				A favor	Abstenção
Cabo Verde				Abstenção	A favor
Barbados				A favor	A favor
Belize				A favor	A favor
Seicheles				Não votou	A favor
Santa Lúcia				A favor	A favor
Comores				A favor	A favor
Antígua e Barbuda				A favor	A favor
Granada				A favor	Não votou
São Vicente e Granadinas				A favor	A favor
Ilhas Salomão				A favor	A favor
São Cristóvão e Neves				A favor	A favor
Samoa				Não votou	A favor
Dominica				A favor	Não votou
Vanuatu				Abstenção	A favor
São Tomé e Príncipe				Não votou	A favor

Grupo 5: Sul Global diverso

Informações selecionadas, todos os países, ordenados por PIB (PPC), 2022

parte 3

País	Afiliações internacionais			Votos na ONU	
	Amigos da Carta da ONU	Org. de Cooperação de Xangai	Brics10	Cessar-fogo em Gaza 10/2023	Retirada da Rússia 10/2023
Tonga				Contra	A favor
Micronésia				Contra	A favor
Quiribati				Abstenção	A favor
Palau				Abstenção	A favor
Ilhas Marshall				Contra	A favor
Nauru				Contra	A favor
Tuvalu				Abstenção	A favor
Total				77	20
Porcentagem do mundo	3	17	3	A favor	Abstenção

Fonte: Sul Global Insights

Notas de fim

1. Vijay Prashad, *Struggle Makes Us Human: Learning from Movements for Socialism* (Nova York: Haymarket Books, 2022); Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, *Dez teses sobre marxismo e descolonização*, dossiê no. 56, 20 de setembro de 2022, <https://thetricontinental.org/pt-pt/dossie-dez-teses-sobre-marxismo-e-descolonizacao/>.
2. Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, *Reforma agrária popular e a luta pela terra no Brasil*, dossiê no. 27, 6 de abril de 2020, <https://thetricontinental.org/pt-pt/dossie-27-terra/>.
3. Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, *Um legado estratégico: o pensamento revolucionário do comandante Chávez 10 anos após sua partida*, dossiê no. 61, 28 de fevereiro de 2023, <https://thetricontinental.org/pt-pt/dossierchavez-pensamento-estrategico/>; Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, *Um mapa do presente da América Latina: uma entrevista com Héctor Béjar*, dossiê no. 49, 7 de fevereiro de 2022, <https://thetricontinental.org/pt-pt/dossie-49-bejar-america-latin/>; Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, *O Ministério das Colônias dos EUA e sua cúpula*, alerta vermelho nº 14, 25 de maio de 2022, <https://thetricontinental.org/pt-pt/alerta-vermelho-14-cupula-americas/>.
4. Immanuel Wallerstein, "The Three Instances of Hegemony in the History of the Capitalist World-Economy", ed. Lenski, *Current Issues and Research in Macrosociology*, 1 de janeiro de 1984, 100-108, https://doi.org/10.1163/9789004477995_008.
5. Jens Stoltenberg, Ursula von der Leyen e Charles Michel, "Joint Declaration on EU-NATO Cooperation", Organização do Tratado do Atlântico Norte, 10 de janeiro de 2023, https://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_210549.htm.
6. Leila Khaled: "Onde há repressão, há resistência", *Capire*, 27 de outubro de 2023, <https://capiremov.org/entrevista/leila-khaled-onde-ha-repressao-ha-resistencia/>.
7. Vladimir I. Lênin, *Imperialism, the Highest Stage of Capitalism: A Popular Outline* (Nova York: International Publishers, 1939); Walter Rodney, *How Europe Underdeveloped Africa* (Londres: Bogle-L'Ouverture Publications, 1972); Kwame Nkrumah, *Neo-Colonialism: The Last Stage of Imperialism*, reimpresso (Londres: Panaf, 2004).
8. Julian Assange, *When Google Met WikiLeaks* (Nova York: OR Books, 2014).
9. Donald Trump, "President Donald J. Trump Is Ending United States Participation in an Unacceptable Iran Deal", Casa Branca, 8 de maio de 2018, <https://trumpwhitehouse.archives.gov/briefings-statements/president-donald-j-trump-ending-united-states-participation-unacceptable-iran-deal/>.
10. "US Completes Open Skies Treaty Withdrawal", Arms Control Association, dezembro de 2020, <https://www.armscontrol.org/act/2020-12/news/us-completes-open-skies-treaty-withdrawal>; C. Todd Lopez, "US Withdraws From Intermediate-Range Nuclear Forces Treaty", Departamento de Defesa dos EUA, 2 de agosto de 2019, <https://www.defense.gov/News/News-Stories/article/article/1924779/us-withdraws-from-intermediate-range-nuclear-forces-treaty/>; George W. Bush, "Statement by the President", Casa Branca, 13 de junho de 2002, <https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2002/06/20020613-9.html>.
11. Gisela Cernadas e John Bellamy Foster, "Actual US Military Spending Reached US\$ 1,53 trillion in 2022

- More than Twice Acknowled Level: New Estimates Based on US National Accounts", *Monthly Review*, 1 de novembro de 2023, <https://monthlyreview.org/2023/11/01/actual-u-s-military-spending-reached-1-53-trillion-in-2022-more-than-twice-acknowledged-level-new-estimates-based-on-u-s-national-accounts/>.
12. O Quincy Institute e outros autores também publicaram estimativas de gastos militares dos EUA significativamente mais altas. Andrew Cockburn, "Getting the Defense Budget Right: A (Real) Grand Total, over \$1.4 Trillion", *Responsible Statecraft*, 7 de maio de 2023, <https://responsiblestatecraft.org/2023/05/07/getting-the-defense-budget-right-a-real-grand-total-over-1-4-trillion/>.
 13. "SIPRI Military Expenditure Database", Instituto Internacional de Estocolmo de Pesquisa para a Paz, acessado em 20 de dezembro de 2023, <https://www.sipri.org/databases/milex>.
 14. Chen Zhuo, "Explainer: Prudent Chinese Defense Budget Growth Ensures Broad Public Security", Ministério da Defesa Nacional, República Popular da China, 6 de março de 2022, http://eng.mod.gov.cn/xb/News_213114/TopStories/4906180.html; Escritório Nacional de Estatísticas da China, acessado em 20 de dezembro de 2023, <https://data.stats.gov.cn/english/adv.htm?m=advquery&cnC01>.
 15. O ajuste de 2022 do Sipri inclui despesas relacionadas a (a) gastos com a força paramilitar da Polícia Armada do Povo (PAP); (b) pagamentos de desmobilização e aposentadoria de soldados do Ministério de Assuntos Cíveis; (c) financiamento adicional de pesquisa, desenvolvimento, testes e avaliação militares (PDT&A) fora do orçamento de defesa nacional; (d) despesas adicionais de construção militar; (e) ganhos comerciais do Exército de Libertação Popular (zero a partir de 2015); (f) subsídios à indústria armamentista (zero a partir de 2010); (e) importações de armas chinesas (zero a partir de 2020); e (g) a Guarda Costeira chinesa (desde 2013). A nova série continua consistente internamente ao longo do período entre 1989 e 2019. Ver Nan Tian e Fei Su, "A New Estimate Of China's Military Expenditure", Instituto Internacional de Estocolmo de Pesquisa para a Paz, janeiro de 2021, https://www.sipri.org/sites/default/files/2021-01/2101_sipri_report_a_new_estimate_of_chinas_military_expenditure.pdf; "Sources and Methods", Instituto Internacional de Estocolmo de Pesquisa para a Paz, acessado em 20 de dezembro de 2023, <https://www.sipri.org/databases/milex/sources-and-methods#sipri-estimates-for-china>.
 16. Os números do SIPRI sobre a China em 2021 são, em média, cerca de 1,36 vez maior do que o orçamento oficial da defesa nacional do país, embora reduzindo as estimativas feitas no passado. Por exemplo, para o ano de 2019, a nova estimativa do Sipri é de 1.660 bilhões de yuans ou US\$ 240 bilhões, um pouco abaixo da antiga estimativa de 1.803 bilhões de yuans ou US\$ 261 bilhões. De acordo com as estimativas anteriores, o Sipri aumentou em 48,6% o orçamento oficial de defesa da China correspondente a 2021. Com as novas estimativas, o orçamento da China para 2021 foi aumentado em 36,8% pelo Sipri. Com os novos ajustes, os gastos militares da China correspondem a 1,6% do PIB, comparado a 1,3% representado no orçamento oficial. Os cálculos do PIB se baseiam nos dados do PIB TCC do Panorama Econômico Mundial do FMI.
 17. Escritório de Administração e Orçamento, "Historical Tables. Tabela 3.2. Outlays by Function and Subfunction: 1962-2028", Casa Branca, acessado em 20 de dezembro de 2023, <https://www.whitehouse.gov/omb/budget/historical-tables/>.
 18. Cálculos baseados nas estimativas de gasto militar real dos EUA para o ano de 2022 por Gisela Cernadas e John Bellamy Foster. Ver nota 11.
 19. "USA's Military Empire: A Visual Database", *World Beyond War*, acessado em 27 de novembro de 2023, <https://worldbeyondwar.org/no-bases/>.
 20. Há décadas, pesquisadoras e pesquisadores independentes reconhecem que os gasto militar real

dos EUA representa, aproximadamente, o dobro do nível oficialmente reconhecido. As pesquisas independentes não se restringem aos círculos de esquerda, mas incluem o Quincy Institute for Responsible Statecraft, financiado pelo bilionário de direita George Soros, o Project on Government Oversight (POGO) e o "liberal" Center for American Progress. Ver Lawrence J. Krob e Kaveh Toofan, "A Trillion-Dollar Defense Budget? – *Center for American Progress*", Center for American Progress, 12 de julho de 2022, <https://www.americanprogress.org/article/a-trillion-dollar-defense-budget/>; Cockburn, "Getting the Defense Budget Right: A (Real) Grand Total, over \$1.4 Trillion"; William Hartung e Mandy Smithberger, "Making Sense of the \$1.25 Trillion National Security State Budget", *Project on Government Oversight*, 7 de maio de 2019, <https://www.pogo.org/analysis/making-sense-of-the-1-25-trillion-national-security-state-budget>.

21. Nossos números sobre Gasto Militar Mundial utilizam taxas de câmbio corrente (TCC). Os fatores de conversão de PPC para medir os gastos militares são necessariamente menos confiáveis do que as taxas de câmbio. As taxas PPC são estimativas estatísticas, calculadas com base em dados de preços coletados para cestas de bens e serviços relativos a anos de referência. Dados de preços desse tipo não são coletados referentes aos gastos militares. Portanto, a natureza dos gastos militares carece dessas informações para que seja possível realizar comparações internacionais. Assim, o cálculo dos gastos militares aplicando-se as taxas de PPC por meio de fatores de conversão do PIB é metodologicamente inválido, pois se baseia na suposição implícita de que a proporção dos preços militares equivale à proporção dos preços relativos do PIB, o que não é comprovado. O Sipri reconhece que o uso do ajuste de PPC para gastos militares é impreciso e, portanto, menos confiável do que o uso de taxas de câmbio. Ver Instituto Internacional de Estocolmo de Pesquisa pela Paz, "Frequently Asked Questions", Banco de dados do Sipri sobre gastos militares, acessado em 25 de dezembro de 2023, <https://www.sipri.org/databases/milex/frequently-asked-questions#PPP>.
22. Como os gastos militares da China se concentram apenas no território chinês, a expansão militar da China encontra limites evidentes. O país não tem bases militares significativas no exterior, ao contrário dos EUA, que tinha 902 em 2022. Essa ideia é sustentada pelo Quincy Institute for Responsible Statecraft: "Até o momento, a China estabeleceu apenas uma base militar real e operacional no exterior, no chifre da África, em Djibuti, e provavelmente está estabelecendo uma instalação naval no Camboja. Mas há limites reais até onde a China pode ir para duplicar esses locais. Como apontou Isaac Kardon, do Carnegie Endowment, a China não tem alianças militares formais (além do caso duvidoso da República Popular Democrática da Coreia) e é improvável que construa alguma em um futuro próximo, fato que impõe grandes restrições à sua capacidade de estabelecer bases militares sérias. Poucos países, se é que há algum, desejam se comprometer a abrigar instalações militares completas e de grande porte que poderiam projetar o poder militar chinês em sua região e, no processo, convidar uma resposta dos EUA". Ver Michael D. Swaine, "Actually, China's Military Isn't Going Global", Responsible Statecraft, 8 de setembro de 2023, <https://responsiblestatecraft.org/china-military/>.
23. Editores, "US Military Bases and Empire", *Monthly Review*, 1º de março de 2002, <https://monthlyreview.org/2002/03/01/u-s-military-bases-and-empire>.
24. Editores, "US Military Bases and Empire", *Monthly Review*, 1º de março de 2002, <https://monthlyreview.org/2002/03/01/u-s-military-bases-and-empire>.
25. *The Military Balance 2023*, Instituto Internacional de Estudos de Segurança, 15 de fevereiro de 2023, <https://www.iiss.org/en/publications/the-military-balance/>.
26. Sally Williamson, "Logistics Contractors and Strategic Logistics Advantage in US Military Operations", *Logistics In War*, 4 de junho de 2023, <https://logisticsinwar.com/2023/06/04/logistics-contractors-and-strategic-logistics-advantage-in-us-military-operations/>.

27. "Agreement Between the United States of America and Ghana", Tratados e outras leis internacionais, série 18-531, Departamento de Estado dos EUA, <https://www.state.gov/wp-content/uploads/2019/02/18-531-Ghana-Defense-Status-of-Forces.pdf>.
28. Vijay Prashad, "Why Does the United States Have a Military Base in Ghana?", *Peoples Dispatch*, 15 de junho de 2022, <https://peoplesdispatch.org/2022/06/15/why-does-the-united-states-have-a-military-base-in-ghana/>.
29. Matthew P. Goodman e Matthew Wayland, "Securing Asia's Subsea Network: US Interests and Strategic Options", *Centro de Estudos Estratégicos Internacionais*, 4 de abril de 2022, <https://www.csis.org/analysis/securing-asias-subsea-network-us-interests-and-strategic-options>.
30. Centro de Dados de Utah, *Diretório de vigilância doméstica*, acessado em 27 de novembro de 2023, <https://nsa.gov1.info/utah-data-center/>.
31. Nick Turse, "Pentagon Misled Congress About US Bases in Africa", *The Intercept*, 8 de setembro de 2023, <https://theintercept.com/2023/09/08/africa-air-base-us-military/>.
32. "USA's Military Empire: A Visual Database", *World Beyond War*, acessado em 27 de novembro de 2023, <https://worldbeyonddwar.org/no-bases/>.
33. *The Military Balance 2023*.
34. *The Military Balance 2023*.
35. Barbara Salazar Torreon e Sofia Plagakis, *Instances of Use of United States Armed Forces Abroad, 1798-2023*, Serviço de Pesquisa do Congresso, 7 de junho de 2023, <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/R/R42738>.
36. Kushi e Toft, "Introducing the Military Intervention Project", 4.
37. Salazar Torreon e Plagakis, *Instances of Use of United States Armed Forces Abroad, –1798-2023*.
38. Sidita Kushi e Monica Duffy Toft, "Introducing the Military Intervention Project: A New Dataset on US Military Interventions, 1776-2019", *Journal of Conflict Resolution* 67, no. 4 (2023): 752–779. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/00220027221117546?icid=int.sj-full-text.citing-articles.1>.
39. O Projeto sobre Intervenção Militar (*Military Intervention Project* – MIP) tem uma estimativa um pouco menor do que as listas maiores de fontes como o Serviço de Pesquisa do Congresso (*Congressional Research Service* – CRS), cujos números são citados com mais frequência pelos pesquisadores. O MIP usa uma variedade de bancos de dados publicados conhecidos. No entanto, por ter uma definição mais abrangente, seu processo de agregação resulta em um número total ligeiramente menor devido à reclassificação. O MIP e o CRS, portanto, têm conjuntos de dados e números brutos que não podem ser comparados, por terem maneiras diferentes de tratar datas, a escala, a duração, a legalidade e a intenção das operações. O MIP e o CRS têm abordagens metodológicas incomparáveis. Utilizamos o CRS porque são os maiores dados publicados disponíveis. Ver Kushi e Toft, "Introducing the Military Intervention Project".
40. Claudia Jones, "International Women's Day and the Struggle for Peace", discurso proferido em um ato do 8 de março de 1950, *Liberation School*, 29 de março de 2023, <https://www.liberationschool.org/claudia-jones-1950-iwd-speech/>.
41. Anthony Lake, "Confronting Backlash States", *Foreign Affairs*, 1º de março de 1994, <https://www.foreignaffairs.com/articles/iran/1994-03-01/confronting-backlash-states>.

42. Francisco R. Rodríguez, "The Human Consequences of Economic Sanctions", Centro de Pesquisa em Política Econômica, 4 de maio de 2023, <https://cepr.net/press-release/new-report-finds-that-economic-sanctions-are-often-deadly-and-harm-peoples-living-standards-in-target-countries/>.
43. Agence France-Presse, "US Commerce Chief Warns against China 'Threat'", *South China Morning Post*, 3 de dezembro de 2023, <https://www.scmp.com/news/world/united-states-canada/article/3243657/us-commerce-chief-warns-against-china-threat>.
44. Deutscher Bundestag, *China-Strategie der Bundesregierung* [Estratégia do Governo Federal para a China], 20/7770, 13 de julho de 2023, <https://dserver.bundestag.de/btd/20/077/2007770.pdf>.
45. Elaboração própria com base em dados de Christoph Nedopil Wang, "Countries of the Belt and Road Initiative (BRI) – Green Finance & Development Center", acessado em 2 de dezembro de 2023, <https://greenfdc.org/countries-of-the-belt-and-road-initiative-bri/>.
46. Elaboração própria da Sul Global Insights com base nos Indicadores de Desenvolvimento Mundial do Banco Mundial e na Perspectiva Econômica Mundial do FMI.
47. Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, *Oito contradições da "ordem baseada em regras" imperialista*, Estudos sobre os dilemas contemporâneos, 13 de março de 2023, <https://thetricontinental.org/pt-pt/oito-contradicoes-da-ordem-baseada-em-regras-imperialista/>.
48. Todas as imagens em "História comum dos países imperialistas" estão em domínio público ou em licença por Creative Commons. Ver atribuição, em relação cronológica: Joseph Swain, *A bordo de um navio negreiro*, c. 1835, https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:On_Board_a_Slave_Ship_engraving_by_Swain_c._1835_Colorized.jpg; Desconhecido, *Destruição dos Pequots*, c. século 19, https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:Mystic_Massacre_1637_Destruction_Of_The_Pequots_in_Connecticut.png; Desconhecido, *Conferência de Berlim sobre a divisão da África*, c. 1884, <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Afrikakonferenz.jpg>; William Heysham Overend, *Soldados chineses destroem bandeira britânica*, 8 de outubro de 1856, https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Chinese_officers_tear_down_the_British_flag_on_the_arrow.JPG; Edward N. Jackson, Conselho de Quatro na conferência de paz de Paris na Primeira Guerra Mundial, 27 de maio de 1919, https://en.wikipedia.org/wiki/File:Big-Four-Paris_1919.jpg; Charles Levy, Nuvem atômica sobre Nagasaki, Japão, 9 de agosto de 1945, <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nagasakibomb.jpg>.
49. Utsa Patnaik, "Revisiting the 'Drain', or Transfer from India to Britain in the Context of Global Diffusion of Capitalism", em *Agrarian and Other Histories: Essays for Binay Bhushan Chaudhuri*, editado por Shubhra Chakrabarti e Utsa Patnaik (Nova Délhi: Tulika, 2017).
50. Michael Johnson, "Teaching about Slavery", Instituto de Pesquisa em Política Externa, agosto de 2008, <https://www.fpri.org/article/2008/08/teaching-about-slavery/>.
51. Wendy Sawyer e Peter Wagner, "Mass Incarceration: The Whole Pie 2023", Iniciativa sobre Política Carcerária, 14 de março de 2023, <https://www.prisonpolicy.org/reports/pie2023.html>.
52. Comércio transatlântico de pessoas escravizadas – banco de dados, *SlaveVoyage*, 2019, <https://www.slavevoyages.org/voyage/database>.
53. Rachel Nuwer, "Mississippi Officially Ratifies Amendment to Ban Slavery, 148 Years Late", *Smithsonian Magazine*, 20 de fevereiro de 2013, <https://www.smithsonianmag.com/smart-news/mississippi-officially-ratifies-amendment-to-ban-slavery-148-years-late-21328041/>.
54. Maria Mies, *Patriarchy and Accumulation on a World Scale: Women in the International Division of Labour*

(Londres: Zed Books, 2001).

55. Jean Enriquez, "Das 'mulheres de conforto' à prostituição nas bases militares", *Capire*, 18 de julho de 2023, <https://capiremov.org/entrevista/das-mulheres-de-conforto-a-prostituicao-nas-bases-militares/>.
56. Cori Bush et. al., "Calling for an Immediate De-escalation and Cease-Fire in Israel and Occupied Palestine", Pub. L. No. H.Res.786, 118º Congresso (2023-2024) (2023), <https://www.congress.gov/bill/118th-congress/house-resolution/786/cosponsors>.
57. Rosalind C. Morris, "Ursprüngliche Akkumulation: The Secret of an Originary Mistranslation", *boundary 2* 43, no. 3 (1 de agosto de 2016), p. 29–77, <https://doi.org/10.1215/01903659-3572418>.
58. Daniel Larsen, *Plotting for Peace: American Peacemakers, British Codebreakers, and Britain at War, 1914-1917*, (Cambridge: Cambridge University Press, 2021), <https://doi.org/10.1017/9781108761833>.
59. Lênin, Imperialism; Rudolf Hilferding, *Finance Capital: A Study of the Latest Phase of Capitalist Development* (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1985).
60. Vladimir Lenin, "Imperialism and the Split in Socialism", em *V. I. Lenin Collected Works*, vol. 23 (Moscou: Progress Publishers, 1964), 114, <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1916/oct/x01.htm>.
61. "Lista de participantes da Reunião de Bilderberg de 2023", *Public Intelligence*, 19 de maio de 2023, <https://publicintelligence.net/2023-bilderberg-participant-list/>.
62. Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, *O golpe contra o Terceiro Mundo: Chile, 1973*, dossiê no. 68, 5 de setembro de 2023, <https://thetricontinental.org/pt-pt/dossie-68-golpe-contra-terceiro-mundo-chile-1973/>.
63. Nalu Faria, "O Feminismo Latino-Americano e Caribenho: Perspectivas Diante Do Neoliberalismo", em *Desafios Do Livre Mercado Para O Feminismo*, Cadernos Sempreviva 9 (São Paulo: SOF, 2005).
64. Assange, *When Google Met WikiLeaks*.
65. Michael Hudson, *Super Imperialism: The Origin and Fundamentals of US World Dominance* (Londres: Pluto Press, 2003).
66. "The Transistor Revolution: How Transistors Changed the World", *Arrow*, 22 de dezembro de 2022, <https://www.arrow.com/en/research-and-events/articles/the-transistor-revolution-how-transistors-changed-the-world>; Omar Sohail, "Apple's M3 Max Has the Highest Generational Leap in Transistor Count with a 37 Percent Difference Compared to the M2 Max", *WCCF Tech*, 3 de novembro de 2023, <https://wccfttech.com/apple-m3-max-highest-transistor-count-for-any-m-series-chip/>.
67. *2023 Year in Review - India Review*, Comscore, dezembro de 2023, <https://www.comscore.com/Insights/Events-and-Webinars/Webinar/2023/2023-Year-in-Review-India-Edition>.
68. Kevin Townsend, "Bad Bots Account for 73% of Internet Traffic: Analysis", *Security Week*, 16 de novembro de 2023, <https://www.securityweek.com/bad-bots-account-for-73-of-internet-traffic-analysis/>; *Unheard Voices: Evaluating Five Years of pro-Western Covert Influence Operations*, Graphika e Stanford Internet Observatory, 24 de agosto de 2022, https://public-assets.graphika.com/reports/graphika_stanford_internet_observatory_report_unheard_voice.pdf.
69. Janan Ganesh, "America's Cultural Supremacy and Geopolitical Weakness", *Financial Times*, 19 de dezembro de 2023, <https://www.ft.com/content/dce07860-f39e-432b-a0f6-1a2124e4e1a3>.
70. Ver Karl Marx, "Component Parts of Bank Capital", em *Capital*, vol. III (Nova York: International Publishers,

- 1995), https://www.marxists.org/archive/marx/works/1894-c3/ch15.htm_p.336-337.
71. "OTC Derivatives Statistics at End-June 2023", Banco de Pagamentos Internacionais, 16 de novembro de 2023, https://www.bis.org/publ/otc_hy2311.pdf.
 72. Estatísticas de Derivativos OTC no final de junho de 2023.
 73. Samir Amin, "How to Defeat the Collective Imperialism of the Triad", *Monthly Review*, 5 de dezembro de 2022, <https://mronline.org/2022/12/05/samir-amin-how-to-defeat-the-collective-imperialism-of-the-triad/>; Samir Amin, *Globalisation and Its Alternative*, entrevista por Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, 30 de outubro de 2018, <https://thetricontinental.org/globalisation-and-its-alternative/>.
 74. "Religion and the Founding of the American Republic", Exposições, Biblioteca do Congresso, <https://www.loc.gov/exhibits/religion/rel01.html>.
 75. Mohammad Shahid Alam, *Israeli Exceptionalism: The Destabilising Logic of Zionism* (Nova York: Palgrave Macmillan, 2009), p. 109.
 76. Stuart Laycock, *All the Countries We've Ever Invaded: And the Few We Never Got Round To* (Londres: The History Press, 2012).
 77. 'Israel Hits Gaza Strip with the Equivalent of Two Nuclear Bombs', *Euro-Mediterranean Human Rights Monitor*, 2 de novembro de 2023, <https://euromedmonitor.org/en/article/5908/Israel-hit-Gaza-Strip-with-the-equivalent-of-two-nuclear-bombs>.
 78. Jeremy M. Sharp, *US Foreign Aid to Israel*, Congressional Research Service, 1 de março de 2023, <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/RL/RL33222/>, i.
 79. "How Much Aid Does the US Give to Israel?", *USA FACTS*, 12 de outubro de 2023, <https://usafacts.org/articles/how-much-military-aid-does-the-us-give-to-israel/>.
 80. Vladimir Lênin, "Once Again on the Trade Unions: The Current Situation and the Mistakes of Trotsky and Bukharin", em *V. I. Lenin Collected Works*, vol. 32 (Moscou: Progress Publishers, 1965), p. 70-107.
 81. Justin Cremer, "Denmark Is One of the NSA's '9-Eyes'", *The Copenhagen Post*, 4 de novembro de 2013, <https://web.archive.org/web/20131219010450/http://cphpost.dk/news/denmark-is-one-of-the-nsas-9-eyes.7611.html>
 82. Ryan Gallagher, "The Powerful Global Spy Alliance You Never Knew Existed", *The Intercept*, 1o de março de 2018, <https://theintercept.com/2018/03/01/nsa-global-surveillance-sigint-seniors/>.
 83. Office of Press Secretary, 'Remarks By President Obama to the Australian Parliament', The White House, 17 November 2011, <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2011/11/17/remarks-president-obama-australian-parliament>.
 84. "Japan Defence: China Threat Prompts Plan to Double Military Spending", *BBC*, 16 de dezembro de 2022, <https://www.bbc.com/news/world-asia-64001554>.
 85. De acordo com o Banco Mundial, "economias de alta renda são aquelas com um RNB per capita de US\$ 13.846 ou mais". Ver "World Bank Country and Lending Groups", Banco Mundial, acessado em 20 de dezembro de 2023, https://datahelpdesk.worldbank.org/knowledgebase/articles/906519#High_income; "GNI per Capita, Atlas Method (Current US\$) - China", Dados do Banco Mundial, acessado em 20 de dezembro de 2023, <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GNP.PCAP.CD?end=2022&locations=CN&st art=2005>.

86. Xi Jinping, discurso na Cerimônia de Encerramento do Fórum Empresarial do Brics 2023. Texto completo: <https://newsaf.cgtn.com/news/2023-08-23/Full-text-Xi-Jinping-s-speech-at-the-Closing-Ceremony-of-the-Brics-Business-Forum-2023-1mulKZSzuso/index.html>
87. Para saber mais, ver Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, *O mundo precisa de uma nova teoria socialista do desenvolvimento*, dossiê no. 66, 4 de julho de 2023, <https://thetricontinental.org/pt-pt/dossie-66-teoria-do-desenvolvimento/>.
88. Larissa Mies Bombardi, *Agrotóxicos e Colonialismo Químico* (São Paulo, SP: Elefante, 2023).
89. Larissa Packer e Camila Moreno, ed., *O Brasil Na Retomada Verde: Integrar Para Entregar* (Brasília: Grupo Carta de Belém, 2021).
90. Elaboração própria com base em dados do Banco Mundial.
91. Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, *Servir ao povo: a erradicação da pobreza extrema na China*, Estudos Socialismo em Construção no. 1, 23 de julho de 2021, <https://thetricontinental.org/pt-pt/estudos-1-socialismo-em-construcao/>.
92. Xi Jinping, Hold High the Great Banner of Socialism with Chinese Characteristics and Strive in Unity to Build a Modern Socialist Country in All Respects, relatório para o 20º Congresso Nacional do Partido Comunista da China, 16 de outubro de 2022, http://my.china-embassy.gov.cn/eng/zgxw/202210/t20221026_10792358.htm.
93. Karl Marx e Friedrich Engels, *The Communist Manifesto*, 22ª impressão da edição do 100º aniversário (Nova York: International Publishers, 1979).
94. Bureau of Political-Military Affairs, "US Security Cooperation with Ukraine", Departamento de Estado dos EUA, 12 de dezembro de 2023, <https://www.state.gov/u-s-security-cooperation-with-ukraine/>.
95. Joe Biden, "Remarks by President Biden on the End of the War in Afghanistan", Casa Branca, 31 de agosto de 2021, <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/speeches-remarks/2021/08/31/remarks-by-president-biden-on-the-end-of-the-war-in-afghanistan/>.
96. Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, *Dossiê 3: A guerra sangrenta e implacável da Síria*, dossiê no. 3, 5 de abril de 2018, <https://thetricontinental.org/pt-pt/dossie-3-a-guerra-sangrenta-e-implacavel-da-siria/>.
97. "Manufacturing, Value Added (% Of GDP) - South Africa", Dados do Banco Mundial, acessado em 20 de dezembro de 2023, <https://data.worldbank.org/indicator/NV.IND.MANF.ZS?locations=ZA>.
98. Rodríguez, "The Human Consequences of Economic Sanctions".
99. Tricontinental: Institute for Social Research, 'The Emergence of a New Non-Alignment', newsletter no. 24, 15 June 2023, <https://thetricontinental.org/newsletterissue/new-non-alignment/>.
100. Patrick Wintour, "Gulf States Fend off Call From Iran to Arm Palestinians at Riyadh Summit", *The Guardian*, 12 de novembro de 2023, <https://www.theguardian.com/world/2023/nov/12/gulf-states-fend-off-call-from-iran-to-arm-palestinians-at-riyadh-summit>.
101. Elaboração própria com base em dados do Banco Mundial.
102. Patrick Wintour, "Gulf States Fend off Call From Iran to Arm Palestinians at Riyadh Summit", *The Guardian*, 12 de novembro de 2023, <https://www.theguardian.com/world/2023/nov/12/gulf-states-fend-off-call-from-iran-to-arm-palestinians-at-riyadh-summit>.

103. "Exports of Goods and Services (Current US\$) – Indonesia", Dados do Banco Mundial, acessado em 20 de dezembro de 2023, <https://data.worldbank.org/indicator/NE.EXP.GNFS.CN?locations=ID>.
104. Daniel Kritenbrink et al., "Joint Statement on the United States-Indonesia Senior Officials' 2+2 Foreign Policy and Defense Dialogue", Departamento de Defesa dos EUA, 23 de outubro de 2023, <https://www.defense.gov/News/Releases/Release/Article/3566363/joint-statement-on-the-united-states-indonesia-senior-officials-22-foreign-poli/>; "US Embassy Tracked Indonesia Mass Murder 1965", *Arquivo de Segurança Nacional*, 17 de outubro de 2017, <https://nsarchive.gwu.edu/briefing-book/indonesia/2017-10-17/indonesia-mass-murder-1965-us-embassy-files>.
105. Ana Esther Ceceña e David Rodriguez, "La Guerra Contra El Narco En México Como Política de Reordenamiento Social", *OLAG*, no 157 (2022), <https://geopolitica.iiec.unam.mx/index.php/node/1294>.
106. Timothy A. Wise, "The US Assault on Mexico's Food Sovereignty", *Global Issues*, 6 de junho de 2023, <https://www.globalissues.org/news/2023/06/06/33954>.
107. Chaba Brahim, "Até que nossos territórios sejam livres': mulheres do Saara Ocidental em luta permanente", *Capire*, 18 de fevereiro de 2021, <https://capiremov.org/entrevista/ate-que-nossos-territorios-sejam-livres/>.
108. "The Spirit of Camp David: Joint Statement of Japan, the Republic of Korea, and the United States", declaração à imprensa, Casa Branca, <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2023/08/18/the-spirit-of-camp-david-joint-statement-of-japan-the-republic-of-korea-and-the-united-states/>.
109. Shanna Khayat, "GSOMIA vs. TISA: What Is the Big Deal?", *Fórum do Pacífico*, 10 de fevereiro de 2020, <https://pacforum.org/publication/yl-blog-19-gsomia-vs-tisa-what-is-the-big-deal>.
110. Os dados e gráficos desta seção do documento baseiam-se em grande parte na pesquisa publicada pelo economista John Ross.
111. Calculado por John Ross a partir de *One Hundred Years of Economic Statistics*: United Kingdom, United States of America, Australia, Canada, France, Germany, Italy, Japan, and Sweden, compilado por T. Liesner (The Economist, 1989) e "International Transactions", Tabela 1, Escritório de Dados de Análise Econômica, acessado em 13 de novembro de 2022, <https://www.bea.gov/data/intl-trade-investment/international-transactions>.
112. Lênin, "Once Again on the Trade Unions".
113. Atish Rex Ghosh e Uma Ramakrishnan, "Current Account Deficits", Fundo Monetário Internacional, acessado em 7 de dezembro de 2023, <https://www.imf.org/en/Publications/fandd/issues/Series/Back-to-Basics/Current-Account-Deficits>.
114. Hudson, *Super Imperialism*, 77.
115. Langston Hughes, *The Collected Poems of Langston Hughes*, 1ª edição (Nova York: Knopf, distribuído pela Random House, 1994).
116. Vladimir Putin, discurso proferido no Conselho de Segurança de Munique, Munique, Alemanha, 10 de fevereiro de 2007, https://is.muni.cz/th/xlghl/DP_Fillinger_Speeches.pdf.
117. Para entender por que evitamos usar os termos "grande recessão" ou "grande crise financeira", ver estudo: *O mundo em depressão econômica: uma análise marxista da crise*, caderno no. 4, 10 de outubro de 2023, <https://thetricontinental.org/pt-pt/dossie-caderno-4-crise-economica/>.

118. Independent Voter Project, "DNC to Court: We Are a Private Corporation With No Obligation to Follow Our Rules", *Independent Voter News*, 14 de agosto de 2022, <https://ivn.us/posts/dnc-to-court-we-are-a-private-corporation-with-no-obligation-to-follow-our-rules>.
119. Associated Press, "Many Who Met with Clinton as Secretary of State Donated to Foundation", CNBC, 23 de agosto de 2016, <https://www.cnbc.com/2016/08/23/most-of-those-who-met-with-clinton-as-secretary-of-state-donated-to-foundation.html>.
120. Joseph A. Schumpeter, *Capitalism, Socialism, and Democracy* (Nova York: Harper Perennial Modern Thought, 2008).
121. *The Military Balance 2022*, Instituto Internacional de Estudos de Segurança, 15 de fevereiro de 2023, <https://www.iiss.org/en/publications/the-military-balance/>.
122. Vijay Prashad, *The Poorer Nations: A Possible History of the Global South* (Londres e Nova York: Verso, 2014).
123. A. De La Cruz, A. Medina e Y. Tang, "Owners of the World's Listed Companies", Série de Mercado de Capitais da OCDE/OECD Capital Market Series, 17 de outubro de 2019, <https://www.oecd.org/corporate/Owners-of-the-Worlds-Listed-Companies.htm>.
124. *Who Owns the German DAX? The Ownership Structure of the German DAX 30 in 2020 – A Joint Study of IHS Markit and DIRK*, IHS Markit, junho de 2021, https://cdn.ihsmarkit.com/www/pdf/0621/DAX-Study-2020---DIRK-Conference-June-2021_IHS-Markit.pdf.
125. Henrik Ahlers, *Wem gehört der DAX? Analyse der Aktionärsstruktur der im Deutschen Aktienindex vertretenen Unternehmen* [Quem é o dono do DAX? Análise da estrutura de acionistas das empresas no DAXem 2018 - versão resumida] (Ernst & Young, julho de 2023), https://www.ey.com/de_de/forms/download-forms/2023/07/wem-gehoert-der-dax-2023.
126. *Quem é o dono do DAX alemão?*
127. "Foreign Direct Investment, Net Inflows (BoP, Current US\$) - Germany", Dados do Banco Mundial, acessado em 20 de dezembro de 2023, <https://data.worldbank.org/indicator/BX.KLT.DINV.CD.WD?end=2022&locations=DE&start=1971>.
128. John Ross, 事实表明, 中国经济表现继续远优于G7'事实表明, 中国经济表现继续远优于G7国家 [Fatos mostram que a economia da China continua a superar com folga as economias do G7]", *Weibo* (blog), 12 de abril de 2023, <https://weibo.com/ttarticle/p/show?id=2309404975244548113063>.
129. "US Companies Dominating European TV Market", *Moonshot News* (blog), 20 de janeiro de 2022, <https://moonshot.news/news/media-news/us-companies-dominating-european-tv-market/>; Agnes Schneeberger, "Audiovisual Media Services in Europe - 2023 edition", junho de 2023, Observatório Audiovisual Europeu e Conselho da Europa, [https://rm.coe.int/audiovisual-media-services-in-europe-2023-edition-a-schneeberger/1680abc9bc#:~:text=Around%20one%20in%20five%20\(18,in%20documentary%20and%20children's%20programming,7](https://rm.coe.int/audiovisual-media-services-in-europe-2023-edition-a-schneeberger/1680abc9bc#:~:text=Around%20one%20in%20five%20(18,in%20documentary%20and%20children's%20programming,7).
130. Hudson, *Super Imperialism*.
131. 'Namibia Condemns Germany for Defending Israel in ICJ Genocide Case', *Al Jazeera*, 14 January 2024, <https://www.aljazeera.com/news/2024/1/14/namibia-condemns-germany-for-defending-israel-in-icj-genocide-case>.
132. Marx, "Exposition of the Internal Contradictions of the Law".

133. David Hoffman, "Russia's Billionaire Matchmaker To the West", *Washington Post*, 24 de setembro de 2002, <https://www.washingtonpost.com/archive/lifestyle/2002/09/24/russias-billionaire-matchmaker-to-the-west/e6c98740-ac21-4933-a445-674ea6149102>.
134. Brian D. Blankenship, "NATO and the Persistent Problem of German Defense Spending", Cornell University Press (blog), 1 de novembro de 2023, <https://www.cornellpress.cornell.edu/burden-sharing-dilemma-coercive-diplomacy-brian-blankenship-11-01-2023/>.
135. Mari Yamguchi, "Japan to Jointly Develop New Fighter Jet with UK, Italy", *Associated Press*, 9 de dezembro de 2022, <https://apnews.com/article/business-japan-united-kingdom-government-states-219e0adadd5f14b115766141cd0c5f6f>.
136. Valerie Insinna, "US Gives the Green Light to Japan's \$23B F-35 Buy", 10 de julho de 2020, <https://www.defensenews.com/smr/2020/07/09/us-gives-the-green-light-to-japans-massive-23b-f-35-buy/>.
137. Se houver evidências de que a indústria tem uma conversão significativamente menor do que outros elementos do PIB, os números da PPC que apresentamos superestimariam as porcentagens do Sul Global. Acreditamos que, apesar desse possível erro, a direção dessa abordagem oferece contribuições úteis. A composição percentual do PIB por setor depende dos dados de preço usados para medir o valor agregado de cada um deles. Os fatores de conversão de PPC são estimativas estatísticas baseadas em cestas de bens e serviços relativos a anos de referência que são posteriormente aplicadas ao PIB relativas às estimativas de PIB (PPC).
138. Barbara Kollmeyer, "Right Now There Are Changes, the Likes of Which We Haven't Seen in 100 Years.' Here's What China's Xi Said to Putin before Leaving Russia", *Market Watch*, 22 de março de 2023, <https://www.marketwatch.com/story/right-now-there-are-changes-the-likes-of-which-we-havent-seen-in-100-years-what-china-president-xi-said-to-putin-before-leaving-russia-d15150ce>.
139. Agnieszka Bryc, "The Russian Federation and Reshaping a Post-Cold War Order", *Politeja* 5, no. 62 (31 de outubro de 2019), p. 161–74, <https://doi.org/10.12797/Politeja.16.2019.62.09>; Vladimir Putin, discurso proferido no Conselho de Segurança de Munique, Munique, Alemanha, 10 de fevereiro de 2007, https://is.muni.cz/th/xlghl/DP_Fillinger_Speeches.pdf.
140. "Special Report: Cables Show US Sizing up China's Next Leader", *Reuters*, 17 de fevereiro de 2011, <https://www.reuters.com/article/idUSTRE71G5WH/>.
141. Luke Hunt, "The World's Gaze Turns to the South Pacific", *The Diplomat*, 4 de setembro de 2012, <https://thediplomat.com/2012/09/the-worlds-gaze-turns-to-the-south-pacific/>.
142. Xi Jinping, "Remarks by President Obama and President Xi Jinping in Joint Press Conference", 12 de novembro de 2014, Casa Branca, <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2014/11/12/remarks-president-obama-and-president-xi-jinping-joint-press-conference#:~:text=At%20the%20same%20time%2C%20I,instead%20of%20mutually%20exclusive%20ones>.
143. "China to Leapfrog US as World's Biggest Economy by 2028 – Think Tank", *Reuters*, 26 de dezembro de 2020, <https://www.reuters.com/article/idUSKBN290003/>.
144. Zbigniew Brzezinski, *The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives* (New York: Basic Books, 1997), 55; 30–31.
145. Editores, "Notes from the Editors", *Monthly Review* 75, no. 4 (1 de setembro de 2023), https://monthlyreview.org/2023/09/01/mr-075-04-2023-08_0/; Jake Sullivan, "Remarks by National Security Advisor Jake Sullivan on Renewing American Economic Leadership at the Brookings Institution", Casa

Branca, 27 de abril de 2023, <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/speeches-remarks/2023/04/27/remarks-by-national-security-advisor-jake-sullivan-on-renewing-american-economic-leadership-at-the-brookings-institution/>.

146. Nomaan Merchant et al., "US Announces \$345 Million Military Aid Package for Taiwan", TIME, 29 de julho de 2023, <https://time.com/6299419/us-military-aid-taiwan/>.
147. Apesar das recentes denúncias de práticas fraudulentas, a economia comportamental foi utilizada com sucesso como arma pela inteligência dos EUA em campanhas de mídia on-line.
148. Daniel McAdams, "What Is The Empire's Strategy?" - Col Lawrence Wilkerson Speech At RPI Media & War Conference", Instituto Ron Paul pela Paz e a Prosperidade, 22 de agosto de 2018, <https://ronpaulinstitute.org/what-is-the-empire-strategy-col-lawrence-wilkerson-speech-at-rpi-media-war-conference/>.
149. Colum Lynch, "State Department Lawyers Concluded Insufficient Evidence to Prove Genocide in China", *Foreign Policy*, 19 de fevereiro de 2021, <https://foreignpolicy.com/2021/02/19/china-ughurs-genocide-us-pompeo-blinken/>; 'Textile Exports by Country 2023', *World Population Review*, acessado em 26 de dezembro de 2023, <https://worldpopulationreview.com/country-rankings/textile-exports-by-country>; "China's Major Exports by Quantity and Value, December 2022 (in USD)", Administração Geral de Alfândegas, República Popular da China, 8 de janeiro de 2023, <http://english.customs.gov.cn/Statics/aeb5aefa-b537-4ef3-8e13-59244228cb0e.html>.
150. Li Xuanmin, "A Decade of BRI Development Transforms China's Xinjiang Region into a Core Area of the Silk Road Economic Belt - Global Times", *Global Times*, 1 de outubro de 2023, <https://www.globaltimes.cn/page/202310/1299158.shtml>.
151. Gregory C. Allen, "Choking off China's Access to the Future of AI", Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, 11 de outubro de 2023, <https://www.csis.org/analysis/choking-chinas-access-future-ai>.
152. Alex W. Palmer, "An Act of War: Inside America's Silicon Blockade Against China", *The New York Times*, 12 de julho de 2023, <https://www.nytimes.com/2023/07/12/magazine/semiconductor-chips-us-china.html>.
153. Xinhua, "The Belt and Road Initiative: A Key Pillar of the Global Community of Shared Future", Escritório de Informações do Conselho de Estado, República Popular da China, 10 de outubro de 2023, http://english.scio.gov.cn/whitepapers/2023-10/10/content_116735061_5.htm.
154. David Choi, "US, South Korean, Canadian Warships Train in Yellow Sea Ahead of Incheon Anniversary", *Stars and Stripes*, 15 de setembro de 2023, <https://www.stripes.com/branches/navy/2023-09-15/trilateral-naval-drill-yellow-sea-incheon-11383145.html>.
155. An Dong, '黄海军演仅5小时, 美准航母跑路, 舰载机坠毁, 美军被迫发帖寻找 [Apenas cinco horas depois de iniciar exercício naval no Mar Amarelo, pseudo-porta-aviões dos EUA foge, carregador se acidenta e exército é forçado a mandar buscas para encontrá-lo]', *IFENG*, 18 de setembro de 2023, <https://i.ifeng.com/c/8TBMF5tH2bY>.
156. "Investor FAQs", Novo Banco de Desenvolvimento, acessado em 26 de novembro de 2023, <https://www.ndb.int/investor-relations/inverstor-faqs/>; Centro de Informações do Brics, 'Treaty for the Establishment of a Brics Contingent Reserve Arrangement', Universidade de Toronto, acessado em 26 de novembro de 2023, <http://www.brics.utoronto.ca/docs/140715-treaty.html>.
157. "Answers to the Questions of the Video Conference 'SCO - Shaping Eurasia'", Organização de Cooperação

de Xangai, 27 de outubro de 2020, <https://eng.sectsco.org/20201027/686658.html>.

158. Christoph Nedopil Wang, "China Belt and Road Initiative (BRI) Investment Report 2023 H1", Centro de Desenvolvimento e Finanças Verdes, 1 de agosto de 2023, <https://greenfdc.org/china-belt-and-road-initiative-bri-investment-report-2023-h1/>.
159. Mao Tsé-Tung, "Speech at the Wuchang Meeting of the Political Bureau of the Central Committee of the Communist Party of China", em *Selected Works of Mao Tse-Tung*, vol. IV (Pequim: Foreign Languages Press, 1958), p. 98-99, <https://www.marxists.org/reference/archive/mao/works/red-book/ch06.htm>.



Instituto Tricontinental de Pesquisa Social

é uma instituição internacional, organizada por movimentos, com foco em estimular o debate intelectual para o serviço das aspirações do povo.

www.otricontinental.org

Instituto Tricontinental de Investigación Social

es una institución promovida por los movimientos, dedicada a estimular el debate intelectual al servicio de las aspiraciones del pueblo.

www.eltricontinental.org

Tricontinental: Institute for Social Research

is an international, movement-driven institution focused on stimulating intellectual debate that serves people's aspirations.

www.thetricontinental.org

